



heart•less

~ a Chestnut Springs novel ~

ELSIE SILVER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



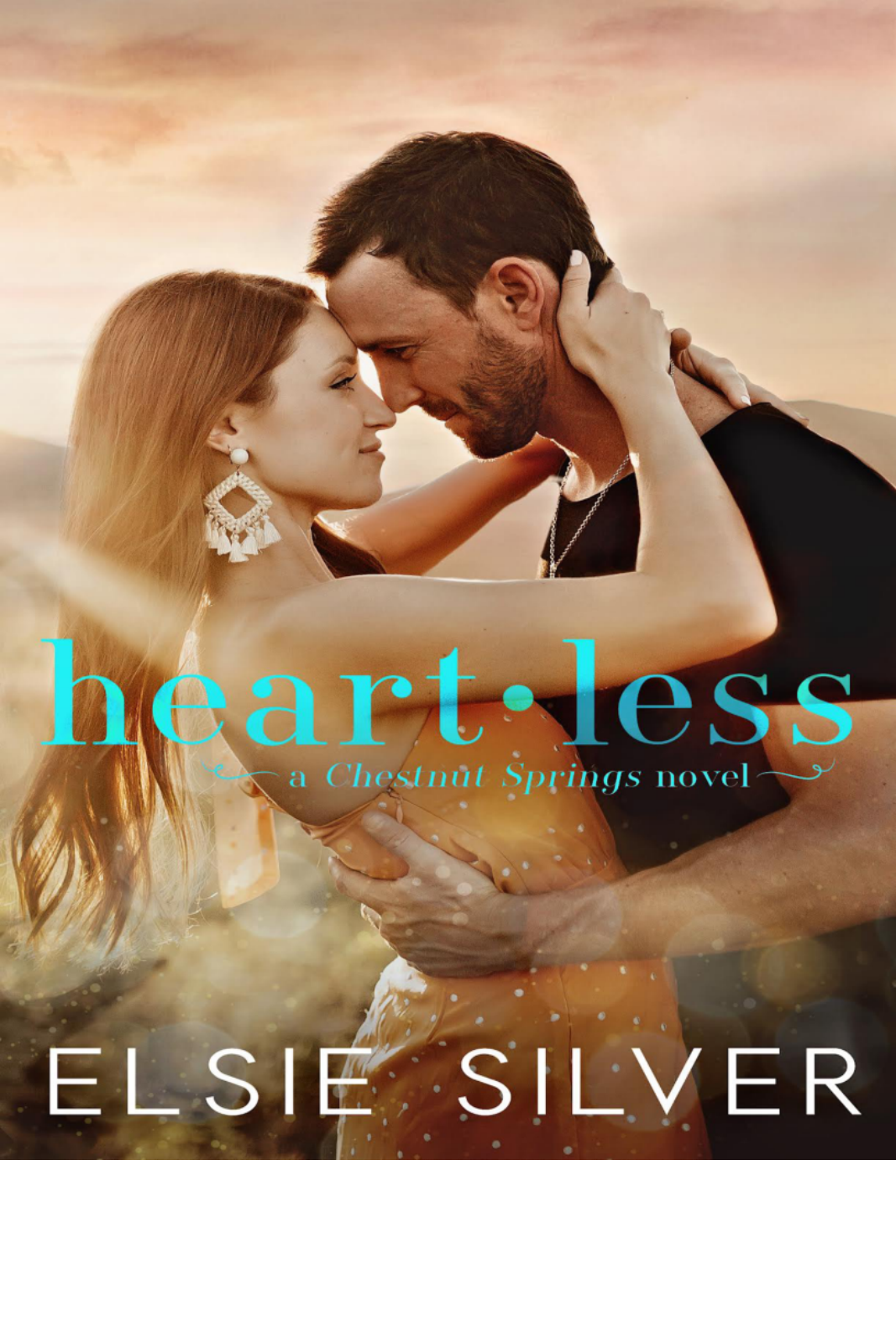
heart•less

~ a Chestnut Springs novel ~

ELSIE SILVER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



heart•less

— a Chestnut Springs novel —

ELSIE SILVER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Trabalhar como babá para o pai solteiro mais rabugento do mundo deveria ter sido simples. Exceto que não consigo tirar os olhos dele. E ele não consegue tirar as mãos de mim.

Cade Eaton é treze anos mais velho que eu e mal olha na minha direção. Até eu colocá-lo na banheira de hidromassagem uma noite para um jogo de verdade ou desafio.

Então todas as apostas estão canceladas – e nossas roupas também.

Ele é rude, um pouco áspero nas bordas. Mas fazendeiros de ombros largos com mãos calejadas e bocas imundas são a criptonita dessa garota da cidade.

Então, quem sou eu para resistir?

Mas é em nossos momentos de silêncio juntos que ele amolece. É quando ele cuida de mim que percebo que seu exterior endurecido é apenas uma fachada. É quando eu o vejo ficar todo doce com seu filho que realmente me apaixono por ele.

Alguém o convenceu uma vez que seu melhor não era bom o suficiente.

Mas nunca me senti mais querida do que em seus braços.

Meu contrato pode dizer que esse acordo é apenas por dois meses.

Mas meu coração diz que isso é para sempre.

*Às vezes, coisas boas se desfazem para que coisas melhores possam se
juntar.*

- Marilyn Monroe

Cade

Os olhos de Lucy Reid vibram em minha direção. O olhar neles é um *pouco* apreciativo demais para o meu gosto.

— Bem, amo fazer artes e ofícios. Eu faço muito scrapbooking no meu tempo livre. Tricô. Aposto que Luke adoraria fazer tricô. Você não acha, Cade?

Eu quase rio com o jeito que ela ronrona meu nome. Além disso, eu adoraria ver alguém fazer Luke ficar parado o tempo suficiente para manusear duas varas pontiagudas e criar algo.

Ela sorri para Summer agora, a noiva do meu irmão mais novo, antes de acrescentar: — Você sabe como é. Todos nós precisamos de algum tipo de hobby feminino, não é?

Ouçó meu pai, Harvey, rir de onde está sentado no canto da sala. Contratar uma babá se transformou em um assunto de família.

E um pesadelo total.

Os lábios de Summer apertam juntos e ela oferece um pequeno sorriso falso. — Sim, claro. — Eu quase bufo. A ideia de entretenimento feminino de Summer é agachar pratos pesados na academia e torturar homens adultos em nome de *personal trainer*. Ela está mentindo descaradamente, mas é possível que ela ainda seja nova o suficiente na cidade para que Lucy não saiba.

Ou talvez Lucy esteja sendo uma vadia sarcástica com minha futura irmã.

— Tudo bem. — Eu me levanto. — Bem, obrigado. Retornaremos para você.

Lucy parece um pouco surpresa com a rapidez com que mudei a

conversa, mas ouvi e vi tudo o que precisava.

E bons modos não são o meu forte. Eu sou mais do tipo que tira o band-aid.

Eu giro nos calcanhares, deixo cair o queixo e saio antes que seja óbvio que vi sua mão estendida e simplesmente não me importei em apertá-la. Praticamente correndo para a cozinha, eu apoio minhas mãos contra o balcão de açougueiro que fica contra a janela e deixo meus olhos percorrerem o campo aberto. Através dos picos das Montanhas Rochosas que se projetam em direção aos céus.

Esta vista, selvagem e escarpada, está repleta de cores no início do verão – grama um pouco verde demais, céu um pouco azul demais e sol brilhante o suficiente para desbotar um pouco tudo e fazer você semicerrar os olhos.

Depois de jogar alguns grãos de café no moedor para fazer um bule novo, pressiono a tampa para encher a casa com o som e tento não pensar no que vou fazer com meu filho nos próximos meses. Isso só leva a me julgar. Sentindo que deveria fazer mais por ele. Ser mais presente para ele.

Basicamente, não é produtivo.

O som tem o benefício adicional de abafar as gentilezas que meu pai e Summer estão trocando com Lucy na porta da frente.

Não é minha casa, não é minha responsabilidade. Estamos fazendo entrevistas com babás na sede da fazenda, onde meu pai mora, porque não gosto de deixar pessoas aleatórias entrarem em minha casa. Especialmente aquelas que olham para mim como se isso fosse o seu bilhete para completar uma pequena e estranha fantasia familiar feliz pré-fabricada comigo.

Harvey, por outro lado, administraria uma pousada neste lugar e se divertiria muito cuidando das pessoas. Desde que ele se machucou e entregou o rancho para mim, é como se ele apenas vagasse socializando o tempo todo.

Observo os pequenos grãos caírem no filtro de papel branco na

parte superior da cafeteira e giro para encher o recipiente com água na pia.

— Meio tarde para um bule de café, não acha? — Harvey entra, com Summer não muito atrás.

Eles não têm ideia. Estou cheio de café hoje. Quase nervoso. — Apenas preparando para amanhã de manhã para vocês.

Summer bufa e meu pai revira os olhos. Ambos sabem que eu sou cheio de merda.

— Você não foi muito legal com ela, Cade — é seu próximo comentário. E agora é a minha vez de revirar os olhos. — Na verdade, você tem sido um desafio em todo esse processo.

Cruzando os braços, eu me inclino contra a bancada. — Eu não sou muito legal. E ficarei feliz em ser um *desafio* para proteger meu filho. — Juro que os lábios do meu pai se contorcem quando ele se senta à mesa e cruza uma bota sobre o joelho. Summer apenas fica de pé, o quadril apoiado no batente da porta, olhando para mim. Ela faz isso às vezes e é enervante.

Ela é inteligente. Ela não perde nada. Juro que ouço as engrenagens girando em sua cabeça, mas ela não tem uma boca grande, então você nunca sabe o que ela está pensando.

Eu gosto dela e estou feliz que meu irmão mais novo foi inteligente o suficiente para colocar um anel nela.

— Você é legal — diz ela, pensativa. — Do seu próprio jeito.

Aperto os dentes no lábio porque não quero dar a eles a satisfação de ver que estou me divertindo com esse comentário.

Ela suspira. — Escute, entrevistamos todas. Fiz o possível para eliminar as candidatas que pareciam menos interessadas em passar tempo com Luke e mais interessadas em passar tempo com... você.

— Oh, garoto. — Papai dá um tapa na mesa. — E foram várias. Quem diria que as mulheres se inscreveriam de bom grado para suportar suas carrancas e mau humor? O salário não é *tão* bom.

Eu faço uma careta para ele antes de voltar minha atenção para Summer. — Você não procurou o suficiente. Quero alguém que não tenha interesse em mim. Nenhuma merda complicada. Talvez elas possam ter um casamento feliz?

— Mulheres casadas e felizes não querem passar o verão na sua casa.

Eu resmungo. — E alguém de outra cidade? Alguém que não conhece nossa família. E toda a minha merda. Alguém que não dormiu com um dos meus irmãos. — Meu nariz enrugado. — Ou meu pai.

Harvey faz um pequeno som de engasgo, quase uma risada. — Estou solteiro há décadas, filho. Cuide de sua vida.

As bochechas de Summer ficam rosadas, mas não perco o sorriso em seus lábios quando ela se vira para olhar pela janela.

— Eu poderia simplesmente fazer isso, você sabe — acrescenta Harvey. E não pela primeira vez.

— Não.

— Por que não? Ele é meu neto.

— Exatamente. É assim que seu relacionamento deve permanecer. Você ajudou o suficiente com ele durante toda a sua vida. Suas costas, seus joelhos, você precisa de um descanso. Você ainda pode ter seus dias de diversão com ele quando quiser. Mas você não precisa se esgotar com longas horas, noites e, possivelmente, madrugadas. Não é justo e não vou me aproveitar de você dessa forma. Fim da história.

Então volto para minha futura cunhada. — Summer, você não pode simplesmente fazer isso? Você seria perfeita. Luke ama você. Você não gosta de mim. E já mora no rancho.

Eu vejo sua mandíbula contrair. Ela está ficando cansada de eu pedir a ela, mas não quero deixar meu filho com qualquer um. Ele é um garoto difícil. Mais do que difícil. E não posso realizar tudo o que preciso fazer neste rancho esse verão sem alguém aqui para cuidar dele. Alguém em quem posso confiar para mantê-lo seguro.

— Também sou uma nova empresária e esses meses de verão são os mais movimentados. Não é uma opção. Pare de perguntar. Isso me faz sentir mal. Porque eu amo você e Luke. Mas estamos ficando cansados de nos curvar entrevistando pessoas só para fazer progresso zero com você.

— Ok, tudo bem — resmungo. — Eu vou me contentar com alguém como você, então.

Sua cabeça se move em resposta a isso, seu corpo se acalma. — Talvez eu tenha uma ideia. — Ela levanta um dedo para tocá-lo contra os lábios, e Harvey se vira para ela, os olhos cheios de perguntas.

Ele parece tão esperançoso. Se estou cansado da saga de encontrar uma nova babá para o verão, então Harvey deve estar completamente exausto.

Minhas sobrancelhas se juntam. — Quem?

— Você não a conhece.

— Ela tem experiência?

Summer olha para mim, olhos escuros e arregalados não revelando nada. — Ela tem experiência em lidar com garotos turbulentos, sim.

— Ela vai se apaixonar por mim?

Summer bufa da maneira menos relacionada a uma dama. — Não.

Sua certeza provavelmente deveria me ofender, mas não estou incomodado com isso. Eu me afasto do balcão e giro um dedo em torno dele. — Perfeito. Vamos fazer isso — digo a ela enquanto saio pela porta dos fundos em direção à minha casa e me afasto da confusão que é encontrar uma babá capaz para um menino de cinco anos.

Só preciso de alguém para entrar e sair. Alguém profissional e sem complicações.

São apenas dois meses. Não deve ser tão difícil.

Conto mentalmente a última vez que fiz sexo.

Ou pelo menos eu tento.

Dois anos? Três? Foi aquela vez em janeiro em que passei uma noite na cidade? Há quanto tempo foi isso mesmo? Qual era mesmo o nome daquela garota?

A mulher na minha frente se mexe, um quadril aparecendo, a bunda cheia arredondada em seu jeans skinny de uma forma que deveria ser ilegal. O vinco sob a bochecha é quase tão sedutor quanto o balanço de seu cabelo cor de cobre, uma vez que se movimenta em suas costas esguias.

Ela é uma distração. Camisa justa enfiada em jeans apertado. Cada porra de curva em exibição.

Perco totalmente a conta. É a visão dela na minha frente na fila do café que me faz contar de qualquer maneira.

A conclusão aqui é que fiz sexo há tanto tempo que nem me lembro. Mas não há como esquecer por que não me permiti sequer considerar membros do sexo oposto.

Uma criança que estou criando sozinho. Um rancho que estou administrando sozinho. Um milhão de responsabilidades. Muito pouco tempo. Sem dormir o suficiente.

Tempo para mim não é uma coisa há muito tempo. Eu só não percebi quanto.

— O que posso pegar para você, senhora?

A mulher na minha frente ri, e isso me lembra dos carrilhões na varanda dos fundos quando o vento dança através deles – um som melódico e arejado.

Que risada.

É uma risada que eu reconheceria. Definitivamente nunca conheci essa mulher. Eu me lembraria, porque conheço todo mundo em Chestnut Springs.

— Senhora? Não sei como me sinto sobre isso — ela diz, e juro que posso ouvir o sorriso em sua voz. Eu me pergunto se seus lábios combinam com o resto dela.

Ellen, que dirige a Le Pamplemousse, a pequena cafeteria gourmet da cidade, sorri para ela. — Bem, como quer que eu chame você? Normalmente, reconheço todos os rostos que entram pela minha porta, mas não o seu.

Ah, não sou só eu. Eu me inclino um pouco para frente, esperando pegar o nome. Mas um trabalhador escolhe esse exato momento para moer o café. O que só me faz ranger os dentes.

Não sei por que quero saber o nome dessa mulher. Eu apenas quero. Sou de uma cidade pequena, posso bisbilhotar. E isso é tudo.

Quando o rangido para, o rosto enrugado de Ellen se ilumina. — Que nome bonito.

— Obrigada — responde a mulher à minha frente, antes de acrescentar: — Por que esse lugar se chama The Grapefruit?

Ellen late sua diversão e sorri do seu lado do balcão. — Eu disse ao meu marido que queria nomear a loja com algo que soasse chique. Algo francês. Ele disse que a única coisa que sabe dizer em francês é *Le Pamplemousse*. Parecia bom o suficiente para mim e agora é como uma pequena piada entre nós. — Seus olhos suavizam com a menção de seu marido, e eu sinto uma centelha de inveja dentro do meu peito.

Seguido por um lampejo de aborrecimento.

A única razão pela qual eu não resmunguei sobre o bate-papo lento delas é porque estou muito ocupado lutando contra um tesão público por causa da risada dessa mulher. Em circunstâncias normais, eu me irritaria sobre a demora para tomar um café. Eu disse ao meu pai que voltaria para pegar Luke – verifico meu relógio – agora mesmo. Preciso voltar para me encontrar com Summer e a pessoa que,

com sorte, será a babá de Luke.

Mas minha mente está vagando de maneiras que não deixei em literalmente anos. Então talvez eu deva apenas aproveitar o passeio. Talvez seja bom me deixar sentir algo.

— Vou pegar um médio, bem quente, sem espuma, meio doce...
— Meus olhos reviram sutilmente na minha cabeça enquanto abaixo a aba do meu chapéu preto. Claro, a estranha com corpo arrasador faz um pedido de bebida irritantemente longo e complicado.

— São três dólares e setenta e cinco centavos — diz Ellen, com os olhos fixos na tela sensível ao toque da caixa registradora à sua frente, enquanto a mulher no caixa vasculha sua bolsa enorme, claramente procurando por sua carteira.

— Oh, merda — ela murmura, e pelo canto do meu olho, vejo algo cair de sua bolsa no chão de concreto polido em seus pés calçados com sandálias.

Sem sequer pensar nisso, eu me agacho e tiro o tecido preto do chão. Vejo suas pernas girando e subo de volta.

— Aqui está — eu digo, minha voz toda rouca quando uma onda de nervosismo me atinge. Falar com mulheres estranhas não é uma habilidade minha bem treinada.

Fazer cara feia para elas? Eu sou um profissional.

— Oh, meu Deus — diz ela.

De pé agora, dou uma boa olhada em seu rosto. Meus pés ficam no chão e meus pulmões param de funcionar. Sua risada não tem nada a ver com seu rosto. Olhos de gato, sobrancelhas arqueadas e pele leitosa.

Ela é deslumbrante *pra* caralho.

E suas bochechas estão vermelhas como os carros de bombeiros.

— Sinto muito — ela suspira, a mão caindo sobre os lábios de botão de rosa.

— Não há necessidade. Está tudo bem — falo, mas ainda sinto

que tudo está acontecendo em câmera lenta. Estou tendo dificuldade em acompanhar, ainda muito fixado em seu rosto.

E porra.

Seus peitos.

Sou oficialmente um velho assustador. Meus olhos descem para o meu punho, o tecido macio aparecendo entre meus dedos.

Ela geme quando meus dedos se abrem. E lenta, mas seguramente, descubro por que ela está agindo tão horrorizada por eu ser um cavalheiro e pegar...

A calcinha.

Eu encaro o pedaço de tecido preto na minha mão, e é como se tudo ao nosso redor ficasse embaçado. Meus olhos disparam para os dela, todos grandes e verdes. Tantos tons. Um mosaico.

Não sou conhecido por sorrir, mas os cantos da minha boca se contorcem. — Você, uh, deixou cair sua calcinha, senhora.

Uma risada estrangulada irrompe dela enquanto seu olhar se volta para a minha mão e de volta para o meu rosto. — Uau. Isso é estranho. Estou realmente...

— Seu café está pronto, querida! — Ellen chama.

O rosto da ruiva se afasta, aliviado pela interrupção. — Obrigada! — ela responde um pouco brilhante demais antes de bater uma nota de cinco no balcão e pegar o copo de papel. Sem outro olhar, ela está indo direto para a porta. Como se ela não pudesse fugir rápido o suficiente. — Fique com o troco! Vejo você de novo!

Juro que a ouço rindo baixinho enquanto passa rápido, claramente evitando meu olhar enquanto murmura algo para si mesma sobre ser uma boa história para contar a seus filhos um dia.

Eu distraidamente me pergunto que tipo de histórias essa mulher planeja contar a seus futuros filhos antes de chamá-la. — Você esqueceu sua... — Eu paro, porque me recuso a gritar isso na cafeteria cheia de pessoas que tenho que enfrentar dia após dia.

Ela se vira e pressiona as costas contra a porta enquanto sai, segurando meus olhos por um instante, diversão mal contida tocando cada traço. — Quem achou, fica — ela diz com um encolher de ombros.

Agora, ela ri, completa e calorosa e tão divertida. Então ela sai para a rua ensolarada, o cabelo brilhando como fogo e os quadris balançando como se ela fosse a dona dessa cidade.

Ela me deixa atordoado.

E quando olho de volta para a palma da minha mão aberta, percebo que ela se foi há muito tempo. Não tenho ideia de qual é o nome dela e ainda estou aqui...

Segurando a calcinha dela.

Willa

— Quem era ele? — A voz de Summer é estrangulada.

— Nem uma maldita pista. — Eu penso na minha calcinha preta caindo no chão e como a mortificação lentamente se transformou em histeria.

Só eu.

Coisas assim só aconteceriam comigo.

Minha melhor amiga se engasga, balançando para frente no balanço da varanda. — Você não a pegou de volta?

Eu sorrio e tomo um gole da minha cerveja. — Não. Ele parecia tão... não sei. Atordoado? Tipo, não ofendido, mas também não pervertido sobre isso. Foi adorável. Sinto como se tivesse libertado um elfo doméstico ou algo assim.

— Ele se parecia com Dobby?

Eu gemo e balanço minhas sobrelhas para ela sugestivamente. — Se Dobby fosse gostoso.

— Willa, isso é sujo. — Ela ofega. — Por favor, diga-me que ela estava limpa.

— É claro. Ela era minha sobressalente. Você sabe que eu não gosto de usar calcinha. Mas de vez em quando surge a necessidade, sabe?

Summer estreita seu olhar em minha direção. — Eu tenho essa necessidade todos os dias.

— De ficar desconfortável? Não, obrigada. A vida é muito curta. Sutiãs e roupas íntimas são superestimados. Além disso, agora posso ficar acordada à noite e me perguntar o que alguém aleatório está

fazendo com ela.

Summer apenas ri novamente. — Ele provavelmente a jogou fora como qualquer pessoa sã faria. — Ela está tão feliz esses dias. Desde que ela deixou sua família tensa e a vida sufocante na cidade. Ela conheceu um cavaleiro de touro e fugiu para o pôr do sol, e agora aqui está ela. Minha melhor amiga. Toda sorrisos e sardas e enrolada em um balanço na varanda em frente ao belo rancho feito sob medida com vista para as Montanhas Rochosas.

Nada jamais pareceu melhor nela.

Eu gosto de provocá-la por morar no meio de *lugar nenhum*, mas a verdade é que a vista perto de Chestnut Springs é de tirar o fôlego. A terra da pradaria é tão plana que quase parece impossível. Montanhas escuras e escarpadas se erguendo como um maremoto, vindo direto para você.

Na cidade, podemos ver as montanhas, mas não assim. Não como se você pudesse estender a mão e tocá-las.

— Então, o que você vai fazer nos próximos meses?

Eu suspiro. Não faço ideia. Mas também não quero que Summer se preocupe comigo. É meio que a coisa dela. Ela vai ficar toda preocupada, e então vai tentar consertar as coisas para mim quando eu prefiro seguir o fluxo.

— Talvez eu venha morar com você e Rhett por um tempo? — digo inocentemente, olhando ao redor. — A casa está tão bonita agora que está pronta. Você não se importaria, não é?

Ela aperta os lábios como se estivesse realmente pensando nisso. Porra, essa mulher tem um coração de ouro.

— Sum, estou brincando. Eu não faria isso com vocês. — Soltando um suspiro irregular, olho para os campos. — Não sei. Quando Ford me disse que fecharia o bar para reformas, fiquei sinceramente empolgada. Achei que passaria o verão viajando de exposição hípica em exposição e gastando todas as minhas economias. Evitando bolar um plano para minha vida e sendo apenas uma jovem

de 25 anos sem nada além do dinheiro da família para ela.

Ela tenta me interromper. Ela não gosta quando eu sou dura comigo mesma sobre como administrar o bar do meu irmão bem-sucedido. Ou acompanhando as férias dos meus pais bem-sucedidos. Ou apenas tropeçando na vida sem senso de direção em uma família cheia de superdotados.

Eu ignoro seus protestos e continuo. — Mas é claro que meu cavalo teve que arruinar todos os meus planos e se machucar bem a tempo da temporada de shows. Tux precisou de cirurgia e agora vou passar meu verão alimentando-o com cenouras e escovando-o obsessivamente.

Minha melhor amiga apenas me encara. Quero entrar em seu cérebro e arrancar seus pensamentos, porque sei que ela está repleta deles.

— Ficarei bem. É um problema de primeiro mundo. Eu venho visitar você um monte. Você pode me brutalizar na sua academia, e pego um estranho jogador de hóquei ou um cavaleiro. Ganha-ganha.

— Certo... — Seu dedo indicador bate contra o lábio superior. — E se...

— Oh, não. Por favor, não faça a coisa em que você toma como seu trabalho consertar minha vida. Você ajuda demais as pessoas, sabia?

— Willa, cale a boca e me escute.

Eu pressiono minha bunda contra a grade da varanda de frente para ela e pego a garrafa de cerveja ao meu lado. Está pingando condensação na lateral e o líquido dentro nem está mais tão gelado. É apenas junho e já está excepcionalmente quente. Jeans foi um erro.

Tomando um grande gole, eu rolo meus ombros para trás. Pronta para ser repreendida.

— E se eu tivesse uma maneira de você passar o verão aqui? Mas não com Rhett e comigo.

Não era isso que eu esperava que ela dissesse.

— Eu não quero acampar no seu quintal. Não fui feita para dormir ao ar livre. Posso ainda não saber qual é o meu caminho na vida, mas prometo que não inclui colchões de ar e sacos de dormir.

Ela revira os olhos e segue em frente. — Não. O irmão mais velho de Rhett precisa de ajuda com o filho durante os meses entre as aulas. A mulher que cuidou dele quando pequeno não consegue mais. Ele tem cinco anos.

Eu encaro minha amiga, a garrafa de cerveja balançando de um lado para o outro entre meus dedos. — Você quer que *eu* cuide de uma criança?

— Sim. Você é divertida. E tem energia. E se você pode lidar com um bar cheio de caras bêbados, então o que é um garotinho que precisa de entretenimento? Você gosta de crianças, sempre diz que gosta.

Reflico sobre a ideia na minha cabeça. Minha primeira inclinação é dizer não, mas sinceramente, estou temendo esses meses sem trabalho, sem competir, sem minha melhor amiga. Sempre gostei de crianças, possivelmente porque às vezes ainda me sinto um pouco como uma.

— E onde eu moraria?

Seus olhos se arregalam um pouco e sua garganta funciona enquanto ela engole. — Com seu irmão, Cade. Ele dirige o rancho. Suas manhãs começam cedo e às vezes suas noites vão até tarde se algo der errado. Mas ele contratou uma boa equipe no rancho para compensar suas horas. O pai deles gosta de ajudar com Luke, mas, honestamente, ele também não foi feito para trabalhar doze horas por dia. Mas ele liberaria você com frequência, tenho certeza.

— Você parece assustada? Esse é o irmão idiota ou o irmão engraçado, quente e super-herói? — Quase me sinto mal por perguntar, porque não tenho sido boa em vir aqui e visitar Summer. Frequentemente, nós nos encontramos na cidade, em vez de dirigir os

vinte minutos extras até Wishing Well Ranch. Eu provavelmente já deveria ter conhecido todos os membros de sua futura família, mas não conheci.

— O irmão idiota.

— Claro que é. — Eu bebo de novo.

Ela pula rapidamente. — Mas você não vai vê-lo tanto! Ele especificamente não quer alguém que vai, hum... ficar no caminho dele? Além disso, Rhett e eu estaremos por perto. Poderia ser divertido.

Quando ela coloca assim, parece divertido. Mais divertido do que passar os melhores meses do ano sozinha na cidade.

— Podemos fazer brunches embriagados? — Sempre fazíamos brunches embriagados quando morávamos na cidade, e eu os quero de volta.

Seus lábios se contraem. — Sim.

Bebo o resto da minha cerveja, já sabendo qual será minha resposta. Eu segui o fluxo toda a minha vida. As oportunidades aparecem e eu tropeço nelas. Isso parece mais uma dessas.

Quem sou eu para dizer não?

— Bem, então, foda-se. Estou dentro.

* * *

Atravessamos a fazenda e paramos em frente à mais pitoresca casa vermelha com detalhes em branco. Pequenos arbustos cercam o quintal e um portão branco se abre para um caminho de terra que leva à porta da frente.

Estou instantaneamente encantada.

— Eu vou morar aqui? — pergunto enquanto saímos de seu SUV, incapaz de tirar meus olhos da casa adorável e perfeitamente cuidada.

— Sim. — Summer continua, perdendo a parte em que estou mais do que encantada com toda a vibração aqui. — Acho que o horário dele é tão variável que faz sentido. Antes estávamos nos revezando com o pai dele e a Sra. Hill, mas acordar e chegar aqui às 4h30 é demais para eles. Cade não gosta de pedir para eles fazerem isso, mas se você está morando aqui, pode continuar dormindo e então Luke não ficará sozinho em casa.

Summer caminha até a porta da frente sem se importar com o mundo, e eu sigo atrás, perguntando-me em que diabos realmente me meti.

Eu não sei nada sobre cuidar de crianças.

Ou paternidade.

Ou rancho.

Meus passos vacilam quando fico para trás, mas Summer não percebe. Ela sobe alguns degraus, em seus chinelos e jeans cortado, até a varanda da frente, levanta a aldrava e bate com força.

— Ei, Sum — eu começo, estendendo a mão como se pudesse detê-la quando ela já bateu. Pensando que deveríamos conversar sobre isso com mais calma. Marcar alguns detalhes.

Talvez minha impulsividade tenha me deixado maluca pela primeira vez. Eu quase sinto que ela está correndo. Como se ela mal pudesse esperar para encerrar isso. E tenho perguntas.

Muitas perguntas.

Mas todas elas evaporam da minha mente no minuto em que a porta da frente se abre, e fico parada estupidamente no meio do caminho de terra, olhando boquiaberta para o homem da cafeteria.

Aquele com quem deixei minha calcinha.

Ele ainda é todo homem, da cabeça aos pés. Cabelos escuros, olhos mais escuros sob sobrancelhas franzidas, ombros largos, a barba mais sexy em torno de um lábio levemente curvado... e uma carranca.

Ele olha na minha direção enquanto os nós dos dedos ficam

brancos onde ele segura a porta.

— Cade! — Summer começa, alheia ao olhar mortal com o qual ele está me prendendo. — Essa é minha melhor amiga, Willa. Sua nova babá.

— Não — é sua única resposta.

— O que você quer dizer com *não*?

— Quero dizer, sobre o meu cadáver. — Condescendência pinga de suas palavras.

Sua cabeça se inclina para o lado, e fecho o espaço entre nós. Se ele pensa que vai falar com minha melhor amiga dessa maneira, ele tem outra coisa vindo. Eu cuido dela desde que éramos adolescentes. Summer já suportou muitos homens de merda em sua vida, então este pode se foder.

— Cade, não seja ridículo. Estamos tentando encontrar alguém há...

Ele a interrompe. — Você está sendo ridí-

Eu passo para a varanda, vendo tudo vermelho. Ninguém mais na minha família tem cabelo ruivo, e não sei se isso é o culpado pelo meu lado fegoso, mas sou conhecida por perder o controle e guardar um rancor infernal.

Sou conhecida por separar brigas de bar com um taco.

E talvez eu esteja prestes a ser conhecida por chutar um fazendeiro sexy como o inferno nas bolas.

Eu aceno com a mão bem na frente dele para calá-lo. — Escolha suas próximas palavras com cuidado. Eu não me importo se ela está prestes a ser sua cunhada. Ninguém fala com ela nesse tom, ponto final.

Ele vira seu olhar escuro para mim agora, os olhos começando no meu rosto antes de seguirem pelo meu corpo da maneira mais crítica e enervante. Quando seus olhos voltam para cima, o olhar neles é perfeitamente plano.

Como se ele tivesse me avaliado e me achado totalmente inadequada.

— E eu não me importo se você é a melhor amiga dela. Você cheira a cerveja e sua calcinha ainda está no meu bolso de trás. Você não vai cuidar do meu filho.

Meus olhos se estreitam e meus lábios se curvam com seu passo em falso. — Você está guardando para mais tarde?

Eu pisco para ele, observando manchas vermelhas de fogo surgirem nas maçãs de seu rosto e se infiltrarem na estrutura óssea imaculada escondida sob aquela barba e carranca.

Summer se vira para mim, os olhos cor de chocolate arregalados como pires. Ela se assemelha a um daqueles cachorros de cara mole cujos olhos estão constantemente esbugalhados da maneira mais adorável. — Cade é o cara da calcinha?

— Eu não sou o cara da calcinha — ele intervém, mas Summer e eu o ignoramos.

— Sim. E você disse que qualquer homem são a teria jogado fora. Então, você sabe o que isso significa.

Estamos sorrindo uma para a outra como loucas agora, e antes que eu perceba, uma risadinha escapa dos lábios de Summer. E em pouco tempo ela está dobrada, com as mãos nos joelhos, ofegante.

— Pelo amor de Deus. — O rabugento passa a mão larga pelo cabelo em frustração. — Eu *não sou* o cara da calcinha.

O riso sacode meus ombros e meus olhos lacrimejam enquanto murmuro: — Quais são as chances?

— Essa é uma cidade pequena. As chances são muito boas — Cade resmunga, não tão divertido quanto nós.

Summer praticamente uiva enquanto se endireita e enxuga os olhos. — Não se preocupe, Cade. Ela está limpa.

Suas narinas se abrem e seus olhos se fecham enquanto ele suga uma respiração profunda. Como se isso pudesse lhe trazer algum tipo

de paz.

— Cara da calcinha. — Balanço minha cabeça e sorrio para ele. Babá ou não, vou passar um tempo com esse homem pelo resto da minha vida, já que Summer é casada com o irmão dele, então é melhor eu resolver as coisas.

— Ele não é um cara de calcinha! Ele usa boxers! — Uma pequena voz ecoa do corredor quando o mais adorável garotinho de cabelos escuros e olhos azuis surge à vista. — Aquelas apertadas, porém — ele esclarece, acrescentando insulto à injúria.

— Sim — eu falo inexpressivamente para o garotinho que agora está preso sob o braço de seu pai. Olhos grandes me observam com muito interesse. — Não pode ter nenhum atrito.

— O que é atrito? — ele pergunta curiosamente, enquanto seu pai leva uma mão larga e bronzada até as sobrancelhas e as esfrega.

— Luke.

— Como quando todo o seu pacote se esfrega — explico.

Você não cresce perto dos meus pais e fica tímido com essas coisas. Nada está fora de questão em nossa família.

— Ah, sim — ele concorda, parecendo sábio além de sua idade. — Eu odeio quando isso acontece.

— Luke, de volta ao seu quarto. — A forma ampla de Cade se virou para encarar seu filho, e não posso deixar de admirá-lo. A força que ele exala. A ondulação em seus antebraços. A maneira como seu pomo de Adão balança. A maneira como seus olhos se suavizam quando ele olha para o filho.

Esse é o verdadeiro problema.

— Por quê? — Esse garoto tem seu número, no entanto. Os olhos cor de safira se arregalam quase dramaticamente, e seu lábio inferior se projeta levemente. — Eu quero ir brincar com Summer e a amiga dela.

Ele é precioso.

— Não — diz o pai dele, bem quando eu digo: — Claro!

A cabeça de Cade se vira, as sobrancelhas cortam sua testa, as linhas ali franzidas como se eu tivesse feito algo para ofendê-lo pessoalmente.

— Cade. — Summer apoia as mãos nos quadris. — Apenas deixe-o sair um pouco. Talvez fique tudo bem. Talvez você fique agradavelmente surpreso.

Meus olhos saltam entre os dois. Summer, toda pequena e doce, Cade, todo grande e rosnento.

— Por favor, pai? — Quando a voz doce e açucarada de Luke fala, ele não parece tão rosnento. Ele parece mais... resignado. Cansado de alguma forma?

Cade se vira para mim. — Quantos anos você tem?

Eu me endireito, recusando-me a me encolher sob seu olhar penetrante. — Vinte e cinco.

Sua garganta engole enquanto ele me avalia novamente. — Você tem um registro criminal?

— Não um substancial — respondo honestamente. Eu fui pega com maconha uma vez antes de ser legalizada. Processe-me por ser uma adolescente divertida.

— Jesus Cristo. — Uma mão grossa corre por seu cabelo curto enquanto ele balança a cabeça.

— Você tem registro criminal? — Eu cruzo meus braços e arqueio uma sobrancelha para ele. Se este é o irmão que acho que é, aquele de quem Summer me falou, então tenho quase certeza de que ele não é um anjo ambulante e falante. E serei eu quem ficará presa morando com ele.

Ele me encara. Duro. Parece que dura para sempre. Summer olha entre nós e, com o canto do olho, vejo Luke espiar para o pai e puxar a bainha de sua camisa. — Posso ir brincar agora?

— Tudo bem. — Cade olha para mim quando ele diz isso. — Mas

Summer está no comando.

O garotinho dá um gritinho e sai correndo da varanda da frente.

E eu apenas olho de volta para o pai dele.

Cade

Com Luke fora de casa, oficialmente tenho um pouco de tempo livre. Um pouco de tempo para mim. Um pouco de tempo para relaxar.

Continuo dizendo que preciso disso, mas agora que consegui, não tenho tanta certeza se gosto.

Acontece que depois de uma vida inteira cuidando das pessoas, não sou muito bom em relaxar. Ligo a TV e tento encontrar algo para assistir, mas nada me atrai. Vou até a estante da minha sala de estar, abastecida com alguns clássicos dos meus pais e alguns livros que comprei para mim ao longo do caminho. Livros que eu achava interessantes e nunca tinha tempo para ler.

Pego um e me jogo no sofá com ele. Mas quando o faço, sinto um caroço no bolso de trás. E então estou imediatamente no limite.

Willa.

Eu nem sei o sobrenome dela. Não sei muito sobre ela, na verdade. Tudo o que sei é que ela não será boa o suficiente para cuidar de Luke.

Ela não é nada como a freira desinteressante, responsável e assexuada que também quer fazer coisas divertidas com um garotinho ativo que eu tenho em mente para o trabalho.

Não estou delirando o suficiente para pensar que essa pessoa existe, mas continuo esperando por isso de qualquer maneira. E Willa não é a resposta que eu esperava.

A mãe de Luke nos machucou. Ela continua a nos machucar – a mim.

Meus níveis de confiança estão no fundo do poço. Confio na Sra. Hill porque sei que ela cuidou bem de mim e de meus irmãos. O mesmo vale para o meu pai. Eu confio em Summer, porque qualquer uma que consiga amarrar meu irmão caçula selvagem pode lidar com uma criança indisciplinada de cinco anos.

Mas essa mulher Willa. Eu não a conheço. Eu não confio nela.

Só sei que ela faz meu pau tremer, fala demais e tem uma calcinha sobrando na bolsa.

Eu me sento e a puxo para fora. Não é como se fosse algo ofensivo. Um tipo de tecido preto de nylon sedoso. Bem cortado. Eu acho. Para calcinha? Que porra eu sei?

Eu me sinto o maior pervertido, sentado aqui no meu sofá, examinando uma calcinha que pertence à mulher que está cuidando do meu filho.

Eu deveria devolvê-la.

Eu não quero continuar andando por aí com ela.

Também não quero olhá-la nos olhos ao devolvê-la.

Tenho trinta e oito anos e ajo como um adolescente nervoso por causa de roupas íntimas femininas.

Aagitado comigo mesmo, corro para a cozinha e empurro-a para o fundo da minha gaveta de ‘coisas’. Aquela em que merda aleatória será esquecida, porque estou com preguiça de pensar em um lugar adequado para colocá-la. Eu me orgulho de manter uma casa arrumada, mas aquela gaveta é minha vergonha secreta.

Parece apropriado que a calcinha de Willa acabe lá.

Tiro minhas chaves do balcão e saio pela porta da frente. Tenho a sensação de que minha indecisão sobre toda essa coisa de babá irritou meu pai, então entro na minha caminhonete e opto por assediar meu irmão mais novo.

Deus sabe que ele passou anos suficientes me dando os poucos cabelos grisalhos que agora se misturam com os escuros perto das

minhas têmporas. O mínimo que ele pode fazer   me dar uma cerveja e me contar mais sobre essa tal de Willa antes que eu a descarte e faça Summer e meu pai me odiarem.

Porque tenho certeza que se eu prolongar isso por muito mais tempo, os dois v o me dizer para ir me foder por ser uma vadia tão exigente.

E eu vou merecer.

Levo apenas alguns minutos na estrada secundária para chegar   casa novinha em folha de Rhett e Summer.

Vejo um Jeep Wrangler vermelho estacionado ao lado da caminhonete antiga que meu irmão dirige. Mas o veículo chique de Summer se foi. Meus dedos coçam para pegar meu telefone do bolso, ligar para ela e exigir saber onde ela está e o que está fazendo.

Talvez eu esteja em alerta máximo com alguém novo perto do meu filho. Mas principalmente, eu sempre me sinto assim. Sempre sinto que estou cuidando de alguém. De todos.

Carrego o peso do mundo em meus ombros desde que minha mãe morreu quando eu tinha oito anos. Eu nem tenho certeza se alguém colocou esse peso aqui ou se apenas faço isso comigo mesmo.

De qualquer forma, está sempre presente. E   pesado.

Subo os degraus da frente da casa e bato na porta, embora haja uma campainha. Bater em algo é muito mais satisfatório.

Em alguns momentos, ouço passos do outro lado da porta. Posso ver a forma do meu irmão através do vidro fosco e, quando ele abre a porta, está sorrindo.

Sorrindo como se ele soubesse algo que eu não sei.

— Onde está Summer? — eu pergunto, indo direto ao ponto.

— Bom ver você também, idiota. Minha esposa está na cidade. Ela teve que correr para a academia.

Eu bufo. — Ela ainda não   sua esposa. Você não é casado.

Ele ri e acena para mim, abrindo mais a porta. — Detalhes. Ela disse sim. Está praticamente feito para mim. E soa tão bem, sabe?

Torço o nariz e encaro meu irmãozinho. Nunca pensei que o veria tão apaixonado por uma garota.

— Meu filho está com ela?

— Oh, não. Ele está fora com Willa. Summer pediu para lembrá-lo de que você disse que ela estava no comando, então ela decidiu que Willa ficaria com Luke para que ela pudesse trabalhar em seu próprio negócio, e não como sua assistente pessoal.

Aperto os lábios e olho para trás, para as terras agrícolas abertas. Isso soa *exatamente* como algo que Summer diria. Uma brecha nas minhas instruções que ela encontraria.

Rhett levanta as mãos em sinal de rendição enquanto tenta esconder sua diversão. — Palavras dela, não minhas.

Apoiando minhas mãos em meus quadris, eu suspiro antes de mudar meu olhar de volta para Rhett e resmungo: — Fale-me sobre essa tal de Willa. E onde exatamente ela está?

— Venha sentar lá atrás comigo. Parece que você precisa de uma cerveja. Ou dez.

Balanço a cabeça quando entro na casa. — Eu não preciso de dez cervejas.

Rhett ri enquanto passeia pela casa de conceito aberto até a cozinha, alinhada com portas de vidro que se abrem para o amplo deck traseiro. — Sim. Você precisa. Parece que você pode matar alguém. Não é bom para a sua pressão arterial. Você não está ficando mais jovem.

— Jovem o suficiente para bater em sua bunda — murmuro enquanto tiro minhas botas e o sigo até o deck ensolarado.

Em instantes, Rhett me joga uma lata de cerveja e me conduz a uma cadeira de frente para o campo que funciona como o quintal deles. Há uma árvore solitária. Um enorme salgueiro com longos

galhos que balançam ao redor, dando-lhe um efeito quase de cortina.

Abro a cerveja e coloco a lata gelada nos lábios enquanto Rhett se senta na cadeira Adirondack ao meu lado. Summer pintou-as de vermelho brilhante, alegre como ela.

Elas me lembram o cabelo de Willa.

Inacreditável pra caralho. Eu afasto o pensamento. E é aí que ouço.

— Eu não posso fazer isso. — É a vizinha de Luke, com um toque de aflição.

— Sim, você pode — o tom levemente áspero da ruiva estonteante vem a seguir. E quase pulo do meu assento para correr para o resgate.

— Cara, apenas sente. Ele está bem. Não seja um pai coruja. É irritante.

Ignoro o instinto, tomo um grande gole e me esforço para ouvir o que está acontecendo embaixo da árvore.

— Você não vai subir mais do que pode suportar. Você é muito inteligente para isso. Confie no seu corpo.

— E se eu cair? — A voz de Luke é aguda.

— Bem, acho que vou ficar embaixo de você e você pode cair sobre mim para que nós dois nos machuquemos. Porque você é muito grande para pegar. E você não vai cair de qualquer maneira. Apenas me escute, ok?

— Ok — diz ele, uma onda de determinação em seu tom agora.

Rhett olha para mim e sorri. — Willa Grant é uma das boas, irmão. Se ela está se oferecendo para cuidar do nosso menino durante o verão, você seria um idiota se recusasse. Não conheço muitas pessoas mais leais do que ela. Ela tem um grande coração.

Eu sinto que há uma história aí que não conheço. Mas também sei que meu irmão não me enganaria quando se trata de Luke e seu bem-estar.

Sua voz sai da árvore novamente. — Você vai mover seu pé direito para este galho. — Uma pausa. — Isso, garoto. Então sua mão esquerda aqui. Então você deve ser capaz de se sentar naquele galho e pular.

Eu posso ver seus pés calçados com sandálias e jeans apertados atrás dos galhos enquanto ela se move apontando as coisas para meu filho. Logo, pequenos pés de tênis afundam ao lado dela, seguidos por pequenas mãos agarradas na grama.

— Eu consegui! — Luke dispara, ainda alheio ao fato de que estou aqui.

— Claro que você conseguiu. Você fez desta árvore sua vadia.

Rhett ri ao meu lado e eu o encaro.

— Oh, vamos lá! Você acha que ele não ouviu o jeito que você fala?

— Passei anos incutindo boas maneiras naquele garoto.

Ele ri e dá de ombros. — Bem, se isso for verdade, então você estabeleceu uma boa base, e um verão com uma babá divertida não vai arruiná-lo.

Eu apenas resmungo e tomo um gole.

Talvez.

— Quão alto você pode ir, Willa?

Espero que ela o distraia. Ou acalme-o com alguma frase sobre como os adultos não sobem em árvores. Mas ela limpa as mãos sobre os globos redondos de sua bunda vestida de jeans e diz: — Não sei. Vamos ver.

Eu seguro minha cerveja suspensa no ar – congelado – enquanto observo uma mulher adulta escalar o tronco grosso. — Ela é louca? — eu murmuro antes de tomar outro gole.

Rhett bufa. — Um pouco. Mas de uma forma boa.

Os pés de Luke saltam animadamente enquanto ele a observa. —

Não vá muito alto! E se você ficar presa?

— Você me salvaria — Willa grita de volta do que soa muito mais alto na árvore do que eu pensei que ela iria.

— Eu sou muito pequeno. Mas meu pai salvaria você!

Sua risada rouca chega até nós no deck traseiro. Ainda é tão desarmante quanto era hoje cedo. — Eu não sei sobre isso. Ele pode ficar feliz em me deixar aqui, Luke.

Eu pressiono meus lábios juntos. Ela não está totalmente errada. Minha vida seria muito menos complicada se ela não tivesse entrado em Chestnut Springs esta manhã.

Meu pau seria muito mais macio também.

— Ah, nunca. Ele ajuda todo mundo — meu filho responde, fazendo meu coração apertar no peito. Às vezes, eu me pergunto como devo parecer para ele, como pareço aos seus olhos. E isto me atinge bem no estômago.

— Parece que você tem um ótimo pai — Willa responde instantaneamente, soando um pouco sem fôlego agora. — Quão sortudo você é?

— Sim... — Luke para de falar, pensativo. — Sem mãe embora. Ela se mudou e não visita.

Meu irmão suga a respiração ao meu lado, os olhos disparando em minha direção. — Maldição, as crianças dizem o que vem à mente, não é?

Engulo em seco e aceno com a cabeça. Eu trabalhei duro para proteger Luke da realidade de sua mãe, das escolhas que ela fez – o tipo de pessoa que ela é.

Eu nunca quero que ele se sinta indesejado.

Willa cai no chão, esfrega as mãos uma na outra e se agacha na frente do meu filho. Sua cabeça se inclina para olhá-lo nos olhos, mãos acariciando seus braços enquanto ela sorri para ele.

— Parece que ela quem perdeu, porque você pode ser o garoto

mais legal que já conheci.

Ela não usa uma voz triste, ou uma voz de bebê, ela apenas fala com ele como um ser humano normal.

— Puta merda — eu xingo baixinho, porque ela apenas praticamente se contratou.

Willa

Engulo em seco quando Luke empurra seus dedinhos macios entre os meus. Também engulo a agitação que sinto ao pensar que alguém – nada menos que uma mãe – não venha visitar uma criança como essa.

O universo me abençoou com dois pais durões. Aqueles que rastejariam através do vidro para chegar até mim. Eu quero ser esse tipo de mãe um dia. Feroz. Destemida.

Sugando o ar pelas narinas, lembro a mim mesma que não é da minha conta. Que eu não sei a história completa. Que talvez haja uma boa razão para o que está acontecendo com a mãe dele. Mas a voz dele é tão doce, e a mão dele é tão gordinha, e ele está me dando gargalhadas desde que anunciou que seu pai usa cueca boxer e não calcinha.

Eu realmente não me considero uma pessoa de crianças, não do jeito piegas e sentimental. Não passei tempo suficiente com elas para saber com certeza se sou. Normalmente eu apenas falo com elas como pequenos adultos. Mas depois de anos como bartender, conheço *pessoas*. E não importa a idade dele, Luke é uma pessoa legal.

Dando um aperto rápido em sua mão, que ele quase instantaneamente retorna, eu puxo a cortina de galhos, apenas para encontrar Rhett e Cade sentados em duas cadeiras vermelhas olhando para nós.

As semelhanças em sua linguagem corporal são impossíveis de perder. Mas enquanto Rhett é todo sorrisos, Cade é só carrancudo.

Todo braços grossos e peito largo e testa franzida. Botas sujas. Coxas musculosas.

Cowboy pornô com uma carranca.

— Pai! — Luke chama, correndo em direção ao deck. — Você me viu? Você viu Willa? Ela subiu *tão* alto. Eu quero aprender a subir tão alto. Tio Rhett, quão alto você consegue subir?

— Podemos não fazer essa pergunta ao imprudente desta família? — Cade murmura, mas não olha para o filho. Não, seus olhos se fixam em mim.

Rhett fica de pé ao meu lado. — Eu não sei, camarada. Por que não vamos ver?

Luke pula no lugar. — Sério?

— Absolutamente, homenzinho. — Rhett larga sua lata de cerveja e caminha descalço pelo deck enquanto Luke se vira e corre de volta para a árvore. — Vamos! Tenho que deixar o bandido de calcinha aqui conversar com Willa.

— Jesus Cristo. Elas já contaram sobre isso? — Cade resmunga enquanto uma risada ressoa no peito de Rhett.

Os olhos de Cade encontram os meus, e eu mordo meu lábio inferior para não sorrir enquanto continuo a caminhar em direção a ele. Então seu olhar cai, e é como se ele não pudesse tirar os olhos da minha boca.

Eu empurro meus dentes para baixo até quase doer e deixo cair de seu olhar intenso.

Depois de mais alguns passos, estou me acomodando no assento ao lado de Cade. — Não estou convencida de você, realmente — eu começo, embora tenha quase certeza de que esse homem não dá a mínima para o que penso dele. — Mas seu filho é outra coisa.

Eu espio com o canto do meu olho e não posso evitar a contração dos meus lábios enquanto vejo sua carranca profunda.

— Obrigado — ele finalmente resmunga, claramente irritado comigo, mas não o suficiente para ser rude depois que do elogio. Não é preciso ser um cientista de foguetes para dizer que a coisa favorita de Cade Eaton no mundo é seu filho.

Minha conexão imediata com o Luke parece me dar pontos de honra por procuração ou algo assim.

Eu abaixo meu queixo, ainda observando Rhett e Luke do outro lado do quintal. Não quero deixar meus olhos se demorarem muito em Cade Eaton. Ele tem uma aparência tão rude que posso rir, ou posso ficar olhando por mais tempo do que o apropriado. Porque você teria que estar morta para não gostar de olhar para ele.

Ele tem uma vibração intimidadora sobre ele. Como um professor gostoso e mau.

— Estou desempregada no verão — digo casualmente, notando a forma como as veias em sua mão ondulam quando ele aperta a lata de cerveja com mais força. — Meu cavalo de show está se recuperando de uma lesão e precisa de alguns meses de folga. Minha melhor amiga no mundo se apaixonou por um cowboy arrogante e se mudou. Meu irmão ficou famoso quase da noite para o dia e é um workaholic completo. E meus pais estão aposentados e vagabundeando pelo mundo.

Eu arrisco um olhar para o homem sombrio e sério ao meu lado. Mesmo sentado, ele parece alto. Uma sobrancelha escura arqueia para mim enquanto sua expressão facial permanece impassível.

Um momento calmo se transforma em um silêncio constrangedor. E eu odeio o silêncio constrangedor.

Viro a mão como se estivesse mostrando algo a ele. — Então estou livre.

Ele apenas me encara.

— Se você precisa de uma babá. Eu posso ajudar.

Ele continua a me encarar, e não posso deixar de revirar os olhos. — Bom Deus. Dói se você sorrir? Ou disser algo educado? O que aconteceu com o *senhora* da cafeteria?

— Você vai mantê-lo seguro? — Sua voz é toda cascalho, seus olhos como lasers traçando minhas feições. E se ele não fosse um idiota mal-humorado, toda essa vibração de pai superprotetor faria

isso por mim.

Eu concordo. — Absolutamente.

Seu olhar, cheio de perguntas e desprovido de calor, percorre meu rosto em busca de algo. — Você vai ensiná-lo a tricotar?

Meu nariz enrugado. — Isso... isso é tipo um requisito? Posso contratar alguém? Eu, uh... não sou muito boa em tricô.

Juro que vejo uma contração na bochecha.

— O que você vai fazer com ele?

Suspiro e me jogo na cadeira. — Quero dizer, as opções são infinitas. Eu nunca estou entediada. Ele já cavalga? Eu poderia dar-lhe aulas de equitação. Poderia mostrar a ele meu violão. Ele gosta de música? Amo música. Brincar com algumas outras crianças? Culinária? Ooh! Eu amo assar. Que tal o jardim? Aposto que você poderia cultivar alguns vegetais incríveis aqui.

Tudo o que consigo é um pequeno movimento de sua cabeça.

— Você me enviaria atualizações de texto frequentes. Saio de manhã cedo, mas gosto de chegar em casa cedo o suficiente para passar um tempo com ele à noite. Farei o meu melhor para lhe dar fins de semana de folga. Sei que você é jovem e provavelmente quer manter algum tipo de vida social.

Eu dou de ombros e rio. Comecei a trabalhar como bartender aos dezoito anos. Sete anos depois, minha vontade de sair e festejar acabou.

Prefiro um brunch com minha melhor amiga e um livro sujo na cama às oito da noite, senhor.

— Não especialmente.

Cade olha para o quintal, o riso borbulhando debaixo do grande salgueiro. — Ok.

Sento-me reta. — Ok?

Ele acena com a cabeça uma vez, decisivamente.

— Esse ok é como *Willa*, por favor, venha me ajudar neste verão porque eu agradeceria muito?

Ele revira os olhos como se eu o irritasse. E tenho certeza que sim. Eu posso até estar tentando um pouco. Gosto da forma como o músculo em sua mandíbula se destaca, a forma como seu pomo de adão balança sob a pele bronzeada.

Eu até gosto do pequeno brilho das mechas prateadas espalhadas por seu cabelo escuro.

Caras mais velhos. Eles sempre fizeram isso por mim.

Cade olha na minha direção agora, todo rouco, voz áspera e cara séria. — Eu apreciaria sua ajuda neste verão, *Willa*. Mas...

Eu levanto uma mão. — Sem mas. Isso foi muito educado. Excelente trabalho. Volto amanhã e posso começar então. Pelo que entendi, você precisa de alguém imediatamente, certo? — Eu me esforço para ficar de pé, sabendo que não devo demorar demais em minhas boas-vindas ou deixá-lo fazer muitas exigências.

Já posso dizer que ele é esse tipo de homem. Exigente. Específico. Sabe o que quer e espera que você entregue.

— Sim — ele morde, os olhos examinando meu corpo criticamente.

Eu dou a ele um sinal de positivo animada, sem saber o que fazer com ele. Não tenho certeza se isso importa, já que vou passar a maior parte do tempo com o filho dele. — Vejo você amanhã, então. Vou pegar seu número com Summer e avisar onde estou. — Eu me viro para sair, repassando mentalmente todas as coisas que preciso fazer para me preparar. Para algumas pessoas, desenraizar sua vida em um piscar de olhos seria estressante. Eles precisariam de listas e planos.

Mas eu não. Sempre segui o fluxo. Não faço ideia de para onde estou indo, só estou... acompanhando o trajeto. A vida é mais emocionante assim de qualquer maneira. Empregos, homens, merda material, nada disso parece permanente para mim ainda.

Meu pai diz que sou instável. Minha mãe diz que ainda não

encontrei um lugar onde quero me estabelecer. E acho que ela está certa. Além disso, a pressão de ter sucesso da mesma forma que todos na minha família tiveram é absolutamente incapacitante.

Indecisa parece mais fácil do que fracassada.

Bem quando chego à porta dos fundos, ouço: — Willa. — Cade diz meu nome como se fosse uma exigência. — Você precisa usar roupas de baixo adequadas enquanto estiver no trabalho. Você não pode jogá-las para fora de sua bolsa perto de uma criança.

Juro que meus pés criam raízes e meu queixo cai. *A porra do nervo.*

Se eu realmente não quisesse esse tipo show, marcharia até lá e o criticaria por ser um idiota presunçoso e exagerado.

Roupa de baixo. Que ano é esse mesmo? E por que elas traumatizariam uma criança?

Ele pode tecnicamente ser meu empregador nos próximos meses, mas sou eu quem está fazendo um favor a ele. Eu não preciso da renda; só preciso de um propósito. Então opto por fazer o que vai irritá-lo ainda mais.

Eu saio por cima.

Bem, mais ou menos.

Abro o sorriso mais doce que consigo e me viro para olhar por cima do ombro. — Estarei pronta para sua inspeção amanhã, chefe.

Então eu pisco e me afasto, sentindo o peso de seu olhar no meu corpo e sabendo que ele provavelmente está se perguntando se estou usando alguma *roupa de baixo* agora.

Cade

Summer: Ela vai ser ótima. Você vai amá-la.

Cade: Não. Não vou. Eu vou tolerá-la.

Summer: Tanto faz! Apenas seja legal.

Cade: Eu sou legal.

Summer: Não. Você é meio que um idiota.

Cade: Com um familiar como você me dizendo coisas assim, não consigo imaginar o porquê.

Summer: Não se preocupe. Faz parte do seu charme.

Cade: Eu sou um idiota encantador?

Summer: Exatamente!

* * *

Eu gostaria de poder fingir que não estou na varanda esperando por ela. Mas estou.

Ela me irrita, com certeza. Mas meu filho parece gostar dela e ainda sou um cavalheiro por dentro.

Tiro meu celular do bolso de trás e verifico a hora. Minha contagem regressiva começou. Ela parece ser o tipo de pessoa que se atrasa. Dispersa. Desorganizada.

Ou talvez eu só queira que ela seja, para que possa ter uma justificativa para não gostar dela. Se ela se atrasar na primeira vez que fizemos um acordo, poderei mostrar a todos que eu estava certo. Que ela não é responsável o suficiente para cuidar de Luke.

Sinceramente, não sei quem é. Não confio facilmente. Especialmente não mulheres.

Ela tem seis minutos.

Sorrio para mim mesmo, apoio o quadril no corrimão, sentindo que há uma boa chance de eu estar certo.

E é nesse momento que o barulho do cascalho atrai meu olhar para cima.

É nesse momento que me prova que estou errado.

Porque o jipe vermelho de Willa está rolando na minha garagem cinco minutos antes.

Ela estaciona bem ao lado da minha caminhonete preta e salta. Olho para os pés dela, começando pelos tênis Converse, deixando meus olhos percorrerem as pernas longas e esguias até o short jeans simples sobreposto com uma camisa grande e desgastada do Led Zeppelin. Há um buraco nela perto de seu estômago, e posso ver uma pequena amostra de pele leitosa através dele.

Grandes aviadores Ray-Ban ficam em seu nariz, e seu cabelo acobreado é selvagem e ondulado em volta dos ombros. Emoldura seu rosto delicado como chamuscas dançantes. Um fio dele sopra em seus lábios.

Os lábios que são todos brilhantes e inclinados em um sorriso.

— Você chegou cedo — eu rosno, porque não sei mais o que dizer. Não consigo tirar meus olhos dela, mesmo que eu queira. Mesmo que ela não seja meu tipo de jeito nenhum neste ponto da minha vida.

Ela tem garota da cidade escrito em cima dela. Ela tem criança selvagem escrito nela. Ela não é uma garota doce de cidade pequena.

Ela é a garota que me disse que estaria pronta para eu inspecionar suas roupas íntimas e não pensou duas vezes sobre isso.

Ela tem tentação escrito nela.

Mas ela não age assim, em vez disso, ela dá de ombros e tira os

óculos escuros do rosto, fixando-me com seus olhos esmeralda. Olhos que param você no meio do caminho.

Se nada mais, Willa Grant é deslumbrante.

Muito jovem para mim. Muito imprevisível para mim.

Mas um nocaute do mesmo jeito.

— Eu estava animada para chegar aqui.

Eu pisco para ela porque, bem, o que devo dizer sobre isso? Estou aqui contando todas as formas como ela é um problema para mim, e ela só está animada por estar aqui e cuidar do meu filho.

Talvez eu seja o idiota que todos dizem que sou.

— Willa! — Luke sai correndo de casa como um morcego saindo do inferno, com os pés enfiados direto no caminho de terra e na entrada de cascalho. Ele sabe disso, mas não parou de falar sobre Willa desde que ela saiu ontem. O pobre garoto está tão ansioso por atenção feminina que tudo o que alguém precisa fazer é subir em uma árvore com ele e ele as coloca em um pedestal.

Ele para bruscamente na frente dela. — Estou tão feliz que você está aqui.

Willa ri, toda bonita e sexy, com um pouco de rouquidão, como se ela fumasse ou algo assim. E eu estou querendo saber se ela fuma. Não perguntei se ela fuma.

Ela se agacha na frente dele e bagunça seu cabelo macio. — Estou tão feliz por estar aqui. Teremos o melhor verão.

— O que nós vamos fazer? — Seus olhos ficam brilhantes, a excitação fluindo dele.

— Tudo — ela responde, acenando com a mão em um amplo arco. — Todas as coisas.

Minhas sobrancelhas franzem de sua própria fruição. Quero que Luke se divirta, mas não *muito*.

Ela lê minha expressão, porque seus olhos brilham com diversão.

— Queda livre. Montar em touro. Vou até ensinar a beber uma cerveja.

Balanço minha cabeça para ela enquanto meus lábios se achatam, já vendo meu verão pacífico girando pelo ralo.

Ela vai me fazer enlouquecer.

O nariz de Luke enruga. — Cerveja é nojento.

Ela apenas ri novamente. — Resposta inteligente, garoto. Estou apenas brincando. Mas tenho muitas ideias divertidas. Ajude-me a colocar minha mala lá dentro?

— Claro! — a voz açucarada do meu filho exclama enquanto ele desliza a mão na dela sem hesitar.

Eu gemo e desço as escadas, cobrindo o chão rapidamente para alcançar a parte de trás de seu jipe ao mesmo tempo que eles. Erguendo a mão para detê-los, resmungo: — Eu cuido disso.

— Muito cavalheiresco. Obrigada, Sr. Eaton.

Eu mordo o interior da minha bochecha. *Sr. Eaton*. Isso me faz sentir como um velho pervertido.

Ou como meu pai. O que possivelmente é a mesma coisa.

Mas eu não a corrijo, porque a velha parte perversa de mim gosta disso. Em vez disso, abro a porta traseira e tiro sua mala enorme.

— Quero mostrar meu quarto! — Luke diz, como um esquilo animado com uma noz que não consegue descobrir onde colocá-la.

É honestamente meio cativante.

Tiro a mala bem a tempo de vê-los entrar de mãos dadas em minha casa e, por algum motivo, paro e observo. Incapaz de desviar o olhar. Muitas pessoas passaram por aquela porta da frente.

Mas de alguma forma isso parece diferente.

— Na cama às oito.

Willa acena com a cabeça, o rosto perfeitamente sério, embora eu tenha certeza de que há uma parte dela que está zombando de mim.
— Ok.

Estamos sentados frente a frente na mesa oval branca da minha sala de estar, agora que Luke está dormindo. Willa cruzou os antebraços um sobre o outro, e ainda estou tentando roubar vislumbres de sua pele através do buraco em sua camiseta.

— Sem açúcar depois do jantar.

Ela recua, olhos arregalados. — Nem mesmo sobremesa? — Ela soa como se eu tivesse acabado de dizer a ela que chuto cachorros ou algo assim.

— Não durante a semana.

— Você governa com mão de ferro, Daddy Eaton.

Eu gemo, as bochechas apertando em desgosto. — É assim que chamamos meu pai.

Um sopro silencioso de ar escapa de seus lábios, o inferior mais cheio que o superior. — Daddy Cade então.

Não tenho certeza do que fiz para merecer essa tortura, mas deve ter sido algo terrível. Gosto de pensar que vivi uma vida reta e estreita, mas recebi mágoa após mágoa, desafio após desafio. Parece que o universo poderia ter concedido algum tipo de indulto.

Mas me concedeu a porra de Willa Grant.

— Não.

Ela sorri e inclina a cabeça em desafio.

— Você vai me enviar atualizações por mensagem de texto ao longo do dia para que eu não me preocupe. Mantenha-me informado sobre suas atividades.

— Isso é algo que os professores dele fazem por você enquanto

ele está na escola?

Eu me inclino para trás, examinando-a de cima a baixo. Sinto o desdém tocar meus lábios antes que possa impedir. — Não. Mas confio neles. Eu *gosto* deles.

Willa pisca lentamente, olhando para mim quase sem expressão. O silêncio se estende enquanto seu olhar muda para o que eu tenho certeza que é mais uma encarada.

Talvez tenha sido uma coisa idiota de se dizer, mas não sou conhecido por ser carinhoso com as pessoas. Toda vez que fiz isso, saí um pouco menos completo do que comecei.

Nunca mais.

Não tenho mais nada para dar se Luke quiser um pai que possa ser feliz e presente.

— Eu sei que você não acabou de dizer isso para mim.

Eu levanto um ombro descuidadamente. — Claro que sim.

O sorriso que ela me dá é monótono, seus olhos opacos – todos os traços de brincadeira evaporaram. — Bem, nesse caso, estou indo.

Ela afasta a cadeira com eficiência, fica de pé, gira sobre os calcanhares e me deixa sentado à minha mesa, olhando para sua bunda perfeita.

— Willa.

Ela deposita seu copo de água na pia, mas me ignora.

— Willa.

Ela me ignora e se vira para o corredor em direção ao quarto de hóspedes, onde Luke tão feliz a ajudou a se acomodar algumas horas antes. Eu podia ouvi-lo conversando com ela. Perguntando a ela sobre seu cavalo. Sobre o violão dela. Sobre qual era seu tipo favorito de cobra. Como se fosse uma pergunta normal que você faz quando conhece alguém.

Se eu não achasse que isso iria acordar Luke e aborrecê-lo, eu

levantaria minha voz agora. Mas estou preso sussurrando *Willa* e ela não está ouvindo.

Com um grunhido, eu me levanto e caminho atrás dela. Passando pelo quarto de Luke e indo direto para a porta do quarto dela, que desvia do longo corredor antes de levar ao meu quarto principal no final.

— Willa. — Eu pego a porta antes que ela possa fechá-la silenciosamente. Obviamente, ela está tentando não acordar meu filho também, algo que aprecio, porque ele não precisa fazer parte dessa conversa.

Eu fico no chão de madeira do corredor e ela no carpete do quarto. Uma divisória de latão brilha no chão entre nós como uma linha na areia. Eu contra ela.

— O que você está fazendo? — eu pergunto.

— Indo embora — ela diz sem expressão.

— Por quê?

Seus olhos reviram quando ela se afasta de mim e começa a colocar as coisas de volta em sua mala quase desfeita. — Porque não vou passar meu verão morando com um odiador de mulheres que não confia em mim e será um maníaco por controle exagerado o tempo todo que eu estiver aqui.

Eu me afasto um pouco como se ela tivesse me dado um tapa. — Eu não sou um odiador de mulheres.

Ela se inclina para pegar um par de chinelos fofos rosa. Do tipo que derreteria em plástico no calor do fogo. Tento não me fixar na maneira como o short dela sobe pela pele macia de suas coxas. — Você deveria se esforçar mais para não olhar para mim como se me odiasse, então.

Não é a primeira vez que as pessoas me dizem isso. Mas é a primeira vez que enfrento a realidade de como isso pode fazê-los sentir. Não é intencional. Tenho certeza de que é apenas minha expressão facial padrão agora. Meus músculos sorridentes perderam

todo o tónus.

— Eu não odeio você.

Ela se levanta, uma risada irônica torcendo suas feições enquanto suas ondas de cobre voam em volta do pescoço. — Poderia ter me enganado.

— Sinto muito.

Seu queixo se projeta e ela leva a mão ao ouvido. — Perdão? Acho que ouvi mal.

— Sinto. Muito — eu mordo. — Estou tendo dificuldade em deixá-lo ir.

Eu observo seus ombros caírem enquanto ela sibila um suspiro. — Isso é justo. Mas não há dinheiro no mundo que você possa me pagar para ficar aqui e ser seu saco de pancadas o verão inteiro.

Eu amo *pra* caralho a firmeza dessa garota. Se não estivesse tão irritado com a atração que sinto por ela, estaria torcendo por ela.

Eu olho por cima do meu ombro em direção ao quarto de Luke, onde meu mundo inteiro está dormindo. O garotinho que está animado com a perspectiva de passar os próximos meses com o fogo de artifício na minha frente.

— Fique — murmuro, levantando a mão para detê-la e olhando para aquela linha no chão. Aquela que me impede de invadir e arrastá-la de volta para a mesa e forçá-la a me ouvir.

Ela para de enfiar as coisas na bolsa e se vira para mim, cruza os braços sob os seios generosos e ergue o quadril. Se atitude fosse uma pessoa, seria ela.

— Implore.

— Perdão?

— Você me ouviu. — Seus lábios nem mesmo se contraem. Ela não está brincando. — Implore.

Minhas bochechas esquentam contra minha vontade. Meu

coração troveja em meu peito. Ela me tem tão no meu encalço que nem é engraçado. Não posso permitir que isso dure. Mas posso engolir isso para fazê-la mudar de ideia?

Talvez.

— Por favor, fique.

Ela não reage a não ser arqueando uma sobrancelha.

— Não vá embora.

Seus lábios rolam juntos da maneira mais perturbadora.

Eu suspiro, apoiando minhas mãos em meus quadris e olhando para o teto pontilhado acima de mim.

— Luke é tudo para mim e quero que ele tenha um verão divertido. Diversão adequada. Às vezes, ele está preso neste rancho com um bando de adultos, e eu me preocupo que ele não receba atenção suficiente de mim, porque trabalho muitas horas. E preciso de *ajuda*, porque é demais. Estou exausto *pra caralho*. — Meu queixo cai e eu a olho nos olhos. — Eu realmente preciso da sua ajuda. Por favor, fique.

A coluna de sua garganta se move e seus olhos assumem uma qualidade ligeiramente vítrea. Com alguns passos suaves, ela vem para ficar bem na minha frente. Ela cheira a frutas cítricas e baunilha. Como uma pastelaria chique na cafeteria da cidade. Não posso deixar de me inclinar um pouco.

Ela se aproxima. Quase parece muito perto no local mal iluminado. Muito íntimo na casa silenciosa. Parece o tipo de momento em que você pode cometer um erro e ninguém jamais saberá.

E talvez eu já tenha cometido um erro esta noite, ou talvez esteja prestes a cometer um. Normalmente eu sou tão seguro de mim. Mas, neste caso, estou lutando para distinguir o certo do errado.

— Tudo bem. — Ela estende a mão para mim, e eu instantaneamente coloco minha palma na dela. Eu posso sentir o osso delicado em seu pulso contra as pontas dos meus dedos calejados. —

Vou enviar mensagens de texto. Vou mantê-lo *quase* sem açúcar. Mas se você agir como um idiota, vou chamar sua atenção por isso.

— Não tenho dúvidas de que você vai, Red.

Ainda estamos apertando as mãos. É um aperto de mão que dura mais do que o normal. É uma ameaça ou uma promessa, só não tenho certeza de qual.

Willa

Willa: Acabei de me levantar.

Cade: Ok?

Willa: Estou fazendo café.

Cade: Tudo bem.

Willa: Estou me vestindo para o dia. Calcinha? CHECK.

Cade: Muita informação.

Willa: Luke agora está acordado.

Cade: Que bom.

Willa: Ele fez xixi.

Cade: Na cama?

Willa: Não. No banheiro. Parecia ser um dos grandes. Como quando Austin Powers sai do congelamento ou algo assim.

Cade: Por que você está me dizendo isso?

Willa: Apenas mantendo você informado sobre *tudo o que fazemos*!!!

Cade: Já me arrependo de ter falado isso.

Willa: Ah, estou apenas começando.

Cade: Willa.

Willa: Lembra daquela vez que você me IMPLOROU para ficar?

— Vamos apenas colocar algumas de volta no saco! — Luke diz, de pé em uma cadeira ao meu lado no balcão da cozinha enquanto olhamos para a tigela de mistura de panqueca.

A mistura de panqueca que agora é mais gotas de chocolate do que massa. Não sou matemática, mas tenho certeza de que essa proporção está errada. Esqueci que as habilidades motoras das crianças não são refinadas e entregar a Luke um saco de gotas de chocolate para colocar pode não ter sido o plano mais estratégico que já tive na minha vida.

— Cara. Não podemos colocá-las de volta.

Ele dá de ombros, não parecendo triste com isso. — Acho que teremos que comê-las.

Eu tento não rir. Se eu não o conhecesse melhor, pensaria que ele fez isso de propósito. — Acho que sim.

Nós movemos sua cadeira para o fogão, e explico para ele a lei sobre elementos quentes, dizendo a ele que seu pai vai me enterrar em um campo de feno em algum lugar se eu deixá-lo se queimar.

Ele ri e me diz que sou hilária.

Nunca me senti tão legal quanto eu me sinto saindo com uma criança de cinco anos.

Especialmente quando ele se senta à mesa à minha frente, dá um tapinha na barriga com dedos pegajosos de chocolate e exclama: — Talvez você cozinhe melhor do que meu pai!

Eu aponto meu garfo para ele. — Mal posso esperar para dizer isso a ele.

Seus olhinhos azuis ficam comicamente arregalados. — Você não pode dizer isso a ele. Ele vai ficar triste.

— Não se estresse, homenzinho — respondo, tentando não derreter com o quão doce é ele estar tão preocupado com seu pai. — Seu pai será capaz de lidar com a perda.

Ele suspira profundamente e olha para mim com expectativa. — E

agora?

— Qualquer coisa que você quiser. — Pego meu prato enquanto ele pega o dele e o entrega para mim.

— Qualquer coisa?

Eu olho para ele, uma sobrancelha se movendo para cima. — *Quase* tudo.

— Um dos alunos da escola disse que ele e o pai dirigem muito rápido pelas estradas vicinais e jogam pés de alface pela janela para vê-los explodir na estrada.

Eu encaro o garotinho, toda sincera e genuína. É como se ele nem percebesse que merda majoritariamente caipira ele acabou de me pedir para fazer.

Caramba, cidades pequenas são estranhas.

— É o primeiro dia. Você está tentando me demitir?

— Você não pode ser demitida. Nós gostamos muito de você!

— Quem somos nós? — eu pergunto, carregando a máquina de lavar louça. E congelo momentaneamente quando sua resposta é: — Meu pai e eu.

Não vou estourar sua bolha dizendo a ele que seu pai, de fato, não gosta de mim. Ele só precisa da minha ajuda e está preso entre a cruz e a espada.

Um lugar difícil onde sou literalmente sua última e única opção.

Eu dou de ombros. — Certo, por que não?

Coisas de caipira então.

* * *

Abro o teto do meu jipe e vamos até o supermercado tocando alguns dos meus sucessos favoritos dos anos 80. Luke cacareja

loucamente de seu assento na parte de trás quando eu faço minha melhor imitação de Billy Idol.

Revirei os olhos quando vi o assento elevatório já instalado no banco de trás. Eu disse a Cade que poderia lidar com isso, mas ele entrou no meu veículo enquanto eu dormia e fez isso de qualquer maneira.

Maníaco por controle.

Na cidade, encontro facilmente a mercearia. Eu fiz um pequeno desvio no meu caminho para o rancho e tive uma conversa estimulante. Pensei em dar a volta por cima e voltar para a cidade onde pudesse ficar com o que é confortável, mas nunca fui de dizer não a novas experiências. Então eu me levantei pelas botas e fiz uma configuração do terreno para não ser totalmente inútil sem que alguém me mostrasse.

— Quantos estamos pegando? — pergunto a Luke, que está andando pela mercearia como um pequeno rei. Cowboy herdeiro do trono de chifre de veado. Ou algo igualmente rústico.

— Dez — ele responde com decisão.

— Dez? Isso é muito.

— É a quantidade certa.

Eu fico olhando para a seção de alface americana diante de nós. Se pegarmos dez, estamos limpando mais da metade do que está aqui. — Cinco.

Sua cabeça dispara em minha direção tão rapidamente, franzindo as sobrancelhas. Ele instantaneamente se parece com seu pai. — Sete.

Eu pressiono meus lábios juntos com tanta força que quase dói. Esse garoto é muito esperto. — Cinco, oferta final.

Uma pequena contração em sua mandíbula aparece e eu estou morrendo. Ele é um Cade em miniatura. Tire a cor dos olhos e a semelhança é incrível. Hilário. — Ótimo.

— Você vai ficar entediado depois de três — eu forneço,

enquanto alcanço o primeiro pé de alface.

— Eu não vou!

Eu me viro e arqueio uma sobrancelha para ele. — Luke. Posso ser nova aqui, mas vou contar o que disse ao seu pai. Cuide do seu tom. Você e eu não vamos falar assim. Ou coloco você de volta na cama para tirar uma soneca.

Seus olhos azuis bebê aumentam. — Cochilos são para bebês.

— Concordo. Mas se você agir como um, posso ficar confusa.

Ele suspira pesadamente e me oferece um breve aceno antes de pegar outra alface. — Desculpe.

— Obrigada por se desculpar. Isso não foi muito parecido com um bebê.

Um sorriso toca seus lábios e eu espelho a expressão. Sinto que nós dois chegamos a algum tipo de entendimento.

Quando nos viramos para sair, eu me deparo com um olhar muito menos amigável.

— Quem é *you*? — uma mulher pergunta, a mão apoiada no quadril com uma cesta de compras na mão oposta. A maneira como ela diz *you* me lembra a lagarta em *Alice no País das Maravilhas* fumando O's. Mas tudo o que ela está soprando em mim é mau hálito.

Também não sou fã do jeito que ela está olhando para mim. De cima a baixo com um pouco de desdém no rosto, como se eu fosse o atropelamento de ontem.

Independentemente disso, sorrio docemente – um pouco doce demais – e digo: — Eu sou Willa.

A mulher funga, a ponta do nariz se mexendo. Estou tendo dificuldade em colocar quantos anos ela pode ter. A minissaia e os tênis de strass me fazem pensar que é jovem, mas a maquiagem pesada que descama nas dobras de sua testa me faz pensar que é mais velha. É uma dicotomia fascinante.

— O que você está fazendo com o filho de Cade? — Ela se abaixa

um pouco para se dirigir a Luke. — Você está bem, querido? Você precisa da minha ajuda?

Um olhar sério e confuso é o que Luke lhe dá de volta, seguido por: — Sim?

Ele recua um pouco, e acho que pode ter a ver com a respiração dela. Para ser justa, eu também gostaria de ir o mais longe possível.

— Tem certeza, amor? Esta mulher está levando você a algum lugar que você não quer ir?

Reviro os olhos. — Se estivesse sequestrando uma criança, não pararia em uma mercearia para comprar cinco pés de alface primeiro. Eu sou a babá dele.

Seus olhos se estreitam, mas ela os volta para mim. — Eu me candidatei a esse emprego. — Ela funga novamente enquanto se endireita.

— Sim, e meu pai disse que preferia rolar na pilha de esterco do que contratar você.

Meus olhos quase saltam da minha cabeça assim que minha mão bate na minha boca para conter minha diversão. Este é um momento em que preciso me comportar de forma mais adulta do que estou me sentindo por dentro.

A mulher pisca rapidamente, o calor subindo em seu pescoço. Eu honestamente me sinto mal por ela. Quero dizer, não podemos nos ofender com as coisas que uma criança de cinco anos diz..., mas podemos nos ofender com as coisas que os homens que estão chegando aos quarenta dizem.

— Sinto muito. — Pego a mão de Luke na minha e dou a ela um olhar de desculpas. — Eu, uh, espero que você tenha um lindo dia. — Com um sorriso brilhante, arrasto Luke em direção ao caixa, sentindo-me tão grata por ter começado bem nesta pequena cidade.

Deixando cair minha calcinha e insultando os locais. E é apenas o segundo dia.

Eu mantenho aquele sorriso estampado em meu rosto durante todo o tempo no caixa. Parece que as pessoas estão nos olhando de forma estranha. Juro que posso sentir seus olhos em mim. O julgamento deles. Talvez esteja na minha cabeça. Talvez não seja nada real.

Tudo o que sei é que não posso sair de lá rápido o suficiente. Não estou acostumada a morar em um lugar onde todos reconhecem você. Tenho certeza que é por isso que meus pais viajam tanto. Para fugir das pessoas que os param e pedem autógrafos o tempo todo. Para apenas *ser*.

— Ok, entre, homenzinho. — Abro a porta traseira do meu jipe e jogo os sacos de alface na frente.

— Fiz algo de errado? — ele pergunta, subindo em seu assento.

Suspiro, observando suas mãozinhas puxarem a alça por cima do ombro e lutarem com a fivela. Estendo a mão por cima dele e dou uma mão, afastando-me quando ouço o clique. — Sim e não. Às vezes, há coisas que não dizemos em voz alta.

Não adianta rodeios.

Dou a volta no veículo e ouço seu confuso: — O que você quer dizer? — pelo topo aberto.

— O que quero dizer — eu começo, entrando no veículo e colocando o cinto — é que há coisas que pensamos em nossas cabeças ou dizemos a outras pessoas que conhecemos e confiamos que não compartilhamos publicamente. Assim como quando você se depara com pessoas como acabamos de fazer, podemos pensar sobre isso, mas não dizer isso. É um pensamento de bolha.

— O que é um pensamento de bolha?

Eu sinto que ele está perdendo meu ponto aqui.

— Já leu uma história em quadrinhos? Ou viu uma no jornal? Seu pai parece o tipo de pessoa que lê jornal.

— Só nos finais de semana — Luke fornece enquanto eu recuo.

Interessante.

— Ok, então os personagens de quadrinhos às vezes pensam coisas que não dizem em voz alta. E isso é desenhado como aquelas pequenas bolhas saindo de suas cabeças. Então, às vezes, bolhas de pensamentos. Dessa forma, você não fere os sentimentos de ninguém ao dizer isso em voz alta. Entendeu?

— Quando você chamou meu pai de odiador de mulheres, isso foi uma bolha de pensamento?

Meeeeerrrrda.

Chamada atenção por uma criança de cinco anos.

Estou ensinando uma criança sobre pensamentos de bolha quando eu mesma não domino o conceito.

Engulo em seco e olho para ele pelo espelho retrovisor. — Sim. Foi uma bolha de pensamento. Às vezes, elas escapam de nós.

— O que você faz quando isso acontece?

Eu gemo e olho fixamente para a estrada à minha frente enquanto cruzamos a rua principal em direção aos campos vazios que voltam para Wishing Well Ranch.

— Você pede desculpas — eu digo, sentindo-me como uma pilha de lixo por dizer o que disse. Pior ainda por saber que seu filho me ouviu.

— Meu pai aceitará suas desculpas. Ele gosta de você.

— Como você sabe que ele gosta de mim? — Ele mencionou isso duas vezes agora e, honestamente, estou completamente confusa.

— Porque ele não disse nada sobre rolar na pilha de esterco.

Eu bufo. Porque esse é o termômetro. Se Cade Eaton *gosta* de você, você saberá porque ele não vai mencionar sua preferência por rolar em bosta de cavalo.

Em poucos minutos, estamos em uma estrada secundária e nossa conversa séria se transforma em gritos de alegria quando o garoto

sábio além de sua idade no banco de trás joga cabeças de alface pela janela e ri histericamente.

Eu rio também.

Cade

Willa: Desculpe por ter chamado você de odiador de mulheres.

Cade: Tudo bem.

Willa: Sabe qual foi a primeira coisa que fiz essa manhã?

Cade: Willa, estou trabalhando. Se estiver tudo bem, não precisamos conversar.

Willa: Coloquei minha calcinha.

Willa: Você está me ignorando?

Willa: Achei que você ficaria orgulhoso. Primeiro dia e estou arrasando em todas as regras.

Cade: Se eu pagar mais, você para de me mandar mensagens sobre isso?

Willa: Provavelmente não. Eu não preciso do dinheiro. Fico entediada com facilidade, e cutucar o urso é divertido.

* * *

— Como foi seu primeiro dia? — eu pergunto enquanto Willa corta um dos peitos de frango que preparei para nós logo que entrei pela porta.

Foi uma transição estranha. É como se ela não tivesse percebido que estava fora do horário assim que entrei em casa. Ela se ofereceu para preparar o jantar e eu lancei um olhar mortal para ela. Adoro preparar o jantar; é como relaxo no final do dia. É quando passo um tempo com Luke.

Acho que esperava que a encarada a fizesse correr para o quarto, mas tudo o que ela fez foi revirar os olhos para mim.

Oferecer-se para ajudar com o jantar não é um crime, e preciso superar essa ideia de que poderei apenas estalar os dedos e fazê-la desaparecer quando eu entrar pela porta.

É uma sensação estranha entrar em uma casa em pleno andamento. Uma onde posso ouvir as risadinhas do meu filho e os tons suaves e ásperos de Willa.

— Tivemos um ótimo dia, não foi, Luke? — Ela sorri para ele, e ele sorri de volta.

Ele está apaixonado.

Quando cheguei em casa, eles estavam brincando de dinossauros lá fora. Posso dizer honestamente que nunca ouvi uma mulher fazer os barulhos que Willa estava fazendo. Uma combinação de grasnido de ganso e zurro de burro, misturado com aquela risada leve e charmosa.

Ela estava andando com as mãos cruzadas na frente dela como aqueles pequenos braços de T. Rex.

Ela parecia louca e despreocupada.

E linda *pra caralho*.

— Além de jogar *Dinosaur Ranch*, o que vocês dois fizeram?

— Nada — Luke diz completamente muito rápido, e vejo um brilho de cabelo cor de cobre brilhante quando a cabeça de Willa vira em sua direção. Uma sobancelha perfeitamente cuidada arqueando para ele.

Sua detecção de besteira é bem afiada. Suponho que isso venha com trabalhar com crianças.

A minha é apenas de vadear por besteiras todos os dias. Aqueles malditos cowboys no barracão. Os meus irmãos. Drama da cidade. Minha ex.

A única pessoa que não me cansa é minha irmãzinha Violet. Mas isso pode ser apenas porque ela se mudou para o litoral.

— Nós não fizemos *nada*, Luke. — Willa espeta uma vagem, e tento não me distrair com a maneira como ela a coloca na boca.

— Nós... — Meu filho lança seu olhar entre nós. Culpado como nunca. — Fizemos panquecas! Com gotas de chocolate! Muitas e muitas gotas de chocolate.

Willa estremece quando olha de volta para seu prato. Quando ela espia e me pega olhando para ela, diz: — O quê? Você disse sem açúcar depois do jantar.

Balançando a cabeça, volto minha atenção para Luke. — O que mais?

— Nada... — ele começa, assim como Willa diz: — Nós compramos pés de alface e os jogamos pela janela do meu jipe.

Meus lábios rolam quando eu lanço um rápido olhar em sua direção, vendo que ela parece entretida e totalmente sem noção.

— Luke. — Ele parece apavorado. É tão difícil dar merda ao meu filho quando ele é tão fofo. Mas não tenho o privilégio de bancar o policial bom e o policial mau com outro pai. Eu fico preso fazendo todo o trabalho sujo. Distribuindo todas as repreensões. Alguns dias eu me preocupo sobre como isso me faz parecer para ele, mas alguém tem que mantê-lo na linha.

Alguém tem que mantê-lo seguro.

— Desculpe! — ele exclama, encolhendo-se em seu assento enquanto a cabeça de Willa gira entre nós.

— Por que nos desculpamos?

Suspiro profundamente, balançando a cabeça e cortando meu peito de frango com muita força. — Luke já me pediu para jogar cabeças de alface pela janela e eu disse que não.

Luke não consegue nem segurar meus olhos, e o queixo de Willa cai quando ela olha para ele. — Cara! Sério?

Seus pequenos lábios se fecham enquanto ele se curva sobre si mesmo. Ele não é um garoto mau, ele só tem um pouco de tendência

rebelde. Acho que ele é assim honestamente como um menino Eaton.

— Eu pensei que papai queria dizer que *ele* simplesmente não queria fazer isso. — Ele vira os olhos suplicantes para Willa. — Você disse que se divertiu fazendo isso!

— Luke... — começo, mas Willa interrompe.

— Nós dois sabemos que você é mais esperto do que isso, Luke. Você me enganou. De propósito. Não é legal. Eu me diverti, mas saber que você mentiu para mim estraga toda a diversão — ela diz isso sem maldade em seu tom, mas Luke parece arrasado.

Eu me inclino para trás na cadeira, cruzando os braços sobre o peito, um pouco surpreso por ela levar isso a sério, em vez de rir de mim. E um pouco aliviado por não ter que brigar com ele – de novo.

— Sinto muito. — Seus olhos são instantaneamente encolhidos. Ele é um garoto sensível. Não é preciso muito para colocá-lo de volta no lugar.

Willa acena com a cabeça, pegando outra vagem entre os lábios. — Eu sei que você sente. Você é uma boa pessoa. Mas quando você me engana, isso quebra minha confiança. E seu pai está confiando em mim para mantê-lo seguro, e precisamos respeitar suas regras, pelo menos, às vezes. Porque agora também quebramos a confiança dele. Isso faz sentido para você?

Há uma parte de mim que quer entrar e proteger Luke. Mas o fato é que Willa está certa. Ela está falando com ele respeitosamente, como um adulto, e não posso culpá-la.

Também estou muito aliviado por ter apoio, mesmo que seja na forma de Willa Grant. A porta-voz ruiva que faz comer vagem parecer pornográfico.

Porque meu pai age como se Luke fosse hilário o tempo todo, o que é bom. Na verdade, é por isso que não quero que ele cuide de Luke em tempo integral. Não quero estragar a amizade deles. Também não quero que Luke se transforme em Mogli. Um menino selvagem criado por um bando de homens selvagens, todos vivendo juntos em

um rancho.

É estranho *pra* caralho se penso muito sobre isso.

— Sinto muito, pai — Luke diz cuidadosamente.

— Eu sei que você sente, amigo.

— Eu só queria me divertir um pouco. Parecia tão divertido! Foi muito divertido!

— Somos rancheiros, fazendeiros, Luke. É um desperdício de boa comida.

— Eu sei — ele responde, derrotado. E então ele se ilumina quando olha para mim. — Da próxima vez que você cobrir o trator do Jansen com papel higiênico, posso fazer isso também?

Como diabos ele sabe sobre aquela pegadinha?

Eu vejo os lábios de Willa se contorcerem, mas ela mantém o foco fixo em seu prato. E então ela pega outra vagem, e tenho que desviar o olhar.

Esse garoto vai ser a minha morte.

E a maldita babá dele também.

* * *

Colocar Luke na cama é minha parte favorita da noite. Os abraços. As histórias. As coisas que ele me conta na segurança de seu quarto escuro e tranquilo. Ele fica todo suave e doce, e conversamos sobre coisas que não surgem ao longo do dia. É por isso que nunca desistirei dessa parte da agenda dele.

Minha segunda parte favorita da noite? Uma banheira de hidromassagem para aliviar as dores do dia. Um momento de silêncio na minha compra mais frívola. Tempo sozinho para olhar as estrelas e desfrutar de um pouco de solidão.

Que é o que estou fazendo, com a cabeça inclinada para trás, os

braços estendidos sobre as bordas externas, quando ouço a porta dos fundos fechando. Minhas pálpebras se abrem e vejo a silhueta de Willa através do vapor crescente ao meu redor.

— Merda, desculpe. Eu vou sair — ela sussurra, virando-se para ir embora, a toalha enrolada em seu corpo alto.

Um homem inteligente diria: *Sim, por favor, saia. Essa é uma excelente ideia.*

Eu não sou um homem inteligente.

Em vez disso, deixo escapar: — Está tudo bem. — Afinal, disse a ela para se sentir em casa e usar o que quisesse. Sinceramente, não posso culpar uma pessoa por querer ficar de molho aqui depois de perseguir uma criança de cinco anos o dia todo.

— Tem certeza? Achei que você estava na cama. — É difícil ouvi-la, porque, pela primeira vez, ela parece um pouco incerta. É difícil vê-la também através da névoa quente que se ergue da água borbulhante. A forma dela só é destacada pelo brilho de dentro da casa, vazando pelas portas de vidro deslizantes.

Eu deveria parar de usar o vapor subindo como uma desculpa para encará-la tão duramente. É rude. Ela está na casa dos vinte e eu não quero deixá-la desconfortável.

Eu inclino minha cabeça para trás novamente e deixo meus olhos se fecharem. — Não diria que está tudo bem se não estivesse, Red.

Ouçó um arrastar de pés e uma risada silenciosa. — Sim, você me diria para sair.

Porra.

Ela não está tentando ser ousada. Mas as palavras *saíram* de sua boca com aquela voz levemente rouca que faz o ar ao meu redor parecer muito rarefeito.

O tecido raspa e os passos suaves se movem em direção à banheira. Eu aperto meus olhos com mais força, recusando-me a ceder à voz dentro da minha cabeça me dizendo para espiar. Para vê-la

escalar a borda. Para ver que tipo de maiô ela está usando e se sua pele é tão cremosa quanto parecia naquele vislumbre que pude ver além de sua camisa ontem.

Eu ignoro a sensação de revirar no meu estômago.

O som suave da água espirrando me diz que ela está entrando. A água quente bate no meu peito enquanto ela se acomoda e, de repente, compartilhar uma banheira de hidromassagem com essa mulher que mal conheço, e não consigo parar de foder com os olhos, parece totalmente inapropriado.

Totalmente muito pessoal.

— Ah — ela cantarola de prazer.

Eu desisto e olho para ela. O posicionamento de Willa espelha o meu quase perfeitamente. Seus braços esguios cobrem a borda e seu rosto está voltado para o céu azul-marinho. Meu olhar se fixa na coluna exposta de sua garganta. O comprimento elegante dela. Da forma como está posicionada, está aberta para ser tomada. A forma como se move quando ela engole.

— Sinto muito — ela murmura sem mover a cabeça para se dirigir a mim.

— Pelo quê? — indago, um pouco confuso sobre o que ela está falando. — Falei que você poderia entrar. — Mesmo que eu não tenha tanta certeza de que isso seja verdade.

Alças minúsculas e finas cruzam suas clavículas e envolvem seus ombros. Tão fáceis de arrancar.

— Por fazer aquela coisa caipira com alface. — Ela balança a cabeça e outra risada melódica borbulha dela, como se ela simplesmente não pudesse acreditar. — Não acredito que fui enganada por uma criança de cinco anos.

Meus lábios quase se curvam com isso. *Coisa caipira*. — Bem, você já trabalhou com crianças. Tenho certeza de que você sabe como lidar com isso. — Estou mentalmente me dando um tapinha nas costas por elogiá-la – mais ou menos – quando ela solta uma bomba que eu não

esperava.

— Eu nunca trabalhei com crianças.

Fico mortalmente imóvel antes de puxar meus braços para baixo na água e sentar-me reto. — Perdão?

Ela deve ter ouvido a mordacidade na minha voz, porque sua cabeça se inclina em minha direção e seus olhos se estreitam quando ela se senta também, as gotas de água caindo sobre seu peito cheio, direto para o vale entre seus seios. Eu cerro os dentes ao deixar meus olhos seguirem e os levanto de volta para os dela quando ela responde com: — Cuidado, Eaton.

Engolindo em seco, eu a observo do lado oposto da banheira, encarando-a. — Summer me disse que você trabalhou com crianças. Ela disse que você tem, e cito, ‘muita experiência trabalhando com garotos turbulentos’.

Observo a expressão de Willa se transformar de irritada em incrédula. — Ela não disse.

— Ela disse.

— Ela elaborou? — Willa esfrega a mão molhada sobre o rosto e a desliza até o topo do cabelo, antes de acertar o nó retorcido de seus fios de fogo. — Você fez mais perguntas? Deus. Eu deveria ter lhe dado um currículo ou algo assim. Isso é tão estranho, mesmo para os meus padrões. E é preciso muito para me deixar desconfortável.

— Então, quanta experiência você tem em trabalhar com crianças?

Ela late sua surpresa, abrindo os lábios de morango da maneira mais tentadora. — Nenhuma. Zero. Nada. Eu sou bartender.

Meus dedos se fecham em punhos sob a água. — Uma bartender?

— Sim. Acho que tenho muita experiência com garotos bagunceiros, mas não, você sabe, crianças. Meninos adultos?

— Summer está morta.

Seus lábios se apertam e se movem sob a tensão de se conter. O

riso irrompe dela da maneira mais cativante. Eu não deveria estar encantado, mas ela está tão genuinamente divertida. É difícil não ficar pelo menos um pouco cativado.

Sua cabeça se inclina para trás e as notas de sua risada flutuam na noite circundante.

— Não é engraçado — eu digo, mas não quero dizer isso, realmente. Quero dizer... é meio engraçado. Só não *haha* engraçado.

— Parece que nós dois fomos enganados. — Suas risadas diminuem e a luz fraca ilumina a plenitude de seus seios, brilhando com a umidade.

Esfregando meu rosto com as mãos, eu gemo. — Summer estava tão cansada de eu ser exigente que ela me enganou para contratar uma bartender.

— Escute, se você quer um currículo ou uma verificação de antecedentes criminais, não vou reclamar. Mas ainda acho que posso fazer isso. Ainda acho que Luke e eu podemos nos divertir neste verão. Cresci com ótimos pais, então devo ter aprendido algo com eles.

— Oh, sim? — falo por trás das minhas mãos, em parte para esconder minha frustração e em parte para me dar uma pausa de quão deslumbrante ela parece sentada na minha frente na minha banheira de hidromassagem. — O que os seus pais fazem? Você vem de uma longa linhagem de bartenders?

Quando ela fica em silêncio por muito tempo, coloco minhas mãos de volta na água. O lábio de Willa está preso entre os dentes, e ela está me olhando criticamente.

— O gato comeu sua língua?

— Não. Só não estou convencida de que a resposta vai fazer você se sentir melhor.

Reviro os olhos e solto um suspiro áspero antes de inclinar a cabeça para trás novamente. Com certeza haverá uma checagem de antecedentes criminais. — Teste-me.

— Ok. Minha mãe é terapeuta sexual.

Ela só pode estar brincando comigo.

— E meu pai é o vocalista do Full Stop.

Sento-me direito. — Pode repetir?

— Você precisa verificar sua audição? Meu pai teve que comprar aparelhos auditivos muito jovem depois de sair em turnê e tocar muito alto.

Essa boca.

— Ouvi você. Eu apenas... — Balanço minha cabeça. — Uma terapeuta sexual e um famoso astro do rock criaram você e isso de alguma forma qualifica você para cuidar do meu filho?

— Por que não? Eles são pais excepcionais. Não fique todo estranho agora. As pessoas sempre ficam estranhas quando descobrem que Ford Grant é meu pai.

Eu olho para ela.

— Você não é um superfã psicopata, é? Achei que você era um cara do tipo Garth Brooks.

Minha mandíbula apertada.

— Músicas sobre sua caminhonete quebrando. Seu cachorro morrendo. Sua mulher deixando você por outro homem.

Ela ri, alheia ao fato de que acabou de abrir os pontos de uma ferida que demorou a cicatrizar dolorosamente. E não porque sinto falta de Talia, só porque há tantos golpes que o orgulho de um homem pode levar.

Leva apenas alguns momentos para um silêncio sóbrio e constrangedor se estender entre nós. Não estou fazendo um bom trabalho em manter as coisas amigáveis. Não é o meu forte.

Não sou brincalhão, sou responsável. Isso é tudo o que me foi permitido ser. Isso é o que minha família precisava que eu fosse.

Íris verdes brilhando, ela olha para mim da maneira mais

enervante. — Até que ponto meu pé está na garganta neste momento?

— Você está praticamente digerindo isso neste momento — eu digo inexpressivo.

— Bem, que merda. Vai ser difícil perseguir seu filho durante todo o verão desse jeito.

Eu solto um suspiro grave, grato por ela não estar pressionando por mais informações sobre a bagunça que é a minha vida pessoal.

— Você quer que eu vá embora? Entenderia se você quisesse.

— Não. — Sai um pouco rápido demais, e nem tenho certeza do porquê. Eu deveria querer que ela fosse embora, mas não quero. Luke já gosta dela, ela já está aqui, e nós já resolvemos isso. Além disso, ela é substancialmente menos irritante do que quase qualquer outra opção disponível para mim. — Está bem. Só me consiga um autógrafo para compensar.

Ela pisca para mim. — Isso foi uma piada?

— Não.

Seu pé desliza pelo fundo de vinil da banheira e roça no meu. — Isso foi uma piada.

— Não foi. — Mordo o interior da minha bochecha para não sorrir. Talvez eu devesse ficar mais bravo com isso. Talvez eu devesse mandá-la para casa. Mas a ideia de voltar e desfazer tudo o que já foi feito parece cansativo.

Há algo de libertador em apenas... deixar acontecer.

— Está bem. Não vou contar a ninguém que você fez uma piada. Vou conseguir um autógrafo para você e manter intacta sua reputação de rancheiro mais mal-humorado do mundo.

— Willa, você está fazendo com que eu me arrependa de ter contratado você.

Ela aponta para mim. — Sim. Exatamente. Que piada? Sem piadas aqui.

Ela é despreocupada. Ela é engraçada. Ela tem um senso de humor inteligente que eu gosto, embora me recuse a demonstrar. E ela passa os próximos vinte minutos me contando histórias sobre crescer como filha de um nome conhecido. Ela fala e eu escuto. E, de vez em quando, quando um de nós se mexe na pequena banheira quente, nossos pés roçam.

É um contato inocente. Ou, pelo menos, deveria ser. Não olhamos um para o outro quando isso acontece. Tenho medo de olhar para ela muito de perto, para ser sincero.

Mas ainda envia faíscas pelas minhas pernas.

E quando saímos, faço a coisa cavalheiresca e ofereço-lhe uma mão para que ela não escorregue.

Mas isso é pouco antes de fazer a coisa distintamente pouco cavalheiresca, onde deixo meus olhos devastarem seu corpo esbelto. Eu absorvo cada curva e tento gravá-la em minha mente para que nunca sinta o desejo de devorar a visão dela assim novamente.

Imagino-a com aquela calcinha preta simples que ainda está na gaveta da minha cozinha.

Meu pau incha rápido e forte o suficiente para que eu me enrole em uma toalha e desapareça lá dentro sem dizer boa noite.

Porque eu sou tão cavalheiresco.

Willa

Willa: Não acredito que você não disse a Cade que sou bartender e não uma Mary Poppins profissional.

Summer: Ele estava sendo louco em todo o processo. Você é perfeita para o trabalho. Luke vai amar você.

Willa: OBVIAMENTE. Eu sou muito amável. A menos que seu nome seja Cade Eaton. Então eu sou o objeto de toda a sua carranca exagerada.

Summer: Ele tem carrancas diferentes. Você ainda não percebeu isso?

Willa: Isso é loucura. Não sou paga o suficiente para decifrar as carrancas de um homem. Aqui está o novo acordo. Se a sua versão de merda de casamenteira não der certo, você é a nova babá. Fim da história. E você vai fazer isso com um sorriso. Eles precisam de ajuda.

Summer: Adorável. Você já está protetora.

* * *

A porta de tela bate com força, o que significa que Cade está em casa. Cade ranzinza entrando depois de um longo dia fazendo Deus sabe o que com um bando de vacas e cowboys.

— Bem-vindo ao lar, Mestre Cade — eu anuncio com um floreio enquanto ele entra na cozinha, lançando-me uma carranca. Uma carranca irritada?

— O que você está fazendo? E por que você está me chamando assim? — A voz de Cade ressoa perigosamente.

— Mexendo o molho de espaguete que o jovem Padawan pediu.
— Faça perguntas estúpidas, obtenha respostas estúpidas. Ele pode ver claramente que estou movendo uma colher em uma panela cheia de molho à bolonhesa.

Ele me encara como se eu fosse a pessoa menos engraçada que ele já conheceu. — E estou falando assim porque é difícil sair do personagem depois de jogar Star Wars a tarde toda.

— Você não deveria preparar o jantar. — Seus dedos batem na bancada de mármore, mas seus olhos permanecem fixos na panela. Ultimamente é como se ele evitasse totalmente olhar para mim.

— A força é apenas muito intensa comigo nas artes culinárias. O jovem Luke anunciou que minha comida é superior à sua. — Sorrio para ele, tendo muito prazer em provocá-lo, especialmente porque eu sei que ele adora cozinhar e é muito bom nisso.

O homem viril à minha frente apenas zomba, finalmente levantando os olhos. — Ele não anunciou.

— Ele anunciou.

Seus braços se cruzam petulantemente. — Eu não acredito em você.

Eu sorrio lindamente. — Tudo bem, Darth Cade.

Nesse momento, Luke explode na cozinha depois de lavar as mãos. — Não! Eu quero que o papai seja Jar Jar Binks!

A testa de Cade enrugando e ele parece genuinamente confuso. — O que diabos é um Jar Jar Binks?

Luke e eu caímos na gargalhada. Cade nos ignora e remove a colher da minha mão, mergulhando-a na panela, antes de levá-la aos lábios para uma amostra. Sua única reação é um resmungo baixo. O que é praticamente uma crítica cinco estrelas vinda dele.

— O que toda essa roupa lavada está fazendo na minha cama?

Parece que todos os dias faço algo útil em casa, e Cade dá um jeito de reclamar, como se eu o tivesse ofendido gravemente.

Eu coloco uma batatinha na boca e não me incomodo em olhar para ele de onde estou esparramada no sofá. Já sei que ele está carrancudo. Eu praticamente vejo aquela expressão na parte de trás das minhas pálpebras todas as noites quando tento adormecer.

— Lavei algumas roupas hoje e não tinha certeza de onde tudo é guardado.

— Você não deveria lavar minha roupa.

— Bem, você não deveria me interromper assistindo a reprise de *Gossip Girl*. Mas aqui estamos nós.

— Eu não preciso de você para lavar minha roupa.

Sento-me com um suspiro profundo. — Ok. Estamos realmente nos concentrando nisso? Eram algumas toalhas e alguns suéteres. Não suas *boxers apertadas*. Então vamos esfriar nossos jatos, certo? Já estavam na cesta, e eu não sou preguiçosa, então os joguei na máquina de lavar. Não é grande coisa. Não há necessidade de me colocar no corredor da morte por causa disso.

Ele olha para mim, mas ao invés de carrancudo, ele parece um pouco perplexo. — Ninguém nunca lavou minha roupa para mim.

— Provavelmente porque não vale a pena enfrentar a cadeira elétrica.

Ele apenas me encara.

— Imagine se eu deixasse cair uma meia vermelha com suas toalhas brancas? Oof. *Brutal*. Fim dos dias.

Mais encaradas.

Eu coloco outra batatinha na minha boca. — É aqui que você tenta me derreter com o poder da sua mente porque tive a ousadia de ajudá-lo com uma tarefa?

— Alguém já disse que você é rude? — É tudo o que ele traz de volta.

Eu sorrio para ele antes de voltar para a TV e aumentar o volume.
— Diz o cara que ainda não devolveu minha calcinha.

* * *

— Willa! — Eu ouço Cade chamando de dentro da casa. Mas Luke e eu estamos escondidos na varanda dos fundos, esperando para pular e assustá-lo. — Onde vocês estão?

— Luke? — Seus passos marcham pela casa com autoridade. Parece que posso estar com problemas por alguma coisa, mas sempre me sinto assim com Cade. — Você está com fome, amigo?

Não nos movemos uma polegada.

— Que diabos — ele murmura, aproximando-se agora. Provavelmente na cozinha.

Luke está atrás de mim, e eu olho para ele, a palma da mão apertada sobre a boca para conter o riso. Levanto um dedo até meus lábios, lembrando-o de se controlar e ficar quieto.

A porta da geladeira se abre. Uma tampa de garrafa sibila ao se abrir. Posso imaginar a garganta de Cade trabalhando enquanto ele toma um gole profundo do que suponho ser uma cerveja. Ele está perto agora. Ele deve estar olhando pela porta de tela.

Luke se pressiona contra meu quadril, e me pergunto distraidamente o que Cade está pensando.

— Essa porra de mulher vai ser a minha morte.

Ok. Então é isso que ele está pensando. Sinto um estranho tipo de orgulho em sua declaração.

A porta se abre e ele sai para a varanda, que é exatamente quando Luke e eu saímos de trás de um vaso de plantas.

— Boo! — eu grito, enquanto Luke grita: — Esquilos!

Cade voa para trás, e eu olho para Luke, perguntando-me o que diabos o inspiraria a gritar *esquilos* aleatoriamente. Mas não penso nisso por muito tempo, porque quando olho para trás, o rosto severo de Cade está da cor de um tomate e ele está usando sua cerveja na frente de sua camiseta limpa.

Oh, sim. Nós o pegamos bem.

Tudo o que ofereço é uma tentativa esfarrapada de piada. — Concurso de camiseta molhada?

E tudo o que recebo de volta é uma carranca.

* * *

— Willa, como foi sua primeira semana? — O pai de Cade, Harvey, sorri para mim do outro lado da mesa. É o meu primeiro jantar em família no rancho e estou absolutamente apaixonada. É tão... completo?

Quando entrei na sala de jantar, Cade puxou uma cadeira e me encarou até que percebi que ele queria que eu me sentasse ali. Depois que me sentei, ele me acomodou na mesa e uma de suas mãos calejadas roçou casualmente – por engano – meu pescoço nu.

Mas isso me atrapalhou do mesmo jeito. Mandou arrepios em meus braços do mesmo jeito. O toque mais simples passou a residir em minha mente sem um bom motivo.

Termino de mastigar e retribuo o sorriso de Harvey, mas são os olhos escuros de Cade que sinto ao lado de seu pai. As semelhanças entre eles são insanas. É como se eu pudesse ver como Cade vai parecer daqui a uns vinte anos.

Ou seja, *bem*.

— Tem sido ótimo. Luke e eu nos divertimos muito. Não é mesmo, Luke? — Eu inclino minha cabeça para olhar para ele. Ele

insistiu em se sentar ao meu lado, embora não tenha visto seu pai desde a noite passada. Chegamos cedo à casa principal e Cade nos encontrou aqui.

O garotinho sorri para mim. — Claro que sim.

Cade franze a testa. Foi o que ele fez quando Luke se moveu sobre a mesa, para longe dele.

— O mais divertido!

Os olhos gentis de Harvey se voltam para o neto. — O que você tem feito?

Luke espia ao redor da mesa, sorrindo para todos. Ele é o tipo de criança que floresce sob atenção, em vez de desmoronar sob ela. E todos estão aqui. Ambos os irmãos de Cade, Rhett e Beau. Summer, claro. Até mesmo o jogador de hóquei, Jasper Gervais, por quem todo mundo perde a cabeça – aparentemente, ele cresceu aqui no rancho.

Sou bisbilhoteira o suficiente para desejar saber mais sobre a história dele. Onde estão seus pais e como ele chegou onde está. O fato de ele não ter dito uma maldita palavra durante o jantar me deixa ainda mais curiosa. Ele sorri para as pessoas por trás da aba do boné do time. Pequenos sorrisos e piscadelas. Ele parece bom o suficiente. Ele parece que precisa de mais investigação.

Beau, por outro lado, mal parou de falar. Exceto por agora. Quando Luke fala, todos escutam.

— Jogamos alface pela janela enquanto dirigíamos muito rápido na estrada secundária! — Para um garoto que parecia castigado adequadamente alguns dias atrás, ele com certeza está exagerando agora.

— Maldição. Isso parece divertido. — Beau balança a cabeça e espeta um pouco de alface, um olhar de nostalgia tocando cada traço.

Meus olhos se voltam para Cade, que está carrancudo para o irmão. Eu me pergunto distraidamente que carranca é essa. Irritação? Repreensão?

Com a salada na boca, Beau acrescenta: — Vou fazer isso com você quando voltar desta missão, Lukey. Em vez disso, usaremos melancias.

— Sim! — Luke se levanta da cadeira, como se tivesse esquecido a conversa que tivemos no começo da semana.

— Vocês com certeza não vão. — Cade empurra a salada pelo prato com ainda mais força. Com força suficiente para que os dentes de seu garfo rangessem em seu prato. Esse cara precisa resolver alguma maldita tensão.

Minha mãe diria que ele precisa de um bom sexo.

Não tenho tanta certeza de que ela estaria errada.

— Luke e eu tivemos algumas boas conversas sobre escassez de comida esta semana — eu falo para acalmar a conversa. — Que nem todo mundo é tão afortunado quanto ele. Fizemos uma horta e hoje plantamos nossas sementes de alface, não foi?

Ele acena com entusiasmo para mim, e estou aliviada por não ter sido uma estraga prazeres. Cinco não é jovem demais para ouvir algumas verdades sobre o mundo, mas estou me perguntando se exagerei.

Quando olho para Cade, porém, sua carranca está menos irritada. Possivelmente uma carranca apreciativa?

Quer dizer, foda-se a minha vida. Como cheguei ao ponto de analisar a maneira como um homem me olha carrancudo?

Beau ri. — Bem, você sabe. Os meninos serão m...

— Não — eu o interrompo. Porque esse ditado é puro lixo, e anos como bartender me deram muito tempo para ver os meninos sendo meninos. O que realmente é apenas meninos sendo idiotas. — Meninos serão cavalheiros. — Eu aponto meu garfo para o grande boneco Ken do exército sentado na minha frente.

É então que ouço uma lufada de ar na sala de jantar silenciosa e quase derrubo meu garfo quando descubro que veio da pessoa menos

provável.

Cade ainda está movendo a comida em seu prato, como se costelas de churrasco precisassem de um garfo ou algo assim, mas o canto de sua boca se inclina para cima. O ângulo de seu rosto e a escuridão de sua barba dificultam a visão, então eu aperto um pouco os olhos, projetando meu queixo para ele para olhar mais de perto. Não tenho certeza se posso chamar isso de sorriso.

Uma carranca divertida?

O jogador de hóquei pigarreia, sem esconder sua diversão. — Bem, Harvey, o que você tem feito esta semana?

Ele ri e passa a mão envelhecida pelo bigode. — Obrigado por perguntar, filho...

Eu me pego olhando entre ele e Cade, perguntando-me como Cade ficaria com um bigode. Uma piada sobre excursões gratuitas no bigode surge em minha cabeça, e pisco rapidamente para apagá-la.

Olho ao redor da mesa para ver se alguém notou que eu estava pensando em cavalgar o rosto de Cade. Felizmente, isso seria impossível, e todo mundo fixou sua atenção no chefe da família, que está contando o que ele tem feito esta semana enquanto eu penso em como a barba e a língua de Cade ficariam...

Então eu sinto. A carranca. Meus olhos se movem, e Cade está olhando diretamente para mim, braços musculosos cruzados sobre seu peito incrivelmente largo. Bíceps se esforçando contra sua camiseta preta característica. E minhas bochechas esquentam sem motivo algum além de meu corpo ser um traidor e que provavelmente estou ovulando.

Eu o encaro do outro lado da mesa, recusando-me a parecer culpada. Tentando estender minha consciência de volta para o que o doce patriarca da família está falando.

— ... Hoje comecei a arrumar um pouco a propriedade. Havia folhas por toda parte, então dei um bom sopro¹ no quintal.

Os olhos de Cade se arregalam. Comicamente largos.

Divertidamente largos. E não consigo evitar a risadinha histérica que brota de mim. Eu coloco a mão sobre minha boca para cobri-la.

Rhett se engasga com um pedaço de sua comida, e Summer dá um tapinha nas costas dele e o acaricia como se ele fosse um bebê engasgado com molho de maçã, enquanto tenta suprimir o riso.

— Sinto muito, pai — Beau diz com um brilho brincalhão em seus olhos. — Você vai ter que explicar isso para nós de novo.

Harvey balança a cabeça e revira os olhos. — Você não está usando protetor auricular no campo de tiro? Eu disse que o quintal estava uma bagunça. Da próxima vez você pode se tornar útil e fazer tudo sozinho, Beau.

Meu Deus. Harvey Eaton é um simplório protegido ou um gênio cômico? Ele deixou a mesa inteira atordoada e sem fala, lutando para conter o riso, e ele está apenas mastigando a comida em seu prato, parecendo alheio.

— Você tem uma técnica especial que ele deveria conhecer antes de tentar? — Eu não tenho a menor ideia de como Jasper está mantendo uma cara séria depois de entregar uma frase como essa. Isso é algo que ensinam na NHL? Porque eu gostaria de ter esse treinamento.

— Desculpe-me por um momento — Cade morde com uma voz tensa antes de se afastar da mesa e ir em direção à frente da casa. Não consigo distinguir sua expressão facial. Nem um pouco. Ele está doente? Ele está chateado porque essa conversa está acontecendo na frente de seu filho? Estou demitida por não ter colocado imediatamente protetores de ouvido em Luke?

— Ei, Luke — eu digo, minha voz estrangulada. — Por que você não conta a todos sobre nossas aulas de violão esta semana? Vou ver como está seu pai.

Sorrio o mais educadamente possível, recusando-me a olhar para Summer. Porque se eu olhar nos olhos da minha melhor amiga, vou começar a rir.

Risadas incontroláveis. Totalmente indelicada.

Eu posso vê-la da minha periferia, esticando o pescoço para chamar minha atenção, mas apenas jogo o guardanapo de pano na mesa ao lado do meu prato antes de seguir o mesmo caminho que Cade.

Eu ando para o outro lado da casa, reconhecidamente sem saber para onde estou indo. Onde a casa de Cade é iluminada e arejada com uma vibração de chalé, a casa principal quase parece uma espécie de pavilhão de caça – tábuas largas, vigas de madeira escura sob tetos elevados, ferragens de latão e paredes verde-escuras. Espio por um corredor e não vejo nada, então continuo em direção à porta da frente, vendo que ela está aberta.

Há um deck longo e largo com corrimãos de toras cruas voltados para a longa entrada de automóveis e um bosque cheio de choupos.

Cade está parado ali, Wrangler abraçando suas pernas fortes, os músculos de suas costas contraídos sob o algodão macio. Seu cabelo preto curto está bem penteado para trás, e sua barba aparada dá a impressão de que ele fez um esforço esta noite. Eu me acostumei a vê-lo entrar depois de um dia duro de trabalho parecendo todo sujo e suado e, bem, gostoso *pra* caralho, para ser honesta.

Fico parada por um momento e o observo, tentando decidir qual visual prefiro.

Suas palmas largas estão apoiadas no corrimão e seu queixo está enfiado no peito.

Quando me aproximo, seu cheiro toma conta de mim. Pinheiro e luz do sol. Eu não sei como explicar isso. É aquela terra quente que associo a cavar no jardim num dia de sol. Não há nada fabricado ou comprado em loja em seu perfume – é pura masculinidade ao ar livre.

Mas é o tremor de seus ombros que atrai meu olhar agora.

Ele está chorando ou rindo e, para ser honesta, ambos parecem igualmente improváveis pelo que sei desse homem.

— Queria vir ver como é um quintal bem arejado, hein? — eu

pergunto.

— Willa... — Ele mal consegue pronunciar meu nome. É um respiro. É um chiado.

Eu sorrio e me inclino contra o poste a vários metros de distância dele antes de voltar meu olhar para o quintal. — Parece ótimo aqui fora. Seu pai poderia soprar um... — Com uma mão erguida para me impedir, sua cabeça cai e seus ombros tremem mais. — Eu me pergunto se ele está dolorido. Ele realmente colocou as costas nisso. — Bufo quando digo isso. Honestamente, mal estou me segurando. Eu sou uma criança.

Cade suspira e se levanta, voltando sua atenção para mim. Há lágrimas em seus olhos, e tenho certeza que ele está sorrindo, ele tem que estar, mas ele tem um punho levantado sobre sua boca.

Ele parece mais jovem quando está rindo. Mais leve de alguma forma. Isso me faz rir também, e antes que eu perceba, nós dois estamos aqui, olhando para o jardim limpo e arejado, rindo juntos.

E, pela primeira vez, Cade Eaton não está carrancudo para mim.

— Cara, meu pai é um babaca, fazendo uma piada dessas. É só para ver todos nós ficarmos desconfortáveis também. E então Jasper tem que dizer merda para desferir o golpe mortal sem sequer suar.

Eu sorrio e me maravilho com o homem ao meu lado. Eu o vi todos os dias durante uma semana e nem uma vez ele pareceu tão feliz.

— Eaton. Seu mal-humorado filho da puta. Você apenas riu — eu deixo escapar.

— Sim, Red. Eu ri.

Ele se vira para mim e oferece o sorriso mais devastador. Um que faz meu estômago revirar e meus lábios se abrem em estado de choque.

É como se eu colocasse os óculos pela primeira vez e o visse sob uma luz completamente diferente.

E não consigo desviar o olhar.

Cade

Eu mantenho a porta aberta e conduzo Willa de volta para a casa. Ela lança um olhar por cima do ombro enquanto caminha pelo corredor da frente. Um que é todo presunçoso e satisfeito. Um que diz que ela acha que está em algum tipo de segredo.

E talvez ela esteja. O segredo é que, embora eu tente agir como o irmão mais velho e pai duro e maduro, estou morrendo por dentro com as piadas de sexo oral.

Passei todos esses anos fingindo que sou ultrarresponsável, esperando poder fingir que acredito nisso. Na maioria dos dias acredito, mas em momentos como esta noite me pergunto o que perdi no processo.

Eu me pergunto se ainda estou aplicando o que a responsabilidade parecia para mim como uma criança à vida de um homem adulto. Porque era isso que eu era quando me prontifiquei após a morte de nossa mãe – uma criança.

Talvez seja por isso que me permito foder Willa Grant com os olhos enquanto caminhamos de volta para a sala de jantar. Sua bunda redonda em forma de maçã, o balanço confiante de seus quadris, o ponto onde sua cintura aperta – o pensamento de segurá-la ali.

A sensação de segui-la traz à tona algo primitivo em mim.

Tipo, em circunstâncias diferentes, eu a perseguiria. Eu a tomaria. E não haveria nenhum contra-ataque, porque ela não seria a babá de Luke. E o fato de ser muito mais velho que ela não importaria, porque eu não daria a mínima.

— Uau, Harvey — Willa anuncia enquanto entramos na sala de jantar. — Parece fabuloso lá fora. Você arrasou com aquele gramado.

Esfrego a mão no rosto enquanto a mesa começa a rir. Harvey incluído. *Bando de crianças.*

Meu pai está com um sorriso tão largo, seus olhos brilhando para a linda ruiva atualmente puxando sua cadeira ao lado do meu filho, que está olhando ao redor da sala, genuinamente confuso com o que estamos rindo.

Afasto uma centelha de ciúme pela maneira como meu pai e Willa estão sorrindo um para o outro. Porque isso é *loucura*.

Ela estava tão animada comigo rindo. Sobre mim sorrindo. Ela sorriu de volta. Estava bem. E agora ela está aqui dando aquele sorriso megawatt para outras pessoas, que estão sorrindo de volta para ela. E sinto que quero todos os sorrisos dela para mim.

Quão difícil seria sorrir mais, rir mais, se isso a faz parecer tão feliz?

— Nós vamos sair. — Beau aponta para mim, usando aquela voz militar que não permite debates. Ou pelo menos ele acha que sim. — Papai está ficando Luke essa noite. Quero me divertir um pouco antes de ir embora novamente.

Eu franzo a testa. — Não. — Esse filho da puta nunca foi capaz de me dizer o que fazer, e não vou deixá-lo começar agora.

— Sim. — Sua sobrancelha grossa arqueia para mim.

Estou prestes a revidar, mas Willa virando seus lábios de morango para cima para mim me para no meio do caminho. — Vamos. Vai ser bom para você.

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto eu olho para ela.

A babá.

A babá. A babá. A babá.

A babá não deveria parecer tão boa para mim. A babá não deveria saber ou me dizer o que é bom para mim.

E eu não deveria ouvir.

Mas eu sou um idiota, então respondo com: — Tudo bem.

Luke comemora e corre, voando para o colo de seu avô. Provavelmente porque ele sabe que eles comem comida que apodrece os dentes e ficam acordados até tarde assistindo a filmes que eu nunca aprovaria.

O pequeno sorriso no rosto angelical de Willa chama minha atenção e, sem nem pensar, dou-lhe um pequeno sorriso de volta.

* * *

Entramos no The Railspur, o melhor bar da cidade. Costumava ser o único bar na cidade antes de Chestnut Springs começar a crescer com o povo da cidade se mudando para cá para viver o estilo de vida do campo ou alguma merda cafona assim.

E tenho certeza de que os domingos do Honky Tonk são projetados apenas para eles. É a noite em que todos brincam de fantasias de cowboy e dança em linha ou dois passos, e geralmente fingem que não são vigaristas da cidade.

Se eu não estivesse tão irritado com isso, acharia engraçado.

Parece que todos no nosso grupo são algum tipo de celebridade local. Rhett, o rei do rodeio aposentado, Beau, o herói militar, e Jasper, a sensação do hóquei – embora ele evite chamar a atenção como uma praga.

Sou apenas o irmão que dirige o rancho, aquele cuja mulher o deixou com um filho e mais responsabilidades com as quais ele sabe razoavelmente o que fazer.

É o empurrão do ombro de Willa contra o meu que me impede de mergulhar em um enorme poço de autopiedade. — Esse lugar é tão legal.

Achei que ela ia fugir com a Summer. As duas tiveram um caso sério de risos na parte de trás da minha caminhonete no caminho para

cá. Tenho certeza de que ouvi Summer dizer algo sobre fazer um pouco de xixi, e foi aí que eu as ignorei.

— Sim, eu acho. — Examino o bar enquanto seguimos em direção ao nosso lugar favorito na parte de trás. Aquele com grandes sofás de couro verde e uma lareira crepitante.

Como as pessoas chamam isso? Cowboy chic? Esse termo sempre me divertiu. Ser cowboy nunca pareceu tão chique para mim.

O lugar é aconchegante, todo de madeira escura e lareiras, lustres ornamentados. Mudou muito desde os dias em que eu vinha aqui com mais regularidade. Agora só venho quando meus irmãos me arrastam para fora.

— Você vem com frequência? — Willa pergunta.

— O quê? — Meu cérebro leva essa pergunta em uma direção diferente, sedenta de sexo.

Seus lábios rolam juntos, sem perder uma maldita batida. — *Para esse bar?* Você vem *aqui* com frequência? Deus, não sei se isso pode realmente ser mais claro. Quero dizer, vem como...

Fecho os olhos e faço uma oração silenciosa pedindo paciência e um pau flácido, erguendo a mão. — Eu sei o que você quer dizer e a resposta é não.

Quando abro meus olhos novamente, ela está sorrindo. Chegamos na frente dos sofás. Todos entram em fila e ela os observa cuidadosamente, avaliando com os olhos onde todos estão sentados. Como sempre, Jasper se senta no canto de trás, de costas para o resto da sala, e Beau se posiciona em frente a ele, sempre de frente para a sala.

Willa nem sequer olha para mim quando ela murmura: — Você não vem com frequência?

— Não aqui — eu mordo.

Ela me espia por trás de uma cortina sedosa de seus cabelos cor de cobre. — É, não. Isso seria rude.

Eu opto por encará-la de volta. Porque meu desejo por um pau flácido não está sendo atendido com essa brincadeira. Ou estamos flertando? Eu nem sei mais como é o flerte. — Willa, sente-se.

Eu aponto para os únicos pontos restantes. Um assento de dois lugares voltado para o final da mesa baixa. Ela se move sem esforço, com uma graça inerente. Há algo... mágico sobre ela. Sua risada, sua voz, a fluidez de seus movimentos. Não é sexual, é apenas um apelo que não consigo identificar.

Um apelo com o qual agora vou ficar sentado lado a lado a noite toda. E convivendo por todo o verão. Pergunto-me distraidamente se teria sido preferível aturar uma das outras candidatas que não chamou minha atenção, mesmo que isso significasse aturar seus avanços explícitos por alguns meses.

Nossa garçonete, Bailey, aparece assim que nos sentamos. A garota trabalha muito aqui e no hospital como porteira. É como se cada grama de foco e impulso que pudesse ser compartilhado por sua família estivesse tudo dentro dela. Os Jansen são donos da fazenda ao lado da nossa, e ela é a mais nova deles. A melhor deles. A única sem antecedentes criminais, provavelmente.

— Eu vou querer uma Guinness — Willa diz, surpreendendo-me ao pedir uma cerveja grossa e escura. E talvez eu seja um idiota por esperar outra coisa. Eu a tinha como uma garota meticulosa da cidade que pediria uma bebida cheia de babados de *Sex and the City*.

— Vou querer o mesmo que ela está pedindo. — Eu aponto um polegar para Willa e dou a Bailey um sorriso conciso. Bailey cora e deixa cair meu olhar. Não tenho certeza de como diabos ela trabalha aqui. Ela é jovem e extremamente tímida.

Willa me dá uma cotovelada antes de se inclinar e sussurrar em meu ouvido. — Ela recebe sorrisos. Você deve avançar. Ela é bonita.

Eu olho para a forma em retirada de Bailey e balanço minha cabeça. — Não. Sem chance. Bailey é muito jovem. Eu apenas gosto dela.

Os olhos de Willa se contorcem, seus lábios se achatando enquanto ela olha ao redor do bar. Ela parece ser toda bravata e arrogância, mas tenho a sensação de que acabei de magoá-la. Não tanto pelo que eu disse, mas pelo que não disse.

Eu bato meu cotovelo nela. — Também gosto de você, Red. Eu só me sinto mal por Bailey. A família dela é uma merda, mas ela é uma garota doce. Ela tem uma má reputação na cidade.

Ela revira os olhos enquanto olha para o outro lado da sala. — Você não gosta de mim. Você me tolera.

Eu pondero sobre isso. É assim que pareço com ela? Acho que ela não tem como saber que é uma luta manter meus olhos longe dela quando ela interage com Luke, ainda mais difícil impedir que sua imagem apareça em minha mente quando pego meu pau no chuveiro. Duas coisas que não pretendo dizer a ela, então opto por: — A meu ver, gosto de você um pouco mais a cada dia.

Porque isso é verdade. A garota está crescendo em mim, como uma videira se enrolando em um velho carvalho. E, pela primeira vez, não tenho certeza se me importo.

A cabeça de Willa vira lentamente, com intenção, e seus olhos percorrem meu rosto. Sinto como se estivesse sendo analisado, decodificado – é enervante *pra* caralho.

— Você está tentando me enfeitiçar, Red? Algum tipo de merda vodu de garota da cidade?

— Merda vodu de garota da cidade? — Ela sorri, ainda olhando fixamente para mim. Divertida. Brilhando. Ela é de tirar o fôlego. O resto do bar desaparece e, com um pequeno aceno de cabeça, dou a ela um sorriso relutante e deixo seu olhar cair.

Ela ri e se joga no sofá, observando Bailey se aproximar com uma bandeja cheia de bebidas. — Daddy Cade, você fica muito mais bonito quando sorri.

Eu não posso deixar de bufar. — Você é insana. — Normalmente a atenção de uma mulher me faz contorcer. É muito intenso. Há muita

pressão. Mas com Red, ela segue a linha da brincadeira. Sinceramente, não consigo fazer cara ou coroa dela. Se nada mais, ela tem minha atenção.

Ela sorri para mim, gentilmente puxando seu cabelo longo e liso. Como se isso fosse uma resposta.

Eu gostaria de puxar esse cabelo também, é o que estou pensando quando sinto uma mão apertar meu ombro. — Cade, amigo, como vai você?

O sorriso vem facilmente agora. Meu amigo do ensino médio, Lance Henderson, está se elevando sobre mim, sorrindo como o maldito maluco que ele é.

Eu me levanto, estendendo a mão para apertar a sua firme enquanto bato em seu ombro. É o nosso equivalente a um abraço. — Estou bem. E você? O que o traz aqui?

— Rodeio próximo. Pensei em fazer um desvio pelos antigos redutos.

— Sim?

— Caramba, sim. — Ele acena para a mesa. — Olhe para todos vocês. Todo o clã Eaton. O que é isso? Algum tipo de reunião familiar?

— Nah, isso é no próximo mês.

Seus olhos caem, e eu o pego olhando para Willa, que está fingindo prestar atenção a todos no bar barulhento, mas posso dizer pelo ângulo de sua cabeça que ela está escutando. Coisinha atenta.

Quando eu olho de volta para Lance, é quase impossível perder a forma apreciativa que ele está olhando para ela.

E isso me incomoda *pra caralho*.

Dou um passo adiante, bloqueando Willa com meu corpo. — Esta não é a mercearia, Henderson. O que você está procurando?

Sua cabeça tomba para trás e ele solta uma gargalhada. — Essa é a sua garota, Eaton?

Eu faço uma careta para ele. — Não. Ela é minha babá.

Ele arqueia uma sobrancelha para mim por baixo de seu chapéu de cowboy bege. — *Sua* babá?

Suspiro como se estivesse exasperado com ele, mas sem chance de voltar atrás nisso. — Você me ouviu, idiota. Quanto tempo você fica na cidade?

Seus olhos estão brilhando, mas ele não empurra a coisa de Willa mais longe, e deixo cair meus ombros, a tensão diminuindo.

Patético.

— Apenas uma noite. Na verdade, esperava entrar em contato com você. Não foi possível encontrá-lo nas redes sociais.

— Por que eu precisaria de redes sociais? — soo inexpressivo.

— Não sei. Para manter contato com amigos como eu?

— Uma vez a cada cinco anos ou mais, pessoalmente, é perfeito para mim. Uma coisa boa e tudo o mais. — Gosto de Lance, mas eu compartilhando fotos com ele e curtindo suas atualizações de status, nunca.

— Preciso de um parceiro. Meu cara saiu com uma clavícula quebrada. Estamos perto de nos qualificarmos para as finais nacionais.

— Não.

— Por que não? Você é um dos melhores que eu já vi. É uma pena que você nunca tenha continuado.

As pessoas não entendem. Viajar a rodeio nunca foi uma opção para mim. Ninguém nunca me perguntou se era isso que eu *gostaria* de fazer. Porque adoraria fazer isso. Eu sou um bom cowboy. Mas o dever chamava, e esse dever era aqui em casa. O rancho. Luke. Família.

Nunca tive o privilégio de fazer o que quisesse e ser lembrado disso é inteligente.

— Eu lanço cordas e amarro o tempo todo. Para trabalho. Não para me mostrar.

— Bom, então você não está fora de prática.

— Lance, isso não vai acontecer. — Cruzo os braços sobre o peito, ouvindo o zumbido da conversa atrás de mim, mas posso sentir Willa se aproximando do meio do sofá.

— Por que não?

— Porque tenho o rancho. Eu tenho um filho. Não posso simplesmente decolar por dias seguidos. Não posso ficar na sua casa e praticar. Eu tenho responsabilidades.

— E a babá? Podemos improvisar sem treino, ou posso arranjar um trailer. — Seus olhos caem, e meu peito arfa quando me viro para bloquear seu olhar.

— Ela tira folga nos fins de semana.

— Podemos descobrir algo...

— Não me importo de trabalhar alguns fins de semana. — O corpo de Willa pressiona ao lado do meu enquanto minha cabeça se vira em sua direção.

— Não — eu resmungo.

Ela dá de ombros. — Acalme seus peitos, Eaton. Estou apenas oferecendo.

Lance ri e sorri para ela, todo charme de cowboy. É irritante *pr* caralho. É ainda pior vê-lo apertar a mão de Willa. Ela sorrindo de volta para ele. Ambos são ensolarados e felizes. Eles combinam bem um com o outro e eu odeio como isso me incomoda.

— Lance Henderson.

— Willa Grant. Prazer em conhecê-lo.

Seu sorriso se transforma em um sorriso malicioso que reconheço bem por vê-lo pegar *buckle bunnies* quando éramos mais jovens. — Oh, querida, o prazer é todo meu.

Eu gosto de Lance. Ele é um cara legal e é charmoso como todo extrovertido, mas não gosto dele encantando minha babá.

É por isso que digo algo que nunca pensei que me ouviria dizer. — Willa e eu estávamos prestes a dançar. Mas foi bom ver você, Lance. — Eu dou a ele uma ponta do meu queixo e agarro Willa pelo cotovelo antes de arrastá-la para a pista de dança.

— Acho que perdi a parte em que estávamos *prestes* a dançar? — ela brinca enquanto eu a puxo para uma posição de dois passos, tentando apenas plantar minha mão em sua cintura, em vez de deslizar sobre suas costelas do jeito que eu quero.

— Foi uma desculpa para fugir daquele filho da puta sorridente.

Ela casualmente coloca a mão sobre meu ombro enquanto meus dedos envolvem sua mão delicada e nós facilmente caímos no ritmo da música animada e vibrante. Faço questão de olhar por cima do ombro dela, e não para ela.

É difícil.

Ela está com um lindo vestido rosa. É simples, mas abraça suas curvas, roça os joelhos e é muito decotado. A maneira como ela combinou com um par de Chuck Taylors brancos a faz parecer muito jovem.

Onde Summer é só saia lápis e salto alto, Willa é cores vivas e tênis.

— Então... — Olho para ela e percebo como ela observa as outras pessoas na pista de dança. Pessoas que definitivamente estão nos observando. Porque o rabugento Cade Eaton nunca dança. Quando venho aqui, bebo uma cerveja e encaro qualquer mulher que vier em minha direção.

Funcionou bem para mim até agora. Mas Willa Grant está sacudindo minha merda.

— Você vem sempre aqui? — ela pergunta.

— Willa. — Meus dentes apertam.

— Se eu fizer uma piada de boquete, você vai rir de novo?

Meus dentes rangem. — Não.

— Qual é a melhor coisa sobre um boquete?

— Bom Deus, mulher. Simplesmente pare. — Eu viro meu queixo para ela e tento dar a ela minha expressão mais intimidadora. Apenas ouvi-la dizer a palavra *boquete* é demais para um cara que não recebe um há anos.

Mas, como sempre, Willa não é nem um pouco dissuadida.

Seus dedos pulsam nos meus, e ela dá aquela risada leve e brilhante que faz meu pau estremecer. — Não, espere. Você vai adorar essa. É tão você.

Ela se inclina em meu ouvido e sua respiração sopra em meu pescoço enquanto ela bufa antes de se recompor o suficiente para terminar a piada. Eu mordo o interior da minha bochecha para conter qualquer expressão que possa aparecer no meu rosto. — Os dez minutos de silêncio.

Eu tenho que desviar o olhar através da sala. Posso sentir seu corpo tremendo, rindo de sua própria piada.

Sem vergonha.

— Peguei você. Eu vi isso. Suas bochechas estão doendo, Eaton? Dói segurar o seu riso assim? Ouvi dizer que pode causar disfunção erétil.

— Você beija sua mãe com essa boca, Red?

Ela sopra uma risada, muito divertida. — Oh, sim. Ela adoraria essa piada.

— Mas a piada está em você. Eu não duraria dez minutos e só porque você ficaria quieta não significa que eu ficaria.

Nós dois ficamos parados, e vejo seus olhos se arregalarem enquanto eu me bato internamente por deixar um fragmento do meu antigo eu sair, acordado pela bela ruiva em meus braços.

— Quem disse alguma coisa sobre mim e você, Cade? — Ela pisca, seus cílios grossos fazendo-a parecer muito mais inocente do que eu estou pensando que ela é.

Jovem? Sim.

Tímida? Não.

É uma combinação perigosa para um homem como eu.

A música muda e, antes que eu possa responder, um cara que trabalha no banco interrompe e pergunta se ele pode dançar a próxima.

Concordo com a cabeça e me afasto graciosamente, embora isso me mate. A ideia de deixar alguém dançar com ela me deixa vermelho, mas também preciso dar o fora de onde quer que essa conversa esteja indo.

Cade

Beau: Cara. Parece que você está tentando matar alguém com o poder do seu olhar.

Beau: Você tem um superpoder especial que eu desconheço?

Cade: Por que você está me mandando mensagens da mesma mesa?

Beau: Porque você é muito assustador para conversar.

Cade: Espero que os inimigos de nossa nação não descubram que você é um maricas.

Beau: Isso é rude. Acho que vou dançar com a babá. Ela parece legal.

Beau: Caramba. Esse rosto é especial para mim? Quer sair e desabafar como quando éramos crianças?

Cade: Não. Você age como um idiota, mas sabe como matar pessoas com as próprias mãos. Não sou burro o suficiente para brigar com você.

Cade: Pare de sorrir para mim assim. É estranho.

* * *

Passo os próximos dez minutos me odiando por me afastar. Aproximadamente quatro músicas cabem em uma janela de dez minutos, e assistir Willa dançar com quatro homens diferentes é demais.

Dez minutos muito longos.

Ela é toda sorrisos e arrogância. Observei seus lábios se moverem quase o tempo todo. O de baixo é um pouco mais cheio que o de cima. Se ela não estivesse sorrindo o tempo todo, isso lhe daria uma espécie de biquinho. Mas não há nada de amuado em Willa Grant.

Ela é uma faísca no escuro. Chamas dançantes contra o céu da meia-noite. Ela brilha mais do que quase qualquer um em todo este lugar com seu cabelo brilhoso, vestido brilhante e olhos verdes cintilantes.

E ela é a porra da babá, o que significa que eu não deveria estar contando canções e minutos como uma espécie de psicopata possessivo, quando tudo o que tenho sido com ela por mais de uma semana é um idiota mal-humorado.

Não me impede de dar um suspiro de alívio quando ela aperta a mão de qualquer idiota que acabou de roubar dois minutos e meio de sua vida e acena boa noite para ele.

Quando ela volta para a nossa mesa, posso ver o rubor rosado em suas bochechas, um pouco de suor brilhando em suas têmporas, uma mecha rebelde de cabelo acobreado grudada em seu lábio inferior com gloss.

Summer diz algo para ela, mas é difícil ouvir por causa da música estridente e da conversa constante. Sua risada atrai meu olhar enquanto ela se joga ao meu lado sem me olhar.

Ela se senta mais perto desta vez. Provocando aquela linha central do sofá. Lembro-me daquela noite em que a segui até seu quarto e olhei para a linha no chão.

Linhas que não devo cruzar. Linhas que eu nem deveria passar tanto tempo encarando.

Ela estende a mão para pegar sua cerveja e, ao fazê-lo, coloca a palma da mão na minha coxa para recuperar o equilíbrio, e todas essas linhas se confundem em minha mente. Porque tudo que posso ver é como a mão dela é pequena na minha perna. E tudo o que posso sentir é o turbilhão de calor penetrando em meus músculos. O inchaço

lento em minha calça.

De repente, não estou medindo o tempo. Estou medindo centímetros, porque a mão dela está a poucos centímetros de sentir o quanto eu não desgosto dela. Nem um pouco.

Então sua mão se foi e estou preso olhando para seus lábios. A maneira como sua garganta trabalha enquanto ela toma um grande gole de cerveja.

Com um suspiro, ela se inclina para trás, avaliando o bar à sua frente e anuncia: — Este lugar é divertido.

Eu limpo minha garganta, procurando algo para falar. — Isso é como o bar em que você trabalha?

Ela sorri tão facilmente. Isso simplesmente sai dela como se ela nem pensasse nisso. É incrível. — Não. De jeito nenhum. Na verdade, administro os negócios do meu irmão. É um antigo teatro que ele transformou em uma casa de shows no centro da cidade. Sem os assentos. A primavera enche a pista de dança. E contratamos todos os tipos de bandas incríveis. Se não houver show, é apenas um bar normal, uma noite tranquila para os frequentadores.

Posso ver cem por cento Willa em um cenário como esse. — E por que você não está trabalhando lá agora?

Ela revira os olhos. — O irmão arrebentou. Ele abriu uma gravadora e escolheu alguns bons desconhecidos. Transformou-os em artistas. Então ele decidiu reformar o local, mesmo que ele nunca mais esteja lá.

— Isso não significa que ele vai parar de pagar você.

Ela acena com a mão e toma outro gole. — Oh, não. Ele não vai. Eu puxaria seu cabelo de menino bonito se ele o fizesse. Mas aquele lugar também é basicamente minha vida social. Sinceramente, eu estava sozinha na cidade. É bom estar perto de pessoas, sua família.

É fascinante ouvir alguém falar tão desinibido. Alguém que diz o que pensa sem preocupação, que ri tão livremente.

É viciante ter a atenção dela em mim. Eu me pergunto se Luke se sente assim também?

— Sim. Eles são bons. — Olho para meus irmãos, observando Beau, Rhett e Jasper brincarem juntos, como faziam desde a adolescência. Sempre fico triste quando Beau sai em missão, embora eu não conte a ele. Ele sempre diz que essa será sua missão – que deixará o exército quando voltar.

E então ele vai de novo.

Acho que é o vício *dele*.

— Sou próxima da minha família — diz Willa. — Mais do que muita gente. Mas todos nós vivemos vidas paralelas agora que meu irmão e eu somos adultos, enquanto vocês estão se metendo na vida um do outro. É encantador. Entendo por que Summer adora isso aqui.

— Sim. Ela se encaixa. Isso é certo. — Nós dois olhamos. Summer está no colo de Rhett e todos estão ouvindo Beau contar uma história, suas mãos se movendo animadamente enquanto ele fala. Todos, exceto Jasper, que para o observador comum pode parecer que está ouvindo, mas eu sei que não é assim.

Ele está no passado. Olhos e cabeça em outro lugar completamente diferente. Às vezes, ele ainda parece o garotinho devastado que acolhemos. Será que ele revive aquele dia com a mesma frequência com que eu revivo a morte de nossa mãe?

Minha cabeça vai na direção de Luke, e me pergunto o que ele está fazendo. Se ele está feliz. Se ele está quentinho. Eu sei que ele está com meu pai, mas a ansiedade em mantê-lo seguro é real para mim. Costumo pensar se ele teme que eu o abandone como sua mãe fez.

Eu me preocupo em deixá-lo do jeito que nossa mãe nos deixou. De repente. Tragicamente.

Agora não estou com vontade de sair. Quero estar em casa, com ele aninhado em segurança no quarto ao meu lado ou – como ainda costuma acontecer nos fins de semana – na mesma cama que eu.

Porque, apesar de toda a sua selvageria, Luke é um carinhoso. Coração mole por baixo de tudo.

— Acho que vou embora — digo a Willa. — Você está bem para pegar uma carona com os outros?

Ela se assusta com minha mudança de assunto, mas também não perde o ritmo e desliza seu copo de cerveja sobre a mesa, desta vez tocando meu joelho. — Não. Prefiro ir com você.

Eu sei que ela não quis dizer isso do jeito que estou pensando. Que ela literalmente prefere passar o tempo comigo do que sair com todo mundo.

Mas é bom sonhar como se fosse a mesma coisa.

* * *

A viagem de volta ao rancho é tranquila. Willa observa pela janela como se os campos escuros e planos fossem superinteressantes. Ela passou de turbulenta e sociável no bar para silenciosa e introspectiva assim que entramos na caminhonete.

Eu gostaria de ter coragem de perguntar o que ela está pensando. Mas não pergunto.

Estou preocupado que ela fale sobre o que eu disse a ela na pista de dança. Estou preocupado que ela me pergunte sobre nós novamente. Estou preocupado que minha atração por ela esteja se tornando óbvia demais. E não quero me tornar o pai assustador dando em cima da babá.

Mesmo que ela tenha vinte e cinco anos e claramente não esteja fazendo isso porque precisa do dinheiro.

— Ei... — falo, examinando a estrada escura na minha frente mais do que o necessário.

Sua cabeça vira na minha direção, e na cabine escura da caminhonete, ela é toda pele cremosa e cabelo macio.

— Você se importa se formos na casa principal e nos certificarmos de que está tudo bem com Luke?

Eu não quero soar como um pai coruja insano. Tento tanto não ser, mesmo que esteja pirando internamente noventa por cento do tempo, esperando estar fazendo toda essa coisa de ser pai certo, muitas vezes desejando ter alguém com quem fazer isso, para quem explicar meus medos e falhas. Em vez disso, apenas fecho meus olhos e espero pela minha querida vida. Faço uma oração para que eu possa mantê-lo vivo até a idade adulta.

Suas feições suavizam, sem um ponto de julgamento em seu rosto. — Sim. É claro.

— Desculpe. Eu sei que é seu fim de semana agora. Você provavelmente está cansada de lidar com ele.

Ela ri e tira os sapatos antes de colocar um pé descalço no painel. Meus olhos desviam da estrada por um momento, notando o esmalte rosa nos dedos dos pés e o osso delicado no tornozelo. — Na verdade, não. Eu me divirto com Luke. Meio que senti falta do amiguinho esta noite.

— Sim? Você prefere jogar Dinosaur Ranch do que sair com os amigos para beber?

Ela encolhe os ombros, olhando pela janela novamente. — Sim. Quer dizer, eu trabalho em um bar desde que fiz dezoito anos. O fascínio não é o que era antes. Sinto que estou pronta para algo novo. Só não tenho certeza do quê.

— Você foi a faculdade?

Ela se vira, oferecendo uma piscadela atrevida. — Apenas a escola da vida.

Eu bufo. — O mesmo. Mas você parece ser do tipo que tem pós-graduação. Inteligente. Rica. Bem conectada.

Sua cabeça se move enquanto ela me avalia. — Isso é engraçado, de uma forma muito crítica. Mas nunca gostei muito da escola. Tenho certeza de que se eu tivesse me empenhado, poderia ter feito melhor.

Mas sempre me interessei mais por andar a cavalo. Ou estar na estrada com meus pais. Ou aprendendo a administrar um bar com meu irmão mais velho. A escola estará sempre lá se eu quiser voltar. Mas acredito firmemente que o aprendizado nem sempre acontece na sala de aula.

— Eu gosto disso — respondo rispidamente, balançando a cabeça.
— E desculpe. Eu não quis dizer isso assim. — Porque ela está certa. Não fiz nada além de julgá-la desde o momento em que a vi pela primeira vez.

E isso é um movimento de idiota real.

Um que ela não merece.

— Luke e eu nos divertimos muito pesquisando quais plantas poderíamos cultivar esta semana. Acho que ele aprendeu muito. Eu também. Violão foi um grande sucesso. Você se importa se fizermos um passeio a cavalo na próxima semana?

Meu peito aquece ao pensar nela plantando no quintal com ele, mostrando-lhe um instrumento. Habilidades e memórias que durarão a vida toda. Dando-lhe toda a atenção que ele merece. — Sim. Claro. Ele adoraria isso.

Um sorriso satisfeito toca seus lábios, e ela solta um pequeno zumbido.

— Ele foi convidado para uma festa de aniversário em algumas semanas também — digo a ela. — Começa mais cedo do que eu posso chegar lá. Você acha que estaria tudo bem em levá-lo e então irei logo depois do trabalho e liberarei você?

— Sim. Com certeza. Apenas deixe-me saber para onde devo ir.
— Entramos na garagem e paramos em frente à casa antes que ela acrescente: — Ou deixe-me um rastro de alface e vamos apenas segui-lo.

Balanço a cabeça e sufoco uma risada enquanto saio da minha caminhonete preta e me dirijo à porta da frente da enorme casa de fazenda. Ainda há um brilho quente lá dentro, e vejo o piscar da TV pela janela da varanda da frente.

Abro a porta e espio.

— Você não vai nem bater? — Willa pergunta atrás de mim. Eu me assusto, pensando que ela tinha ficado no carro, e sua mão cai no meio das minhas costas. Mas desta vez, eu nem congelo. Flexiono meus ombros para trás, meio que gostando da maneira familiar como ela me toca. Eu já vi isso com Luke também. Ela é apenas uma pessoa afetuosa.

Uma abraçadora, provavelmente.

— E arriscar acordá-lo? De jeito nenhum. — Esticando a cabeça e dando um passo à frente, tento me concentrar no que está acontecendo na casa, mas me vejo totalmente envolvido pela sensação de seus dedos descendo pela minha espinha quando me afasto. A maneira como eu tremo sob seu toque quando não estou com frio.

Minha língua sai sobre meus lábios quando entro na casa, muito consciente de seu corpo pressionando bem atrás do meu para espiar por cima do meu ombro para a sala de estar, onde algum filme de desenho animado ainda está passando.

Para onde meu pai e Luke estão enrolados no sofá juntos. Dormindo.

Uma tigela de pipoca está sobre a mesa, junto com um pote de sorvete que agora é mais um milk-shake do que qualquer outra coisa.

— Quão preciosos eles são? — Willa sussurra atrás de mim.

Eu não posso deixar de sorrir. Olhar para Luke sempre me faz sorrir. Desde que senti aquele primeiro pontapé. Desde que eu podia ver a pequena protuberância de um pé pressionando a barriga de Talia.

Ela reclamou que era desconfortável, e talvez eu não estivesse atento o suficiente para isso. Porque tudo que me lembro de pensar é que era incrível.

— Precioso — eu digo, caminhando para pegar um cobertor da cesta no canto. Depois que nossa mãe morreu, nunca recebi tanta atenção do meu pai. Ele fez o possível, mas não esteve presente por

muito tempo. E quando ele estava, eu não queria mais sua atenção dessa forma. Ainda bem que ele e Luke estão conseguindo.

Eu os cubro com cuidado e ouço alguns passos atrás de mim. Eu me viro para ver Willa arrumando a mesa e depois andando em direção à cozinha. Mãos cheias da bagunça que fizeram, quadris balançando alegremente. Como se isso não fosse inconveniente para ela.

Como se uma mulher estonteante como ela quisesse passar as noites de sexta-feira com um pai solteiro arruinado, limpando a bagunça que uma criança e seu avô fizeram.

Minhas pálpebras se fecham quando a realidade volta. Não importa o quão bem as mãos dela são no meu corpo.

A divisão entre nós é demais. É muito larga. Ela está fora do meu alcance, e eu seria um idiota se a arrastasse para o meu.

Mas quando voltamos para a caminhonete, ela olha para mim e diz: — Você é um pai incrível. Espero que você saiba disso — eu quero arrastá-la para baixo bem aqui.

Willa

Summer: Você foi embora com Cade?

Willa: Sim.

Summer: Você poderia ter ficado comigo! Vamos pegar um táxi.

Willa: Nah. Cade é mais gostoso. Em vez disso, vim para casa com ele.

Summer: Lol.

Summer: Espere. Você está brincando? Eu não posso dizer.

Willa: Salve um cavalo, monte um cowboy.

Summer: Ainda não sei dizer.

* * *

— Nós temos que parar de nos encontrar assim — eu resmungo quando vejo a forma imponente de Cade pisar no deck. A visão dele parado acima de mim, olhando para mim na banheira quente, faz meu estômago revirar. Ele é absolutamente de dar água na boca com calções de banho baixos em seus quadris, emoldurados por um corte em forma de V que desaparece sob eles.

Uma forma de V que meus dedos coçam para traçar.

Eu pressiono minhas coxas juntas com a expressão intensa em seu rosto. Se for uma carranca, pode muito bem ser a mais quente. Porque o visual é escaldante. Talvez esteja na minha cabeça. Talvez seja uma ilusão.

Talvez eu tenha uma queda por um homem mais velho.

Novamente.

É praticamente parte da minha personalidade agora. Sempre tive uma queda por homens mais velhos. Eu gosto de incomodar Summer sobre o pai dela ser gostoso, mas não estou brincando.

Eu preciso de terapia.

— Eu posso sair. — A voz profunda de Cade ressoa pelo ar frio da noite, o cheiro de grama recém-cortada se misturando com o leve cheiro de chuva. Eu ouvi um trovão, mas não vi a luz, então decidi arriscar ficar submersa na água quente.

— Não seja ridículo. A casa é sua, vou sair. — Eu me esforço para ficar de pé quando ele se aproxima, falhando em não verificar a largura imponente de seus ombros, a maneira como sua barba desce sobre sua mandíbula e garganta afiadas, os músculos de suas coxas.

Quando vou sair, a voz áspera de Cade atravessa o silêncio. — Por favor. Sente-se.

Eu olho para cima para ver de onde veio a mordida em sua voz, mas seus olhos estão treinados em meu peito. No maiô sem bojo que estou usando.

No caminho, meus piercings nos mamilos pressionam contra o tecido.

Com um pequeno guincho, eu caio de volta na água e afundo. Não é como se eu estivesse envergonhada com meus piercings, na verdade, eu os amo, mas normalmente não fico anunciando-os para os empregadores.

Eu vejo sua mandíbula estalar enquanto ele evita encontrar meus olhos ao subir na banheira, segurando um copo pesado de líquido âmbar em sua mão.

— Você, uh, construiu este deck? — eu ofereço sem jeito, com a mente correndo com como devo ser a garota travessa que deixa cair a calcinha e mostra seus peitos perfurados para ele.

Mas então ele é o homem que sugeriu que não ficaria quieto se eu

lhe desse um boquete. Aquele que fugiu quando o questioneei.

Eu me repreendo internamente. *Ele é o homem que assina seus contracheques, sua idiota com tesão.*

— Porque é um deck muito bom. A maneira como você colocou a banheira de hidromassagem nele? Nível superior.

Ele se acomoda na minha frente, os braços pendurados ao longo da banheira de hidromassagem, o queixo ligeiramente caído enquanto ele me encara por baixo de seus cílios.

Essa carranca o faz parecer um predador.

Não um fazendeiro mal-humorado.

Não um doce pai solteiro.

Como alguém que tem muito mais experiência do que eu me encarando de uma forma enervante.

— Eu fiz isso, Red.

Red. Não é a primeira vez que alguém me chama assim. Normalmente são frequentadores regulares do bar. Geralmente é um apelido casual.

Mas com Cade, parece diferente. Eu gosto disso. Parece que ele tem um nome especial para mim.

Eu sou tão idiota.

— Você fez bem — respondo, revirando os lábios e admirando o deck. Não estou mentindo, é um ótimo deck. Eu me sinto como uma idiota desajeitada trazendo isso à tona. Provavelmente é pior do que falar sobre o tempo.

— Gostaria de uma bebida? — Sua voz não é áspera, mas é tensa.

Claro que sim. Uma bebida seria excelente para esta situação. — Claro.

Ele se mexe e olha para o colo antes de esticar um braço longo e musculoso em minha direção, um copo de cristal entre dedos fortes, antebraços ondulando na luz fraca. As veias como um caminho

sedutor. Meus olhos não podem deixar de vagar até seus bíceps.

Para o peito e o pouco de cabelo preto ali.

Para aquela pequena depressão entre suas clavículas.

O homem é um sonho molhado ambulante e falante e nem tenho certeza se ele percebe isso.

Eu pego o copo dele, tentando ignorar o zunido de eletricidade que sobe pelo meu braço quando nossos dedos se tocam. Eu deixo cair seu olhar, focando no copo – em não o deixar cair. — Obrigada.

Quando olho para ele, ele ainda está olhando para mim. E não tenho certeza do que fiz para deixá-lo bravo.

— De nada.

— O que é? — Tomo um gole, grata por poder me esconder atrás da borda do copo por um minuto e tento encontrar minha compostura.

— Bourbon.

A doce queimação aquece minha garganta, e eu me inclino para isso, tentando acalmar meus nervos, aqueles que estão se revoltando sob seu olhar.

Na maioria das vezes, suas carrancas me fazem querer apontar o dedo para ele, mas sinto um pouco como se tivéssemos virado uma esquina esta noite, e agora a encarada está me deixando constrangida.

Enquanto lambo os restos dos meus lábios, deslizo pela água para devolvê-lo a ele. Seus olhos seguem minha língua da forma menos discreta possível. O toque disso é mais sensual do que eu esperava. O peso da água pressionando todos os melhores lugares.

Eu nunca reagi dessa maneira a um homem simplesmente olhando para mim. Anos em um bar com homens me lançando olhares cobiçosos, e nenhum me deixou atrapalhada como uma virgem nervosa.

Eu deveria odiá-lo por isso. Mas estou intrigada. — Quer jogar um jogo? — pergunto, recuando em direção ao meu banco. Meu pé desliza contra sua panturrilha enquanto eu vou.

Ele rapidamente afasta a perna. — Estou um pouco velho para jogos, Willa.

Eu arqueio uma sobrancelha, escondendo meus braços sob a água para cobrir o arrepio que aparece em resposta às suas palavras. — Nunca velho demais para verdade ou desafio.

Ele olha para mim, os dedos pulsando ao redor do copo apoiado em sua mão.

Ter Luke fora de casa está me deixando ousada. Somos apenas nós e o que parece ser uma extensão infinita de terra atrás de mim. — Verdade ou desafio, Cade?

Ele toma um gole, os olhos quase pretos como carvão na noite. — Verdade.

— Onde está minha calcinha?

Seus lábios se inclinam para cima, uma expressão astuta atingindo seu rosto. — No lixo.

Eu rio, inclinando minha cabeça para cima para olhar as estrelas acima. — Bom. Sua vez de perguntar.

Um estrondo profundo zumba em seu peito, e meus olhos caem para a definição em seu peitoral. — Verdade ou desafio?

— Verdade. — De jeito nenhum eu estou escolhendo desafio. Ele vai me desafiar a não falar por uma semana ou algo assim.

— Por que você tinha uma calcinha na bolsa?

Eu avanço para pegar o copo de uísque de sua mão. Meu joelho roça no dele, mas desta vez ele não se move. Eu tomo um pequeno gole, olhos mudando para encontrar os dele. — Sinceramente, não gosto de usar calcinha. Elas são desconfortáveis, sobem, deixam marcas que eu odeio. Elas são apenas um incômodo, então carrego uma sobressalente. — Eu aponto para ele. — Limpa. Apenas em caso de emergência.

— Uma emergência de calcinha?

Eu dou de ombros, pressionando o copo de volta em seus dedos e

apertando-os ao redor do copo para ter certeza de que ele não o deixará cair. — Nunca se sabe — respondo enquanto me movo para o banco dele ao invés de na frente dele.

Isso facilitará o compartilhamento da bebida.

Isso é o que eu digo a mim mesma.

— Por que as linhas da calcinha importam? Se as pessoas sabem que você está usando roupa íntima, isso é... — Seu rosto se enrugadoravelmente. — Isso é uma coisa ruim? Todo mundo usa roupa íntima.

Eu rio. — Bem, isso é verdade. Acho que não deveria importar. — Ergo uma bebida imaginária em sua direção para uma falsa saudação. — Obrigada, patriarcado.

— Você sabe que estou certo.

— Você pode estar certo, mas eu ainda as odeio.

Seus lábios trabalham um contra o outro como se ele estivesse realmente mastigando alguma coisa. — Todas as manhãs, quando você me manda uma mensagem dizendo que a colocou, você está mentindo?

— Você acabou de ter sua vez, Eaton. Não seja ganancioso com as perguntas. Achei que você não gostasse de jogar?

— Foda-se minha vida — ele murmura, tomando outro longo gole de álcool.

— Verdade ou desafio?

— Verdade.

— Qual é a história com a mãe de Luke?

O olhar vazio que ele me dá é enervante, mas não recuo. Provavelmente estou sendo bisbilhoteira, mas também passo o dia todo com esse garoto. Eu deveria ir a uma festa de aniversário com ele. Parece algo que eu deveria saber. O mínimo disso, pelo menos.

— Fui longe demais?

— Não. Está bem.

— Ela e eu nos conhecíamos desde o colégio. Ela estava sempre por perto. Eu sabia que ela gostava de mim. Inferno, todo mundo sabia. Ela não foi sutil sobre isso. Minha mãe morreu quando eu tinha oito anos – dando à luz a minha irmãzinha – e Harvey lutou por perder o amor de sua vida, tendo uma recém-nascida e três meninos para criar sozinho. Então eu me prontifiquei. Cresci rápido e fiz mais do que a maioria das crianças de oito anos deveria fazer. Eu olho para Luke... — Seus olhos se afastam, passando por mim, para a escuridão total atrás de mim. — Eu me pergunto como diabos fiz o que fiz. Como todo mundo apenas me deixou. Eu estudei, trabalhei no rancho, limpei, cozinhei o que pude e ajudei em todos os lugares possíveis. Porque isso parecia o que precisava ser feito.

Meu peito dói de forma incomum. Nosso jogo divertido e lúdico tomou um rumo mais sério. Tento imaginar um pouco Cade. Um menino que não conseguiu realmente lamentar a morte de sua mãe, porque ele simplesmente se dedicou a fazer o que *precisava ser feito*, em vez de fazer o que queria.

— Passei anos vivendo assim. É um papel difícil de se livrar. E não sei o que teria feito se pudesse. E então, uma noite, Talia estava lá. Ela estava disposta. Eu estava bêbado e cansado de ser responsável. E foi só isso. Um pequeno sinal de mais e fiz o que precisava ser feito. Passei de revirar os olhos para suas travessuras para chamar minha atenção, para ficar irrevogavelmente preso a ela. Nós nos casamos. E enquanto faltava química, admito que gostava de tê-la por perto. A companhia. Acho que estava tão ocupado trabalhando no rancho que perdi a parte em que ela estava infeliz. Onde ela estava fora dormindo com outras pessoas.

Ele ri agora. — Ou talvez eu tenha notado e simplesmente não me importei.

— Jesus — murmuro. Porque acho que esse homem nunca juntou tantas palavras e as dirigiu a mim. Acho que ele nunca me disse nada pessoal, e então ele vai e descarrega tudo isso. E absorvo tudo em

êxtase, adorando conhecer esse homem que tem sido um mistério envolto em um enigma. Amando que ele se sinta confortável o suficiente para compartilhar tudo comigo.

— E então ela foi embora. Cheguei em casa do trabalho uma noite e havia um bilhete. Luke estava com meu pai. E foi isso.

— Quantos anos Luke tinha?

— Dois. — Ele toma um gole profundo, a coluna de sua garganta grossa trabalhando enquanto ele engole.

— Ela alguma vez visita?

— Ops. — Seu dedo indicador puxa o copo e ele aponta para mim. — Você já fez duas perguntas seguidas, Red. Minha vez.

Meus lábios pressionam juntos e eu aceno. — É admirável, realmente. Tudo o que você fez pela sua família. — Ele não responde, então apenas limpo minha garganta e sigo em frente. — Sua vez.

— Aposto que você é muito covarde para escolher um desafio — ele provoca, os olhos parecendo um pouco mais vidrados do que quando ele apareceu aqui pela primeira vez. O calor. O uísque. A caminhada pela estrada da memória.

Ele parece diferente. Mais leve de alguma forma.

— Desafio. — Eu não vou deixá-lo me entender tão facilmente.

Ele gira o copo e me estuda como se estivesse avaliando suas opções. Com mais um gole de bebida, ele diz: — Desafio você a se sentar na beirada da banheira de hidromassagem pelo resto do jogo.

Eu pisco lentamente, ouvindo o fluxo de sangue em meus ouvidos. As batidas do meu coração.

Ele acha que pode me obrigar a acabar com esse jogo. Mas não tenho certeza se Cade Eaton me conhece muito bem. Se ele quer que eu me sente onde possa me observar enquanto bebe Bourbon, estou dentro.

Eu não vou desistir.

Empurrando-me pela banheira e para fora da água, seguro seus olhos escuros, os lábios se abrindo em uma respiração difícil. Eu não olho para baixo e nem ele quando deslizo minha bunda para a borda da banheira quente, deixando minhas pernas balançando na água.

É um teste de vontade, qual de nós vai olhar primeiro para o meu peito. E desta vez não são apenas os piercings de metal causando uma cena. Meus mamilos estão apontando diretamente para ele.

— Minha vez — eu resmungo.

Ele balança a cabeça, ainda segurando meu olhar. — Sua vez.

— Verdade ou desafio, Cade?

— Verdade. — Um músculo em sua mandíbula se contrai.

— Covarde. — Ele nem reage à minha piada. — Se você é realmente bom em rodeio, por que não vai participar desses eventos enquanto estou aqui para ajudá-lo?

O peso de seu olhar faz todo o meu corpo vibrar. A intensidade em seus olhos. Eu sinto que ele está tentando me incendiar apenas com seu olhar.

Eu me inclino para trás em minhas mãos, esperando que ele responda.

Mas, em vez disso, ele reivindica seu prêmio. Seus olhos percorrem meu corpo, e eu *sinto* isso, como a ponta de algo frio e pontiagudo. Não há desgosto em seu rosto desta vez. É puro desejo. E esse é um olhar que posso reconhecer.

Meu núcleo lateja e sinto muito calor, mesmo com o ar frio da noite abraçando minha pele.

Sento-me, observando-o. Observando sua expressão. Vendo-o me devorar com os olhos.

Eu faço o mesmo. Incapaz de desviar minha atenção do homem lindo e intenso diante de mim. A maneira como a pele de sua garganta lateja em seu ponto de pulsação. O movimento sutil de sua cabeça enquanto sua língua pressiona o lado de sua bochecha.

— Porque é frívolo. Tenho responsabilidades que não posso negligenciar. — Ele está falando comigo, mas está olhando para os meus seios.

— Todos nós precisamos fazer algo frívolo às vezes. Até você. — Eu distraidamente me pergunto se estamos falando sobre rodeios agora.

— Cuidado, Willa. Você não sabe do que está falando. — Sua mandíbula estala quando ele olha para mim.

Estendo a mão para ele, pulsando meus dedos, pedindo silenciosamente pelo que sobrou da bebida em sua mão. Precisando de um pouco de coragem líquida própria. Ele avança, entregando-o e pairando diante de mim. Indecisão traçando cada característica sua.

— Você é um doador, Cade. — Tomo um gole antes de olhar para ele e delicadamente enxugo meus lábios. — E se você pegasse algo para si mesmo pela primeira vez?

— Eu não posso — sua voz falha enquanto ele olha para mim, implorando.

— Você deveria me deixar ajudar. Você também merece se divertir.

Agora *sei* que não estamos falando apenas de rodeios. Estamos seguindo uma linha. Uma linha entre empregado e empregador. Uma linha entre um homem mais velho e uma mulher mais jovem. Uma linha que pode muito bem diferenciar o apropriado do inapropriado.

— Não. — Ele pega o copo e se empurra para o lado oposto da banheira, inclinando-se para trás para se deliciar com meu corpo. Eu arrisco um olhar para mim agora, vendo o contorno dos meus mamilos lutando contra o tecido e o náilon fino na parte inferior do meu maiô lascivamente preso entre os lábios da minha boceta.

Algo que não escapa de sua atenção com base na forma como seus olhos se prendem lá antes de deslizar de volta para o céu escuro acima de nós.

Uma pequena parte de mim quer se esconder na água, mas a

maior parte de mim fica sentada aqui em exibição para ele. Sabendo que gosta do que vê, mas não se permite tocar. Sabendo que ele *quer* ver.

Sabendo que seu pênis deve estar duro como pedra debaixo d'água.

— Verdade ou desafio — ele morde.

— Verdade — eu respondo, não tenho certeza se posso lidar com outro desafio ou onde isso pode nos levar.

Suas sobrancelhas franzem e seus olhos se estreitam nos meus. — O que você está pensando agora?

— Que eu gosto de me sentar aqui com seus olhos em mim.

— Porra — ele geme, passando a mão molhada pelo rosto e pelo cabelo escuro antes de jogar a cabeça para trás e limpar os restos do uísque.

— O que você está pensando? — eu empurro. Querendo saber. Querendo ouvi-lo dizer que gosta do que vê.

— Eu não escolhi verdade, Willa.

Eu mordo meu lábio, em relação a ele. Querendo saber se estou indo longe demais agora e me perguntando se isso importa. Observá-lo lutar para se conter, observá-lo se colocar no inferno para manter as coisas apropriadas.

— Verdade ou desafio? — Minha voz está cheia de desejo indisfarçável. Já usei essa voz antes para conseguir o que quero. Funcionou para mim com outros homens. Mas nunca resultou na expressão de súplica angustiada no rosto de Cade quando ele olha para mim e diz: — Desafio.

Sua expressão não diz rasteje para o meu colo e me monte. Diz *ajude-me*.

E é isso que eu faço. Mas provavelmente não da maneira que ele previu.

— Eu desafio você a fazer aqueles rodeios e me deixar cuidar de

Luke enquanto você vai.

O olhar que ele me dá de volta é sombrio e insondável. É confuso e grato ao mesmo tempo. Decepcionado e aliviado na mesma batida.

Quando ouço seu baixo: — Ok — eu sorrio suavemente para ele e balanço minhas pernas para fora da água para o deck, não alheia ao jeito que ele está observando descaradamente cada movimento meu agora. Sinto-me momentaneamente constrangida, como se ele pudesse ver algo de que não gostasse.

Mas eu afasto o pensamento. A iluminação é fraca, e não importa se ele vê as covinhas na minha bunda de qualquer maneira.

Longe do vapor da água quente e do zumbido do Bourbon, as coisas parecem muito mais claras. E o que Cade Eaton pensa do meu corpo é de pouca importância.

Enrolo uma toalha em volta de mim, virando-me apenas quando chego na porta dos fundos. — Boa noite, Cade. — Ele joga a cabeça para trás e olha para o manto de estrelas. — Obrigada pelo... jogo.

Ele não se vira para olhar para mim quando diz: — Boa noite, Red.

Cade

Cade: Tudo bem. Eu vou fazer isso.

Lance: Sim?

Cade: Sim.

Lance: Foda-se sim, amigo. Vamos fazer isso!

Cade: Mas eu quero ganhar. Nenhuma merda medíocre. Não quero desperdiçar meus fins de semana perdendo.

Lance: Combinado. Você precisa de um cavalo emprestado?

Cade: Não. A minha conhece seu trabalho melhor do que qualquer um de seus pôneis brilhantes.

Lance: LOL. Meio que esqueci que idiota você é.

* * *

Eu gemo quando o primeiro respingo de café atinge minha língua. Preciso disso porque passei a noite toda tentando afastar a ereção mais persistente do mundo.

Graças à porra da Willa Grant.

Eu podia ouvir o farfalhar de seus cobertores no quarto ao lado do meu e me perguntei o que ela estava fazendo. Rolando e virando? Deslizando uma mão delicada entre aquelas lindas coxas?

Pensando em mim?

E eu me recusei a me aliviar. Envolvi minha palma em torno do meu eixo grosso e dei um puxão firme enquanto eu estava lá. Então parei. Porque explodir minha carga enquanto pensava na babá de

vinte e poucos anos dormindo do outro lado da parede parecia nojento pra caralho. Desafiá-la a se sentar na beira da banheira, quando nós dois sabíamos o porquê, já foi ruim o suficiente.

Deus. O que eu estava pensando?

Eu me inclino contra o balcão da cozinha e passo minha mão sobre minha boca. Fora de controle, é isso que sou.

É como se eu não tivesse quebrado regras suficientes quando era mais jovem – estava muito ocupado sendo sério – e agora esse traço está surgindo em mim.

É perfeitamente natural. Willa é um show de fumaça. Ela faria um padre desmoronar. E eu não sou nenhum homem do clero.

— Bom dia. — Ela entra na cozinha como se eu a chamasse só de pensar nela. Todo o cabelo de cobre selvagem preso no topo de sua cabeça e rosto fresco, o que a faz parecer terrivelmente jovem.

Mas quando meus olhos caem para o peito dela, todos os pensamentos de alerta de que ela é muito jovem criam asas e voam para fora da minha cabeça. Seus seios empinados estão me provocando através de uma camiseta de banda de algodão branco e macio.

Não sei dizer de qual banda é, porque tudo que consigo ver são os contornos daqueles malditos piercings nos mamilos.

Provocando-me. Lembrando-me de como aquele lindo maiô roxo claro se encaixava entre os lábios de sua boceta.

O ciúme de um maiô é um sentimento novo para mim.

— Bom dia — falo, mais furioso comigo mesmo do que com ela. Mas ataco do mesmo jeito. — Você também tem aversão a sutiãs?

Sua risada é leve quando ela se levanta na ponta dos pés para alcançar o topo do armário onde guardo as canecas de café. Meus olhos são atraídos para a maneira como suas panturrilhas flexionam, pernas tonificadas desaparecendo em um short azul bebê, seus pés descalços no meu chão. Há algo de íntimo em ter Willa em meu

espaço assim. E Luke nem está aqui para dar um bom motivo para isso.

— Aqui, vou pegar isso. — Só preciso de um passo para ficar bem atrás dela e alcançar o fundo do armário. Acho que normalmente não passo por canecas tão rapidamente quando sou o único a usá-las.

— Obrigada — ela respira, encolhendo-se nas solas dos pés, roçando a curva de sua bunda ao longo da minha frente enquanto ela faz.

Eu me afasto rapidamente, colocando a caneca na bancada de mármore e desejando que meu pau não cresça e faça uma aparição especial, expondo-me como o maior idiota do mundo.

Enquanto se serve de um café, ela diz: — Não tenho aversão a sutiãs. — Seus lábios se inclinam para cima. — Mas eu normalmente não durmo com eles. Só estou tomando um café.

Ela se encosta na bancada, toda presunçosa consigo mesma.

— Você normalmente anda assim quando Luke está aqui?

Suas mãos envolvem a caneca e ela dá um gole hesitante, olhando-me por cima da borda enquanto o faz. — Não. Normalmente espero até ouvir você sair. Então eu me levanto e faço minha caneca de café.

Eu resmungo, sentindo-me um idiota por policiar como ela anda por aí. Luke nem notaria. Eu sou o filho da puta com a cabeça na sarjeta que não consegue lidar com isso.

— Então volto para o meu quarto e coloco minha calcinha. — Ela bufa baixinho, espiando de brincadeira por trás de sua caneca.

— Espere. Você acabou de dizer que espera eu sair e depois faz café?

Suas sobrancelhas se arqueiam. — Mais esperto do que parece, Eaton.

— Mas eu acordo às 4h30.

Ela dá de ombros. — Sim. É bem legal. Sento-me na varanda da

frente e leio meus livros sujos. É pacífico. Gosto da manhã e, como não estou fora trabalhando até as dez da manhã, posso aproveitá-las. Odeio dormir até tarde. Sempre sinto que desperdicei meu dia.

— Por que você espera que eu vá embora?

Ela me faz uma cara que diz que me acha um idiota. — Porque se você é tão mal-humorado no meio da manhã, eu odiaria vê-lo logo cedo. Aqueles cowboys lá no rancho devem estar apavorados com você.

Eu resmungo. Eles estão. E é assim que eu gosto.

— Meus mamilos incomodam você, Cade?

O café espirra da minha boca.

Eu coloco a maior parte de volta na minha caneca, mas não tudo. Minha mão está encharcada e posso sentir as gotas na minha barba.

Willa pisca para mim inocentemente, e meu batimento cardíaco troveja em meus ouvidos.

Falsa inocência. Ela sabia o que estava fazendo quando fez essa pergunta.

— Não. — Eu limpo meu rosto, virando-me para colocar meu café de volta na bancada. Preciso escolher minhas próximas palavras com cuidado para não sair como um idiota condescendente.

Eu sei que muitas vezes pareço assim, e não quero ser com Willa. É um sentimento desconhecido, *querer* que alguém goste de mim. — É só que...

— É engraçado. Pensei em você me dizendo que linhas de calcinha não são algo que devemos nos preocupar com as pessoas, e estou me sentindo da mesma forma sobre meus mamilos.

Eu pisco para ela.

Inferno. Não.

— Todos nós temos mamilos, certo?

Eu engulo, sem saber como raciocinar para sair disso. Ela me

preendeu em uma caixa de minha própria lógica.

— Por exemplo... — Seus olhos felinos verdes brilhantes caem para o meu peito. — Eu posso ver os seus agora.

Meu queixo estala em direção ao meu peito e, com certeza, meus mamilos estão me denunciando.

— E eles não me incomodam em nada. — Ela lambe o lábio inferior lentamente, com intenção, antes de uma bochecha se erguer em um sorriso torto.

Então ela se vira e caminha de volta para o quarto, ergue o punho acima da cabeça e diz: — Foda-se o patriarcado.

E fico parado aqui. Observando-a. Querendo saber se ela está usando uma calcinha sob aquele short macio e solto que eu poderia facilmente puxar para o lado.

* * *

— Você não pode colocar os dedos aí, amigo. Ou você vai cortá-los completamente.

— Eu sei o que estou fazendo, pai. — Luke revira os olhos e continua a cortar um pepino da maneira mais estúpida que se possa imaginar.

Pego a faca e a levanto. — Ouça. Você vai segurar isso direito ou corre o risco de me dar um ataque cardíaco. Eu quero que você saiba como fazer isso corretamente. Você disse que ouviria minhas instruções.

A desvantagem era que eu tinha que ouvir sua terrível música pop no alto-falante. As coisas que todos os seus amiguinhos o doutrinaram em apenas um ano de escola.

É domingo à noite e estou preparando uma refeição gourmet completa. Luke está me ajudando a cozinhar, porque me recuso a criar um homem que não sabe se virar sozinho na cozinha. Alimentar as

peessoas de quem gosto é como digo a elas que me importo sem ter que dizer isso em voz alta.

Porque dizê-lo em voz alta torna um pouco real demais para mim.

— Tudo bem — ele bufa, encolhendo os ombros dramaticamente.

— Seu pai está certo. — Willa aparece do nada, pegando uma rodela de pepino e colocando-a na boca. — Se você cortar assim, só vai sobrar um polegar, e como vou ensinar você a tocar violão?

— Willa! — Luke gira na cadeira em que está e se joga nos braços dela. — Nós sentimos saudade de você!

Ela ri, apertando as costelas dele e girando-o em um pequeno círculo. Eles são igualmente dramáticos.

— Ela passou *uma* noite na cidade, Luke. — Eu cruzo meus braços, tentando esconder o quão adorável acho que ele gosta tanto dela.

Willa pisca para mim por cima do ombro de Luke. — Eu também senti sua falta, seu pequeno psycho. Mas não tenho certeza se seu pai sentiu minha falta.

— Pfft. — A cabeça de Luke gira quando ela o coloca de volta na cadeira. — Ele sentiu. Ele me disse isso.

Willa parece visivelmente chocada com isso. — Oh, sim?

— Ele disse que a casa parece silenciosa sem você aqui.

Seus lábios se contorcem enquanto ela tenta conter o riso. — Acho que isso significa apenas que falo demais ou toco minha música muito alto.

— De jeito nenhum. — Luke suspira. — Adoro conversar com você. E tocar música com você.

Há uma beleza em crianças de sua idade dizendo o que querem dizer. Eles não se perguntam como isso vai sair, ou se alguém pode ler muito sobre isso. Se está no coração, eles dizem. Eu sei que Luke adora conversar com Willa, e isso faz meu peito doer.

Especialmente quando ela dá a ele o sorriso cheio de megawatts que a ilumina da cabeça aos pés, bagunça o cabelo dele e diz: — Adoro conversar com você também, amigo.

— Estamos preparando o jantar para você — Luke anuncia.

— Estamos preparando o *jantar* — eu esclareço. — Claro, você é bem-vinda para se juntar a nós.

Não quero que ela pense que estou totalmente obcecado por ela.

Eu não quero que ela saiba que eu meio que... notei sua ausência. Faz apenas algumas semanas, mas deixei de ficar irritado com a presença dela quando chego em casa depois de um dia de trabalho duro e sorrio enquanto tiro minhas botas e ouço ela e Luke rindo ou conversando juntos.

Música para a porra dos meus ouvidos.

— Vocês, meninos, são chefs incríveis. Contem comigo.

Volto a descascar batatas na pia ao lado de Luke, mas digo: — Vamos colocar uma música diferente para Willa. — É a oportunidade perfeita para se livrar do que quer que seja essa merda dançante e feliz.

Horrorizado, Luke me pergunta o que há de errado com “Watermelon Sugar”, mas antes que eu possa responder, Willa inclina a cabeça para mim e diz: — Sim, Cade. Você tem algo contra Harry Styles?

Olho para seus olhos arregalados. Um ofendido, o outro divertido. — É tão... pop.

— Eu tenho uma ideia. — A mão de Willa se levanta, e então ela sai da cozinha.

Eu tento não olhar para a bunda dela com o short jeans que ela está usando.

Eu falho.

Então volto para as batatas, descascando-as agressivamente enquanto tento monitorar os preciosos dedinhos de Luke. Ele está se

concentrando tanto que sua língua está presa entre os lábios, os olhos estreitados.

Ele parece... adulto. Eu sei que ele ainda não é, mas também não é a criança totalmente dependente que já foi. Ele não me acorda várias vezes por noite. Ele pode pegar seu próprio cereal no café da manhã.

É assustador.

A música é desligada e eu me viro para a mesa da cozinha, onde Willa puxou uma cadeira para ela e tem um lindo violão ornamentado pendurado em seu colo. — O que devo tocar?

Luke grita para ela tocar “Watermelon Sugar” antes de largar a faca e se sentar para observá-la.

Eu não posso culpá-lo. Ela está praticamente brilhando.

Eu gemo dramaticamente, apenas pegando no pé dele agora. Sentindo-me alarmantermente relaxado. Melhor de alguma forma, sabendo que Willa está aqui sob o mesmo teto, em vez de na cidade ou o que quer que ela e Summer tenham feito no *fim de semana das meninas*.

Coisa perfeitamente normal para duas mulheres jovens, tenho certeza, mas nunca fui bom em desligar o lado protetor. Aquele que está constantemente se preocupando com a segurança de todos.

— Escolha algo fácil, como “Twinkle Twinkle”. Não sabemos se Willa é boa.

— Pai!

Willa ri e balança a cabeça, antes de deixar cair o olhar para as cordas sobre as quais seus dedos e a palheta pairam, uma cortina de cabelo cobre quente protegendo seu rosto como se ela estivesse um pouco tímida. Seus longos cílios se fecham por um momento, seu joelho salta.

Então o zumbido suave das cordas enche a cozinha. Eu imediatamente a reconheço como uma versão acústica mais lenta da música que estava tocando.

Paro e coloco o descascador na minha mão. Eu seria a primeira pessoa a confessar que deixo meu rádio sintonizado na estação country. Não sou um expert. E quando estou nos pastos, a trilha sonora são os relinchos de nossas montarias e o tamborilar dos cascos das vacas contra a terra.

Sinceramente, o silêncio não me incomoda nem um pouco.

Mas ela é impossível de desviar o olhar. Achei que ela teria algum conhecimento básico de violão, mas isso é impressionante. Ou talvez seja só porque é *ela*.

Há algo comovente, algo que me aquece até os ossos enquanto a observo.

— Espere! Você perdeu a parte em que canta! — O tom de Luke é acusatório.

Willa espreita para cima, timidamente empurrando o cabelo para trás da orelha. — Eu não canto, Luke. Eu só gosto de tocar violão.

— Você cantou durante a nossa festa de dança outro dia.

Ela baixa os olhos, os lábios pressionados, as bochechas coradas no mais lindo tom de rosa. — Isso foi só por diversão.

— Canta! Canta! Canta!

Uma risada profunda borbulha de mim. Luke é tão persistente.

Os olhos de Willa se arregalam nos meus, e eu cruzo meus braços com um encolher de ombros. — Cante, Willa. Vamos ouvir isso.

Seu rubor se aprofunda, descendo pelo pescoço até o peito. É como ela ficaria com o roçar de uma barba.

Minha barba.

— Ótimo. Mas não tenho uma boa voz, então não tire sarro.

— Você tem!

Ela aponta para Luke. — Isso deveria ser música de fundo enquanto você cozinha, não um show.

— Parece tão bom, Willa. Quero tocar violão tão bem quanto você.

O sorriso tímido que toca seus lábios enquanto sua cabeça abaixa me deixa mais suave em relação a ela. Ela é tão ousada às vezes, e então tem esse lado doce. Esse lado tímido. Esse lado inseguro.

E ela não tem nada que se sentir assim.

— É lindo, Willa — acrescento, esperando tranquilizá-la, mas suas bochechas ficam mais escuras.

O que eu quero dizer é totalmente inapropriado.

Você é linda.

Como foi sua noite fora?

Lamento não ter deixado café suficiente para você pela manhã.

Palavras que se alojam na minha garganta. Transformam-se em nada na minha língua. Palavras e sentimentos com os quais não sei o que fazer de qualquer maneira.

Ela puxa o cabelo para baixo para cobri-la um pouco e recomeça a música desde o início. Uma pequena parte de mim acha que devo virar e continuar descascando, mas uma parte maior de mim não consegue tirar os olhos de suas pernas macias dobradas sob o violão. Um pé descalço apoiado na barra inferior da cadeira. Tornozelo fino flexionado, o arco curvo do pé de alguma forma sensual. Eu encaro o fato de que ela se preocupa muito.

Os pequenos detalhes mais triviais me deixam obcecado por ela.

A melodia soa tão bem quanto da primeira vez. Sensual e lenta. É como se ela pegasse uma música adolescente e a tornasse sexy.

Seus dedos magros se movem pelas cordas sem problemas, esticando e flexionando a cada nota que ela dedilha.

E então a voz dela entra em ação, e é um tiro no estômago.

Rouca e doce, tudo de uma vez.

Tímida e segura.

Silenciosa e forte. Assim como ela.

A primeira linha é algo sobre morangos e noites de verão, o que é apropriado, porque seus lábios vermelho-morango se movem e eu estou em transe.

Luke balança ao som da música, feliz e alheio. Mas eu não. Posso sentir meu precioso controle escorregando no que diz respeito a ela. E quem diria que alguma música estúpida seria a coisa certa a fazer?

Ela olha para cima e sua voz falha levemente quando ela me pega olhando para ela.

Ela não desvia o olhar, no entanto.

A letra fala sobre inspirar e expirar – o que é um grande lembrete para mim neste momento atual.

Meu estômago revira e me preocupo com o que está escrito em meu rosto. Minha cara de pôquer cuidadosamente treinada está escorregando, como se ela estivesse descascando, pedaço por pedaço. Toda a armadura, toda a proteção.

Não estou pronto para ser exposto. Não por ela. Por ninguém.

A mãe de Luke pode não ter sido a mulher certa para mim, mas ela era uma mulher para mim. E fiz o meu melhor para mantê-la feliz. Eu tentei amá-la. E do meu jeito, amei. Não foi cinematográfico, mas fui fiel. Eu a sustentei. Eu trabalhei até os ossos para construir uma vida boa para nós.

E ela foi embora.

Não foi o suficiente. Ainda hoje, não tenho muito mais do que naquela época.

E no final de agosto, Willa também partirá. De volta à sua existência na cidade. De volta aos bares e músicos famosos. De volta a uma vida emocionante que não inclui um fazendeiro mal-humorado com um peso no ombro.

Talvez seja bom. Talvez eu possa deixá-la ir e seguir em frente.

Luke ficará triste de qualquer maneira. Mas ele ficará arrasado se

eu deixá-lo pensar que há mais aqui do que um arranjo temporário. E seu coração não é um que estou disposto a apostar.

Então, viro as costas para ela e volto a descascar batatas.

Eu ouço cada nota, presto atenção a cada palavra e me sinto grato por ela não poder ver meu rosto como eu.

— Novamente! Novamente! — Luke exclama, e eu apenas balanço a cabeça. Não vou dizer não, porque estou gostando demais para impedi-la.

— Que tal outra música? — ela pergunta a ele.

— Que música?

— Uma música que seu pai vai conhecer.

— Ele não conhece nenhuma música boa — Luke conta com muita naturalidade.

Meus ombros tremem enquanto eu rio silenciosamente. — É verdade — digo por cima do ombro.

— Ele é muito velho!

Eu me viro e estreito meus olhos para ele brincando.

— Ele vai conhecer esta então. — Os dedos de Willa dedilham alguns acordes, e instantaneamente reconheço a música.

Eu viro meu falso olhar sujo para ela, e ela sorri de volta. Quem não conhece “Dust on the Bottle”? É um clássico.

Sua voz está cheia de diversão, sua postura mais reta quando sorrio para ela. Ela se ilumina quando eu rio.

Ela canta sobre poeira em uma garrafa e como o conteúdo continua melhorando com o tempo. É engraçado, ela está zombando de mim e ela sabe disso. A noite flui a partir daí. Conversa, brincadeiras, boa comida. E depois dessa música, Luke começou a provocar Willa e eu por estarmos velhos. Ele nos apelidou de *vovó* e *vovô*.

— Passe o purê de batatas, por favor, *vovó*. — Ele se dissolve em

um ataque de riso, os raios dourados da noite refletindo em seu cabelo escuro e brilhante, bochechas rosadas dos dias de verão passados ao sol.

Eu me sinto alarmantemente... à vontade.

— Você é um garoto estranho, sabia disso? — Willa pega um pedaço de pepino cortado de forma desigual e o enfia na boca. — Um *esquisito* total.

Esquisito é a piada de insulto favorita de Luke no momento, e ele ri tanto que fica sem fôlego. Willa ri também, olhando para ele com tanto carinho que meu coração se contorce no peito.

— Não, Willa! Você é uma esquisita! Eu vi você dançar. Você é a maior esquisita do mundo!

Sua mão cai sobre o peito e ela se inclina para trás dramaticamente. — Como você *ousa*, Luke Eaton. Isso é simplesmente cruel. Eu danço lindamente.

— Mostre ao meu pai! Mostre ao meu pai como você dança estranho! — Lágrimas divertidas brilham nos cantos de seus olhos, e ele as enxuga com dedinhos rechonchudos.

— Certo, tudo bem. Ele pode ser o juiz. Entendeu, Cade? Luke e eu vamos dançar, e você vai decidir qual de nós é o maior esquisito.

Eu me inclino para trás na cadeira e cruzo os braços sobre o peito, perguntando-me por que não gostava dela. Como uma pessoa solteira pode não gostar de Willa Grant?

Ela é encantadora *pra* caralho.

— Ok? — Sua cabeça se move e seu cabelo sedoso cai sobre os ombros.

Eu dou a ela um pequeno sorriso, rindo do absurdo de sua competição, mas muito entretido para impedi-los. — Ok.

— Bom. — Ela sorri para mim, indo até a bancada para conectar seu Bluetooth ao alto-falante. — Vamos tocar... — Ela olha por cima do ombro para mim enquanto seu polegar pressiona para baixo e as

primeiras notas de “Summer of ‘69” são filtradas pelo sistema de som.

Eu balanço minha cabeça. Mas não posso evitar o sorriso se estendendo em meu rosto. *Ela faria isso.*

Willa começa com um moonwalk terrível, antes de passar para um aspersor horrendo. Ela pode ter sido tímida tocando violão, mas não tem vergonha de dançar. Ela é divertida. Ela é engraçada. E Luke adora isso. Ele nem dança. Ele apenas pula rindo dela, braços e pernas finos se debatendo descontroladamente.

Ela faz um movimento trêmulo que tenho certeza de que as crianças hoje em dia têm um nome e, eventualmente, agarra as mãos dele nas dela para fazê-lo dançar com ela. Ele balança os quadris e sorri para ela tão amplamente que minhas bochechas doem só de assistir.

Percebo que doem porque estou sorrindo tanto. A parte de trás da minha garganta dói enquanto vejo Willa girar meu garotinho pela cozinha no que deveria ser seu dia de folga.

— Você vê como ela é esquisita, pai? — Luke me chama.

— Sim. Muito esquisita — eu concordo quando ela se vira para me dar uma falsa carranca por cima do ombro.

A única coisa esquisita é o que sinto por uma mulher que conheço há apenas algumas semanas.

Não é apenas esquisito.

É absurdo *pra* caralho.

— Ok. Agora vovó e vovô dançam! — Luke ri, puxando Willa para perto de mim.

Eu faço uma careta para os dois.

Willa leva a mão à boca e sussurra em direção a Luke: — Acho que ele pode ser o mais esquisito.

Luke gargalha, e nem eu consigo recusar. Bryan Adams não é tão ruim, e os dois parecem totalmente irresistíveis na minha frente com sorrisos largos, olhos brilhantes e bochechas rosadas.

— Vamos, vovô. — Ela estende a mão para mim, provocando outra rodada de risadas maníacas de Luke, que está claramente além de exausto com base no quanto ele ri.

Envolvo minha mão na dela com um gemido, como se estivesse irritado, embora não esteja.

Nem um pouco.

Eu me levanto e giro Willa em um círculo rápido, dizendo a mim mesmo que já dancei com ela antes no The Railspur.

Isso é apenas na minha cozinha.

De qualquer forma, não resta muito desta música.

— Eu volto já! — Luke sai correndo da cozinha, cacarejando como o Coringa enquanto sai.

Eu a giro novamente, sentindo minha cueca ficar mais apertada com o leve riso que atinge seus lábios perfeitos. Quando a música termina e a batida do silêncio se transforma em uma melodia mais suave e lenta, devo me afastar.

Mas não me afasto. Em vez disso, eu a puxo para perto, sem perder o pequeno suspiro chocado que ela solta quando faço isso.

— Devo parar? — Eu abaixo minha voz, deixando meus olhos demorarem em seus lábios.

Sua resposta vem rápida, sem hesitação. — Não.

Eu a puxo para mais perto, alinhando nossos quadris e sentindo sua mão deslizar pela extensão dos meus ombros.

Enquanto balançamos, tomo meu tempo arrastando meus dedos sobre sua caixa torácica. E não perco o jeito que ela estremece quando eu faço.

— Você é uma ótima dançarina — eu digo.

Ela sorri para mim. — Sim. Uma esquisita total.

Eu rio, esfregando o polegar sobre a parte inferior das costas. Sua mão parece úmida onde está agarrada à minha.

— Muito boa no violão, devo acrescentar.

— Ah, bem, quando Ford Grant é seu pai, é praticamente obrigatório.

— E a voz?

— O quê? — Seus olhos reviram, de repente tímidos novamente.

— Sua voz é bonita. — Digo isso porque é verdade e encontro seu olhar ao falar. Ela fica estranhamente desconfortável ao ser elogiada, sempre desviando ou fazendo piada. Nós balançamos silenciosamente ao som da música, ouvindo as palavras.

Fala sobre o coração de um estranho que não tem lar – sorrisos cobrindo seu coração. É assombroso e bonito, e me pego me esforçando para ouvir. — Que música é essa? — eu pergunto, em transe. — A voz dela quase soa como a sua.

Seus olhos se desviam e minha mão aperta sua cintura. Permito-me imaginar minhas mãos calejadas deslizando sobre sua pele macia. Adorando cada centímetro dela. Afundando nela.

— A música é “Fade into You” de Mazzy Star. É uma das minhas favoritas — ela fala rapidamente antes que o elogio a leve a mudar completamente de assunto. — Obrigada por confiar em mim com Luke. Este já é o melhor verão que tive em muito tempo.

— De nada. Obrigado por fazê-lo rir assim. Melhor som do mundo. Você sente falta de alguma coisa sobre a cidade?

— Não. Só cavalgar.

Ela se aproxima, e eu sinto a pressão dela contra mim. O calor. O atrito. Minha mão se espalha em suas costas. — Vou encontrar um cavalo para você montar.

— Você é um bom homem, Cade Eaton. Possivelmente um dos melhores. — Sua voz é tão suave que mal a ouço.

O cabelo na parte de trás do meu pescoço fica em pé quando eu abaixo minha cabeça em direção a ela. Tudo ao nosso redor desaparece. Não sei como ela tem esse jeito de me falar as coisas que

desejo. Rastreado minhas inseguranças do jeito que ela faz. Acalmando a dor que ela nem sabe que existe.

Eu arrasto a ponta do meu nariz até o lado de seu pescoço e desejo poder engolir o pequeno gemido que escapa dela. Eu quero muito mais do que uma dança roubada na cozinha enquanto meu filho está fazendo Deus sabe o quê.

— Vocês dois são os maiores esquisitos! — Luke zomba de nós quando volta correndo vestindo sua fantasia muito pequena de Batman do último Halloween. Nós dois nos assustamos, e nos afastando rapidamente, percebendo que estávamos muito perto agora.

E talvez Luke não esteja errado. Definitivamente há algo esquisito acontecendo.

Willa

Willa: Olá, amiga advogada. Posso pedir algum conselho legal?

Summer: Você precisa de mim para pagar sua fiança? Basta enviar o endereço. Eu estarei lá.

Willa: É ilegal transar com seu chefe gostoso?

Summer: Estamos falando do seu irmão ou do Cade?

Willa: Nojento *pra* caralho.

Summer: Cara. Eu tive que ouvir você fazer piadas de pai gostoso por anos. Os atiradores precisam atirar.

Willa: Nunca mais vou pedir conselhos a você.

Summer: Meu conselho jurídico é ser muito específica ao fazer uma pergunta.

Willa: OK. É ilegal transar com Cade?

Summer: Você teria que perguntar a ele. Não o vi com uma mulher desde que o conheço. Talvez ele pense que é ilegal?

Willa: Ele *é* um defensor das regras. Talvez eu as quebre e veja se ele me bate.

Summer: Nojento *pra* caralho.

* * *

Uma vez que ouço a porta se fechando na manhã seguinte – então Cade não precisa se escandalizar com meus mamilos – espio pela porta ligeiramente aberta de Luke para vê-lo esparramado em sua cama, parecendo adoravelmente exausto.

Sorrindo para mim mesma, atravesso a casa silenciosa em direção à cozinha. O sol nasceu, mas há pouco, e a luz da casa é azul. Os pássaros parecem tão felizes, cantando lá fora. Mal posso esperar para me sentar na varanda da frente com meu livro e uma caneca de café quente.

Paro no meio do caminho quando entro na cozinha o suficiente para ver que ainda há uma quantidade considerável de café na cafeteira.

Ao me aproximar, vejo um post-it no balcão, escrito em rabiscos entrecortados.

Red,

O café é para você. Começando treinar alguns cavalos de dois anos hoje. Se você sentir vontade de quebrar as costas, encontre-me no celeiro e você pode se sentar em um.

-C

Eu bufo. Oh, sinto vontade de quebrar minhas costas.

Por ele.

Não um cavalo.

Ele também deixou uma caneca ao lado da cafeteira. Passo meus dedos pela alça arredondada, lembrando-me da sensação dele pressionando atrás de mim quando peguei uma caneca na outra manhã. A sensação dele empurrando seus quadris nos meus enquanto balançávamos na cozinha.

Eu me sirvo uma xícara, e tem um gosto melhor só porque ele fez. Só porque ele deixou tudo de fora, sabendo que eu estava esperando que ele fosse embora. Porque ele ouviu o que eu disse a ele.

Cade é a personificação das ações falando mais alto que as palavras. Ele não estava prestes a se desculpar por não fazer café suficiente para mim. Em vez disso, ele apenas fez mais e me deixou uma caneca, sabendo que isso me faria sentir bem.

E um post-it endereçado à Red.

Talvez eu seja uma idiota, mas é doce. Vindo de Cade, *é* doce.

A manhã passa tranquila até que Lukeasaurus Rex acorda e me faz fugir dele como se estivesse apavorada.

Eu o alimento com um café da manhã de dinossauro adequado e depois descemos para o celeiro para ver como é começar um cavalo de dois anos.

Ou, no meu caso, para dar uma olhada no Daddy Cowboy.

Estaciono meu jipe perto do celeiro principal e seguimos os sons de vaías e gritos até o outro lado, caminhando de mãos dadas.

— Ali está ele! — Luke grita, apontando para seu pai.

Minha boca fica seca na hora. Eu faço saltos – calça branca elegante e cavalos importados da Europa – então, embora conheça cavalos, cowboys ainda são um novo jogo para mim.

Mas *porra*. Que jogo é esse.

Cade está sentado em um cavalo escuro, salpicado de cinza – um lindo Blue Roan com crina e cauda pretas – que combina perfeitamente com seu chapéu de cowboy preto, camiseta preta que abraça o biceps e pernas de couro preto sobre jeans desgastados.

Ele está sentado confortavelmente na sela. Mãos enluvadas de couro no chifre de sua sela, quadril estalado confortavelmente, com um palito pendurado ao lado da boca e um sorriso divertido nos lábios.

Ele é tão gostoso.

Ele sempre foi gostoso, mas eu não estava tão convencida de sua personalidade. Uma personalidade de merda pode realmente arruinar um cara gostoso, mas não há nada de errado com a personalidade de Cade. Ele só está demorando para esquentar. Um pouco frio.

Mas estou descobrindo que gosto muito dele. Estou descobrindo que ele não me deixa nem um pouco fria. Ele me faz sentir quente e incomodada.

— Pai! — Luke corre para frente, e a cabeça de Cade vira em sua

direção, aquele sorriso se transformando em um sorriso completo.

Um que faz meu coração gaguejar.

— Ei, camarada. — Ele passa uma perna por cima do cavalo e escorrega bem a tempo de pegar Luke nos braços. A mesma saudação que eles fazem todas as noites.

— Quando terei meu próprio cavalo? — Luke olha para o grupo de novos no cercado, olhando para o curral redondo onde um cowboy está sentado em um cavalo fazendo o possível para detê-lo.

— Quando você realmente se interessar em aprender sobre eles. Eles são um compromisso sério, e a única coisa com a qual você está comprometido agora são os dinossauros.

— Eu quero que Willa me dê aulas de equitação, não você — Luke anuncia, com as mãos nos quadris.

Cade olha para mim, revirando os olhos de brincadeira. Luke é um pouco obcecado por mim? Possivelmente.

— Oi, Red.

Eu me assusto quando o cowboy atrás dele é jogado no painel de metal da cerca. Outros homens sentados ao redor dão boas risadas do cara, que cospe no chão e balança a cabeça. — Maldito idiota! — ele exclama.

— Tem que ser mais esperto que o cavalo, Lee — Cade grita. — E cuidado com a porra da sua boca. Há uma criança e uma garota da cidade entre nós.

— Perdão, chefe.

Luke ri dos palavrões voando para a esquerda e para a direita. E eu sinto isso então. Todos os olhos giram em minha direção, os homens se endireitando ou limpando a garganta, como se eu nunca tivesse ouvido um palavrão na minha vida. Deixe que Cade me faça parecer uma princesa frágil.

Eu aceno em sua direção geral e ofereço um sorriso amigável enquanto digo arrastado: — Prazer em conhecê-los.

Luke dá uma risada. Ele é tão bom para minha confiança, sempre aprovando minhas piadas. — Palavra ruim, Willa!

Alguns caras pressionam os lábios, tentando não mostrar que estão se divertindo. Porque se eu posso sentir a carranca de Cade, sem dúvida, eles também podem.

— Prazer em conhecê-la, garota da cidade! — um cara chama de onde está sentado em cima de uma cerca, acenando com a mão empoeirada em minha direção.

Quando um dominó cai, o mesmo acontece com o resto. Em segundos, a maioria dos caras está rindo e Cade está balançando a cabeça para mim.

Ele faz muito isso no que me diz respeito.

Eu pisco para ele. — Obrigada pelo café. Estou pronta para você quebrar minhas costas.

Seu rosto empalidece, como se ele percebesse como eu poderia ter interpretado sua nota. — Eu quis dizer que você poderia cavalgar se quisesse.

— Ah, eu quero.

Calor queima em suas bochechas. Eu não deveria cutucar o urso assim, mas é apenas quem eu sou. Gosto de vê-lo se contorcer.

— Um cavalo. Você pode pegar o meu. — Ele levanta o polegar por cima do ombro.

— Nah, acho que vou levar um dos mais jovens.

— Sem chance. — Sua mandíbula endurece.

— Por que não? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— Eu não quero que você se machuque. — Ele diz isso de forma tão simples, como se fosse óbvio para mim.

— Mas pensei que era isso que a nota significava? A menos que a nota realmente significasse... — Paro e balanço minhas sobrancelhas para ele.

— Você é insana.

— Eu sei. — Sorrio de volta brilhantemente. — Sou ruiva. Nada de pegadinhas, Eaton. Algumas horas atrás, você estava de acordo com o fato de eu estar com um jovem e agora não está mais?

— Eu mudei de ideia. Meu rancho. Minhas regras. É possível que você não cavalgue muito bem de qualquer maneira. Além disso, você precisa estar inteira para levar Luke para a festa de aniversário daquela criança hoje.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele. *Idiota*. Ele está tentando trazer à tona meu lado competitivo? Inclinando-me para perto, sussurro em seu ouvido: — Eu o desafio a me deixar montar naquela. — Aponto para a filhote robusta que está de pé no meio do cercado redondo, dando um olhar de reprovação total ao vaqueiro desbocado.

— Aquela é difícil. Estou puxando algum bem-humorado para você — diz ele, afastando-se com o cavalo na mão, Luke seguindo para ver os outros. Como se sua escolha fosse final.

Deve haver pelo menos dez cavalos naquele curral, mas é o cavalo marrom avermelhado no curral redondo que chama minha atenção. Aquele que arremessou o cowboy com força.

Sinto-me parecida com aquele, e não estava usando jeans e botas no meio do verão para poder ficar ao sol, suando.

Enquanto Cade está de costas, eu marcho na direção oposta e passo por baixo da cerca do curral redondo. Sinto olhares sobre mim, mas os homens não dizem nada para me impedir.

Eles devem ser mais espertos do que Cade.

As narinas do cavalo se dilatam a cada respiração, os olhos cautelosos olhando um pouco ao redor. Mas, honestamente, não estou preocupada. Eu monto bem. Sei o que faço. Não recebi cavalos fáceis em toda a minha vida. Não tive cavalaria e treinadores fazendo o trabalho sujo enquanto eu estava sentada à margem. Cresci com mais dinheiro do que a maioria das outras garotas do meu celeiro, mas sempre fui eu que tive que trabalhar para conseguir as coisas.

Meu pai costumava brincar que o dinheiro não era meu. Era dele, e ele não ia me estragar com isso.

Meus pais valorizam uma boa ética de trabalho. Trabalho duro e fazer algo de si mesmo é o que eles mais valorizam. Eles nunca forçaram meu irmão ou a mim a ter educação pós-secundária. Eles seguiram nossas pistas e, embora eu achasse injusto quando era mais jovem, entendo agora. Entendo não bancar a vida de seus filhos. Entendo não microgerenciar suas escolhas.

E estou feliz que eles não tenham. No entanto, eu teria dado um *pouco* mais de pressão.

Talvez eu não fosse uma bartender sem direção se eles tivessem estabelecido mais expectativas. Quem pode dizer?

Com isso em mente, tomo as rédeas e deslizo a mão sobre o ombro do jovem cavalo.

— O chefe vai matar você — murmura um cowboy do lado oposto do painel da cerca.

Eu apenas sorrio para mim mesma.

Não, ele não vai. Cade Eaton está fora de seu alcance comigo.

Eu empurro minha mão no estribo, deslocando a sela nas costas do cavalo, observando suas orelhas balançando para frente e para trás. — Calma, baby — murmuro.

Sua cabeça se inclina ligeiramente para mim, seus grandes olhos redondos me avaliando. Eu decido que ela gosta de mim. Eu decido que ela é inteligente.

Todos esses caras pensam que são durões e podem superar um cavalo, mas estão errados.

Eu coloco meu pé no estribo antes de pressionar para baixo, e ela ainda não se move.

— Red, não se atreva, porra.

Balanço minha cabeça, mas não olho atrás de mim para Cade. Ele é apenas meio que meu chefe.

Ele não parece muito como um chefe ultimamente. E sou difícil de mandar na melhor das hipóteses – pergunte ao meu irmão idiota.

Com uma respiração profunda, eu passo uma perna sobre as costas estreitas da potranca, afundando suavemente na sela.

— Mulher.

Eu bufo. Cade acabou de vir com *mulher* pra mim. Quero rir, mas posso sentir o dorso do cavalo curvado embaixo de mim.

Ela está parada, mas não por muito tempo. Ela está juntando toda aquela energia para ir direto para cima, então abro bem uma das rédeas, virando a cabeça dela na direção da minha perna e dou um chute firme antes que ela possa se amontoar ainda mais.

Instantaneamente, ela está pulando e chutando, mas eu aperto minhas coxas e solto meus calcanhares, mantendo-a em um círculo apertado para que ela não possa explodir.

— Que bebê bonzinho — eu arrulho para ela, mesmo que ela esteja se jogando como uma idiota total. Mas não o suficiente para me soltar dela. Eu me recuso a falhar na frente desses caras. Eu especialmente me recuso a falhar na frente de Cade.

Ele vai ser todo chato e *eu avisei você* sobre isso e meu ego honestamente não consegue lidar com esse tipo de golpe no que diz respeito a ele.

Eu incito a potranca a avançar, dirigindo com meu assento, para enviar aquele impulso à nossa frente, em vez de no ar. E em menos de um minuto, ela largou as travessuras e está galopando pelo cercado redondo.

Não é bonito, mas também não é um show ruim. Eu ouço as vaias e gritos dos caras ao meu redor, os assobios e os yeeshaws, mas eu a mantenho, deixando-a se cansar. Deixando-a correr até que ela se acomode e abaixe a cabeça.

Preciso de tudo para não me virar para Cade e mostrar minha língua para ele.

Você tem vinte e cinco, você tem vinte e cinco, você tem vinte e cinco.

Ele me transforma em uma idiota. Uma idiota ousada e exibicionista. Ele é um desafio e olhe para mim – adoro um desafio.

Por fim, o cavalo começa a trotar e depois a andar, e eu me aproximo para passar a mão em seu pescoço suado.

— Nada mal, garota da cidade! — um dos caras chama, e eu espreito, sorrindo em sua direção, antes de pular.

— Melhor do que qualquer um de vocês, malditos cowboys — Cade retruca, fervendo por baixo de seu chapéu de cowboy.

Ele parece chateado, e a vibração no meu estômago com o quão imponente ele é me faz desejar que ele desconte um pouco dessa frustração em mim.

— Vou cavalgar como Willa quando crescer! — Luke subiu até o painel superior da cerca e se inclinou, os olhos brilhando de excitação. — Ela fez daquela potranca sua cadela!

— Luke! — eu digo bem quando Cade late: — Luke Eaton.

Os olhos do menino se arregalam quando ele cai da cerca, como se soubesse que pisou nela agora. Ele sai correndo para o celeiro, botas minúsculas de cowboy batendo contra a estrada de terra, sem olhar para trás.

— Você ensinou isso a ele. — Cade aponta para mim enquanto conduz a potranca até um dos caras.

— Sim? — Arqueio uma sobrancelha e sigo em direção ao homem que eu não gostava, mas que agora não consigo parar de pensar.

Fantasiar sobre.

Do meu lado da cerca, eu me inclino para perto, baixando minha voz. — Tenho certeza que de nós dois, você é o único com a boca suja, Cade.

Sua mão dispara entre os painéis de metal, os dedos enganchando no meu cinto para me manter imóvel. Para me manter aqui, enquanto ele respira em mim. O ruído de cada expiração acaricia minha

bochecha. — Você não tem ideia, Red.

Com um pequeno puxão no meu jeans, ele me empurra e então se afasta, girando uma mão acima dos ombros e gritando com os caras. — Vamos, idiotas. A hora do intervalo acabou. Vocês assistiram à garota certinha da cidade. Agora me provem que não devo demitir seus traseiros inúteis.

Eu bufo. O homem realmente tem um jeito poético com as palavras.

Enquanto atravesso a cerca perto do celeiro onde vi Luke correr, um homem exclama em direção à minha forma de retirada: — Puta merda. A vista daqui nunca foi tão boa.

Meus lábios se curvam e eu me viro para dar uma piscadela para ele, mas com dois passos fáceis, o braço de Cade dispara e o empurra para fora do topo da cerca onde ele estava sentado. O vaqueiro cai de joelhos com um latido alto de risadas incrédulas.

Mas Cade não está rindo. — Olhos na terra se você planeja manter seu emprego, cowboy.

Eu apenas me viro e sorrio para mim mesma, porque Cade está fervendo. É quase como se ele estivesse com ciúme.

E acho que gosto disso.

Cade

Will: Calcinha? Confere. Sutiã? Não confere.

Cade: Você vai a uma festa de aniversário infantil. Tente novamente.

Will: Certo. Deixe-me tentar de novo.

Will: Calcinha? Não confere. Sutiã? Também não confere.

Cade: A cidade já está falando de você o suficiente.

Will: Uau. O que estão dizendo?

Cade: Que as linhas da sua calcinha são bem definidas.

Will: Meu Deus. Você acabou de fazer uma piada?

Cade: Estarei lá às 6 da noite. Por favor, não me envergonhe.

Will: Oh, garoto. Isso é um desafio?

Cade: Tchau, Red.

Will: Eu faço isso com Luke quando ele se comporta mal também. Apenas ignoro-o. Mas acho que não vai funcionar comigo.

* * *

Estaciono em frente à enorme casa recém-construída onde a festa de aniversário está sendo realizada. Sinceramente, eu odeio essa merda.

Aparecer em festas de aniversário de crianças como um pai solteiro em uma pequena cidade é como estar trancado em uma jaula cheia de leões famintos.

Ou são pumas?

Eu balanço minha cabeça, saindo da minha caminhonete. Gotas de água caem na minha nuca, porque saí correndo do chuveiro para chegar aqui, para que Willa não ficasse presa sozinha na toca das pumas.

Não ignoro como as pessoas bisbilhoteiras e insistentes desta cidade podem ser. Especialmente perto da minha família, que eles sempre trataram um pouco como a realeza. Como carrapatos que rastejam para fora dos arbustos para pegar uma carona.

Talia aconteceu uma vez e isso nunca mais acontecerá.

Pego um boné no banco de trás e o coloco na cabeça antes de virar a aba para trás.

Os gritos alegres das crianças e o som da água espirrando me atraem pela lateral da casa. Eu alcanço o portão de madeira e puxo a corda escondida.

Gente da cidade.

É como se eles pensassem que ninguém sabe que essa corda está lá.

Eu entro no quintal fortemente ajardinado, observando a piscina no solo e os pais circulando enquanto as crianças correm em seus trajes de banho.

Mas é a visão de Luke chorando com as roupas encharcadas enquanto Willa se agacha na frente dele, esfregando seus braços na beira da piscina que faz meu coração disparar.

O garoto coloca uma boa fachada. Ele joga duro. Mas agora, ele está quase inconsolável.

Eu posso ver a tensão no corpo de Willa, o desgosto em seus olhos. E isso me faz gostar ainda mais dela. Ela não se importa com o resto da festa zumbindo ao seu redor. Ela só tem olhos para o meu filho.

E quando ela o puxa para um abraço, absorvendo-se no processo,

eu derreto.

Luke sussurra algo em seu ouvido e aponta para outra criança. Eu deveria reconhecer essas crianças e pais, mas geralmente deixo essa merda para o meu pai.

A socialização forçada com adultos de quem não gosto é um tipo especial de tortura, e acho que há limites para o que farei por meu filho.

Willa se levanta e olha por cima do ombro para o menino chupando um pirulito, de costas para ela. Acho que ele é o aniversariante, mas não tenho certeza. A mãe dele, cujo nome também esqueci, está conversando com outras duas mães.

Um rápido olhar para Willa me faz caminhar pela grama, porque sua expressão é de puro fogo. Rhett me disse que ela era leal e reconheço aquela expressão em seu rosto. Porque quando alguém caga em uma pessoa de quem gosto, eu também faço isso.

Em apenas alguns passos, Willa está curvada perto do aniversariante, que olha para ela e ri com um pequeno sorriso de comedor de merda no rosto.

— Com licença! — sua mãe vibra, seu spritzer de vinho branco girando no copo.

Willa não está tocando a criança, mas ela está bem em seu rosto, e eu posso ver seus lábios se movendo lentamente como se ela estivesse enunciando cuidadosamente suas palavras.

— Você me ouviu? Pare de falar com ele!

— Alguém precisa explicar o certo e o errado em termos que ele possa entender — Willa diz por cima do ombro para a mãe de bochechas vermelhas. — Ou você perdeu a parte em que ele empurrou Luke na piscina e manteve a cabeça dele debaixo d'água?

— Foi uma brincadeira! Você está fora da linha e não vai falar mais uma palavra com ele.

O rosto manchado de lágrimas de Luke me diz que ele não sabia

da brincadeira.

Willa se levanta lentamente, quase predatória em seus movimentos, enquanto ela se vira e arqueia uma sobrancelha para a mulher. — Oh, não?

— Nenhuma outra palavra.

— Ótimo. — Willa sorri, mas é um sorriso assustador. E então, com uma verificação de quadril bem colocada, o aniversariante sai voando para a água.

— Sebastian! — O spritzer de sua mãe espirra em sua mão enquanto ela corre para frente.

Luke está adequadamente chocado. A boca da mãe está se movendo, mas nenhum som sai, como quando você puxa uma truta do lago.

Willa se agacha na beira da piscina, sorrindo maliciosamente para o menino, que já está de pé na água rasa, enxugando os olhos com raiva. — Lição de vida, merdinha. Cuidado com quem você briga. Alguém insano pode amá-lo.

— Você precisa sair! Agora! — A mãe aponta para o portão e seu braço treme de fúria.

Estou quase chegando a eles, mas a visão de Willa jogando uma criança na piscina me parou no meio do caminho.

Ela realmente é louca.

Possivelmente da melhor maneira.

— Com prazer. — Ela se levanta, escovando as mãos. — Entre em contato com um profissional se ele começar a matar coelhos ou algo assim.

— Willa — eu lato, de volta ao movimento agora.

— Ah, que bom — diz a mãe. — Um *verdadeiro* pai está aqui.

Eu deveria saber o nome dela pelo número de vezes que ela tentou conversar comigo no supermercado ou na escola, mas não sei,

então tento adivinhar o que parece próximo e rezo para que eu esteja certo. — Olá, Bunny.

Ela pisca para mim. — É Betty.

Deveria ter rezado mais, eu acho. — Oh, desculpe. Meu erro. Deslize da língua. Há algum problema?

— Sim. Sua *babá* é o problema.

Não aprecio o jeito condescendente com que ela diz *babá*, então respondo: — Willa é uma amiga, na verdade.

Willa pisca. Betty pisca. Luke se aproxima e envolve os braços em volta da cintura de Willa, enquanto o garoto idiota sai da piscina, parecendo devidamente castigado.

— Ela empurrou meu filho para dentro da piscina.

— Eu tropecei. — Willa sorri, envolvendo um braço protetor em torno do pequeno corpo de Luke.

Os olhos azuis de Betty se estreitam e sua voz é estridente quando ela bate o pé e meio que grita: — Saia!

— Vamos todos ser educados aqui. — Eu dou a Betty um olhar aguçado antes de Willa ir ainda mais longe.

— É claro. Muito obrigada por me receber, *Bunny*. — Willa pisca antes de se virar para Luke. — Vejo você em casa, amigo.

Casa.

Ela diz isso tão facilmente. Como se fosse verdade. Que a nossa casa é a casa dela. Ela também disse que ama Luke, e não sei o que fazer com isso.

Eu deveria estar mais chateado com alguém sobre algo agora, mas estou muito ocupado tentando entender o fogo de artifício na minha frente.

— Não! Eu quero ir com você. — Observo os nós dos dedos de Luke ficarem brancos onde ele agarra as roupas dela, praticamente se agarrando a ela, as lágrimas ainda brilhando em suas bochechas

rechonchudas.

Eu me viro, apertando uma mão no ombro esguio de Willa enquanto passo a outra pelo cabelo de Luke. Eu me curvo e pressiono um beijo no topo da cabeça dele.

Quando me endireito, o ar confiante de Willa se desfez. Ela tem a testa franzida e os olhos um pouco vidrados. Sua voz é abafada e falha quando ela diz: — Aquele garoto o segurou debaixo d'água. — Suas piscadas se tornam rápidas. — Tive que retirá-lo. E todos eles apenas riram como se fosse uma brincadeira engraçada.

O papai urso em mim ruge com a história que ela está contando. Meu lado protetor. Aquele que venho aprimorando há décadas. Eu deslizo minha mão até o lado de seu pescoço, esfregando um polegar sobre o ponto de pulso lá, enquanto seguro seu olhar verde brilhante com o meu. — Vá. Encontro você em casa. Eu cuido disso.

Sua cabeça se inclina levemente ao meu toque. E então ela acena com a cabeça.

Observo por alguns instantes enquanto ela sai com Luke encostado nela como se ela fosse a coisa mais reconfortante do mundo. Eu distraidamente me pergunto como ele vai lidar com a saída dela quando as aulas começarem.

Mal, provavelmente.

Eu me pergunto como vou lidar com a partida dela no próximo mês.

Tão mal quanto, eu aposto.

— Aquela Willa precisa de uma coleira — a mãe funga atrás de mim.

Meu peito incha quando volto minha atenção para a loira falsa na minha frente. — Betty, gosto de pensar que sou um cavalheiro, mas só vou lhe dizer uma vez. Mantenha o nome dela fora de sua boca se for usar esse tom. Em vez disso, vamos falar sobre seu filho.

Uma mão bem cuidada cai em seu peito, e ela recua, como se

estivesse totalmente escandalizada.

A piada é Betty.

Estou apenas começando aqui.

Willa pode me deixar louco. Ela pode merecer um pequeno empurrão. Mas se Betty pensa que ela vai ser a única a empurrá-la de volta, ela tem outra coisa vindo.

Willa pode ser um pouco psicopata – afinal, ela acabou de empurrar uma criança para dentro da piscina –, mas quanto mais tempo passo com ela, mais sinto que ela é *minha* psicopata.

* * *

Quando chego em casa, a casa está vazia, o que me convém, porque vou até a cozinha, pego minha garrafa de uísque favorita e tomo um grande gole antes de colocá-la de volta no armário e apoiar as palmas das mãos no balcão.

Vou encontrar Willa e Luke depois de recuperar o fôlego e organizar meus pensamentos.

Com a cabeça baixa, tento afastar a imagem mental de Luke lutando debaixo d'água.

Mantive minha conversa com Betty razoavelmente contida. É uma cidade pequena e existem tantas pontes que você pode queimar. Todo mundo vai falar sobre isso de qualquer maneira. Particularmente com a maneira como Willa saiu.

Eu balanço minha cabeça com a memória. A maneira como ela a chamava de *Bunny* mesmo depois que Betty me corrigiu. A garota é corajosa de verdade – eu vou dar isso a ela. Especialmente depois de vê-la naquele cavalo esta manhã.

O som de risadinhas encantadas chama minha atenção pela janela aberta da cozinha em direção ao campo de feno nos fundos, onde os primeiros fardos cortados são empilhados. Quando vejo um flash de

cabelo acobreado, sei que devem estar lá fora.

Brincando. Rindo. Eu deixo meus olhos se fecharem e os ouço.

— Pronta ou não! Aqui vou eu! — Luke grita sem fôlego.

É perfeito.

Sorrio para mim mesmo e então abro meus olhos, sabendo que o único lugar onde eu quero estar agora é no campo com eles – mesmo que esteja morto depois de trabalhar o dia todo e lidar com o drama da mãe de uma cidade pequena.

Em poucos minutos, estou entrando na enorme estrutura labiríntica feita de grandes fardos redondos, as passagens escuras entre eles quase estreitas demais para eu passar.

— Eu posso ouvir você rindo, seu pequeno ganso.

— Um ganso? — ele grita.

— Um ganso bobo! — ela chama, a voz de volta para a versão leve e cantada que eu notei pela primeira vez, todos os vestígios da ansiedade anterior se foram.

Encontro Luke primeiro enquanto ele persegue Willa com uma expressão séria no rosto. Ele instantaneamente coloca um dedo sobre a boca, sinalizando para que eu fique quieto, como se ele não tivesse apenas divulgado sua localização chamando-a.

Agachando-me, eu o puxo para um abraço rápido, precisando senti-lo – a batida de seu coração, o pequeno ruído de sua respiração, sua bochecha gordinha contra a minha barba por fazer.

— Eu amo você, amigo — resmungo, sentindo-me emocionado.

— Também amo você, pai. — Ele dá um tapinha nas minhas costas. — Mas você vai me fazer perder.

Eu rio. Tenho certeza de que Willa sabe onde ele está. O que ele não sabe é que só vai pegá-la se ela quiser.

Parece loucura que eu tenha pensado que ela não seria capaz de mantê-lo seguro, e agora ela não faz nada além disso. Claro, suas

babás sempre o vigiavam, mas não sei se elas teriam lutado por ele como Willa fez hoje.

Do jeito que eu teria na mesma situação.

— Eu irei por ali, ver se podemos rastreá-la juntos. Dividir e conquistar.

Ele balança a cabeça. — Sim. Sim. Esse é um bom plano.

Dou uma rápida bagunçada em seu cabelo, dando mais um beijo em sua cabeça antes que ele se vire e saia correndo. Sei que precisamos conversar sobre o que aconteceu hoje, mas agora não é o momento. Tenho certeza de que tudo vai sair quando eu me deitar com ele na hora de dormir.

Eu me viro para os fardos, indo na direção oposta, as pontas secas de pedaços perdidos arranhando meus braços enquanto eu me movo em direção ao centro da estrutura procurando por Willa.

Eu ouço o baque surdo de pés pequenos ao meu redor, Luke subindo e descendo as fileiras. Todos os sentidos parecem elevados aqui, o feno proporcionando uma espécie de isolamento acústico, uma privacidade. As paredes dele pressionam ao meu redor. Cheira reconfortante.

Cheira a nostalgia. Sou levado de volta aos dias em que Beau e eu perseguíamos Rhett e nossa irmãzinha Violet por aqui. Mesmo campo e tudo.

À minha direita, vejo um flash. A luz do dia é bloqueada por um momento antes de brilhar novamente. Eu me viro e a sigo, sabendo que a peguei agora.

Meus passos se alongam quando viro para a direita, avistando-a rastejando com cuidado.

— Red — eu sussurro-grito.

Sua cabeça vira em minha direção, seus olhos brilhando. Porque, se nada mais, Willa Grant é uma perturbadora de merda, entrando na minha vida e complicando-a sem ao menos tentar. Parecendo toda

satisfeita consigo mesma por causa disso.

Com uma piscadela por cima do ombro, ela dispara, correndo de mim.

E algo primordial em mim ruge para a vida.

Eu a persigo.

Luke está do outro lado dos fardos e, embora eu não diga que o esqueci, é Willa quem tem toda a minha atenção agora.

Eu corro o melhor que posso no espaço apertado, minha mente focada como laser. Tudo que vejo é ela, e tudo que ouço é sangue bombeando em meus ouvidos.

Ela se vira de novo, e ouço uma risadinha ofegante quando ela olha por cima do ombro e vê que eu a alcancei.

Uma vez à esquerda, ela está indo na direção de Luke. E enquanto eu disse a ele que iria ajudá-lo a pegá-la, a verdade é... eu a quero para mim por um momento.

Eu não posso explicar isso. É instinto.

Meu braço se estende à minha frente e meus dedos envolvem seu pulso delicado, apertando-a e puxando-a de volta para mim antes que ela possa cruzar o caminho de meu filho e acabar com esse perigoso jogo de gato e rato que parecemos estar jogando.

O ar sai de seus pulmões enquanto ela tropeça de volta para mim, as omoplatas batendo contra meu peito.

— Jesus Cristo. — Ela ri, não se afastando do meu corpo. Na verdade, ela se inclina para mim, olhando por cima do ombro. — Relaxe, Daddy. É apenas um jogo de criança.

Eu me viro, puxando-a de volta para o centro do labirinto. — Correndo muito para uma mulher jogando um jogo infantil, Red.

Ela ri, sem me levar a sério – da maneira típica.

— E pare de me chamar assim.

— Por quê? — ela pergunta sem fôlego quando eu viro uma curva

antes de pressionar minhas costas contra o feno, dando-lhe um puxão que a faz tropeçar em meu peito.

Ela se segura colocando uma mão em meu peitoral. Nós dois olhamos para baixo, paralisados pelo local onde ela fez contato. Minha camisa poderia muito bem não estar ali, porque parece que ela está tocando minha pele nua.

Meu pau estremece, claramente não indiferente.

— Porque eu não gosto disso — falo. O apelido me faz sentir ameaçador.

Isso só a faz sorrir. — Mas tenho certeza de que você está prestes a me repreender como se fosse assim.

Minha testa franze quando levanto meu queixo para me perder em seus olhos esmeralda. — Repreender você?

Seus olhos reviram. — Olha, sei que não deveria ter jogado aquele garoto na água, mas eu estava realmente brava. Ele foi tão *mau*. E não acidentalmente. Fui perseguida assim quando criança e sempre foi meu irmão quem interveio e me salvou. Mas Luke não tem um irmão mais velho para chutar a bunda de alguém por ele, e eu só... estourei.

Eu mergulho na mulher diante de mim, um nocaute do caralho. — Por que *você* foi perseguida?

— Vou mostrar as fotos algum dia. Mais alta e mais magra do que todos. Dentes grandes. Cabelo vermelho louco. Posso culpar a cor do meu cabelo por agredir uma criança de sete anos? Eu sempre perdi o controle com facilidade. Ou tipo — ela rola os lábios — eu não fico brava com facilidade, mas quando fico é muito, muito ruim. E a Bunny não presta. Fodendo você daquele jeito em uma festa de criança.

Pisco para ela, explicando-se freneticamente como se estivesse com problemas comigo quando não está. As únicas pessoas com problemas são os idiotas que a perseguiram. Eu não me importo se já se passou uma década. Quero nomes e endereços para poder corrigi-

los.

Ela continua, alheia ao jeito que estou olhando para ela e ao têsão crescendo em minha calça. Alheio ao modo como seus dedos acariciam distraidamente meu peito.

— Eu sei que há toda essa vibração estranha de cidade pequena acontecendo, onde todo mundo sabe da vida de todo mundo. E aquela cadela loira estava louca. Imagino que ficaria brava se descobrisse que meu filho também era um perdedor furioso. Mas eu realmente não me importo com o que ela pensa de mim, sabe? Então, se você precisa me culpar para salvar a face como o príncipe mal-humorado da cidade, tudo bem. Não vou usar isso contra você.

Eu apenas a encaro. Ela deve pensar que sou um verdadeiro idiota se ela está assumindo que eu não viria em sua defesa sobre isso.

Sua língua se lança sobre os lábios, molhando o inferior cheio e fazendo-o brilhar de uma forma que não consigo tirar os olhos.

— Deus. Por que você tem que usar um boné para trás também? — Sua voz é mais suave agora. Mais rouca. Mais ofegante.

Eu juro que ela está se inclinando mais perto.

— O quê? — Ela é uma mulher confusa, falando a mil por hora. Passamos de uma bronca para um trauma adolescente, para um drama de cidade pequena e para o meu chapéu em menos de um minuto.

Ela realmente é meio louca.

— Aquele chapéu de cowboy. — Ela geme e deixa seus olhos rolares para trás em sua cabeça. — É tão bom. Quero dizer, sinto como se estivesse vivendo em algum filme feito para a TV com um cowboy gostoso. Mas então você limpa e modela seu cabelo, e dá essas vibrações gostosas e elegantes de homem mais velho.

Estou tão confuso.

— Desculpe?

Seus dedos se enrolam no tecido da minha camisa, e sinto o arranhão de suas unhas no meu peito. Eu amo o jeito que parece; sua

pele pálida agarrada ao tecido preto. Imagino-a deitada na minha cama, perdendo-me entre suas lindas coxas leitosas e fazendo-a gozar com tanta força que seus dedos se curvam da mesma maneira.

— Mas então, você vira um boné ao contrário e me dá a experiência completa de um garoto do campo. Você sabe o quão sexy é isso? Não consigo nem explicar. — Ela ri levemente, como se não tivesse acabado de dizer algo que me atingiu. — Boné para a frente. Fofo. — Sua mão livre imita agarrar a aba de um boné e virá-la para trás. — Boné para trás? O jogo *começou*. É como um interruptor.

Eu balanço minha cabeça para ela, observando o rubor em suas bochechas, o fogo em seus olhos. O traço de timidez em seu rosto.

— Bem, isso foi informação demais. O boné para trás está derretendo minhas células cerebrais. Tenho que ir! — Ela me assusta quando se afasta e corre pelo caminho comprimido. Eu ouço a voz de Luke zombando dela, mas ele ainda parece distante. Seus passos cobrem o chão, mas não como os meus. A vontade de persegui-la e segurá-la me consome. Isso me faz sentir selvagem e sem amarras.

É por isso que, com uma virada brusca, pego seu braço em seu cotovelo e a empurro contra o feno espinhoso. Pressionando-a firmemente, meus quadris alinhados com os dela. Meu pau duro contra sua barriga lisa.

— O jogo começou? — eu resmungo, enquanto todas as minhas reservas sobre tocar a babá voam pela maldita janela. Eu não preciso delas – definitivamente não as quero. Não com o jeito que ela está olhando para mim agora, os olhos fixos em meus lábios enquanto agarro seu cotovelo e apoio outra mão contra a parede de feno atrás dela.

Seu lábio ainda está molhado quando ela sussurra: — O jogo começou.

Eu quero empurrá-la para trás e devorá-la, deixá-la lutando para respirar, mas seguro esse lado de mim.

Porque mais do que isso, quero agradecê-la.

Quero agradecê-la de uma forma que minhas palavras não me permitirão, então, em vez de agarrá-la como um adolescente, respiro fundo e me permito beber dela por um momento. A ponta atrevida de seu nariz. A franja grossa de seus cílios. A batida do coração em sua têmpora, bem na frente de onde começa aquele lindo cabelo acobreado.

Eu libero seu braço e arrasto meus dedos sobre sua pele, começando em seu ombro, arrastando-os lentamente até seu pulso. Estou fascinado com os arrepios que surgem na sequência do meu toque.

Meus dedos deslizam entre os dela, sua palma encaixando perfeitamente na minha.

— Eu não conheço esse jogo — ela sussurra, e tiro minha mão de cima de sua cabeça, pressionando seu corpo com toda a minha extensão. Minha mão livre desliza em seu cabelo, e observo enquanto penteio lentamente as mechas, o tom polido combinando tão bem com a minha pele bronzeada.

— Nem eu, Red. — Meus olhos ficam grudados em seu cabelo. Sinceramente, não sei que porra estou fazendo. Tudo o que sei é que quero saborear isso.

Saboreá-la.

Porque tenho a sensação de que, quando sairmos desses fardos, as coisas vão parecer muito diferentes. O cheiro de grama e poeira se dissipará e a realidade voltará.

A realidade onde eu sei que não devo ir atrás de uma garota como Willa Grant.

Uma realidade onde ainda estou muito ferido para confiar em alguém.

— Você vai fazer alguma coisa, Eaton? Ou apenas ficar aqui me acariciando?

Minha cabeça balança e meu peito ressoa quando eu arrisco olhar em seus olhos. Claro e certo, tão brilhantes.

Sinto-me seguro quando estou carrancudo, mas está ficando cada vez mais difícil olhar para Willa Grant sem sorrir.

É com um sorriso nos lábios que me inclino e pressiono minha boca na dela. Ela é suave e disposta. Ela se separa para mim com tanta facilidade. Acolhe o beijo.

Leva-me.

Quando eu gemo, ela choraminga em minha boca, e engulo seus doces sons. Querendo guardá-los para mim, memorizá-los para um dia chuvoso.

Faz anos desde que fui tocado assim, e meu peito se abre com a sensação. O contato. A proximidade. A intimidade. Mãos deslizando sobre meu peito, pressionando meu pescoço antes de agarrar cada lado do meu crânio. Dedos delicados atrás das minhas orelhas.

Eu nem percebi o quanto sentia falta da atenção de uma mulher. E não qualquer mulher. A mulher em quem concentrei minha atenção desde o momento em que a vi.

A mulher que derreteu meu coração gelado em questão de semanas.

Sem coração. Foi assim que Talia me chamou em sua carta. E eu acreditei nela.

Eu ainda acredito.

Mas é difícil negar a sensação em meu peito agora. A dor. O calor.

É especialmente difícil negar a protuberância em minha calça. A que estou moendo contra Willa.

Essa parte me faz sentir como um adolescente.

Ela geme, levantando uma perna na minha cintura, abrindo-se para esfregar de volta contra mim, e aproveito a oportunidade para deslizar minha língua em sua boca, para moldar meus dedos em um punho em seu cabelo.

Para ir com a intensidade do momento, embora eu pensasse que

poderia mantê-lo doce e lento. Essa é a coisa sobre Willa. Ela não me parece o tipo de garota doce e lenta.

Cada vez que me afasto, ela empurra com mais força. Toda vez que eu olho para ela, ela cutuca, esperando por uma reação. E agora ela está conseguindo.

— Willa...

— Não pare. — Nossos dentes se chocam enquanto ela fala contra a minha boca. O que começou com reverência está rapidamente se tornando frenético. Uma fachada bem trabalhada se desfazendo a cada costura.

Pego um punhado de sua bunda redonda, apertando com força, antes de pegá-la e puxar suas pernas tonificadas ao meu redor para que eu possa entrar no jeans que cobre sua boceta como o homem das cavernas faminto por sexo que sou.

— Sim — ela sussurra quando meus dedos percorrem a bainha rasgada de seu short.

Ela cheira a laranja e grama quente, refrescante e reconfortante ao mesmo tempo. Ela parece o paraíso em minhas mãos. E ela parece tão selvagem quanto eu sempre soube que ela era.

Mas há algo em vê-la louca por *mim* – cedendo por *mim* – que me faz sentir mais desejado do que nunca.

— Não pare. — Seus quadris giram contra os meus enquanto meus dedos se aproximam perigosamente de onde posso descobrir se ela está realmente usando calcinha.

Imagino inspecioná-la todas as manhãs. Curvando-a sobre o balcão da cozinha. Levantando um vestido de verão frágil que é apenas sua maneira silenciosa de me implorar para transar com ela.

— Você está desesperada por isso, não é? — eu rosno contra sua orelha, perdido no devaneio.

Minha língua desliza contra a dela, sondando suavemente sua boca. Da mesma forma que eu deslizaria um dedo em sua boceta lisa.

Ela choraminga do jeito que faria quando eu adicionasse um segundo dedo. E depois um terceiro.

— Porra — ela cantarola contra meus lábios, porque minhas mãos estão se movendo por sua própria vontade, agarrando seu cabelo e pegando um seio cheio.

É tudo muito real. Demais.

Muito fácil de imaginar.

Quando me dou conta do quanto me afundei nessa fantasia, estou com a calça latejando. Estourando em minha calça.

Como um adolescente.

O calor dispara pela minha virilha e eu reprimo qualquer sinal do que acabou de acontecer. Willa está sem noção, ainda macia e desesperada em minhas mãos.

E claramente mais do que posso suportar, e é por isso que me afasto ofegante. Precisando de algum espaço. Precisando me esconder dos meus níveis vertiginosos de intensa humilhação.

— Sinto muito. Eu não deveria ter feito isso — é o que consigo dizer. Uma coisa idiota de se dizer, sem dúvida. Mas é demais neste momento.

Preciso da minha solidão e preciso ficar longe de Willa. Porque olhar para ela toda despenteada, com os lábios inchados e rosados, combinando com a mancha em suas bochechas enquanto seu peito cheio arfa e seus olhos ficam vidrados e arregalados, endurece-me novamente.

Eu me viro e me afasto, na esperança de entender minha dignidade em algum lugar entre os fardos de feno e a porta dos fundos da minha casa.

Sim, eu corro.

Como um maldito adolescente.

Willa

Summer: Venha jantar esta noite. Traga os meninos!

Willa: Posso prometer que Luke e eu estaremos aí.

Summer: E o Cade?

Willa: Quem sabe?

Summer: Problemas no paraíso? Você transou com ele?

Willa: Quem dera. Ele mal olha para mim.

Summer: Mostre a ele.

Willa: Eu tentei. Ele é maduro demais. Ele apenas revira os olhos e vai embora.

Summer: Espere. Você realmente mostrou para ele?

* * *

— Por que você continua olhando para lá?

— Para onde? — eu respondo, realmente péssima em bancar a idiota.

— Para os caras? — Os grandes olhos castanhos de Summer estão examinando meu rosto como se eu fosse um código de barras que ela pode ler facilmente. A vadia não perde nada.

— Apenas acompanhando a pontuação do jogo de bocha. Certificando-me de que ninguém trapaceie.

Estamos na casa de Summer e Rhett depois de mais um jantar em família. Aparentemente, Harvey está dirigindo pelo país com Beau de

volta para onde quer que ele saia – de acordo com Cade, isso é algo que o pai deles faz sempre.

Não conheço Beau bem, mas não consigo me imaginar empacotando Luke para fazer o que ele faz repetidamente.

— Besteira. — Summer gargalha e se recosta na cadeira, bebendo delicadamente sua taça de vinho branco com o sol dourado brilhando atrás dela.

Nada passa por ela. Ela sabe muito bem que estou sentada aqui olhando Cade como se fosse meu último momento na terra. Desde aquele maldito beijo, as coisas ficaram *estranhas* entre nós. E não o típico modo mal-humorado estranho.

— Nós nos beijamos e agora tudo está estranho — eu deixo escapar. Summer e eu sempre contamos uma à outra nossos segredos mais profundos e sombrios.

— Vocês se beijaram!

— Sum! Shh. Se você anunciar assim, a cidade inteira vai saber, e eles já me odeiam. A última coisa que preciso é que a brigada de vadias pense que estou entrando aqui roubando o solteirão mais cobiçado da cidade.

— Hum. — Quando olho para ela, ela está balançando a cabeça, pensativa, com os pés descalços apoiados em outra cadeira. — Interessante.

Reviro os olhos e tomo um grande gole do meu vinho. — Isso é tudo? Estou sempre cheia de bons conselhos para você, e recebo um zumbido pensativo e um tiro sarcástico de uma palavra?

— Estou pensando.

— Pense mais rápido.

Ela ri e rola a cabeça nas costas da cadeira em minha direção. — Estranho como?

Suspiro e olho para o amplo quintal, para o grande salgueiro sob o qual Luke e eu nos divertimos pela primeira vez. Rhett, Cade, Jasper

e Luke estão jogando bocha, brincando com as bolas e bebendo cervejas.

— Bem, primeiro ele começou rabugento, depois começou a mudar um pouco. E quero dizer, ok, havia alguma tensão sexual, mas era amigável o suficiente. Conversamos no jantar ou na banheira de hidromassagem.

Uma das sobrancelhas escuras de Summer se arqueia em minha direção. — Jacuzzi? O que é isso, ensino médio? Alguém lhe disse que você pode engravidar lá dentro?

— Cale-se. Mas agora ele fala em grunhidos. A única maneira de conversarmos é por mensagem de texto ou pelos post-its que ele deixa pela casa.

— Ele deixa post-its para você? — Seus lábios se abrem em surpresa.

Eu dou de ombros. — Sim. Ele entra quando Luke e eu estamos limpando depois de fazer uma fornada de biscoitos e não diz nada sobre isso. Só fala com Luke. Mas então, pela manhã, ele deixa um bilhete ao lado do café que diz: *Os melhores biscoitos que já comi*.

Summer ri.

— Summer! Pare de rir e me ajude. O que isso significa?

Sua cabeça inclina para trás, e eu pego os caras olhando para nós. — Significa que ele adora seus biscoitos, Wils.

Eu bufo. — É claro. Meus biscoitos trazem todos os meninos para o quintal.

Summer ri mais forte, seu vinho espirrando em seu copo enquanto ela faz. — Ele faz tudo pelo biscoito — ela ofega.

— Bom Deus. Podemos, por favor, parar de citar músicas horríveis e falar sobre o meu problema real?

Ela enxuga as lágrimas em seu rosto enquanto se endireita. — Ok. Ok. Sinceramente, ainda estou tentando entender isso. Você o beijou? Eu sei que você é avançada. Você o assustou? Ele é muito... sério?

— Boa maneira de ficar do lado dele!

Seus olhos reviram. — Não há lados. Conte-me mais sobre os bilhetes.

Eu fungo e atiro-lhe um olhar sujo. — Com certeza parece. Oooh. Pobre Cade inocente que me empurrou contra um fardo de feno e me beijou como um idiota.

Summer rola a mão, incitando-me a superar isso e contar mais a ela.

— Coisas como, *Luke me contou sobre sua aula de violão hoje. Obrigado. Ou, por favor, não pinte a varanda da frente.* Eu não sei como lidar com isso.

— Você pintou a varanda da frente?

Eu zombo. Cade é um estraga prazeres às vezes. — Usamos tinta para adicionar detalhes ao corrimão. Parece fofo. Você juraria que pinteí o degrau da frente de rosa Barbie ou algo assim.

Ela me olha como se nós duas soubéssemos que eu deveria ter dito não à ideia de Luke. Mas de qualquer forma. Podemos pintar por cima. Não é como se tivéssemos matado alguém ou jogado folhas de alface para fora do meu carro.

— Basicamente, ele chega em casa e cozinhamos juntos em silêncio. Jantamos, e ele fala principalmente com Luke, evita olhar para mim, diz *obrigado*, e então começa a trabalhar colocando Luke na cama. Presumo que ele esteja exausto depois disso e desmaie. Sinceramente, não sei como ele faz isso. É demais para uma pessoa lidar com tudo sozinha. Mas se eu faço o jantar, ele fica todo rabugento. Se eu limpo, ele fica rabugento. Oh! Quando ele me disse para parar de lavar roupa outro dia, ele disse que eu sou *apenas* a babá, não a empregada. Então, quem diabos sabe? Então ele me deixou um bilhete na secadora que dizia: *Obrigado por sua ajuda.*

— É realmente meio doce. Tipo... para o Cade?

— Ugh. É embora? *Ele* me beijou e depois se afastou e disse que não deveria ter feito isso. Ele se *desculpou*. Estou tentando não me

ofender.

— Você já tentou *conversar* com ele?

Eu pisco para ela. — Conversar?

— Sim. Você sabe... onde você usa a boca para criar palavras que descrevem o que está passando pela sua cabeça.

— Soa estranho. Parece *estranho*. Não gosto disso. Não aprovado por mim.

Ela me lança um olhar de desaprovação. Imagino que seja um que ela usará em seus futuros filhos.

— Por que não podemos apenas ter sexo pelo resto do tempo e depois cumprimentar um ao outro no final?

— E passar o resto de suas vidas se encontrando por minha causa e Rhett?

Eu viro meu nariz para cima. — Somos adultos. Sou louca por Luke. Você sabe o quão legal esse garoto é? Vai ficar tudo bem.

Summer olha melancolicamente para o campo, girando o anel de noivado em seu dedo. — Adultos que não conversam uns com os outros.

Ela diz isso gentilmente, mas sei que é uma piada. E sei que ela está certa. Eu sei que sigo o fluxo com pouca consideração para onde estou indo. O planejamento me estressa.

É por isso que *ir com o fluxo* é o meu lema.

Muitas maneiras de falhar. Muitas maneiras de ficar aquém. E em uma família de pessoas extremamente bem-sucedidas, prefiro ser o coringa volúvel e não o fracasso.

— Você vai para o rodeio no próximo fim de semana? — Eu mudo completamente de assunto, evitando ativamente os pensamentos que borbulham dentro de mim.

Ela acena com a cabeça. — É claro. Você?

— Sim. Eu disse a Cade que cuidaria de Luke nesse dia. Iremos

assisti-lo.

— Trabalhando nos fins de semana, hein?

Eu dou de ombros. — Passar um tempo com Luke realmente não parece trabalho.

Na verdade, parece a coisa mais natural do mundo.

* * *

Eu deveria ter percebido quando Luke perguntou: — Qual é a sensação quando você fica enjoado? — Que algo estava errado.

Em vez disso, continuei balançando a cabeça ao som da minha música favorita do Broken Bells e disse: — Apenas enjoado, amigo.

Tivemos um dia divertido no parque aquático da cidade, nosso novo local preferido nos dias quentes. Ele consegue ver um monte de amigos da escola, e eu quero dizer fazer careta para o aniversariante psicopata e sua mãe, a qual viverá para sempre em minha cabeça como Bunny.

Eles ficam longe, olhando para mim como se eu fosse uma condenada fugitiva, o que funciona muito bem para mim.

Eu até passo um tempo com algumas mães que eu realmente gosto. Aquelas com filhos legais e bom senso de humor. Sinto-me aliviada que nem todas as mães desta cidade são Bunnies.

Mas não estou mais me sentindo aliviada.

Porque Luke acabou de espalhar vômito por todo o banco traseiro do meu passageiro.

Eu paro na estrada secundária. Estamos a apenas cinco minutos do rancho. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Depois de correr pela frente do jipe, abro a porta do lado do passageiro de trás e vejo o menino coberto de vômito diante de mim.

— Você está bem, homenzinho?

Seus olhos estão arregalados e lacrimejantes. — Sinto muito, Willa.

— Oh, docinho. Não se desculpe.

— Eu vomitei no seu carro.

— Não importa. — Estendo a mão para a frente e passo a mão por seu cabelo molhado.

— É uma bagunça! — Ele está chorando agora e eu quero abraçá-lo, mas todos nós temos nossos limites. Lidei com meu quinhão de vômito como bartender, mas abraçar uma criança coberta de vômito é onde eu traço a linha.

Em vez disso, eu o solto, tiro sua camisa, e *então* aperto ele contra mim. Soluços rasgam seu corpinho.

— E-eu sinto muito! — Ele está chorando agora.

— Shh. Luke. Luke. É apenas um carro. Não importa. Você é o que importa. Eu não me importo com o carro, querido. Estou mais preocupada com você. — Eu me afasto, olhando para ele, tentando não olhar para baixo. Porque eu *sei* que há vômito em mim. A última coisa que preciso fazer é começar a vomitar também.

Ele acena com a cabeça em lágrimas para mim. —Willa?

— Sim?

— Você tem vômito em você. Ainda consigo ver um morango.

Eu abro meus lábios e opto por respirar pela boca, então paro de sentir o cheiro, focando em seus grandes olhos azuis. *Sou adulta, sou adulta, sou adulta.* — Tudo bem. Tudo pode ser lavado. Vou colocar o cinto de segurança e dirigir o resto do caminho. Se sentir que precisa vomitar de novo, é só me dizer e eu paro para você. Entendeu?

Ele acena com a cabeça, parecendo determinado.

E Deus abençoe sua determinação, porque paramos mais duas vezes no caminho de volta para a fazenda.

A primeira coisa que fazemos é nos despir do lado de fora. Pelo

menos todas as peças de roupas sujas. O que para ele é tudo, e para mim é apenas minha regata por cima do biquíni.

O banho é um desafio, porque ele não consegue parar de vomitar.

Nunca me senti mais impotente. Eu nunca me senti chorosa vendo alguém ficar doente, geralmente fico apenas irritada, mas ver seu corpinho arfar tão violentamente faz minha garganta doer e meus olhos lacrimejarem.

Ele finalmente está limpo, parece relativamente vazio e totalmente exausto parado no meio do quarto.

— Quando meu pai estará em casa?

Eu verifico meu relógio. — Em cerca de uma hora. Vou ligar para ele e lavar nossas roupas. Tomar um banho rápido. Que tal você se deitar?

Ele balança a cabeça, parado na minha frente, como se não soubesse o que fazer consigo mesmo. — Eu quero dormir na cama do meu pai.

— Sim, claro. — Sei que ele costuma dormir lá nos fins de semana, mas os dias de semana são difíceis, porque Cade acorda muito cedo. Nós vamos descobrir isso mais tarde. — Vamos. — Estendo minha mão para Luke, mas ele apenas acena com a cabeça novamente, claramente fora de si.

Eu toco sua testa e ela está quente. Mas talvez seja do chuveiro? Porra, eu não sei. Eu pediria ajuda a Harvey, mas ele ainda não voltou. Rhett está na estrada. Summer está no trabalho.

Opto por pegar Luke no colo, apoiando seu queixo no meu ombro. Seus bracinhos envolvem meu pescoço e meus braços se dobram sob suas pernas para que eu o carregue como um coala.

Ele suspira quando pressiono um beijo em seu cabelo sem nem pensar. Não sei mais o que é apropriado. Eu sei que ele não é meu filho, mas ele se parece como meu de alguma forma. Ele parece meu o suficiente para confortá-lo quando está doente.

Eu o carreguei pelo corredor, tentando não enfatizar o quão pesado ele está em meus braços. Ele está apenas cansado. Ele tem um problema de barriga. Crianças ficam doentes. Ele não está em seu leito de morte, ou pelo menos é o que eu continuo dizendo a mim mesma.

Abro a porta de Cade com o pé e entro em seu quarto. A porta está sempre fechada e sinto que estou invadindo a privacidade dele, mas também sou loucamente curiosa. Assim como o restante da casa, seu quarto é aconchegante e arejado, em total contraste com a casa principal onde mora seu pai. As paredes são de um amarelo cremoso, emolduradas por grandes sancas pintadas de branco brilhante. A estrutura da cama de carvalho está manchada de um tom amarelado e, na maioria dos casos, eu diria que é antiga, mas algo sobre isso funciona aqui. Coberta com um conjunto de edredom xadrez creme e azul marinho, o espaço ainda é masculino sem ser escuro.

Sinceramente não é o que eu esperava.

Assim que deslizo Luke delicadamente para a cama king-size, abro o edredom e o coloco na cama. Ele já está meio adormecido, mas geme quando dobro o cobertor em volta dele.

Espiando por cima do ombro, vejo a porta de um pequeno banheiro privativo. Com alguns passos, eu a abro, decidindo que esta configuração é ideal.

O banheiro é apertado, apenas um vaso sanitário, uma pia e uma penteadeira. É limpo e cheira como o perfume de pinho característico de Cade misturado com algo picante e doce.

Eu momentaneamente me pergunto se seria estranho ficar aqui por alguns minutos.

Um pequeno gemido da cama me tira dos meus pensamentos. Viro o assento do vaso sanitário – maravilhada com a existência de um homem que o colocou para baixo em primeiro lugar – e volto para fora.

Curvando-me sobre um Luke ligeiramente delirante, sussurro: — Se você se sentir mal, vá direto para o banheiro do seu pai, ok?

Ele me oferece um pequeno aceno de cabeça sem abrir os olhos, e passo a mão em sua testa. Ainda quente.

— Estarei aqui se precisar de alguma coisa. — Então pressiono outro beijo em sua têmpora febril e saio suavemente do quarto, já pegando meu telefone e discando assim que estou no corredor.

— Red. — A voz de Cade tem um tom forte hoje. Tenho certeza de que algumas pessoas vacilariam, mas apenas reviro os olhos. — Agora não é um bom momento.

— Ok, é só que...

— Se isso é sobre sua calcinha, guarde para suas mensagens matinais.

Idiota.

— Luke está doente, então tire sua cabeça da bunda e fale comigo pelo menos uma vez.

— Ele está bem? — Seu tom muda instantaneamente.

— Ele vomitou no caminho de volta de um dia no parque aquático da cidade. E então ele vomitou muito mais. Ele está limpo. Ele queria ir para a sua cama, então está dormindo lá. É perto de um banheiro, então isso é um bônus. Mas sei que você acorda cedo para trabalhar, então sinto muito por isso também. Estou preocupada que ele esteja muito quente. Você tem um termômetro? O que eu faço? Faço ele beber alguma coisa? Estou realmente preocupada que eu esteja estragando tudo. Além disso, eu o beijei na testa e sinto que preciso dizer isso, porque não sei se está tudo bem. Eu sei que ele não é meu filho, mas parecia que precisava de consolo e...

— Willa — sua voz é suave agora.

— Sim?

— Respire fundo.

— Eu não quero. Há vômito em mim e cheira muito mal. — Minha voz falha e não sei por quê. É como se tirar tudo do meu cérebro e compartilhar com Cade me deixasse totalmente emocionada.

— Está tudo bem. — Quem diria que uma frase tão simples poderia me deixar à vontade tão instantaneamente. — Ele sempre tem febre alta quando fica enjoado. Você está indo bem. Temos sorte de ter você aqui nos ajudando. Luke ama você. Você nunca será criticada por mim por confortá-lo.

— Ok. — As palavras saem aguadas e pisco com força, tentando recuperar a compostura.

— Aqui está o que você vai fazer. Você está ouvindo?

— Sim. — Suspiro, já me sentindo aliviada por Cade assumir o controle da situação. Ele é tão robusto – há uma confiabilidade nele que eu amo. Ele é prático. Ele trabalha duro. Ele é decisivo.

É um alívio tê-lo do outro lado do meu telefone.

— Você vai tomar um banho antes de fazer qualquer outra coisa. — Em circunstâncias diferentes, a perspectiva de Cade me mandar tomar banho me excitaria. — Então você vai para o armário do corredor. Há um termômetro digital lá, então você nem precisa acordá-lo para verificar sua temperatura. Basta apontar para a testa dele. Há também Tylenol infantil lá. Pode ser difícil fazê-lo engolir, então você sempre pode usar a seringa e apenas dar um pouco quando ele acordar e ver o que acontece. Água ou refrigerante de gengibre, pequenos goles.

— O que você quer dizer com quando ele acordar? Você não vai voltar para casa logo?

Eu juro que ele rosna. — Temos um problema na cerca perto da estrada e estamos reunindo as vacas. Vou me atrasar. Em qualquer outro dia eu já estaria a caminho, mas não posso deixá-las na estrada.

— E se eu estragar tudo? Luke não é um martini que posso simplesmente jogar fora e tentar de novo.

O profundo estrondo da risada de Cade passa pelo receptor.

— Você não está rindo de mim agora!

— Willa. Você não vai estragar tudo. Você precisa acreditar em si

mesma. Você é esperta. Você é capaz. Você é determinada. Eu sei que você é porque você me fez gostar de você quando jurei que nunca faria isso.

— Isso deveria ser um elogio?

— Você consegue. Vou me atrasar, mas tenho total fé em você.

— Bem, então você é mais estúpido do que parece — murmuro.

— Isso deveria ser um elogio, Red? — é tudo o que ele diz antes de eu suspirar e desligar.

Cade

Cade: Como está tudo aí, Red?

Willa: Tomou um pouco de Tylenol.

Cade: Bom. Mas como está você?

Willa: Cansada. Mas tudo bem.

Cade: Você tomou banho?

Willa: Sim...

Cade: Bom. Vá para a cama. Você não precisa se preocupar. Eu estarei aí em breve.

* * *

Quando chego em casa, o sol já se pôs atrás das Montanhas Rochosas. Posso ouvir grilos e há algumas luzes acesas na casa.

Estou de péssimo humor. As vacas eu posso lidar. São os vaqueiros que me irritam – às vezes acho que seria mais eficiente administrar o rancho sozinho. Eu não teria tempo para uma criança ou família, mas pelo menos não teria que ouvir um monte de yahoos sobre minha babá gostosa.

Eu disse a Bucky que se ele continuasse balançando o queixo, eu o quebraria.

Os idiotas apenas riram e começaram a tirar sarro de mim por ter uma queda por ela. *Cade e a babá sentados em uma árvore.*

Idiotas.

Eu disse a eles que todos estavam demitidos e eles apenas riram

mais.

Fechando a porta da minha caminhonete o mais gentilmente possível para não acordá-los, sigo em direção à porta da frente, desejando afastar minha agitação. Minha preocupação. Minha confusão. Não quero entrar nesta casa como algo diferente do que eles precisam.

Estou quase esperando que Willa esteja de pé quando entro. Aquela oscilação em sua voz ao telefone me assombrou a noite toda. É incrível para mim que uma mulher autoconfiante como ela possa duvidar de si mesma tão completamente.

Ela é toda arrogância e confiança noventa e nove por cento do tempo. Mas de vez em quando, tenho esse lampejo de insegurança. Isso me deixa balançando a cabeça.

Depois de tirar minhas botas, ando pela casa com os pés calçados com meias, desesperado por um banho, mas mais desesperado para verificar meu filho.

Willa também.

Eu vou para o meu quarto primeiro, perguntando-me distraidamente se seria estranho se colocasse minha cabeça em seu quarto para ver como ela está.

Mas esses pensamentos param bruscamente quando entro em meu quarto escuro e vejo cabelos cor de cobre flutuando em *meus* travesseiros. A luz do corredor ilumina seu braço cremoso e pálido envolvendo o corpo minúsculo de Luke.

Meu coração aperta no meu peito. Para bem no meio dos batimentos. E não consigo desviar o olhar. Deixo-me olhar, ombro apoiado contra o batente da porta, braços cruzados contra o peito – minha única armadura contra os sentimentos intensos que a visão de Willa aconchegando meu filho desperta em mim.

Eu os afundo em mim.

Penso nela dizendo que o ama.

Penso no momento em que ele pega a mão dela, no jeito como ele olha para ela, apenas um pouco incerto se ela vai querer a mão dele na dela.

Eu penso sobre a curva de seus lábios e a forma como seus pequenos ombros caem em um suspiro quando ela envolve seus dedos sem esforço em torno dele, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu fico aqui e penso demais enquanto os encaro enrolados um no outro. Eu me permito imaginar coisas que não devo imaginar. Coisas que eu não tenho certeza se poderia viver.

Com um aceno de cabeça, eu entro no quarto na ponta dos pés, pairando sobre eles com cuidado enquanto estendo a mão e coloco as costas da minha mão sobre a testa de Luke.

Felizmente fresca, o que significa que a febre baixou ou ela conseguiu colocar remédio suficiente nele.

Eu suspiro trêmulo e pouco antes de me endireitar, seus olhos se abrem.

— Oi. — A voz de Willa é suave e sonolenta.

— Oi — eu sussurro, e posso ouvir o sorriso em minha voz.

— Oh, Deus. Sinto muito. Ele queria que eu me deitasse com ele. Ele ficou enjoado de novo. Ele estava bem enjoado... bastante. — Sua cabeça se vira enquanto ela observa os arredores. — Eu não queria dormir na sua cama.

Eu gosto de você na minha cama.

Está na ponta da minha língua, mas eu mordo de volta, optando por: — Está tudo bem. — Estendo a mão e passo a mão sobre seu cabelo sedoso, pressionando suavemente sua cabeça no travesseiro. — Apenas volte a dormir. — Luke está caído em cima de seu braço de qualquer maneira.

— Onde você vai dormir? — Ela pisca grogue.

— No quarto de Luke. — Eu deveria tirar minha mão dela, mas

acarício seu cabelo.

Acalmando-a ou a mim mesmo? Disso, não tenho certeza.

— Sinto muito.

— Não sinta. Obrigado. Você foi uma dádiva de Deus hoje.

— Isso é exagero, Eaton — ela murmura, aninhando a cabeça no meu travesseiro para se esconder do elogio.

Eu me pergunto se ela pode sentir meu cheiro ali.

Manuseando um pouco de seu cabelo, eu o empurro para trás da orelha, deixando meus dedos percorrerem a linha de sua mandíbula. — Você precisa aprender a aceitar um elogio, Red. Um simples obrigado é tudo o que requer.

— Ok.

Eu pressiono meu polegar contra seus lábios, fascinado por como eles são flexíveis sob meu toque. — Red. Apenas aceite o agradecimento. Agora cale a boca e volte a dormir.

Seus lábios pressionam juntos e ela dá um aceno firme. O movimento faz Luke se mexer, mas em vez de acordar, ele se vira e se aninha no peito dela, com a mãozinha espalmada em seu braço.

Observo Willa piscar para ele, como se ainda estivesse tentando entender onde está e o que está fazendo. E quando ela olha para mim, a incerteza estampada em seu lindo rosto, tudo que posso fazer é sorrir.

Willa Grant fica linda demais na minha cama.

* * *

— Acho que já assisti a um pornô como esse uma vez.

Minha cabeça se levanta de onde estou esfregando o estofamento na parte de trás do Jeep de Willa. — Perdão? — Eu apareço pela porta aberta e a observo, sentada no degrau mais alto da minha varanda,

vestindo leggings preta e uma regata preta.

Ela parece bem.

Não há um único lugar nesta casa em que esta mulher não pareça bem.

Eu posso ver o contorno de seus piercings nos mamilos, mas mais do que tudo, estou encantado com a forma como sua pele pálida contrasta com o tecido escuro de suas roupas. A maneira como seu cabelo de fogo parece ainda mais brilhante.

— O cara mecânico mal-humorado com músculos salientes. Uma garota que não consegue pagar a conta. Uma história tão antiga quanto o tempo.

— A merda que sai da sua boca às vezes. — Seco minhas mãos em um pedaço de toalha rasgada. É um rosa pálido. Como os lábios de Willa.

— É o boné virado para trás. — Ela aponta para mim com uma leve risada. — Você apertou o botão.

— Já lhe disseram que você usa o humor para disfarçar o desconforto?

— Oh, sim. O tempo todo. — Ela sorri, e balanço minha cabeça para ela maravilhado. — Minha mãe é terapeuta, lembra?

— Eu disse que você não precisava limpar minha casa ou lavar roupa.

Sua cabeça se move, o sol da manhã brilhando em sua pele macia. — Já lhe disseram que você é terrivelmente exigente?

— Willa. — Meus braços se cruzam.

— Cade. — Ela reflete meu movimento com os braços. Exceto que cria uma prateleira sob seus seios fartos e perco meu foco. A carranca desaparece do meu rosto. — Eu não estava prestes a ficar em uma casa com roupas sujas de vômito paradas. Isso é nojento.

— Você limpou o banheiro.

— Havia vômito lá também.

— Os pisos?

Ela faz uma careta. — Vômito.

— Jesus. — Eu coloco minhas mãos sobre meu boné, pressionando a aba na parte de trás do meu pescoço. Quando olho para cima, não perco o jeito que Willa está olhando para meus braços.

Há uma parte de mim que gosta disso. Mas há outra parte de mim – a parte adulta com toda a bagagem – que sabe que preciso acabar com qualquer que seja essa tensão entre nós.

Provavelmente não a beijar e me esfregar nela até eu explodir na calça teria sido um ótimo começo.

Ou não fazê-la sentar na beirada da minha banheira de hidromassagem para que eu pudesse ver o jeito que seu maiô a marcava.

— Eu não me importo. É — sua mão acena na frente dela — tanto faz. Eu me senti mal por Luke. Você trabalha duro o dia todo. Você não precisava entrar em uma casa coberta de vômito.

— Você não é uma empregada, Willa.

Seus lábios se curvam e seus olhos se estreitam. Eu notei esse olhar. Vem logo antes de ela dizer algo inapropriado. — Eu fui uma sexy no Halloween em um ano.

Eu faço uma careta para ela. Internamente, estou carrancudo comigo mesmo porque meus dois primeiros pensamentos foram:

1. Ela ainda tem aquela fantasia?

2. Como localizo e mato todos os caras que a viram usando?

Ela ri e eu a ignoro. É o que é melhor para nós dois. — Você limpou minha casa inteira, mas deixou seu próprio veículo saturado de vômito?

Sua cabeça balança de um lado para o outro. — Bem, sim. Parecia um problema para outro dia. Vou resolver isso. Não é grande coisa,

então você pode parar de encenar esse pornô a qualquer momento agora.

— Estou quase terminando, Willa. Parece o mínimo que posso fazer por você — eu resmungo, voltando para o Jeep, precisando parar de olhar para ela e ver seus lábios se abrirem na palavra *pornô*.

— Cade, pare. São sete da manhã e você chegou tarde em casa. A que horas você acordou? Você não tem trabalho?

— Eu não durmo até tarde, Red. E estou tirando o dia de folga para cuidar de vocês.

Ela não responde. Eu ouço a porta da frente fechar e solto um suspiro, aliviado por ela ter ido embora. Eu me perco lavando o assento, observando as bolhas se formarem e se transformarem em uma espuma branca.

É uma fuga agradável. O trabalho manual tem uma maneira peculiar de aquietar minha mente, aliviando minhas preocupações — mantendo-me no caminho certo e focado nas coisas que importam.

Estou perdido em pensamentos sobre coisas que importam quando sinto uma mão macia pressionar o centro das minhas costas.

Aperto meus olhos — com força — porque sei quem estou prestes a enfrentar e preciso jogar com calma.

Mas quando me viro para Willa, sinto as pontas de seus dedos ao longo de minhas costelas. E então ela está diante de mim, segurando uma caneca fumegante de café fresco. Arregalados olhos verdes olham para mim, uma pitada de confusão neles. Tantas perguntas. E uma suavidade que quero arrancar e me envolver.

Ela estende o copo para mim. — Aqui. Parece o mínimo que posso fazer.

E percebo que reservar um momento com os olhos fechados para me dar uma conversa interna não vai me manter longe de Willa Grant.

Preciso me esforçar mais porque ela está rapidamente se tornando uma daquelas coisas que importam para mim. E não tenho certeza se

posso lidar com mais responsabilidades.

Willa

Luke conseguiu manter a água, o refrigerante de gengibre e alguns biscoitos de soda no estômago ao longo do dia. Ele também se aconchegou comigo no sofá, e estou vivendo para isso.

No começo, eu não tinha certeza. Porque com Cade por perto, senti que deveria ser ele a absorver os abraços. Mas ele se manteve ocupado, e peguei o ocasional olhar suave que ele nos dava no sofá.

Luke está encostado no final com as pernas penduradas no meu colo enquanto ele se inclina no meu ombro. Ele está enrolando meu cabelo em seus dedos rechonchudos por um tempo agora – lembra-me de seu pai.

Estamos assistindo a um desenho animado, e gostaria de poder dizer do que se trata, mas estou muito ciente de Cade andando pela casa. Limpando. Consertando coisas.

Ele literalmente lavou os rodapés.

Nunca conheci um homem tão organizado. Mas ele também está me deixando louca. Ficar sentada enquanto ele trabalha me deixa nervosa.

Quando ele tira toda a comida da geladeira para limpar as coisas, eu paro.

— Cade, você está me dando dor de cabeça. Por favor, sente-se e assista a algum desenho animado bobo e entorpecente conosco.

— Ei! — Luke faz beicinho para mim como se eu tivesse acabado de insultar algum tipo de performance digna de Oscar, em vez de algo que só prende a atenção das crianças porque é brilhante e pisca sem parar. É a música que me mata. É *tão* ruim.

— Você está dizendo que minha mente precisa de um pouco de entorpecente, Red? — Cade resmunga da cozinha sem sequer olhar para mim.

— Sim. Você está me deixando ansiosa.

— Vou cozinhar algo para você. Você sempre fica menos animada quando está cheia.

Eu bufo. — Idiota.

O chiado de algo em uma panela me atinge primeiro.

Então o cheiro de manteiga.

Então a sensação do peso de Luke contra o meu estômago.

Respiro pelo nariz, tentando me concentrar no terrível programa de TV. Como Luke é fofo. Como Cade é gostoso.

Qualquer coisa para me livrar dessa crescente sensação de náusea.

É quando Luke se aproxima e coloca uma mão úmida na minha bochecha que as coisas vão para o sul.

— Willa, você tem o cabelo mais bonito — ele murmura docemente. Mas seu hálito é só biscoitos e refrigerantes e calor úmido e não posso mais ficar aqui.

Aperto meus lábios e começo a tentar tirar suas pernas de cima de mim. — Obrigada, baby. Mas eu preciso ir.

Sua testa franze. Ele parece levemente ofendido, mas não tão ofendido quanto ficaria se eu vomitasse em cima dele. Pego um flash do rosto preocupado de Cade enquanto eu literalmente corro pelo corredor em direção ao banheiro. O assento faz um barulho alto quando eu o abro e me esvazio com o barulho *menos* de dama possível.

Quando a vontade acaba, ruborizo e olho para cima para encontrar Cade e Luke parados na porta me observando. Como se ouvir meu vômito não fosse ruim o suficiente, os dois estão parados olhando como se nunca tivessem visto uma pessoa passar mal.

— Pelo menos você colocou o seu no banheiro — Luke diz com um olhar sério em seu rosto.

Não posso deixar de rir quando olho de volta para o vaso, o som da minha risada ecoando contra a porcelana.

— Luke, volte para o sofá.

Eu vejo sua pequena forma saindo com o canto do meu olho, mas Cade não se move, ainda parado na porta. Ele está olhando para os dedos dos pés e para a divisória de latão onde os pisos de madeira se transformam em ladrilhos.

— Você vai ficar aqui e assistir?

— Sinto muito — ele murmura sem olhar para cima.

— Por me ver vomitar? Você deveria. Não sei mais como vou olhar nos seus olhos.

Ele zomba. — Que você está doente.

— Bem, não é como se você tivesse feito isso comigo.

Sua cabeça se levanta lentamente. — Não, mas você estava aqui cuidando de Luke. Você ficou com ele a noite toda. Você o ajudou e agora está pagando por isso.

Eu murmuro com isso, pegando um pedaço de papel higiênico para limpar minha boca, porque se Cade Eaton me vir com vômito no rosto, vou mergulhar de cabeça neste vaso sanitário e dar descarga. Com um pequeno encolher de ombros, olho para o homem parado na porta – alto, largo e imponente, com a mais doce expressão de preocupação em seu rosto.

— Ele vale a pena — eu digo, com um sorriso aguçado.

Infelizmente, sorrir me deixa enjoada de novo e, em segundos, estou freneticamente acenando com a mão para Cade, esperando que ele me deixe vomitar sozinha.

Ele sai.

Mas apenas brevemente.

Ele está de volta com algum tipo de kit de guerra, e eu o vejo colocar as coisas no balcão. Termômetro, Tylenol, água, ginger ale e... uma de suas camisetas?

— O que você está fazendo? — eu resmungo enquanto limpo meus olhos lacrimejantes, sem dúvida borrados com rímel.

— Cuidando de você — ele responde sem nem mesmo olhar na minha direção. Seu tom diz que acabei de fazer uma pergunta estúpida.

— Tudo bem. Eu posso cuidar de mim mesma.

— Eu sei que você pode, mas não precisa, porque estou aqui para ajudar — ele diz isso com naturalidade. Como se fazer isso por alguém fosse a coisa mais óbvia do mundo. E eu me pergunto se, para ele, talvez seja.

Ele interveio para cuidar de seus irmãos após a tragédia. Ele se tornou um pai solteiro para seu filho.

Babá vomitando? Esse é um trabalho perfeito para ele também.

Em sua essência, Cade é um cuidador. Altruísta. Com um coração tão grande que quase não consigo entender.

Ele se vira agora, os lábios inclinados para baixo e a testa franzida. Comecei a pensar nessa expressão como *uma carranca de descanso* – é apenas o padrão dele.

Eu me assusto quando ele aponta o termômetro para minha testa, onde estou ajoelhada no chão.

— Só estou medindo sua temperatura. — Seu rosto suaviza.

— Eu sei. — Empurro meu cabelo do meu rosto. — Ainda parece uma arma para mim.

Ele clica no botão. Quando apita, ele franze a testa. — 38.4, está com febre. — Ele se vira para me mostrar, como se eu não confiasse em sua capacidade de ler ou algo assim.

— Ok.

— Começou do nada?

Eu dou de ombros. — Sua limpeza neurótica realmente estava me dando dor de cabeça. E então foi o peso de Luke no meu estômago e o cheiro de seu hálito de biscoito.

Um estrondo profundo rola em seu peito. — Bem, se Luke serve de referência, parece que durou pouco. A má notícia é...

— Vou vomitar até perder os miolos pelas próximas horas? — eu pergunto.

Sua cabeça se inclina enquanto ele pega a camiseta do balcão ao lado dele, dá um passo em minha direção e se agacha para me olhar nos olhos.

Realmente me olhar nos olhos. De uma forma que me faz perceber que ele está evitando meu olhar ou se virando quando encontro o dele. Mas não agora. No momento, é tudo chocolate amargo e caramelo quente riscando íris multifacetadas. Noto as linhas finas ao lado de seus olhos. Em qualquer outra pessoa, elas seriam linhas de riso, mas em Cade elas se prestam ao seu forte apelo sexual.

Ele sorri, fazendo-as enrugarem ainda mais. — Não, Red. A má notícia é que você tem um pouco de vômito na camisa.

Eu fecho meus olhos e gemo. — Este é o meu estilo preferido nas últimas vinte e quatro horas.

— Tudo bem. — Sua voz é como veludo se arrastando pela minha pele. — Ninguém nunca pareceu melhor do que você com vômito na camisa.

Abrindo um olho, eu o considero com cautela. — Você está dando em cima da garota do vômito, Eaton?

Ele sorri e estende a mão, os dedos se esticando para a bainha da minha camisa. — Deixe-me ajudá-la, Red — diz ele em voz baixa.

Não há nada sexual na maneira como Cade pega minha camisa em seus dedos, mas isso não impede que meu pulso ou minha respiração acelere enquanto ele puxa minha camisa para cima,

expondo meu estômago nu e sutiã esportivo simples.

Ele é tão cavalheiro que nem olha para baixo. Ele mantém os olhos no meu rosto, mesmo depois de levantar os braços e deixá-lo puxar a camisa sobre minha cabeça. Eu vou afastar a náusea, na esperança de poder me controlar.

Mas mesmo o homem bonito na minha frente não consegue me distrair da sensação no fundo da minha garganta, do cheiro da minha camisa enquanto ele a afasta.

— Desculpe — eu gemo antes de voltar para o vaso, segurando as bordas brilhantes enquanto outra onda de enjoo me atinge.

Isso sacode meu corpo e eu gemo, o que é certo quando sinto as pontas dos dedos calosos de Cade em meu pescoço, gentilmente levantando meu cabelo do meu rosto. Eu passo o próximo minuto da minha vida abraçada ao vaso sanitário enquanto Cade segura meu cabelo e alisa círculos suaves nas minhas costas.

Imaginei Cade pegando meu cabelo com a mão, mas não desse jeito. Isso é humilhante de uma forma da qual nunca vou me recuperar. A magia se *foi*.

Quando a ânsia diminui, rapidamente ruborizo novamente, enxugando meu rosto antes de me voltar para o homem sexy como o pecado que apenas segurou meu cabelo e esfregou minhas costas enquanto eu esvaziava meu estômago.

Ele continua acariciando minhas costas e, como o santo que é, nem me olha horrorizado. — Está tudo bem, Red. Eu cuido de você.

Eu cuido de você.

Há algo em estar doente que me transforma em criança novamente. Indefesa e lamentável. E o fato de Cade estar aqui e não aborrecido é o maior alívio.

Concordo com a cabeça e ele puxa sua camiseta da bancada novamente antes de deslizá-la cuidadosamente sobre mim em uma onda de tecido bom. É enorme, mas cheira fresco. Tem o cheiro dele — pinho. E não é um cheiro que está me deixando enjoada.

— Você está bem? — Sua expressão é preocupada, mas não de pânico. Há algo reconfortante no fato de ele ser tão imperturbável.

— Sim. Eu posso apenas... — Aceno com a mão ao redor do banheiro. — Acampar aqui um pouco. Minha dignidade apreciaria um pouco de privacidade. Não sei bem como vou recompensá-lo por segurar meu cabelo enquanto eu estava enjoada. — Balanço a cabeça e deixo meus olhos se fecharem.

Ele ri, mas é gentil. Eu o ouço se afastar e me deixo cair contra a parede atrás de mim. O som dele abrindo e fechando gavetas enche o pequeno cômodo, mas estou cansada demais para incomodá-lo sobre a limpeza novamente.

Louco por arrumação.

Eu sinto o calor dele quando ele se aproxima novamente. — Sente-se, Red.

— Não posso. Muito cansada. — Por que vomitar é tão cansativo?

— Você pode fazer isso — ele insiste com uma mão no meu ombro.

— Vou deixar você doente — eu lamento, ainda sem me mexer.

— Eu nunca fico doente. — Seu polegar esfrega docemente minha clavícula, e eu me forço a abrir os olhos para olhar para ele. — Vamos, incline-se um pouco para a frente.

Não sei por que ele quer que eu faça isso, mas parece que ele não vai embora até que eu o faça, então obedeço, embora a parte rebelde de mim queira se inclinar para trás e dizer: *obrigue-me*.

Parece que a náusea reprime facilmente a parte rebelde de mim.

— Essa é a minha garota. — Sua voz profunda vibra através de meus ossos, e então seus dedos estão em meu cabelo, penteando-o suavemente em um rabo de cavalo e envolvendo-o em um elástico de seda macio. Um que ele deve ter pescado na minha gaveta.

Eu gemo com a sensação. Com suas palavras. *Minha garota*.

Deus, devo estar delirando. Eu arrisco uma espiada em sua

mandíbula com a sombra de barba e feições severas, enquanto ele cuidadosamente puxa meu cabelo para trás. Eu quero derreter em uma poça, e tenho certeza de que não tem nada a ver com o problema estomacal.

Cade carrancudo é sexy.

Cade doce é irresistível.

Com meu cabelo preso, ele encontra meu olhar, o rosto marcado pela preocupação. Ele passa a palma da mão pelo lado da minha cabeça, descansando-a no meu pescoço. — Vou deixar você em paz agora, embora eu não queira. Se precisar de mim, estarei lá fora. — Ele ergue o queixo em direção à porta.

Não tenho certeza do que dizer sobre isso. Para ele. Para isso. Então, eu apenas aceno estupidamente.

E olho para a bunda dele enquanto ele sai do banheiro.

* * *

— Ok, vamos lá.

Estou vagamente consciente do cheiro mais masculino e da sensação de mãos gentis moldando minha cintura.

— Vamos, Red. Tentei ser um cavalheiro e respeitar seus desejos, mas seus desejos são besteiras. Fiquei fora daqui o máximo que pude, e me deixou louco fazer isso. Não vou deixar você dormindo no chão do meu banheiro.

Esse comentário faz minhas pálpebras se abrirem enquanto a consciência se infiltra de que ainda estava no banheiro. Não está mais claro e a torção no meu pescoço está causando mais desconforto do que qualquer sensação real de náusea.

As mãos de Cade deslizam em minhas axilas e me levantam. Eu vou com ele, inclinando-me para ele uma vez que estou de pé. Ele envolve um braço em volta da minha cintura para me apoiar sem nem

mesmo piscar.

— Vamos — ele sussurra. Posso sentir a barba áspera contra minha orelha e, de repente, estou bem acordada e intimamente ciente do fato de que não escovei os dentes.

— Ir aonde? — Eu pisco para ele, grogue e ainda tentando me orientar.

— Minha cama.

Eu pisco com mais intenção agora. — Repete?

— É a mais próxima de um banheiro, se você precisar. Não fique estranha com isso. Faz sentido.

Sua lógica não é falha. É o mesmo raciocínio que usei ontem à noite com Luke. — Certo, tudo bem. Mas preciso escovar os dentes.

Ele revira os olhos e observo sua mandíbula trabalhar. — Eu não me importo com sua respiração, Red. Não vou levar você lá para dar uns amassos.

Eu rio, mas minha maior pergunta é: *por que não?*

Enquanto escovo os dentes, ele fica parado na porta do banheiro, de braços cruzados, olhando para mim como se eu fosse uma reclusa e ele um diretor ou algo assim.

Quando termino, ele estende a mão para mim e eu a pego, deixando que ele me conduza pela casa silenciosa até seu quarto. Eu o puxo para uma parada do lado de fora do quarto de Luke e espio seu corpinho enrolado em um cobertor com estrelas pegajosas de plástico brilhando no teto. Não posso deixar de sorrir, aliviada por ele parecer estar descansando confortavelmente.

— Ele estava se sentindo melhor? — eu pergunto, antes de olhar para seu pai.

— Sim. Ele vai ficar bem. A febre passou e tudo. É com você que estou preocupado agora. Vocês dois estão me dando alguns cabelos grisalhos extras hoje.

Eu sorrio e abaixo meu olhar. — Ah, bem. Eles ficam bem em

você.

Ele não diz nada, mas enquanto me puxa pelo corredor em direção ao quarto principal, seu polegar faz círculos suaves no osso saliente do meu pulso.

— Entre — ele ordena, apontando para a cama enorme.

— Aye, aye, capitão — eu o cumprimento, mas é fraco e cansado, e me sinto extremamente aliviada por estar rastejando para a cama dele.

— Você segurou alguma coisa? — Ele acende a lâmpada de cabeceira e puxa o cobertor sobre mim.

— Não — eu suspiro.

Ele resmunga e então se vira, saindo do quarto. Em instantes, ele retorna com líquidos e remédios.

Ele abre a lata de ginger ale e a estende para mim. — Pequenos goles.

Com as mãos trêmulas, eu a pego dele, observando a forma como seus braços voltam a cruzar sobre o peito. — Você só vai ficar aí parado olhando para mim? Eu sinto que estou em apuros.

Ele solta um suspiro alto e passa a mão pelo cabelo. — Desculpe. Vocês dois me deixaram preocupado.

Eu tomo um pequeno gole, não amando o gosto disso se misturando com o sabor de menta que sobrou da minha pasta de dente. — Você é um grande fofo, Cade Eaton. Sente-se.

— Aqui? — Suas sobranceiras franziram.

— É a sua cama. — Eu dou um tapinha no local ao meu lado. — Apenas me faça companhia por alguns minutos e depois vou dormir. Aposto que estarei bem amanhã.

— Talvez — ele resmunga, avaliando-me com ceticismo enquanto se senta hesitante.

Eu deixo minha cabeça descansar contra a armação da cama

enquanto o líquido efervescente se instala em meu estômago. — Diga-me como Luke estava essa noite.

— Sério?

— Sim. Claro. Ele parecia melhor? Eu estava tão preocupada com ele.

Cade olha para mim, como se não pudesse acreditar no que estou dizendo a ele. — Ele estava preocupado com você. Ele queria ter certeza de que eu lhe daria esta cama. Ele espiou e viu você dormindo sentada, o que ele não me disse até que eu já estivesse colocando-o para dormir.

Eu rio um pouco disso, porque posso imaginá-lo dando uma espiada. — Meu pequeno encenqueiro — murmuro, tomando outro gole.

Cade cantarola com isso, olhando para mim ainda mais duro. — Tem certeza que nunca trabalhou com crianças antes?

— Positivo.

— Huh. — Ele cruza as mãos desajeitadamente sobre os joelhos, como se não soubesse bem o que fazer com elas. Como se ele estivesse desconfortável sentado aqui conversando comigo no quarto silencioso. — Você é boa nisso. Talvez você devesse se tornar uma professora ou algo assim.

Uma lufada de ar sai do meu nariz. — Sim. Pode ser. Isso parece divertido, na verdade. Eu não sei, embora. Tudo parece tão assustador.

— O quê?

— Empregos. Carreiras. Vida. Ser um adulto?

— Você gosta de ser bartender?

Eu reviro meus lábios e observo meu chefe com cuidado. — Nada de especial. Era divertido quando era mais jovem. Parecia ser paga para ser social. Mas voltar a isso será difícil. Eu gosto daqui.

Sua garganta balança e ele olha para as mãos, sem responder ao

que acabei de dizer.

— Você gosta de cuidar do rancho? — eu pergunto, tentando tirá-lo do que quer que tenha causado seu silêncio.

Seus lábios lentamente se inclinam para cima. — Eu amo isso. Amo estar lá fora. Amo os dias longos. Amo como fico cansado quando rastejo para a cama à noite. Ajo como se os yahoos do barracão me irritassem, mas eu até os amo do meu jeito.

— A menos que eles me verifiquem. — Eu aponto para ele, tomando outro gole.

Ele ri. — Sim, Red. A menos que eles verifiquem você.

— Deve ser uma sensação boa. Ter certeza de que você está fazendo a coisa certa em sua vida.

Cade acena com a cabeça, os dedos batendo nos joelhos, os antebraços flexionados enquanto ele faz isso. — Você acha que vai continuar trabalhando no bar? Ou tentar algo novo?

Eu me recosto um pouco, aproveitando a cama confortável de Cade e os travesseiros perfeitamente adequados. Alguma cama já pareceu melhor? — Não sei. Novo parece assustador. Parece um fracasso — eu zombo. — Quero dizer, olhe para os meus pais. Insanamente talentoso encontra insanamente educado. E meu irmão? Só tinha que ter tudo isso além de ser insanamente independente. E eu estou aqui sendo insanamente frívola.

Seus dentes rangem. — Você é um monte de coisas, Red. Mas frívola não é uma delas.

— Bem, estou muito intimidada para tentar algo novo e com muito medo de não me comprometer com nada além de uma série de relacionamentos de curto prazo e o mesmo trabalho que tenho desde que fiz dezoito anos. Todo mundo fica me dizendo que eu posso ser o que eu quiser e fazer o que eu quiser. E estou apenas... paralisada por tudo isso. — Solto uma risada triste. — Eu pareço frívola para mim.

— Pare com isso — ele resmunga, olhando para mim com fogo em seus olhos.

— O quê? — Arqueio uma sobrancelha para ele, notando que depois da minha soneca no chão do banheiro, eu me sinto bem o suficiente para devolver a ele um pouco de atitude.

— Se colocar para baixo assim. Evitando elogios. Você é jovem. Sua vida está longe de terminar, e todos nós cometemos erros e voltamos atrás deles. Olhe para mim. Já fiz minha parte deles e tudo o que posso fazer é tentar ser melhor – fazer melhor.

— Você teve muitos relacionamentos desde que a mãe de Luke foi embora?

Ele bufa um suspiro. — Não, Red. Eu disse *tentar* ser melhor. Eu ainda não descobri totalmente como voltar dessa.

— Você sabe do que precisa? Algum sexo sem compromisso com a babá. — Meu tom é de provocação, mas acho que nós dois sabemos que não estou brincando. Dizer algo para chocar não é incomum para mim, mas essa foi realmente minha maneira irreverente de fazer a oferta.

Seus dedos ficam brancos em seus joelhos enquanto ele olha para suas mãos. Ele balança a cabeça enquanto pega o frasco de comprimidos na mesa de cabeceira. Observo extasiada enquanto seus dedos torcem a tampa e ele joga um na palma da mão antes de colocar a garrafa de volta.

Finalmente se virando para olhar para mim, ele estende o comprimido e eu abro a mão para ele em resposta. A tensão entre nós é como uma entidade viva na sequência do que acabei de sugerir. Algo que ambos sabemos que existe, mas estamos optando por ignorar.

Quando ele deixa cair a cápsula de gel na palma da minha mão, ele envolve as duas mãos grandes e fortes em torno da minha e então se inclina para perto. A eletricidade corre entre nós. Quero me inclinar para a frente e bater em seus pelos faciais, implorar para que ele fique aqui comigo. Para apenas pensar sobre isso.

Sua respiração sopra em minha bochecha, e seus olhos me prendem. — Essa é a coisa, Red. Há muitas porras de cordas com

você. O suficiente para nos estrangular. Então vamos ser responsáveis e ignorar o que quer que seja entre nós. Porque daqui a um mês, estaremos nos separando. Você vai viver uma vida fabulosa e de muito sucesso na cidade, e eu vou ficar aqui, cuidando deste lugar pelo resto dos meus dias. Estamos em caminhos diferentes, você e eu.

O sorriso que ele me dá é plano, mas suas mãos apertam as minhas antes que ele se levante. — Tome o Tylenol e descanse um pouco.

— Onde você vai dormir?

— Vou ficar com a sua cama — diz ele por cima do ombro. — Posso lavar os lençóis amanhã.

E então, ele está indo embora, deixando-me segurando um comprimido, uma bebida e os restos esfarrapados do meu ego. Em uma cama que cheira a ele e me faz desejar que ele estivesse aqui comigo.

— Cade?

Ele para assim que sua mão envolve a maçaneta da porta. — Sim? — ele responde sem nem olhar para mim.

— Você vai ficar?

Seu corpo fica estranhamente imóvel. Nenhuma parte dele se move. Se eu não o conhecesse melhor, pensaria que ele estava morto.

Na verdade, pensando bem, eu gostaria de *estar* morta depois de deixar escapar isso como uma idiota apaixonada pelo pai solteiro gostoso e mal-humorado que acabou de me dizer que sou muito complicada para ele. Eu deveria ter mais orgulho e não deveria colocá-lo em uma posição tão incômoda. Mas aqui estou eu, pedindo para ele ficar.

Ele se vira, sobrancelha baixa, expressão tensa. — Ficar?

— Sim... — Eu mordo meu lábio, enrugando um pouco sob a intensidade de sua carranca. — Só um pouco. Só para conversar. Ou alguma coisa.

Ele me encara por alguns instantes, um vislumbre de choque passando por suas feições duras. Ele não esperava que eu pedisse para ele ficar.

Mas com um aceno firme em minha direção, ele dá passos silenciosos de volta para a cama.

E ele fica.

Cade

Lance: Posso passar por aí e praticar com você um dia desta semana?

Cade: Claro.

Lance: Quarta-feira?

Cade: Claro.

Lance: A babá estará aí?

Cade: Foda-se, Lance.

Lance: KKKK. Tão zangado o tempo todo. Vejo você na quarta-feira!

* * *

— Conte-me sobre o jovem Cade.

Estou sentado o mais longe possível de Willa. Se eu pudesse construir uma parede de travesseiros no meio dessa cama, eu o faria. Não que isso fosse me impedir de arrastá-la para debaixo de mim.

Terrível, horrível, nada bom, inacreditavelmente má ideia.

Mesmo suas perguntas que eu não quero responder não estão ajudando a me distrair da proximidade dela. Do cheiro dela.

A maldita tentação dela.

— Hum. — Eu limpo minha garganta. — Não sei. Não há muito o que contar. — Apoiando minhas mãos em meu estômago, arrisco uma espiada nela.

Ela está um pouco pálida, as olheiras sob seus olhos destacadas apenas pelo brilho fraco da luz de cabeceira.

Ela é linda *pra* caralho.

Todas as linhas inclinadas. Seu pescoço. O nariz dela. A linha inferior de sua mandíbula. Há uma elegância nela. Willa Grant é elegante. Ela tem fantasia escrito sobre ela, mas ela anda por aí com camisetas velhas de bandas e é louca o suficiente para jogar uma criança em uma piscina por vingança.

Ela é muito mais do que aparenta, e sentado em um quarto escuro com apenas um pequeno colchão macio entre nós, tenho que admitir para mim mesmo que o jeito que eu a quero é muito mais do que pela sua aparência.

Ela capturou minha atenção na primeira vez que coloquei os olhos nela, e não consegui desviar o olhar desde então.

É perturbador.

— Vamos. Você era tão sério quando criança? Ou você era como Luke? — ela diz isso levemente, mas posso ver como seus olhos começam a cair.

— Eu não era nada como Luke. Também não quero que Luke seja como eu. A morte da minha mãe me mudou muito.

Ela acena com a cabeça solenemente, mas não começa a hesitar sobre mim, o que eu aprecio. Para alguém que cresceu privilegiada, há uma praticidade inerente em Willa. Algo no modo como sua mente funciona. Vejo isso quando ela fala com Luke. Ela não é certinha ou arrogante. Ela é pé no chão, e amo isso nela. Mesmo que ela esteja delirando sobre aceitar elogios.

— Eu a vi morrer naquele dia. Observei meu pai segurá-la. Eu o vi soluçar. — Meus dentes rangem e abaixo meus olhos por um momento. — Acho que minha infância meio que morreu naquele dia também.

Eu olho para seus grandes olhos verdes, um pouco brilhantes agora. Seus lábios de morango se abrem ligeiramente e ela acena com

a cabeça novamente. Eu aprecio que ela não preencha o silêncio com palavras sem sentido.

— Talvez eu tenha sido prático desde cedo. Estratégico? — Suspiro e olho para o teto. — Eu não quero soar como um mártir ou algo assim.

— Você não soa. — Sua resposta é suave e firme.

— Mas eu vi uma necessidade, mesmo quando criança. Nossa família precisava de ajuda. E optei por ajudar. Acho que nunca parei. Compromissado com o dever ou algo assim. Não me arrependo, mas também não tive verões preguiçosos e bobos. Quando voltava da escola, cuidava dos meus irmãos para que meu pai não tivesse que chegar mais cedo do trabalho. Os vizinhos ajudaram. A Sra. Hill ajudou com Luke até que ela ficou velha demais para acompanhar. Mas eu não queria que ele passasse o verão trabalhando no rancho ou sendo arrastado para qualquer lugar comigo. É divertido por um dia. Não por dois meses.

— E eu apareci. — Vejo seus lábios levantarem enquanto ela me dá uma piscadela. — A diversão.

Eu solto um suspiro. — Você é muito divertida. Ele adora o chão em que você pisa.

Olhando para as unhas, ela tenta não rir. — Como todos os homens deveriam.

Rindo, viro totalmente meu olhar para ela. — Como você era quando criança?

A ponta de seu nariz mexe enquanto ela considera sua resposta. — Gostaria de poder dizer que mudei muito, mas não tenho tanta certeza de que mudei. — Há um vazio autodepreciativo em sua voz. — Eu sempre fui a garota divertida. A garota despreocupada. Meu pai viajava muito quando eu era mais jovem. Minha mãe trabalhava o tempo todo. Tínhamos babás também. Ou famílias que ajudavam. Pensando bem, não era tão diferente da comunidade que Luke tem ao seu redor. Então não se preocupe, ele vai ficar ótimo. Apenas como eu.

Ela diz isso como se fosse uma piada, e eu simplesmente não entendo por que ela é tão dura consigo mesma. Por que ela se vê como uma espécie de fracasso quando tudo o que vejo é uma jovem inteligente, engraçada e controlada? Aquela que me fez *implorar* para ela ficar.

Eu dou de ombros. — Eu ficaria muito orgulhoso dele se ele se tornasse como você.

Quando ela inclina a cabeça, uma mecha macia de cabelo desliza para fora e acaricia o lado de seu rosto. — Sério?

— Sim, Willa. O que mais eu poderia querer para ele? Inteligente, independente, um sólido senso de humor, uma boa cabeça sobre os ombros.

— Você acha que ele vai propor à babá dele sexo sem compromisso?

— Jesus Cristo, mulher. — Olho para o teto novamente.

Ela ri e é tão bonito. Como sinos ao vento. Uma das primeiras coisas que notei nela naquele dia na cafeteria.

— Bem, se não podemos brincar com isso, as coisas vão ficar estranhas. Acho que vamos ficar juntos pelo resto de nossas vidas com Summer e Rhett. — Essa realidade me atinge como uma bola de demolição. — Um dia, daqui a alguns anos, estaremos grisalhos e macios na seção intermediária, bebendo um enorme copo de rum com especiarias e gemada em volta da árvore de Natal. Vou fazer uma piada sobre a noite em que ofereci amigos com benefícios para você. Rhett vai uivar. Summer vai revirar os olhos, porque vou contar a ela amanhã, e ela vai pensar que sou ridícula por trazer isso à tona tantos anos depois. Sua esposa de cidade pequena vai colocar a mão no peito — Willa imita o movimento — e agir escandalizada a noite toda. Na verdade, ela vai me tratar com indiferença pelo resto de nossas vidas. E eu vou sobreviver a ela, então tudo bem. A piada é ela. Eu ganhei. E meu marido estará acostumado com minhas travessuras, então ele apenas revirará os olhos e continuará bebendo.

É engraçado e eu deveria rir. Mas fui pego na parte em que ela é casada com um homem que revira os olhos para ela. Um homem que não sou eu. E, de alguma forma, não consegui entender o fato de que vou estar ligado a essa mulher pelo resto da minha vida.

— Red, não se case com um homem que revira os olhos para você.

— Você revira os olhos para mim o tempo todo.

Porra, eu preciso parar de fazer isso. Ela merece melhor.

— Também não se case comigo.

Ela encolhe os ombros e continua, implacável. — Ele vai voltar a verificar obsessivamente sua carteira de investimentos, e todos vão nos ouvir brigar sobre isso mais tarde naquela noite. A manhã de Natal vai ser estranha, porque ele vai embora, e todo mundo vai falar sobre como obviamente a terceira vez *não é* o charme, porque o terceiro casamento de Willa está prestes a desmoronar.

Eu rio agora, um punho sobre minha boca, ombros levantando sob a tensão de não acordar Luke. — Red, você é maluca. Mas gosto disso em você. Você é como um maldito furacão.

Sua boca se curva, pecaminosamente perversa. — Às vezes, eu me sinto assim. Aqui fora embora? Não sei. Há algo sobre as extensões infinitas de terra ao meu redor que é apenas... relaxante? Como se não houvesse mais nada que precisasse ser feito. Eu me sinto muito bem pela primeira vez em muito tempo.

— O olho da tempestade — eu digo, permitindo-me estudá-la.

É difícil encontrar seu olhar. Seus olhos são tão verdes. Seus lábios tão tentadores. Não é à toa que não consigo parar de pensar nela. Ela parece uma boneca e conta piadas como um cowboy.

Mesmo trabalhando com vacas no meio de uma tarde escaldante, ela aparece na minha cabeça.

Isso sempre foi a coisa mais louca para mim sobre ter um filho. Eu nunca estou sem ele. Nunca paro de pensar nele. Preocupar-me

com ele. E, de alguma forma, em questão de semanas, Willa se implantou nesse mesmo espaço.

— O olho da tempestade — ela repete suavemente, os olhos me vasculhando intensamente antes de olhar ao redor do meu quarto. — Talvez você esteja certo.

Quando ela se vira para mim, seus olhos brilham e seus lábios parecem macios e úmidos.

— Willa — eu digo em advertência, porque tenho idade e sabedoria suficientes para reconhecer a expressão em seu rosto.

— Sim? — Ela fica de joelhos, de frente para mim.

— O que você está fazendo?

— Olhando para você.

Eu resisto à vontade de revirar os olhos. Ela tem bastante dificuldade em se levar a sério sem que eu aumente essa insegurança.

— Por quê? — eu indago.

— Porque quero sua atenção quando eu agradecer.

— Pelo quê?

Ela solta um suspiro exausto. — Cuidar de mim.

Eu dou de ombros e desvio o olhar, incapaz de lidar com o peso de seu olhar.

— Você é um bom homem, Cade Eaton.

Seu elogio faz minha pele arrepiar. Talvez eu seja tão ruim quanto ela quando se trata de aceitar elogios. Mas para ela, eu posso ser melhor.

— Obrigado. E você é uma jovem excepcional. — Eu seguro seu olhar. O ar zumba entre nós e tudo dentro de mim diz para alcançá-la. Para esmagar meus lábios contra os dela, correr meus dedos por esse cabelo sedoso de cobre.

— Parece que você está escrevendo meu boletim. — Ela se inclina

mais perto.

Mas eu me afasto. Porque ela está muito perto, e eu sou muito velho, carregando muita bagagem.

Um boletim. Eu quase sinto que poderia ser.

Balançando minhas pernas sobre a borda oposta da cama, viro minhas costas para ela e passo minhas mãos pelo meu cabelo. — Que bom que você está se sentindo melhor. Descanse um pouco.

Eu vou para a porta e é um esforço hercúleo me afastar dela. Uma rápida virada sobre meu ombro confirma a decepção em seu rosto. Resignação.

Duas ofertas em uma noite.

Duas ofertas recusadas.

Quando a porta fecha atrás de mim, percebo que estou fechando a porta na minha chance com a garota sentada na minha cama. Porque seu orgulho não a deixará perguntar novamente. E eu ainda estou muito fodido com a merda que Talia me fez passar para me deixar tê-la. Com muito medo de querer tanto algo, com muito medo de me importar com algo tão profundamente.

Com muito medo de ter meu coração partido novamente.

Que coração? Eu me repreendo.

Eu ando direto para o quarto dela e rastejo em sua cama, o aroma picante de sua loção corporal de laranja me envolvendo como a mais doce tortura.

Respiro fundo e pressiono as palmas das mãos nas órbitas dos olhos.

E então fico aqui, olhando para o teto, repetindo aquele olhar em seu rosto.

E me sentindo mal do estômago.

— Estou tão animado! — Luke exclama quando chegamos ao campo de rodeio algumas cidades adiante.

— Eu também. — Willa abre um sorriso no banco de trás da minha caminhonete. Ela viajou conosco hoje, porque Luke implorou para que todos viéssemos juntos. Ele está alheio à tensão entre nós, a leve pontada de mágoa e chances perdidas.

Em outra vida, poderíamos ter funcionado. Ou teríamos tido um caso. Mas eu sei que não posso tê-la e não mantê-la – simplesmente não é assim que estou programado. E sei que ela não quer ser mantida.

Estamos dançando um com o outro há mais de uma semana. Educado, mas um pouco desconfortável. Profissional e amigável, mas menos brincalhão de alguma forma.

Ela não me mandou uma mensagem sobre sua calcinha, e eu gostaria que ela o fizesse. Ela passou o fim de semana na casa de Summer, e eu gostaria que não tivesse.

Eu sou uma bagunça do caralho. E agora tenho que fazer merda de show de cowboy, porque eu joguei um jogo estúpido de verdade ou desafio com Willa e estava muito estupefato com o contorno de sua boceta para dizer não.

— Você vai ganhar, pai!

Eu bufo. Provavelmente não, mas não digo isso a Luke. — Valeu, amigo. Com um fã como você, vai ser difícil não fazer isso.

Estaciono em um local onde será fácil descarregar meu cavalo. Meu cavalo de *rancho* que Willa e Luke passaram a semana toda cuidando como se fosse um pônei de exibição. Seu pelo escuro e manchado está brilhando. Não há um emaranhado em sua crina, nem uma rebarba em sua cauda. Acho que até colocaram óleo nos cascos dela. Não tenho certeza de que Blueberry já tenha parecido tão bem em sua vida.

Com o veículo estacionado, arrisco um olhar para Willa. — Você

está bem?

Seus lábios rolam. Ela não quer ser sedutora, mas cada pequena coisa que ela faz parece uma oportunidade perdida agora. *Esses lábios deveriam ser meus. Nos meus. Enrolados em volta do meu pau. Gemendo meu nome.*

— Sim. Tudo certo. Nós vamos — ela aponta o polegar por cima do ombro — sair e olhar ao redor. Estaremos de volta a tempo de assistir sua corrida.

Concordo com a cabeça antes de olhar para o mar de pessoas, pensando em como minha vida poderia ter sido se as coisas tivessem sido diferentes. Eu estaria aqui? Na estrada? Correndo e perseguindo fivelas?

— Podemos tomar sorvete? — Luke fala enquanto voa para fora do banco de trás.

— Sim, estamos pegando todas as coisas açucaradas que pudermos encontrar, porque ainda é antes do jantar — Willa fala impassível enquanto sai da caminhonete, e eu sei que ela disse isso só para me importunar.

— Sim! — Pela janela, vejo Luke pular, um punho disparando no ar acima de sua cabeça. O movimento derruba seu chapéu de cowboy, direto para a terra solta e empoeirada.

A cabeça de Willa se inclina para trás em uma risada antes que ela se agache e pegue-o do chão, tirando a poeira enquanto diz algo para Luke que não consigo entender. Seja o que for, isso o faz rir.

Ela se agacha e coloca o chapéu na cabeça dele, dando um pequeno puxão no mesmo momento em que os cantos de sua boca se erguem em um sorriso contagiante.

Eu me pego sorrindo para eles de onde ainda estou sentado atrás do volante. Luke está sorrindo ainda mais. Quando Willa estende a mão e dá um tapa na ponta do nariz dele, vejo seu sorriso suavizar e ficar um pouco melancólico. Ele bate nas costas dela e eles levam um momento para apenas sorrir um para o outro.

Algo em meu peito se abre enquanto os observo juntos. Almas gêmeas de muitas maneiras.

Eles se viram para sair, e Luke desliza sua mão na de Willa. Eles são fofos juntos. Ele está vestido como um pequeno cowboy, e ela está usando uma camiseta branca antiga da Pepsi, um cinto que mais parece uma corrente e seu cabelo em ondas soltas nas costas.

Imagino-a usando aquele cinto e apenas aquele cinto, mas então meus olhos percorrem seu jeans extremamente apertado. Aquele que exhibe a bunda como se fosse a estrela do show. Aquele que se destaca sobre um par de botas de cowboy de pele de cobra que ela pegou emprestadas de Summer.

Vou dizer a Summer para mantê-las guardadas, porque ficam lindas demais em Willa.

Ela parece boa pra caralho. Ponto.

E eu quero socar alguém. Porque com base em todas as cabeças girando, não sou o único que está percebendo como ela está bonita.

Willa

Rhett: Onde estão vocês, crianças?

Willa: Trabalhando para arruinar nosso açúcar no sangue. Vocês?

Rhett: Jasper e eu acabamos de chegar. Querem nos encontrar perto da caminhonete do Cade?

Willa: Claro, vamos seguir em sua direção.

Rhett: Eu deveria dizer para você ter cuidado.

Willa: Do quê?

Rhett: Acho que as palavras do meu irmão foram: ela não tem noção de que um bando de cowboys idiotas fica transando com a perna dela quando ela passa.

Willa: Legal, legal, legal. Vou tentar não tropeçar enquanto eles fazem isso.

* * *

Eu não estava mentindo quando disse a Luke que estávamos pegando todo o açúcar. Estar perto de Cade me dá vontade de beber, mas isso não é uma opção quando se está cuidando de uma criança. Então eu me apoio em doce, doce açúcar.

— Não consigo decidir qual sabor eu gosto mais — Luke anuncia ao meu lado enquanto andamos no meio da multidão.

— Por que escolher? Açúcar canela e açúcar mascavo não precisam competir. Rosquinhas são uma vitória, não importa o quê. — Eu estendo minha mão para Luke enquanto nos pressionamos na

multidão cada vez maior. — Fique perto, amigo. Está cheio.

Cowboys até onde a vista alcança, bem quando percebi que só tenho olhos para um. Mais de um ano fazendo piadas para Summer sobre salvar cavalos e montar cowboys, e nem quero o resto. Eu estava *bem* até que ele cuidou de mim. Segurou meu maldito cabelo para cima e esfregou minhas costas.

Ainda me recuso a aceitar que as pessoas normalmente façam isso por seus funcionários. E o fato de que ele fez isso me faz pensar demais nas coisas de forma feroz, porque, para ser honesta, ser rejeitada é um fenômeno novo para mim. E estou um pouco chateada com isso. Um pouco envergonhada.

Um pouco ferida, porque Cade é um homem tão bom. Eu iria querer mais do que apenas sexo, e ele nem mesmo quer isso. É um duro golpe para o que estou percebendo ser meu ego já frágil.

Eu nunca me considereí autoconsciente, mas na outra noite Cade fez alguns pontos que continuo revirando em minha mente. Coisas sobre mim que nunca percebi.

— Lá está o tio Rhett! — Luke grita para mim, jogando-me para fora do caminho sinuoso em que me perdi em minha mente.

Rhett é difícil de perder com seu cabelo na altura dos ombros e sorriso arrogante, um que se transforma em um sorriso largo quando ele ouve Luke gritando seu nome e me vê sendo arrastada atrás do garoto.

— Ei, pequeno psycho. — Rhett pega Luke e o joga em seus ombros, dando a ele a melhor visão da casa. Ele se vira para mim e acena com a cabeça. — Willa.

— Oi. — Devolvo seu sorriso. Gosto Rhett Eaton. Eu gosto especialmente dele pela minha melhor amiga. É pior quando suas amigas namoram alguém que você não suporta, mas esse não é o caso de Rhett. Eles são perfeitos juntos e mal posso esperar para ver seus bebês insanamente lindos um dia. Isto é, se Summer algum dia marcar a data do casamento. Porque ela nunca faria as coisas fora de ordem.

— Oi, Willa. — Jasper aparece ao lado de Rhett, vários centímetros mais alto e parecendo que gostaria de estar em qualquer outro lugar, menos aqui.

Eu estico meu pescoço para trás para encontrar seus olhos azuis. Eles não são brilhantes, são profundos e escuros, quase marinhos. — Meu Deus, com o que eles estão alimentando vocês, garotos ursos? De alguma forma, perdi você sendo tão alto. — Ele deve ter pelo menos um metro e oitenta.

Ele sorri, mas há algo de tenso nisso. — Parece ser uma coisa para os goleiros hoje em dia. Tenho sorte de caber no projeto, eu acho.

Sua resposta autodepreciativa me lembra algo que eu diria – atribuir minha habilidade à sorte ou meu trabalho árduo à genética. A diferença é que ele é jogador da NHL e eu sou bartender.

— Vamos para as arquibancadas e conseguir um bom lugar. — Rhett dá um tapinha nas costas de Jasper e me dá um aceno de cabeça, e eu o sigo, Jasper ficando mais perto de mim. Sinto como se estivesse sendo escoltada por guarda-costas. As pessoas saem do caminho quando esses caras passam.

Elas também param e olham. Alguns até dizem oi.

Quando subimos os degraus da arquibancada, a cabeça de Rhett gira, procurando por um lugar. Luke ainda está em seus ombros, apontando para algum lugar. Jasper se move na minha frente, pernas longas dando cada passo. Mas quando ele olha para trás e me vê ficando para trás, ele para em um patamar e opta por esperar cada passo. Ele não diz nada, mas eu sei que ele está ciente de que todos nós ficaremos juntos. Está cheio e esses garotos do interior são protetores como o inferno.

Apenas comprovado pela maneira como Rhett se move para baixo em uma fileira e Jasper me manda primeiro, abrindo um braço e gesticulando antes de seguir atrás de mim. Quando nos sentamos, Luke está ao meu lado e estamos flanqueados por dois homens altos.

Coisas piores já aconteceram na minha vida.

Luke imediatamente diz a Rhett como ele vai montar touros quando crescer. Rhett e eu trocamos um olhar, sabendo que Cade provavelmente desmaiaria se isso realmente acontecesse.

— Você sabe muito sobre essa coisa de team penning²? — pergunto a Jasper, inclinando meu queixo para a arena.

Ele concorda. — Sim. Na verdade, não sou ruim nisso. Todos nós praticamos muito quando crianças.

— Sério? — Minha sobrançelha arqueia.

— Você não cresce no Wishing Well Ranch e não aprende a amarrar, cortar e lançar um laço.

— Bem, merda. — Eu me inclino um pouco para trás, envolvendo minhas mãos em torno de um joelho. — Deixe-me impressionada, Jasper Gervais.

Ele ri, olhos enrugados nas laterais, o que não faz nada além de me lembrar de Cade.

É aí que as semelhanças terminam. Jasper é quieto, mas há uma gentileza nele. Ele é introspectivo. Há coisas que pesam sobre ele. Anos atrás de um bar aguçou meu olho para pessoas que carregam um peso invisível. Ele me parece... triste, talvez?

— Você sabe alguma coisa sobre isso? — ele pergunta, os olhos focados no grande anel de terra. Há um curral com um bando de vacas em uma extremidade e um curral menor próximo.

— Nenhuma maldita coisa. Eu monto cavalos de salto extravagantes.

— Ok, então basicamente uma equipe de três entrará. Todas aquelas trinta vacas têm números nelas, três conjuntos de dez, e o juiz vai chamar um número aleatório. Em seguida, eles vão separar as três vacas com esse número e colocá-las no curral menor do lado oposto.

Eu aceno e viro meus lábios para baixo. — Ok.

Jasper solta uma risada suave. — É o trabalho do cowboy prever

como elas podem escapar. Aposto que você está pensando que não parece tão difícil. Mas as vacas são muito espertas e gostam de ficar juntas. Mais complicado do que parece.

Eu rio disso. As vacas parecem muito fofas para mim com seus grandes olhos arregalados e narizes redondos e úmidos.

— Você os verá em ação real quando Cade puxar as vacas em algumas semanas.

— Oh? — Eu inclino minha cabeça.

— Sim. Cade não contou? É como uma grande reunião familiar no rancho. Trabalhamos com todas as vacas. Vacinamos, verificamos para o outono, embora Cade esteja lá fora verificando-as quase todos os dias. Depois, há uma grande refeição. Música. — Ele encolhe os ombros, olhando para trás sobre o anel. — É divertido.

— Isso parece divertido. Pena que Beau está fora.

Um sorriso surge nos lábios de Jasper. — Sim. Nunca é o mesmo sem o palhaço da turma. Mas acho que Violet está voltando. Acho que você ainda não conheceu a irmã deles. Você vai gostar dela. Ela é uma joqueta de cavalos de corrida chique. Mas é uma surpresa para Harvey, então mantenha isso em segredo.

Eu pisco para ele. — Vamos nos unir em nossas chiquezas, então, hein?

Rhett deve ter nos ouvido porque ele diz: — Jesus. Você, Summer e Violet juntas vão ser aterrorizantes. Mais Sloane? Vai ser uma bagunça.

Jasper congela por um breve momento. — Sloane está vindo?

— Sim, Vi me disse outro dia. Ela vai buscá-la no aeroporto.

Jasper cobre qualquer que seja a reação física com uma risada. — Sim. Essa será uma combinação e tanto.

— Quem é Sloane?

— Nossa prima — Rhett diz bem quando Jasper diz: — A prima deles. Minha amiga.

— Cara. Você é meu irmão. Ela é nossa prima. Não fique estranho com isso. Estamos velhos demais para essa merda. — Rhett balança a cabeça.

— Mantivemos contato na cidade. Você sabe disso. Eu não sou parente dela. Ela é uma boa amiga.

Rhett revira os olhos. — Eu não me importo com o seu sobrenome, Jas. Você é um garoto Eaton, goste ou não.

As bochechas de Jasper coram um pouco e seus lábios se curvam. — Eu gosto muito, pequeno Eaton.

Minha cabeça vira entre eles enquanto eles atacam para frente e para trás. — Bom Deus. Vocês são adoráveis juntos.

— Sloane é muito bonita — Luke anuncia quando ele sai de seu saco gigante de rosquinhas para tomar ar.

— Oooh. — Eu cutuco meu ombro para ele. — Alguém tem uma queda? — O menino revira os olhos, mas suas bochechas queimam.

Engulo a risada que ameaça escapar. Luke não precisa de mim tirando sarro dele sobre isso, não importa o quanto eu queira.

Os caras cutucam os ombrinhos de Luke até que suas orelhas fiquem vermelhas.

— Ela é bonita, Lukey. Ninguém nega isso. Certo, Jas?

Um pequeno tendão na mandíbula de Jasper se contrai, mas ele balança a cabeça e sorri do mesmo jeito.

— Veja! — Luke aponta para a área atrás dos portões de metal. — Lá está o papai!

E lá está ele... aquecendo-se e parecendo sexy como o inferno. Ombros erguidos. Chapéu preto. Camisa preta com botões prateados. Calça preta. Botas pretas. Até Blueberry combina com ele.

— Eu me pergunto se ele tem uma cor favorita? — indago para um coro de risadas.

— Ele se parece com o Cowboy Batman — diz Rhett.

— Ooh. Eu gosto do Batman — Luke concorda enquanto balança a cabeça.

Jasper ri. — Ele parece nervoso, é o que parece. Eu disse a ele que poderia mostrar a ele alguns exercícios mentais que gosto de fazer antes de um jogo, e ele me disse para — seus dedos aparecem entre aspas — levar minha merda de soy-boy-woo-woo de volta para a cidade.

Rhett cai na gargalhada. Mas me pego me sentindo um pouco na defensiva em relação a ele, embora saiba que estão brincando. Mesmo isso soa como algo idiota que Cade diria.

— Ele consegue — é tudo que eu respondo com um firme aceno de cabeça.

— Será que a Blueberry conseguirá se manter firme contra esses cavalos? Ela é seriamente derrotada pelos cavalos de curral sofisticados que Lance carrega por aí — Rhett se pergunta em voz alta.

Dou uma cotovelada nas costelas de Rhett. — Ei! Nós a limpamos! Ela é linda. Pare de implicar com eles.

— Eu ouvi o papai dizer ao vovô que não importa quanto dinheiro Blueberry valha, porque ela é a maior cadela que ele já montou, e sua atitude maldosa já a torna uma vencedora.

Eu deixo cair meu rosto em minhas mãos, o corpo tremendo com o riso mal contido.

— Jesus, Luke. Você tem que parar de escutar as pessoas — Rhett repreende, mas o grande sorriso em seu rosto mata o fator de intimidação.

Jasper puxa a aba do chapéu novamente, e tenho certeza de que é para esconder seus olhos enevoados.

Meu olhar encontra Cade novamente, sentado tão alto, queixo erguido. Ele exala confiança, e não posso deixar de me perguntar se ele realmente sente isso.

Um cowboy diz algo para ele, e sua cabeça cai para trás em uma

gargalhada, as rédeas seguras em uma mão enquanto a outra descansa casualmente em sua perna. É bom vê-lo se divertindo depois de anos e anos sendo responsável.

Não me arrependo nem um pouco da minha ousadia.

Eu gostaria de tê-lo desafiado a tirar meu maiô? Às vezes.

Mas ele precisava de algo para si mesmo mais do que precisava disso. Algo em que ele se torna Cade Eaton, o indivíduo, e não apenas Cade Eaton, o pai solteiro e fazendeiro incansável.

Devo ter um sorriso estúpido no rosto enquanto o encaro, porque sinto um cotovelo cutucar o meu. — É bom ver alguém olhando para Cade assim. Defendendo-o assim — Jasper diz. — Como se pudesse vê-lo por quem ele é, em vez do homem que as circunstâncias o forçaram a se tornar.

— Ficando meio profundo para um rodeio — eu sussurro, não querendo envolver Rhett nessa conversa, porque isso vai se transformar em uma grande piada.

Jasper dá de ombros. — Não estaria onde estou hoje se não fosse por ele. Seria bom vê-lo feliz.

Eu aceno, porque concordo. É bom vê-lo feliz. — Onde você estaria sem ele?

Jasper continua olhando para a arena, observando o primeiro time cavalgando em seus cavalos. Ele suspira profundamente e, sem olhar para mim, diz: — Se não fosse pelos garotos Eaton, eu provavelmente estaria morto.

* * *

Quando Cade entra na arena, você não saberia que ele não participa de um rodeio há anos – possivelmente décadas. Ele parece um rei sentado em seu cavalo. Ombros grossos e redondos e antebraços com veias. Como se todos ao seu redor devessem cair de

joelhos em sua presença.

Meu núcleo dói com o pensamento de cair de joelhos por Cade. Eu gostaria que ele fosse menos responsável. Que ele fugisse de todas essas pressões e apenas me tomasse.

Eu adoraria assistir alguém tão firme quanto Cade perder completamente o controle.

O juiz chama os números das vacas de sua mesa, e Cade e seus membros avaliam o gado. Quando uma campainha toca, o tempo começa a contagem regressiva e os três homens a cavalo entram em ação.

Há algo hipnotizante em observar Cade. Ele sabe o que está fazendo. Com certeza. Tão legal e calmo. Ele é incrivelmente capaz, e nunca achei isso tão atraente quanto agora.

Capaz na arena.

Capaz no rancho.

Capaz em torno de sua casa.

Não posso impedir que minha mente vagueie pela sarjeta, imaginando se ele é igualmente capaz na cama. Eu decido que ele *deve* ser. Nenhum homem anda por aí sem ser afetado pelas opiniões das pessoas sobre ele, a menos que saiba que tem um grande impacto.

É essa confiança silenciosa que me faz cruzar as pernas e apertar minhas coxas juntas, agarrando a borda do banco de madeira abaixo de mim.

Seus antebraços ondulam ao sol quando suas mãos enluvadas apertam as rédeas. Os tendões em seu pescoço bronzeado se flexionam quando Blueberry avança e desliza, sua cabeça baixa, olhos focados a laser nas vacas tentando passar por ela.

Ela tem uma expressão maldosa no que normalmente é um rosto doce.

É difícil ver a expressão de Cade sob a aba do chapéu, mas suspeito que seja uma imagem espelhada dela. Todo foco.

Não estou familiarizada com este esporte, mas estou familiarizada com outros esportes equestres – o suficiente para saber que nada sobre Cade e Blueberry parece derrotado.

Eles são a prova viva de que trabalhar em um rancho todos os dias é toda a prática de que precisam. Vê-lo trabalhar me dá arrepios e me faz acariciar meus braços para cima e para baixo, mesmo que esteja quente.

Antes que eu perceba, eles têm duas vacas no curral e resta apenas uma desviando de Lance.

Cade estende a mão e a passa sobre o pescoço musculoso de Blueberry antes de correr para ajudá-lo.

E quero ser esse cavalo. Eu quero suas mãos em mim. Seu peso nas minhas costas.

É patético ter ciúme de um cavalo, mas aqui estou.

Preciso superar isso. Imediatamente. Ansiar não é meu modus operandi. Especialmente por causa de um cara que não me quer.

— Oh! Lá vai ela! — Luke grita e se joga para fora de seu assento, apontando para dentro da arena, onde Blueberry se abaixa, com os quadris apoiados enquanto gira, sua crina se arrastando no ar que ela rapidamente deixou para trás.

— Pega ela, Cade! — Rhett grita, levantando-se também.

Eu observo Cade. Ele é a poesia em movimento, suave e equilibrado, enquanto Blueberry afasta a vaca e a guia direto para o curral com as outras.

Não sei como funciona a pontuação, então não sei se foi bom ou não, mas estou impressionada, e isso é bom o suficiente para eu disparar e torcer com Luke. O garotinho sorri para mim, além de animado por seu pai.

— Ele não foi bem, Willa?

— Luke, ele foi o melhor! E você viu Blueberry? Ela é perfeita! Fizemos bem. — Nós batemos os punhos e eu pego Rhett lançando um

olhar questionador para mim, mas eu ignoro. Não sei o quanto Summer conta a ele, e não preciso que todo mundo e seu cachorro saibam que estou louca por Luke e a caminho de ser o mesmo por seu pai.

— Podemos voltar e vê-lo?

— Claro que nós podemos. Vocês vêm? — pergunto a Rhett e Jasper.

— Com certeza — diz Rhett. — Vamos dar uns tapinhas no traseiro do velho por fazer um show tão bom.

— Ele provavelmente vai precisar de uma massagem amanhã — Jasper joga de volta.

— Willa pode fazer isso por ele — Luke diz casualmente.

E todos nós congelamos.

Rhett parece um maldito cachorro com um osso. — Oh, sim? Willa e seu pai estão trocando massagens?

— Não. Apenas camas.

Eu faço um som de engasgo, e Jasper coloca um punho sobre a boca.

— Tive um problema estomacal e Cade me deu seu quarto por uma noite para que eu ficasse perto de um banheiro — explico.

— Sim. Mas ele não estava massageando você naquela noite em que vocês dançaram na cozinha? — Luke diz isso tão inocentemente, mas meus olhos saltam do mesmo jeito.

— Isso é... isso é... — Eu encaro Luke.

— O quê?

Sinto meu peito esquentar quando coloco a mão no ombro de Luke e o afasto de seu tio, que está gostando demais disso.

Movendo minha mão para cobrir a orelha de Luke, eu me inclino para Rhett. — Cuidado, Eaton. Eu sei onde você mora.

— Sim? O que você vai fazer? Beber uma garrafa de champanhe em meu deck nos fundos? Trançar o cabelo e fazer uma guerra de travesseiros com Summer?

— Vou trançar seu cabelo. Então vou cortar a trança e usá-la como um colar para você zombar de mim.

Ele ri. — Você é cruel, Willa. Eu gosto disso sobre você.

Balanço a cabeça e me viro, tentando e não conseguindo conter o sorriso em meus lábios.

Cortamos as arquibancadas e seguimos a linha da cerca até a área de preparação. Os caras ainda estão em seus cavalos, mas as cervejas estão rodando e todos estão conversando e rindo.

Assim que Luke o vê, ele avança. — Pai!

O rosto de Cade se abre no sorriso mais brilhante quando ele se abaixa e puxa seu filho para a sela à sua frente. Ele lhe dá um aperto forte, e meu coração aperta em perfeita sincronia enquanto meus olhos caem para o inchaço de seus bíceps e a maneira como eles se flexionam.

— Ótimo trabalho lá fora — eu digo, oferecendo um pequeno aceno para os outros caras.

Rhett e Jasper caminham atrás de mim, oferecendo apertos de mão que batem palmas com força e tapinhas nas costas que parecem quase dolorosos.

— Vocês todos vão sair hoje à noite para comemorar nossa vitória? — Lance pergunta com um sorriso.

— Não. Desculpe, cara — Cade responde, com um breve aceno para a parte de trás da cabeça de Luke.

— Eu posso levar Luke — Rhett oferece. — Eu preciso de uma noite depois de viajar tanto.

Cade balança a cabeça, claramente não querendo sair e usando Luke como desculpa.

— E você, Red? — Lance diz, e eu visivelmente me encolho,

porque passei a associar esse apelido a Cade. De alguma forma, parece que esse é o nome *dele* para mim.

Quando eu espreito Cade, sua mandíbula está firme, os dentes trabalhando com uma careta em seus lábios.

Aceno para o cowboy. — Não. Estou bem.

— É para ser seu dia de folga, Willa. Você deveria ir — Cade morde.

Eu recuo um pouco enquanto olho para ele. Parece que ele acabou de me dar um tapa. Como se ele estivesse tentando me vender para outra pessoa. Mas ele também não parece satisfeito com isso.

Ele dá muito trabalho alguns dias, e a onda de irritação com ele me faz balançar a cabeça em descrença.

Isso me faz sentir imprudente. Um pouco rancorosa. Não estou necessariamente orgulhosa desta faceta da minha personalidade, mas está aqui do mesmo jeito. Eu fico brava e fico calma.

— Obrigada pela permissão, Cade — eu retruco, observando Jasper mexer com a aba do chapéu novamente enquanto Rhett olha para trás com os olhos arregalados. Eu me viro para Lance. — Desde que o patrão deu o selo de aprovação, sim. Vamos sair.

Ele sorri de volta, emitindo vibrações doces de garoto da porta ao lado. — Tudo bem, cowgirl. Lá vamos nós. — Ele aponta um braço magro na direção dos trailers estacionados na parte de trás.

Engulo um grande gole de ar seco da pradaria e observo a maneira como seu corpo se move na aderência. Não é meu tipo.

Porque, aparentemente, meu tipo é um cowboy imbecil taciturno cujo rosto bonito eu gostaria de pisar com o salto da minha bota.

Mas então eu também gostaria de beijá-lo melhor.

É só quando ando em direção a Lance que olho por cima do ombro. Cade ainda está sentado em Blueberry e seus olhos estão focados em mim.

Eu espero por uma batida. Esperando que ele diga alguma coisa.

Diga-me para ficar. Peça-me para ir para casa com ele. Adoro quando ele diz casa como se fosse a *nossa* casa.

Mas ele não diz.

Então eu vou.

Cade

Cade: Seja um cavalheiro.

Lance: Lol. Cade. Relaxe. Você sabe que eu vou cuidar da sua babá.

Cade: Um fio de cabelo fora do lugar e mato você.

Lance: E quanto a vários fios de cabelos?

Cade: Você está brincando comigo agora? Você tem um desejo de morte?

Lance: Você é o idiota que a deixou ir.

* * *

Eu me odeio. Eu quero retirar o que disse e jogar Willa sobre meu ombro e arrastá-la para casa comigo.

Onde ela pertence.

Mas eu a empurrei para um cara perfeitamente *legal*, porque me convenci de que transar com a babá está fora dos limites.

Não é preciso ser um psicólogo para saber que eu sou o problema. Minhas inseguranças são o problema. Se não pude fazer uma mulher de uma cidade pequena, que tinha a minha idade e me queria desesperadamente, feliz, como diabos eu poderia fazer uma mulher como Willa feliz?

Quando Talia foi embora, foi um golpe para o meu ego. Eu gostaria de poder dizer que senti falta *dela*, mas foi mais sobre o fato de ela ter escolhido outros homens em vez de mim. Que eu *perdi* de

alguma forma. Que eu não estava à altura. Meu coração não estava nisso, mas tentei de qualquer maneira.

Mas com Willa, meu coração está nisso. Não quero que esteja, mas está.

Deus, tentei tanto não gostar dela, porque gostar dela levaria a apreciá-la. E depois de semanas preso na mesma casa, vendo-a ser a coisa mais próxima que meu filho já teve de uma mãe de verdade, estou preocupado que apreciá-la se transformou em se importar com ela.

E eu não tenho ideia do que fazer com isso. Nunca amei propriamente uma mulher antes. Nunca desejei uma assim.

— Vou dar a ela mais uma chance na água! — Rhett chama enquanto se afasta com um balde.

— Obrigado! — eu murmuro de volta antes de soltar um suspiro irregular e verificar dentro da minha caminhonete. Luke já está dormindo na cabine com ar-condicionado. Claramente, a emoção do dia o alcançou. Willa sempre o mantém tão ativo que ele fica cansado no final do dia.

Willa é boa demais para nós.

— Você foi matador lá fora hoje. — Jasper se inclina contra o lado do meu trailer, olhando para mim com um pequeno sorriso nos lábios. — Nem parecia tão velho de onde eu estava sentado.

Eu balanço minha cabeça. — Apenas espere até você começar a cansar no hóquei. Tenho tantas piadas de velho guardadas para você. E para Beau, quando ele finalmente se aposentar.

— Você ouviu falar dele? — Jasper pergunta, parecendo esperançoso.

— Não. Ultimamente nada. Gostaria de saber onde aquele idiota está.

— Sim. Não saber é a pior parte. — Compartilhamos um olhar ansioso. Mandar Beau embora nunca é mais fácil para nenhum de nós.

Meu pai incluído.

— Você é muito burro, sabia? — Seus olhos se erguem enquanto ele muda rapidamente o assunto da conversa.

Eu zombo. — Esta é a linha de abertura de outra piada de velho?

— Não, a menos que envelhecer signifique mandar embora uma das melhores coisas que já aconteceu com você com outro homem que não é burro demais para ver isso.

Sinto um aperto no peito e uma dor no fundo da garganta. Não sei se essa dor significa que estou com raiva, triste ou se é apenas o ponto onde todas as palavras que quero dizer ficam presas em um estrangulamento.

— Tem algo a dizer, Jasper?

Sua cabeça se inclina, seus olhos azuis assumindo uma expressão ligeiramente cruel. Aquela que eu só dou uma olhada por trás de sua máscara de goleiro. Aquela que me fez querer levantar às cinco da manhã e dirigir sua bunda adolescente cheia de espinhas para os treinos, porque um homem com um olhar daqueles não perde.

Ele era especial e eu sabia disso.

Eu precisava de outro irmão para cuidar como precisava de um buraco na cabeça, mas Jasper era para estar conosco, não com seus pais de merda. E eu não aceitaria de outra maneira.

— A única coisa que vou dizer é que você passou os últimos, o quê, trinta anos certificando-se de que todos fossem felizes? Você tem sido obediente além da comparação. Confiável. Altruísta. Responsável. Você também merece ser feliz, Cade.

Responsável. Essa palavra me segue como uma praga. Ela assombra meus sonhos à noite.

Responsável, porra.

Ele vira seu corpo maciço e se afasta para qualquer SUV sofisticado que dirige agora.

— Você vem para a reunião? — eu chamo, não totalmente certo

do que dizer a ele. O cara fica quieto o tempo todo e depois me bate com aquela merda.

— Não perderia! — ele fala de volta sem nem olhar para mim.

— Você vai amarrar?

Ele solta um zumbido profundo e divertido. — Não, eu nunca faria isso.

Todos os anos ele se recusa a admitir que vai amarrar a corda. Algo sobre andar a cavalo não ser permitido em seu contrato. Junto com motos, paraquedismo e uso de fogos de artifício.

Mas todo ano eu selo um cavalo para ele, e todo ano ele sobe. Ninguém fala sobre isso, mas o garoto ainda consegue lançar um laço e tanto.

Rhett dá água a Blueberry e depois dá um tapinha gentil nela. — Boa maneira de impressionar os cavalos chiques, Blue. Esse é o jeito dos Eaton.

Observo pela janela do meu trailer, mas Rhett me pega. — Você tem sorte que ela tolera você. — Ele joga o queixo para mim enquanto diz isso.

— Blue? — eu pergunto.

Meu irmão balança a cabeça e se vira para jogar o balde de água para fora do trailer enquanto fecho as portas. Ainda estou esperando que ele responda à minha pergunta, mas o idiota não responde.

Por todos os anos que ele passou falando tanto, ele não tem nada a me dizer agora.

— Vejo você em casa? — eu chamo enquanto ele se dirige para o veículo de Jasper.

— Sim. — Ele acena por cima do ombro.

— Diga a Summer para guardar aquelas malditas botas de pele de cobra para ela! — eu falo, esperando envolvê-lo. Prefiro discutir com Rhett do que ser indiferente. Ele passou toda a sua vida reclamando de mim, e quero que ele continue.

Quando ele chega à porta do lado do passageiro, ele se vira e olha para mim, uma leve dica em seus lábios. — Eu não digo a Summer o que fazer. Não ouviria se eu tentasse. Esse é o melhor tipo de mulher, se você me perguntar. — Ele pisca e entra com Jasper. Eles se afastam com um aceno e tenho certeza de que vão fofocar sobre mim como se fossem moleques no caminho de volta para Chestnut Springs.

As senhoras da cidade não perdem nada com eles.

Idiotas.

Luke ainda está dormindo quando entro na caminhonete, o que significa que sou só eu e meus pensamentos perversos dirigindo.

Eu e meus arrependimentos.

Luke acorda quando chegamos às estradas de cascalho e implora para passar a noite com o vovô, como um brinquedo psicótico que ficou ligado por uma hora depois de ficar sem bateria e agora está carregado e pronto para aterrorizar mais adultos.

Eu o deixo. Amando-o como amo, não estou a fim de brincar e me divertir.

Quando chego em casa, não há risadas. Não há música. Não há Willa e Luke dançando e cantando na cozinha enquanto os biscoitos assam no forno.

Está quieto. E eu estou solitário.

Profundamente solitário.

E com raiva que eu a mandei embora. Com raiva que ela está se divertindo com outro cara agora. Vários caras provavelmente.

Eu largo minha bolsa e começo a limpar para me ocupar, vasculhando cantos que ninguém jamais verá. Esfregando para tirar minha frustração, para afastar o ciúme que está me queimando de dentro para fora. Está correndo pelas minhas veias, queimando cada terminação nervosa.

Está me consumindo *pra* caralho.

Quando minhas mãos doem, paro e tomo um banho. Meu pau

está duro, mas estou muito chateado para aliviá-lo, então, quando volto para fora, estou mais agitado.

Pisando pela minha casa, opto por me servir de um uísque e vou me sentar na varanda da frente. Eu sei por que estou indo para lá, mas me recuso a admitir. Digo a mim mesmo que a vista é boa daqui, mas quando me sento no último degrau e olho para o lado, vejo pequenos rabiscos pintados nas grades. Sóis e estrelas. Rostos felizes e XOXO.

E corações.

Willa desenhou corações na minha varanda, e agora estou preso aqui, afogando-me no pensamento de que a verdadeira razão de estar aqui é porque estou esperando ela voltar para casa.

Estou muito doente de ciúme para fazer qualquer outra coisa.

Willa

Summer: Você está bem?

Willa: Sim. Por quê?

Summer: Acabei de receber uma mensagem de Cade perguntando.

Willa: Você pode dizer a Cade que estou sendo fodida por dez caras no melhor gangbang da minha vida.

Summer: Oof. Nem eu sou tão corajosa. Vou deixar você mesma dizer isso a ele.

Summer: Ele parece estressado, Willa. Só avisando.

Willa: Bom.

* * *

Suspiro de alívio quando o táxi atinge a estrada de cascalho. *Tão perto*. Eu quero estar em casa como nunca senti antes.

Parecia errado estar com Lance e todos os seus amigos cowboys sem Cade lá. Objetivamente eu me diverti, mas minha cabeça estava em outro lugar.

Meu coração estava em outro lugar.

E por mais brava que eu quisesse ficar por Cade pensar que poderia me verificar através da minha melhor amiga, quando ele tinha meu número e poderia facilmente ter me perguntado ele mesmo, o pensamento de estar estressado sobre minha segurança deixou um buraco no meu estômago.

Acho que foi por isso que me despedi e fugi como uma galinha. Todos os caras eram cavalheiros perfeitos, mas eles estavam indo para um nível de entusiasmo na comemoração de sua vitória que eu simplesmente não queria estar.

O cenário do bar me cansa agora, e enquanto o táxi ilumina as estradas escuras do interior, percebo que estou dividida entre querer que este verão acabe, porque preciso de espaço com relação a Cade, e nunca querer que acabe, porque não quero voltar para a minha vida na cidade.

Atravessamos os grandes postes de madeira que marcam onde começa a terra do Wishing Well Ranch.

— Desça esta estrada e depois vire à esquerda — eu instruo o motorista, que responde com um simples zumbido. Estou grata por ele não ter sido o tipo de motorista de táxi tagarela, porque estou cansada esta noite.

Quando as luzes se abrem na entrada da casa de Cade e iluminam o pitoresco fazendeiro, meu corpo relaxa de alívio. Esta não é a minha casa, mas... eu sinto que estou em casa.

Eu coloco meu cartão na máquina do taxista para pagar o total obscenamente caro e saio. Cade está sentado no degrau da frente, olhando para mim. Seus cotovelos estão apoiados nos joelhos e ele está segurando um copo de vidro em suas mãos grandes.

Há uma energia sobre ele. Ele parece perigoso esta noite e, bem, estou com disposição para uma briga.

Enquanto o táxi se afasta, eu cutuco o urso. — Esperando por mim, Daddy? — Eu bato meus cílios e coloco minha bolsa no meu ombro.

Eu juro que ele rosna. — Está tarde. Você poderia ter me avisado quando estava voltando para casa. Ainda é em *minha* casa que você está morando.

— Acho que devo ficar na casa principal nos fins de semana, só para não incomodar você — eu respondo, embora não queira ficar na

casa principal.

Eu quero ficar com ele.

— Talvez você devesse apenas agir como um adulto e avisar para que eu não tenha que me preocupar... — ele para antes de acrescentar — sobre você acordar Luke.

A porra das bolas desse cara.

— Não querer acordar Luke é a única razão pela qual não estou incomodando você agora, Eaton. E se vamos falar sobre agir como adultos, talvez você devesse *me mandar uma mensagem* em vez da minha melhor amiga.

Ele se levanta, passando as mãos na bunda da calça, parecendo irritantemente bom como está, antes de virar as costas para mim. Em seguida, ele fala por cima do ombro: — Luke está com meu pai, então você pode ir em frente e ter seu acesso de raiva se precisar.

Meu queixo cai e minha voz se eleva. — Você está preocupado que eu chegue tarde em casa e o acorde, mas ele nem está aqui?

Ele continua andando, mas eu corro atrás dele, subindo os degraus enquanto joo minha bolsa no deck perto de seus pés descalços. — Cade! Estou falando com você. O que é uma sorte, considerando que você apenas me entregou ao seu amigo, como se eu fosse algum tipo de brinquedo para dividir.

Isso o interrompe em seu caminho, os músculos de suas costas retesados. Tudo sobre seu corpo grita predador. Grita fique longe de mim, mas sou muito impulsiva para atender a um aviso silencioso como esse. Eu me aproximo, fechando o espaço entre nós, deixando seu cheiro de pinho me envolver, deixando-o me intoxicar.

— Você acha que eu sou apenas uma idiota que você pode vender para os amigos?

Ele gira agora, todo fogo e enxofre. — Eu acho que não consigo tirar você da minha cabeça, não importa o quanto tente. Acho que você é muito tentadora e que eu sou muito complicado. Acho que você cheira como *ele*, e não aguento isso.

Eu pisco, deixando meus olhos examinarem suas bochechas vermelhas, o brilho em seus olhos escuros, a maneira como suas narinas sobem e descem sob o peso de sua respiração difícil.

— A *audácia*. O descaramento absoluto de reclamar que eu cheiro como o homem com quem você me despachou, que não passa de um cavalheiro. O homem com quem, em circunstâncias diferentes, eu poderia ter me divertido, porque ele é um cara divertido *pra caralho*. Mas, em vez disso, passei a noite toda pensando em *você*, Cade Eaton. Você e sua porra de cara mal-humorada, e seus estúpidos ombros largos, e sua bunda redonda de Wrangler. Então... foda-se. — Meu dedo o cutuca no centro de seu peito duro como pedra. — E foda-se duas vezes por ficar com ciúme quando você não tem o direito. Se eu cheiro como ele, você cheira a besteira.

Eu me afasto, mas Cade é mais rápido. Sua mão dispara e envolve meu braço, parando-me no meio do caminho. Eu me viro para encará-lo, meu corpo se aproximando dele tão naturalmente.

— Continue falando assim e vou foder a sujeira da sua boca bonita.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele enquanto arrepios surgem sobre o meu corpo. O ar entre nós chia. — Com licença?

Ele passa as costas da mão na boca, como se estivesse afastando o filtro que estava ali o tempo todo. — Você me ouviu, Red. Você continua latindo para mim assim e eu vou colocar você de joelhos, abrir esses lábios de morango e foder sua cara só para calar a sua boca.

Minha mente vibra. O homem diante de mim não é o mesmo homem com quem tenho vivido no mês passado. Esta é outra versão dele. Uma versão que ele tem escondido. Uma versão com a qual posso trabalhar.

Uma versão que eu *gosto*.

As palavras soam duras, mas conheço Cade bem o suficiente para saber que suas palavras muitas vezes são frustradas, mas suas mãos

são sempre gentis.

Segurando seu olhar ardente, lentamente caio de joelhos na frente dele, inclinando meu queixo para cima para ver cada centelha de emoção em seus olhos. — Eu te *desafio*, porra.

Um músculo em sua mandíbula estala. Sei que ele está à beira do precipício, mas está se segurando. Não sou uma garotinha virginal. Eu sei quando um homem me quer.

E Cade Eaton me *quer*.

Ele só precisa se deixar levar por mim.

Então dou uma cutucada nele. Eu lambo meus lábios e abro bem a boca, a língua esticada, os olhos fundidos aos dele. O convite mais ousado do mundo.

— *Porra* — ele murmura e dá um passo à frente com autoridade, todos os fragmentos de contenção parecendo estalar e cair ao nosso redor. Meu núcleo aperta, e meu peito quase vibra com antecipação. Quando ele passa a palma da mão larga na parte de trás da minha cabeça enquanto está de pé acima de mim, eu murmuro com prazer.

— Você é uma tortura, Willa Grant. — Ele deixa cair o copo no deck atrás dele, e cai com um baque forte, milagrosamente não quebrando contra a madeira. E então as pontas de seus dedos estão em meus lábios, traçando, tocando, pressionando.

Eu me servi em uma travessa para ele, mas ele ainda não está mergulhando. Ele está saboreando. E com base na protuberância na frente de sua calça, ele gosta do que vê.

— Maldita tortura. — Ele desliza dois dedos em minha boca, passando-os ao longo da minha língua, apenas até a borda de onde eu sinto que vou me engasgar. — Um homem não pode aguentar muito antes de explodir.

Meus lábios envolvem seus dedos em resposta enquanto minhas palmas se achatam contra sua calça jeans para me equilibrar, as pálpebras caindo ligeiramente quando faço isso. Estou me sentindo um pouco vulnerável demais, um pouco fora do meu alcance – um pouco

tímida. Mas isso é o que eu queria.

Eu queria que ele explodisse.

— Chupe, Willa. Prove para mim que você é boa o suficiente para o trabalho e talvez eu dê a você meu pau.

Eu gemo, suas palavras me drogando e me irritando. O desafio no que ele disse é claro, e nunca fui de desistir de um desafio.

Eu o pego e me apoio contra suas coxas musculosas, deslizando meus lábios para cima e para baixo ao longo de seus dedos. Eu quase posso *provar* o Bourbon neles.

— Olhe para mim, querida. Vamos ver isso.

Calor percorre minhas bochechas enquanto me forço a olhar para ele. Seu olhar é absolutamente magnético. Ele rouba a respiração dos meus pulmões e a toma para si.

Seus dedos se enredam em meu cabelo, acariciando meu couro cabeludo enquanto deslizo minha boca para cima e para baixo em seus dedos.

Quando ele murmura: — Essa é minha garota — enquanto me olha nos olhos, nada no mundo parece mais certo.

Minha garota.

Eu giro minha língua em torno de seus dedos, e ele geme, antes de agarrar meu cabelo e mexer minha cabeça do jeito que ele quer.

Definindo o ritmo.

Eu me entrego a ele, ficando suave em suas mãos, sentindo minha saliva crescer em volta dos meus lábios enquanto faço isso.

— Porra. *Willa*. — Meu nome soa tão bem em seus lábios, do jeito que ele rosna, feroz e possessivo.

As tábuas da varanda mordem meus joelhos, mesmo através do jeans que estou usando. E quando ele puxa os dedos da minha boca com um estalo lascivo, os últimos fios que o prendem se quebram diante dos meus olhos. Eu quase posso ouvir o ping deles se separando

como uma corda de violão estourada.

Eu sorrio como o maldito gato Cheshire.

Porque acima de mim, Cade está respirando pesadamente e freneticamente desafivelando o cinto. Atrapalhando-se com o botão. Rasgando seu zíper. E quando seu pau grosso fica no tecido de sua cueca boxer, minhas mãos o liberam.

Bem ao ar livre, em seu deck frontal.

Ele tira a camisa com uma das mãos e, de repente, estou lambendo os lábios e passando as palmas das mãos sobre a pele macia e quente. Quase me divertindo com isso. Suspirando com a sensação.

— Porra, Red. Você está desesperada por isso, não está? — Sua mão volta a pentear meu cabelo, e posso sentir minha saliva molhada em seus dedos enquanto sua mão oposta traça a linha inferior da minha mandíbula.

Eu engulo audivelmente e lambo a gota de pré-sêmen brilhando na cabeça do pau de Cade. O *enorme* pau de Cade. Meus olhos brilham com antecipação. Como a manhã de Natal. Como se eu fosse brincar com um brinquedo totalmente novo. — Sim. — Dou um beijo na ponta. — Mas só por você.

Sua cabeça inclina para trás em um gemido, expondo sua garganta e toda a barba escura sobre seu pomo de Adão. Acho que ele precisava ouvir isso, e eu nem percebi que era verdade até que as palavras saíram da minha boca. Suas mãos ainda estão na minha cabeça, segurando meu crânio com reverência, enquanto envolvo meus lábios em torno dele pela primeira vez. Pele lisa, almíscar macio, dedos emaranhados.

É uma sobrecarga sensorial enquanto deslizo minha boca por seu comprimento, tortuosamente lenta, respirando pelo nariz e levando-o o mais longe que posso.

Quando penso que não posso ir mais longe, engulo e tomo um pouco mais.

— Jesus, Willa. — Eu sorrio com o estado ofegante de sua voz.

Cade Eaton está prestes a aprender que o truque para um bom boquete é gostar de dar-lhe. E eu *adoro* isso.

Não me importo se sou eu quem está de joelhos enquanto ele se eleva acima de mim. O poder é meu agora. O poder de fazê-lo desmoronar é meu. E estou bêbada com isso.

Minha língua gira enquanto eu balanço lentamente, uma mão torcendo na base dele enquanto a outra desliza para trás para segurar suas bolas, os dedos trabalhando em conjunto enquanto meus lábios sugam com força.

Eu gemo em seu pau, e seu aperto aumenta em meu cabelo. — Cuidado, baby. Já faz muito tempo, e você é muito boa. Estou tentando fazer isso durar. — Sua voz mal contida quebra com um leve tremor.

Eu amo o som disso. Isso me instiga. Se ele pensa que isso é uma coisa única, ele está confuso. Estou percebendo que sua ex fez um número maior com ele do que eu imaginava. Eu me pergunto, enquanto o levo mais para trás em minha garganta, se ele é muito mais inseguro do que deixa transparecer.

Eu me pergunto se posso *mostrar* a ele como ele é irresistível para mim. Ergo minha mão e passo sobre seu osso ilíaco, arrastando uma unha sobre a linha que corta logo abaixo de onde começa seu abdômen. Subindo a trilha de cabelo em direção a seu abdômen, passo minha mão sobre seu estômago, sentindo todas as linhas e saliências ali.

Quando eu olho para ele, seus olhos semicerrados estão fixos na minha mão. Quando ele me pega olhando para ele, seus olhos se suavizam e ele passa a ponta do polegar na minha bochecha. — Você está linda *pra* caralho assim, Willa.

Eu gemo e meus cílios vibram quando sinto uma onda de umidade entre minhas coxas.

— Uma boca cheia do meu pau. — Ele guia minha cabeça em um ritmo que ele gosta, e removo minha palma de sua base, optando por

explorar seu corpo. Ele parece gostar disso e, mais do que tudo, quero fazê-lo se sentir bem.

Eu quero que ele queira mais.

— Você tem sonhado com isso, não é?

Eu olho para ele e aceno, chupando-o ainda mais forte.

— É por isso que você passou todos os dias aqui sob meu teto, deixando-me absolutamente louco. Provocando-me com essa bunda perfeita, esses malditos mamilos e seu cabelo sedoso. Até sua risada me deixa duro. Você sabia disso?

Eu gemo, adorando ouvir que eu o deixo louco. Deslizando minhas mãos sobre suas costelas, deslizo-as atrás dele e percorro sua bunda musculosa do jeito que queria há muito tempo.

Aperto e ele pega o ritmo, os dedos segurando meu couro cabeludo enquanto as palmas das mãos cobrem meus ouvidos. Um ruído suave enche minha cabeça, e olho para ele, virando-me para o olhar selvagem em seus olhos escuros.

Ele disse que ia foder minha boca, e é isso que ele faz. Eu aguento o passeio, mas não dura muito. Logo suas estocadas se tornam mais longas e mais fortes, ao invés de rápidas e frenéticas. Seus olhos apertados permanecem focados como laser nos meus.

— Willa, eu vou... — Ele bufa enquanto recua, tentando se afastar de mim. Tentando tirar. Mas eu o puxo para mais perto, estico meu pescoço e dou-lhe um pequeno aceno de cabeça enquanto arregalo meus olhos para ele.

Sua boca se abre, muito levemente, e observo a ponta de sua língua sobre seus lábios. — Porra.

E então eu começo a *vê-lo* desmoronar. *Observá-lo* desistir. E parece como ganhar.

Seu pau estremece e pulsa na minha boca, e engulo enquanto ele goza. Eu mantenho meus olhos em seu rosto, mesmo quando sua agitação diminui. Mesmo quando suas mãos ficam suaves no meu

cabelo e mudam de agarrar para acariciar. Aos toques suaves.

Quando seus olhos se abrem novamente, eu me afasto, sentindo-o suavizar e ouvindo sua respiração se estabilizar.

— Cristo, Willa — ele respira enquanto puxa a calça para cima e eu limpo meus lábios.

Ele se agacha, levantando-me com ele, e esmaga sua boca contra a minha, claramente não se importando com o que aconteceu. Porque o beijo é abrasador. Sincero. Seus lábios são macios contra os meus, e quando coloco minhas mãos atrás de seu pescoço, posso sentir uma camada úmida de suor.

Ele se afasta e descansa sua testa contra a minha. — Desculpe — ele sussurra contra meus lábios.

— Você não precisa se desculpar por isso. Acho que me diverti quase tanto quanto você. — Eu rio baixinho, sentindo sua respiração contra meus lábios úmidos.

Sua testa rola ao longo da minha. — Não. Desculpe-me por ter deixado você sair hoje à noite.

Meus olhos rolam, mas nenhum de nós se move. Ainda nos destacando ao ar livre na varanda da frente. Ainda arrastando nossas mãos uma sobre a outra. — Você não me *deixa* fazer nada, Eaton. — Eu arqueio uma sobranceira para ele, e ele me puxa para um abraço, seus braços de aço me envolvendo com força.

E é tão bom.

— Desculpe não ter implorado para você vir para casa comigo.

Eu me aninho contra ele, prosperando nesse tipo específico de pedido de desculpas. — Você implora bem — eu brinco.

Ele vira a cabeça e pressiona um beijo na curva do meu pescoço. — Não sei o que estou fazendo.

— Bem-vindo à minha vida — brinco de novo, tentando aliviar o clima ou apenas reprimir a leve pontada de desconforto.

Cade me aperta com mais força e dá um beijo no meu ombro. —

Prometi a mim mesmo que não cruzaria essa linha com você. Que não iria complicar as coisas. Que eu não iria nos enredar assim quando você estará partindo em breve.

Um buraco se forma no fundo do meu estômago, e as inseguranças saltam como peixes fora d'água, porque estar em seus braços não parece confortável. Parece uma gaiola. Parece um pedido de desculpas. E todas as minhas paredes disparam de volta. Eu me senti como uma deusa dois minutos atrás, e agora há uma sensação de pavor se aproximando.

Eu me afasto, dando a ele um sorriso sem graça e meio que dando um tapinha em seus ombros. — Bem, não vamos complicar.

Ele balança um pouco a cabeça, parecendo surpreso com a minha resposta. Eu me viro e caminho em direção à porta da frente.

Estou sendo dramática? Talvez. Provavelmente. Mas meu orgulho só aguenta alguns golpes no que diz respeito a Cade Eaton. Ele só pode me recusar tantas vezes ou dar desculpas sobre por que isso não pode acontecer antes de eu levar para o lado pessoal.

Complicado.

Acho que a única coisa que torna isso complicado é ele.

Assim que chego à privacidade do meu quarto, fecho a porta e entro no espaço, respirando fundo.

Acendendo a luminária de cabeceira, deixo minha mente vagar para o estúpido Cade Eaton. Pau grande, bíceps fortes, rosto bonito, babaca complicado que ele é.

A porta se abre atrás de mim. Eu me viro e vejo Cade parado ali, com os punhos cerrados ao lado do corpo, de jeans desabotoado e ainda sem a maldita camisa, o que é realmente o tipo de piada mais cruel. Seus ombros ocupam quase todo o batente da porta, e sua expressão é uma que reconheço como sua carranca de raiva.

— O que você pensa que está fazendo? — ele late.

Eu fungo e desvio o olhar, porque ele está intimidador agora. —

Garantindo que as coisas não fiquem *muito complicadas* para você. Obviamente.

— Mulher. — Ele sempre soa tão sarcástico quando me chama de mulher. — Você está louca? Você acha que eu passei três anos sem colocar minhas mãos em uma única pessoa para quebrar minha sequência com alguém tão excepcional quanto você e depois deixá-la simplesmente ir embora?

Três anos?

— Eu...

— Não. — Ele levanta a mão. — Eu vou falar. E você vai fechar a boca e ouvir. Porque se você tivesse me deixado terminar o que eu estava falando lá fora, você não teria passado um único momento aqui pensando que não quero complicar as coisas com você. Eu disse que *prometi* a mim mesmo que não iria complicar isso com você. Você é jovem, você é inquieta, e eu sou realmente ciumento demais para fazer qualquer coisa casual com você. — Ele passa a mão pelo cabelo, dando um pequeno puxão frustrado nas pontas. — Observei você com meu filho. Eu observei você, ponto final. Eu *ansiava* por você. Enlouqueci esta noite pensando em você com Lance. Eu sei no meu íntimo que não vou querer deixar você ir no final do verão, mas vou pegar o que puder. Porque você é especial demais para deixar passar. Fodam-se minhas promessas, era isso que eu ia dizer.

Minha garganta aperta quando ele olha para aquela linha de latão que separa meu espaço do dele. Arbitrária e, no entanto, simbólica. Como quando cruzarmos aquela linha, não vamos voltar.

— Eu...

Ele levanta a mão novamente. — Não. Eu não quero mais falar. A menos que seja para ouvir você explicar por que acha que deixaria você me chupar e depois não retribuir o favor. Que tipo de idiotas você tem namorado, Red?

Meus lábios rolam juntos enquanto o vejo cruzar essa linha para o meu espaço.

Parece o nosso espaço.

— Agora, fique de costas. Eu quero ver você se contorcer enquanto provo você pela primeira vez.

Cade

— Então você pode falar, mas eu não? — Seus braços cruzam sobre o peito, mas há um pequeno sorriso em seu rosto. Esse é o olhar que eu gosto, não o golpeado com que ela saiu momentos atrás.

Para uma garota com tanta atitude, ela tem um caso sério de duvidar de si mesma. Um que pretendo esclarecer para ela.

— Eu adoro ouvir você falar, Red. — Entro em seu quarto, não perdendo o jeito que ela está apertando suas coxas juntas. Sorrio, porque sei que ela gostou de dar aquele boquete. Melhor boquete da minha vida, porque nenhuma garota jamais gostou *tanto* de dar um. — Mas quando você diz coisas que não são verdade, eu fico puto. Coisas que você inventa em sua linda cabecinha e joga por aí tempo o suficiente para acreditar nelas.

Ela dá um passo para trás, os olhos brilhando enquanto eu a sigo para dentro do quarto. — Você acha que não faz isso também?

Eu ignoro a pergunta dela. Eu também faço isso. A diferença é que percebo que estou fazendo isso. — Você não tem ideia do quão especial você é. Quão louco você me faz sentir. Como não parei de pensar em você desde o momento em que coloquei os olhos em você.

Ela revira os olhos para mim e eu aponto para ela. — Isso aí. Não faça isso. A única resposta apropriada é, *obrigada*.

Suas pernas batem na cama e ela se senta, mordendo o lábio da maneira mais perturbadora possível. Eu passo entre suas pernas, suspirando com a proximidade e o calor de seu corpo contra o meu. Depois de tanto tempo, é tão bom estar tão perto de alguém.

Especialmente ela.

— Deixe-me ouvir, baby. Diga obrigada.

Ela limpa a garganta, desviando os olhos. — Obrigada.

— Boa menina. — Agarro seu queixo e viro seu rosto para mim. — Isso é o que você vai me dizer a noite toda. Toda vez que falar algo bom para você. Estamos entendidos?

Um arrepio a percorre, mesmo quando vejo aquela centelha de desafio em seus olhos. Aquela que eu admiro. Eu quero transformar a fásca em um maldito fogo para que essa garota saia e faça o que quiser com sua vida.

— Ok.

Eu deixo um sorriso tocar meus lábios enquanto olho para ela. — Bom.

— Por que você está sorrindo? É assustador. Você nunca sorri.

Balanço minha cabeça para ela. — Eu sorrio. Você só perde isso porque é quando estou olhando para sua bunda. E estou sorrindo agora porque estou realmente ansioso por isso.

Uma de suas sobrancelhas bem torneadas arqueia, e seu olhar se move para baixo do meu tronco para a minha virilha. — Sim. Eu posso ver isso.

— Eu acho que você quis dizer *obrigada*. — Deslizando minha mão ao longo de sua bochecha e em seu cabelo na base de seu pescoço, eu me agacho e a beijo, inclinando sua cabeça para mim. Um estrondo profundo emana do meu peito quando sinto o quanto ela é macia em minhas mãos. Quão desejosa. Quão ansiosa.

Seus lábios suaves estão macios sob os meus, e suas mãos quentes são hesitantes quando ela as traz de volta para o meu tronco e começa a explorar.

Arrepios irrompem em minha pele em todos os lugares que ela as move, e eu me deleito com seu toque. Nos anos que passei abstinente, nunca imaginei que fosse tão elétrico, tão profundamente necessário – natural, como se eu nem tivesse que tentar com ela. Há apenas essa fásca. Uma que não podemos ver, mas está queimando entre nós desde o primeiro dia.

— Obrigada — ela murmura contra meus lábios, e aproveito a oportunidade para deslizar minha língua em sua boca. Para reivindicá-la e tomar meu tempo com isso. Não como o beijo frenético nos fardos de feno que terminou em constrangimento. Não como o boquete afiado em frustração na varanda da frente.

Apenas um quarto privado e uma noite inteira pela frente. Exatamente o que eu preciso, o que *nós* precisamos.

Nossos beijos são lânguidos. Nenhum dente se choca, nenhum de nós se atrapalha. Faz muito tempo que não beijo alguém, mas lembro que os primeiros beijos eram estranhos, tinham que descobrir um ritmo, o dar e receber que não combinava direito.

Mas com Willa, esse não é o caso.

Tudo parece certo. Exceto por...

— Você está usando roupas demais, querida — eu digo, recuando para descansar minha testa contra a dela enquanto alcanço a cintura de sua calça jeans e puxo a camisa de algodão dobrada lá dentro.

Em resposta, ela se inclina para trás e levanta os braços acima da cabeça, olhando-me nos olhos como se isso fosse algum tipo de desafio. Eu dou a ela um pequeno sorriso, gostando do jeito que ela fica com os lábios inchados e molhados. Suas bochechas todas rosadas. Seu cabelo todo bagunçado das *minhas* mãos nele.

Porra, outro homem tocando seu cabelo esta noite foi algo que especificamente passou pela minha cabeça. Não sei por que fiquei preso na imagem dos dedos de outra pessoa passando por seus fios de cobre brilhantes. Alguém com mãos mais macias e bem cuidadas. Alguém com mais dinheiro em seu nome. Alguém com mais para oferecer a ela.

Deixo meu olhar cair para onde minhas mãos a estão tocando, onde elas envolvem sua cintura, bem naquela pele leitosa que eu estava tentando dar uma espiada no primeiro dia em que ela pisou em minha propriedade. — Tudo bem? — pergunto, querendo ter certeza de que não estou fazendo algo estúpido.

— Sim — ela sussurra quase desesperadamente.

Quando empurro minhas mãos para cima em seu torso, a camisa se amontoa. É como desembulhar um presente, revelando uma pele sedosa seguida de um sutiã nude simples com sobreposição de renda, seios redondos e firmes acima da linha da copa que os atravessa. Eu tiro a camisa sobre sua cabeça e solto a mão para abrir o fecho de seu sutiã, puxando-o e jogando-o no chão ao nosso lado.

Eu dou um passo para trás para apreciá-la. Ela apoiou as mãos atrás dela na cama e está olhando para mim com grandes olhos verdes, um olhar um pouco embriagado, mas não em álcool. Seus seios são cheios e pesados, mamilos rosa escuro eretos e apontando diretamente para mim. Pequenos piercings prateados adornam ambos os lados, brilhando na luz, e eu quero brincar com eles.

Eu quero brincar com tudo.

Se Willa é o playground, quero brincar. Ponto.

— Você é *linda*. — Meus olhos percorrem sua forma, iluminados apenas pela luz quente da pequena lâmpada ao lado de sua cama. — Perfeita *pra* caralho. Eu sabia que você seria. Mas, porra, Willa. Você é quase demais.

O rubor em suas bochechas se espalha pelo pescoço e no peito. Estar nua na minha frente não a deixa desconfortável, mas ouvir minhas palavras sim. Estalo minha língua para ela e quando ela olha para mim, eu a imobilizo com uma carranca.

— Obrigada. — Sua voz vacila, mas sai do mesmo jeito, parecendo fogosa, o peito arfando sob o peso de sua respiração ligeiramente difícil.

Eu sorrio para ela e ela revira os olhos, mas seus lábios se inclinam para cima.

Com uma risada profunda, caio de joelhos na frente dela e alcanço o cinto de corrente preso em seu jeans. — Você quer que eu continue?

Ela zomba de brincadeira. — Quantas vezes uma mulher precisa

fazer uma proposta antes de você saber que ela quer que continue, Eaton? Tipo, você realmente precisa me ouvir dizendo isso em voz alta?

Meus olhos caem e minhas mãos moldam sua cintura, deslizando até a base de seus seios. Eu respiro profundamente em torno do baque pesado do golpe que ela desferiu sem saber. Quando alguém escolhe outros homens em vez de você, acho que você precisa ouvir isso. No mínimo, eu *quero* ouvir. Porque Willa me querendo parece totalmente improvável. Totalmente louco. Além disso, ouvi-la dizer que quer pode ser a coisa mais sexy do mundo.

Levanto meu queixo e olho em seus brilhantes olhos esmeralda. — Sim, Red. Eu realmente preciso ouvir você dizer isso em voz alta.

Seus lábios se abrem e a percepção pisca em seus olhos quando ela se senta mais ereta, as mãos se estendendo para mim. Quando seus dedos se curvam atrás das minhas orelhas e suas palmas arranham minha barba por fazer, meus olhos se fecham.

Tocá-la é incrível. Mas ser tocado? Porra. Não percebi o quanto eu estava sentindo falta disso.

Suas unhas arranham meu couro cabeludo, e desta vez ela se inclina para me beijar, tão gentilmente, tão cuidadosamente.

Até que ela morde meu lábio inferior, aperta minha cabeça em suas mãos e diz: — Cade Eaton, se você parar de me despir, eu vou enlouquecer e me esconder no meu quarto todas as noites, tocando-me enquanto penso em quão gostoso *pra* caralho chupar seu pau na varanda da frente foi.

— Jesus Cristo, mulher. — Eu me afasto para olhá-la nos olhos com um pequeno salto em meu coração. — Eu não vou parar. Mas posso assistir a esse show algum dia?

As maçãs de seu rosto ficam arredondadas quando ela sorri de volta para mim. — Com certeza. — E então ela está me beijando de novo, aumentando a urgência. Suas mãos agarram meu pescoço, enquanto as minhas trabalham sobre seus seios. Eles são macios e

firmes ao mesmo tempo, um lembrete de sua idade se eu deixar minha cabeça vagar dessa maneira, mas não deixo.

Em vez disso, apenas aprecio os pequenos ruídos de choro que ela faz quando passo meus polegares sobre seus mamilos. Quando eu os belisco, enfio minha língua em sua boca e aprecio a maneira como seus quadris balançam em minha direção, como se ela simplesmente não conseguisse o suficiente.

É empoderador. É como uma droga ver o quanto ela me quer. E quebro o beijo apenas porque não terminei de brincar com o resto do corpo dela.

Sei que terei muito tempo para beijá-la, porque não pretendo parar enquanto ela estiver disposta a me deixar tê-la.

— Esses malditos seios aparecem em meus sonhos há semanas — eu digo, deslizando minha boca por sua garganta, pressionando beijos na pequena reentrância na base dela e trabalhando meu caminho ao longo de sua clavícula. Uma lambida em seu ombro esbelto envia um arrepio por todo o seu corpo, e sorrio para mim mesmo, porque suas reações são tão satisfatórias.

— Obrigada. — Sua cabeça inclina para trás, o que faz com que seus seios se pressionem em minha direção como uma espécie de oferenda especial.

Parece que tudo está atingindo um zilhão de nervos. Cada reação é mais forte de alguma forma. Cada sentimento ampliado. Não consigo explicar e talvez nem precise. Talvez a lição aqui seja que eu só preciso relaxar e me permitir aproveitar algo pelo menos uma vez.

Porque pretendo aproveitar Willa Grant.

Minha boca se fecha em um mamilo e ela grita instantaneamente. — Ah! Não pare de fazer isso, Cade.

Eu chupo mais forte e seu corpo se contorce. Minha mão oposta manuseia o outro mamilo em um ritmo constante, o piercing de metal acrescentando peso a ele. Meu pau surge dolorosamente contra meu jeans, e ela nem está totalmente nua ainda.

— Eu sou um fodido caso perdido para você, Red. Assistir você se contorcer? Ouvir você gemer meu nome? O que devo fazer agora? — Arrasto minha língua por seu esterno antes de agarrar o seio oposto, dedilhando seu mamilo molhado.

— Foda-me. Você deveria me foder. — Suas palavras são ofegantes, cheias de desespero, e amo o som, a vibração em seu peito que posso sentir contra meus lábios.

Eu solto minha mão e a pressiono contra o ápice de suas coxas. Mesmo através da calça jeans, sinto o calor. Eu sei que quando tirar todas essas camadas, ela vai estar encharcada.

Para mim.

— É assim mesmo? — Eu me inclino um pouco para trás e pressiono meu polegar com força contra o jeans. — Bem aqui, Red?

— Sim. — Ela joga a cabeça para trás, os seios brilhando com a minha saliva, os dedos cerrados nos lençóis.

Esfrego círculos firmes em seu jeans, rindo sombriamente com a forma como seus quadris giram contra a pressão.

— Cade. — Seus lábios se abrem em meu nome, sua língua saindo para molhá-los. — Deus.

— Ele não está aqui agora, baby. Sou só eu. E cansei de pedir educadamente. Estou pronto para tomar. — Puxo um mamilo em minha boca, girando minha língua ao redor do metal antes de prendê-lo. Seu gemido correspondente é leve e arfante, assim como sua risada consumidora.

Enrolo seu cabelo solto em meu punho, puxo-a para perto e sussurro em seu ouvido. — Vou arrancar esse jeans justo de você e saborear o que já sei que vai ser uma boceta perfeita. — Um tremor percorre seu corpo, mas continuo. — Fazer você gozar na minha boca. E antes mesmo que você se recupere disso, vou enfiar meu pau em você, fazer você gritar meu nome alto o suficiente para que eles ouçam a uma cidade de distância.

Os olhos de Willa brilham de surpresa e ela concorda.

— É isso que você quer, Red? Deixe-me ouvir você dizer isso.

O desafio arde em seus olhos, seu queixo se projeta teimosamente. — Pegue então, Cade. Prove-me. Foda-me. Foda-me com tanta força que vou esquecer meu próprio nome. Eu nunca quis mais nada. Eu sou sua esta noite.

Meu peito ressoa de satisfação e minhas mãos trabalham no botão de sua calça jeans. — E quando eu terminar, o que você vai dizer?

— Deus. — Ela respira tão baixinho que quase perco, seus olhos fixos em onde minhas mãos estão agora fazendo um trabalho rápido em sua calça. — Eu sabia que você tinha energia de pau grande, mas isso é outra coisa.

Eu puxo sua calça jeans e ela ansiosamente levanta seus quadris. — O que você vai dizer, baby?

— Obrigada — é sua resposta ofegante.

— Essa é minha garota — eu resmungo enquanto tiro sua calça, espalhando beijos em suas coxas, sentindo arrepios aparecerem sob meus lábios onde arrasto minha barba por fazer em sua pele macia. Quando coloco seu jeans abaixo dos joelhos, ele se prende nas botas altas de pele de cobra que ela está usando.

— Essas malditas botas — resmungo, recuando e agarrando-as pelo calcanhar para removê-las. E então eu paro.

— Você gosta delas? — Ela faz aquele pequeno arco característico com a sobancelha. Eu amo quando ela faz isso. Um desafio silencioso.

— Vou gostar muito mais delas quando eu as tirar para que possa ver você nua e se espalhar para mim.

Ela cantarola. — Summer me disse que elas davam sorte quando as emprestou para mim.

Jogo uma bota atrás de mim e alcanço a outra enquanto balanço a cabeça. — Vocês mulheres são bruxas. Não quero nem saber onde essas botas estiveram. Tire elas, porra.

Willi ri, nunca se deixando abater por palavras duras. Ela aponta

o dedo do pé e a bota escorrega, o que é um bom momento, porque ela nua e rindo é um afrodisíaco.

O jeans se foi.

As meias se foram.

— Você está usando calcinha — resmungo, olhando para sua renda nude. Curvas perfeitas. Meu pau estremece.

Ela morde o lábio. — Você continua me dizendo para fazer isso.

— Red, eu dizendo para você fazer coisas — estendo a mão e puxo a parte de cima para que ela fique entre os lábios de sua boceta e fique no alto de seus quadris — quase nunca funcionou.

— Alguns dias eu faço. Alguns dias não. Tenho que manter as coisas interessantes. Além disso, continuo esperando que você verifique. Meio que esperando que você aplique alguma disciplina se me pegar sem elas.

— Porra. — Eu rolo meus lábios juntos, olhos presos no tecido desaparecendo em sua fenda. Minha mão treme quando estendo a mão para frente, e paro esfregando meus dedos sobre o tecido molhado que nos separa. Eu gemo quando ela suspira e abre mais as coxas, as palmas das mãos ainda apoiadas atrás dela no colchão. — Deite-se, baby. Eu quero que você relaxe.

— Eu não sei como devo relaxar com você entre minhas pernas, Cade — ela diz. Mas também cai de costas.

— Isso é um agradecimento, Red?

Ela ri, mas é todo rouco. No fundo de sua garganta, exatamente onde eu estava há não muito tempo.

— Eu deveria me beliscar por quão inacreditável isso é. — Minha mão oposta agarra seu tornozelo, onde pressiono um beijo no osso saliente. Até a porra dos tornozelos dela são bonitos. — Como você é inacreditável. — Apoio esse pé na beirada da cama e abro sua perna.

— Obrigada — diz ela, erguendo os quadris com urgência.

— Ainda quer que eu foda você, Red?

— Sim. — Suas mãos percorrem seus seios, puxando seus mamilos.

— Implore por isso, querida. — Eu pressiono meu polegar em seu clitóris e observo sua cabeça aparecer sobre as colinas de seus seios.

— Desculpe? — Seus olhos se arregalam.

Não faz muito tempo que ela me disse para implorar neste exato quarto. Desta vez, eu estou comandando o show. Não ela. — Implore, Willa. — Meu polegar desce e eu a pressiono levemente, vendo suas pernas tremerem enquanto a renda roça seus lábios macios e úmidos.

Sua cabeça cai para trás e seus dedos torcem em seus mamilos. — Por favor, foda-me, Cade.

Suas costas arqueiam, e arrasto um dedo ao longo da renda que roça a borda de sua boceta enquanto continuo a pressionar meu polegar, encharcando o tecido.

Pernas se abrindo ainda mais, seu corpo estremece. — Eu preciso disso. Preciso de você. — Eu latejo dolorosamente contra meu jeans com a forma como ela enfatiza a palavra *você*. — Preciso tanto de você, Cade. Por favor. Por favor, foda-me.

Eu me inclino entre suas pernas, dando uma mordida suave em sua carne através do tecido, arrancando um gemido de seus lábios. — E o nome de quem você vai gritar quando gozar?

— O seu. — Eu bato internamente no meu peito quando a resposta dela vem tão rapidamente.

Tiro minha carteira do bolso de trás, pronto para tirar o que provavelmente é uma camisinha vencida. Mas ela agarra meu braço. — Não. Preciso sentir você.

Porra. Eu quero isso também.

— Tem certeza? — Ela geme quando deixo cair a cabeça, a língua saindo para provar o tecido encharcado.

Seus quadris giram e ela se engasga. — Estou tomando pílula.

Um gemido profundo ecoa em meu peito. Um possessivo. Um

satisfeito. — Que garota safada você é. — Eu chupo seu clitóris através do tecido, sentindo seus dedos arranhando meu couro cabeludo. — Vou encher você, e vai me agradecer por isso. Mas primeiro, Willa — eu estendo a mão e puxo sua calcinha para baixo, dando uma longa olhada na perfeição rosa diante de mim — estou morrendo de fome.

Suas mãos dispararam para passar sobre o rosto. — Oh, Deus — ela geme enquanto eu caio de volta para tomar um gosto adequado.

E então suas mãos pousam na minha cabeça e suas pernas envolvem meus ombros, e sinto que sou eu quem deveria agradecê-la.

Willa

Eu morri e fui para o céu. Estou certa disso. Porque a maneira como Cade usa a língua é de outro mundo. Ele me lambe. Ele me chupa. Ele me *morde*. E então ele me faz agradecê-lo por isso.

Ele me reduziu a uma poça de hormônios no chão. Ou, conforme o caso, na minha cama, enquanto ele se ajoelha no chão e faz uma refeição de mim com uma mão áspera espalmada contra minha coxa possessivamente, enquanto ele lentamente enfia dois dedos em minha boceta. Eu me contorço e canto *Cade* como se estivesse em algum tipo de culto de pai solteiro gostoso.

Eu seria a líder desse culto. *Com certeza.*

— É isso aí, baby, bem aberta para mim. Você está apertando, Willa?

— Eu não sei. — Expiro estupidamente antes de me inclinar sobre meus cotovelos para olhar para ele. Ele é todo sombrio e sério, seus lábios brilhando com, bem, *eu*. — Tenho certeza de que estou tendo uma experiência extracorpórea.

— Relaxe. Eu vou cuidar de você. — Seu polegar acaricia ao longo dos tendões na parte superior da minha coxa, fazendo minha cabeça cair para trás em um suspiro, todo o meu corpo relaxando enquanto faço isso.

Seus dedos deslizam para dentro e eu suspiro quando eles se enrolam no melhor lugar. Nenhum homem deveria ser capaz de encontrar um clitóris através de jeans e o ponto G em uma noite.

Mas esse que está ajoelhado entre minhas pernas pode.

— Tão apertada, porra. — Seus dedos trabalham dentro e fora, e quando olho para ele, seu olhar adora entre minhas pernas. Eu me

sinto me alongando enquanto seus dedos torcem e cortam. — Tão molhada, porra. — Seus olhos de carvão se movem para cima, percorrendo meu corpo avidamente, apreciando cada mergulho e curva. — Eu nunca vi uma boceta tão bonita na minha vida, Willa.

Admito que nunca me perguntei muito sobre a aparência da minha boceta. Sempre serviu muito bem ao seu propósito. Ela tem sido uma verdadeira campeã, se você me perguntar. Mas fico *lisonjeada* com o elogio de Cade. Ele é mais velho. Mais experiente. Se ele diz que é bonita, bem, quem sou eu para discordar?

Eu lambo meus lábios enquanto olho para ele. — Obrigada. — As palavras vêm cada vez mais fáceis. A expressão de satisfação em seu rosto é minha recompensa. No começo eu estava um pouco entusiasmada com isso, mas satisfazendo Cade – vendo aquela expressão em seu rosto – está rapidamente se tornando um dos meus passatempos favoritos.

— Boa menina — ele cantarola, tocando meu corpo com tanta reverência que me contorço. Ele não se apressa, ele não me toma. Seus movimentos são lânguidos enquanto ele extrai cada grama de prazer de cada canto do meu corpo, e não senti nada parecido antes. — Agora você vai gozar para mim, baby.

A maneira como seus dedos se movem, seu olhar intenso enquanto ele brinca com minha linda boceta – suas palavras, não minhas – faz com que tudo se construa. As sensações. A maneira como as sombras brincam em seu belo rosto e ombros esculpidos. A maneira como eles se flexionam quando ele move o braço. A sensação de seus dedos empurrando a carne macia da minha perna.

A maneira repentina como ele está chupando meu clitóris enquanto preguiçosamente empurra seus dedos dentro de mim. Ele tem todo o movimento sob controle. O ritmo de enrolar e pressionar. Ele toca meu corpo como se fosse um instrumento que conhece por dentro e por fora.

E quando a pressão passa pelo meu quadril, envolvendo a base da minha coluna, eu agarro sua cabeça e puxo seu rosto contra minha

bojeta, esfregando contra ele enquanto caio.

— Cade! — eu chamo, assim como prometi a ele que faria, quando me desfaço. Pernas tremendo. Dedos dos pés se enrolando. Os arcos dos meus pés têm câibras e seus movimentos continuam. Ele não para tão cedo, como tantos homens fazem. Ele não está ansioso para terminar as preliminares. Isso não é uma tarefa para ele, e acho que pode ser a coisa mais sexy sobre isso.

Eu sorrio para o teto branco liso, moldado em um tom dourado pelo brilho da lâmpada, e sinto meus membros ficarem moles. E com essa onda de prazer vem uma onda de proteção. Uma onda de raiva por alguém poder feri-lo tão profundamente. Que alguém poderia fugir do jeito que sua ex fez.

A resistência. O ciúme. Os longos olhares. A maneira solitária como ele vive sua vida. Tudo faz muito mais sentido agora.

E tenho toda a intenção de mostrar a ele o quanto eu o quero.

Empurrando-me para cima, passo meus dedos por seu cabelo, sentindo sua respiração pesada contra minha pele úmida enquanto coloco minhas mãos em torno da base de seu crânio e puxo sua cabeça para perto da minha. Eu ligo meus olhos com os dele, olhando fixamente para eles enquanto meus polegares acariciam a barba por fazer ao longo de suas bochechas esculpidas.

— Obrigada — digo simplesmente.

E então eu o beijo. Posso sentir meu gosto nele, mas não me importo. Tudo o que me importa é que ele saiba que eu o aprecio. Nossas línguas se entrelaçam e suas palmas calejadas dançam sobre minhas costelas, de alguma forma me fazendo tremer e meu núcleo se agitar, embora eu tenha acabado de gozar.

Correção: mesmo que ele tenha acabado de me fazer gozar.

— Esse foi o melhor orgasmo da minha vida — murmuro contra seus lábios molhados, arrancando uma risada de seu peito. — Agora tire a calça e deite-se na cama. Quero retribuir o favor.

Seus lábios trilham contra minha bochecha. — Você acha que

está no comando agora, Willa? Isso é adorável.

— Tire a calça, senhor. — Eu uso uma voz autoritária falsa e devolvo seus beijos por todo o caminho de sua bochecha com barba por fazer até sua orelha, onde mordo de brincadeira no lóbulo.

Ele bufa, mas se esforça para se levantar, dedos trabalhando habilmente em seu jeans, antebraços ondulando. Eu distraidamente me pergunto por que estava tão presa em seu rosto mal-humorado quando ele tem um corpo como este e uma personalidade doce, autoritária e amorosa. O que diabos eu estava falando? Não consigo me lembrar.

— No que você está pensando agora? — ele pergunta enquanto abaixa a calça jeans, o pau impressionante aparecendo em sua cueca. Quase esqueci o quão grande é e que me engasguei como uma amadora quando ele enfiou com força em minha boca.

— Como você é gostoso. Como seu corpo é insano. Como você é gentil. — Quando afasto meus olhos de seu pênis, sua sobrelanceira se arqueia para mim quando acrescento: — Acho que as palavras que você está procurando são: *obrigado, baby*.

Ele puxa sua boxer para baixo com um sorriso, claramente não constrangido sobre seu corpo. — Você gosta quando chamo você de baby?

Eu reviro meus lábios enquanto considero. Adoro isso. Parece tão idiota e cafona para mim na maioria das vezes, mas quando ele rosna e coloca algo imundo nisso? — Sim. Eu amo isso.

Ele se move ao meu redor, e eu me viro para verificar sua bunda redonda e musculosa – Wrangler não é nada perto da coisa real. Cada parte de seu corpo está ligada à força, e não do tipo que você ganha por muitas horas na academia. Seus músculos são reais, grossos e duros, mas não excessivamente definidos.

Seu corpo, sua pele, as rugas ao redor de seus olhos... é tudo apenas prova de longas horas gastas no trabalho. E não tenho certeza se já encontrei algo mais atraente do que um homem que trabalha

duro.

Ele se senta na cama e se vira, costas pressionadas contra a cabeceira, peito estufado, pernas longas esticadas diante dele como um rei.

Seu punho envolve seu pau grosso e ele o sacode algumas vezes. Lambo meus lábios enquanto o observo, em transe. Eu acho que poderia vê-lo gozar alegremente assim.

Seu olhar aquece no meu quando ele me pega olhando. — Venha aqui e monte no meu pau, baby.

Ele não precisa me pedir duas vezes. Eu me viro e rastejo até a cama, arrastando minhas mãos sobre o punhado de pelos em seu peito enquanto passo uma perna sobre sua cintura, montando nele enquanto suas mãos se acomodam em meus quadris. Eu sinto o comprimento de aço de seu pênis descansando contra minha bunda nua, e dou uma pequena mexida, movendo meus quadris e sentindo sua dureza deslizar sobre mim.

Cade atira uma mão até meu queixo, pressionando um beijo rápido próximo aos meus lábios. — Se você quer que eu foda sua bunda, tudo que você tem a fazer é pedir.

Apoio minhas mãos em seu peito, os dedos se curvando com suas palavras grosseiras. — Você provavelmente me faria implorar por isso.

Ele ri, profundo e rouco, e sinto a vibração sob minhas palmas. Para um homem que evitou rir perto de mim por tanto tempo, posso realmente *sentir*-lo rindo.

Seu sorriso é um tiro direto no coração. — Provavelmente — ele responde facilmente, antes de me beijar novamente. — Agora pegue meu pau e coloque dentro. Eu quero ver você.

— Jesus Cristo, Eaton. Vou ficar presa em um estado permanente de ruborização depois de ficar nua com você. — Eu alcanço atrás de mim, passando minha mão sobre seu comprimento, sentindo o quão molhada estou sentada em seu abdômen, pernas bem abertas.

Ele bufa, os polegares roçando os pinos de prata em meus

mamilos. Posso dizer pela maneira como ele geme que gosta deles. Muito. — Funciona para mim, Red. Você deveria ver como fica bonita com suas bochechas rosadas. Esses seios perfeitos para fora. Se você não começar a trabalhar, vou gozar nas suas costas, em vez de dentro de você.

— Porra. — Minha língua sai sobre meu lábio inferior, seguida por um roçar de meus dentes. Eu fico de joelhos.

Com uma mão apoiada em seu ombro redondo, eu me abaixo entre nós, envolvendo meus dedos em torno de seu comprimento latejante. Quando coloco a cabeça dele contra a minha entrada, nós gememos em uníssono.

É neste momento que tudo parece inevitável. É a antecipação que é quase tão boa quanto a coisa real. Eu posso sentir a cúpula de sua cabeça, apenas ligeiramente dentro de mim. Vai ser um ajuste apertado, então antes de soltá-lo, eu o corro contra a minha umidade, deslizando para cima e para baixo, pressionando-o contra o meu clitóris dolorido.

— Jesus Cristo, Red. Você está tentando me matar?

— Não. Estou tentando ter certeza de que vai caber. — Meus olhos ainda estão baixos, observando a forma como seu pau sai brilhando.

— Querida, vai caber. Você foi feita para mim.

Meus olhos disparam para os dele, mas é exatamente quando seus quadris empurram para cima e ele está afundando em mim enquanto deslizo sobre ele. Eu agarro seus antebraços desesperadamente. A sensação de plenitude e não saber como responder a esse comentário atrai meus olhos de volta para baixo, e observamos enquanto meu corpo se estica para tomá-lo.

— Olhe para você, Willa. Você me aceita tão bem — ele resmunga, a voz soando tensa e grave.

Eu gemo, sentindo a forma como nossos corpos pulsam juntos. Pele na pele. Minhas mãos deslizam até seus ombros enquanto

empurro os últimos centímetros para baixo, levando todo o seu comprimento para dentro de mim.

Cade se senta mais alto para pressionar um beijo no centro do meu peito, as mãos se movendo ao redor do meu corpo para segurar os globos da minha bunda. — Foda-se, você parece como o paraíso. Tão quente e apertada. Só para mim.

Só para mim. Meu coração dói e meus braços envolvem seu pescoço. Eu beijo o topo de sua cabeça. Este homem forte, estoico, honesto e trabalhador – alguém cuja dor é tão profunda que ele viveu vários anos questionando se valia a pena. Seu valor.

Eu odeio isso. Eu odeio isso por ele. Então, balanço meus quadris nele, abraço-o no meu peito e digo: — Só para você. — Minhas unhas arranham seus ombros e suas costas fortes. Mordo sua orelha novamente e esfrego minha bochecha contra sua barba por fazer. Eu amo a sensação dele raspando sobre a minha pele em conjunto perfeito com as pontas ásperas de seus dedos.

Eu me levanto e desço, pegando todo o seu comprimento de uma só vez e sibilando contra sua bochecha com a leve queimadura. — Só para você — eu sussurro novamente.

E acho que quero dizer isso.

Quem diabos sabe o que estou fazendo? Tenho certeza de que eu não sei. Ou não na maioria dos dias. Eu vou com o fluxo. Aproveito minhas oportunidades.

E Deus, uma oportunidade nunca pareceu tão certa, então não a questiono. Eu não penso demais nisso. Eu me entrego a isso.

A ele.

Eu puxo sua cabeça para mim e o beijo como se fosse nosso último momento na terra. A energia no pequeno quarto muda. O que começou rude e se tornou divertido se transformou em algo mais sensível. Mas agora estamos mais frenéticos.

Nossas mãos vagam. Ele agarra minha bunda, levantando-me e empurrando-me de volta para baixo. Minhas pernas tremem e minha

cabeça tomba para trás. Sua barba raspa em meu peito. Seus lábios trabalham meus mamilos. Minhas mãos puxam seu cabelo.

Nós não conversamos.

Mas não precisamos. Nossos corpos falam. Nossos beijos são molhados, confusos e perfeitamente imperfeitos.

— Cade — eu choramingo, enquanto ruídos de tapas molhados enchem o quarto, seguidos por seus grunhidos animais. Meus seios estão saltando. Seus olhos estão vidrados. — Acho que vou... — Eu paro, quente e sem fôlego e totalmente fora de controle. Completamente consumida. Mas ele sabe o que estou tentando dizer. Ele sabe o que preciso. O que eu quero.

Uma mão se espalha sobre meu estômago e seus dedos deslizam sobre meu clitóris. — Goze para mim, baby — ele ofega.

— Sim — eu assobio. — Por favor, não pare.

— Nunca — é sua resposta. E isso me desencadeia, a certeza de que isso atinge algo em mim que causa uma erupção.

— Cade! — grito o nome dele desta vez. Eu não apenas chamo. Eu me solto, e Deus, é incrível.

Somos um emaranhado de gemidos e músculos tensos. Seus dedos continuam se movendo, mas sua mão pousa em meu ombro e me prende em seu corpo enquanto seu pau surge, contraindo-se e latejando.

Ele se derrama dentro de mim enquanto sussurra meu nome contra meus lábios, e há algo intensamente pessoal nisso. Estou tentando recuperar o fôlego. Eu disse a ele que diria obrigada e quero manter todas as minhas promessas a ele. Ele já viu muitas quebradas em sua vida.

Ele me esmaga contra ele após nossos orgasmos. Parece que ele envolve todo o seu corpo em torno de mim. Eu me aninho mais perto, com ele ainda dentro de mim, o peito úmido contra minha bochecha, braços de aço me segurando nas minhas costas.

Abro meus lábios para dizer a palavra que ele queria.

Mas é ele quem deixa cair o rosto contra a minha cabeça e diz: —
Obrigado.

Cade

Eu acordo quente e duro.

E sorrindo.

O cabelo de Willa está no meu rosto, e sua respiração está fazendo meu pescoço ficar úmido e suado. Ela esparramou seus longos membros sobre os meus e pressionou seu corpo tão perto que tudo que eu teria que fazer era movê-la alguns centímetros e ela estaria deitada bem em cima de mim.

Não estou especialmente confortável. E adoro isso.

Eu sempre meio que atribuí minha seca ao envelhecimento, por ter passado disso aos trinta e oito. Eu sei que não sou velho, mas me sinto velho alguns dias. Desgastado e sem a energia necessária para iniciar um novo relacionamento. Cansado demais para lidar com os altos e baixos e o inevitável drama.

Mas Willa Grant me revigora.

Depois de fazer o melhor sexo da minha vida, arrastei-a para a cozinha e alimentei-a. Eu fiz panquecas para nós. Nós conversamos. Nós rimos. Mas quando ela passou um pouco de xarope nos lábios, não resisti e lambi. E isso se transformou em colocá-la de quatro, bem no chão de madeira da cozinha. Que se transformou em um chuveiro. Que se transformou em jogá-la contra a parede de azulejos até que nós dois gozamos novamente.

Ela me disse que não aguentava mais, mas quando a puxei para minha cama comigo, desapareci sob as cobertas para mais um gostinho. E acontece que ela é uma grande mentirosa, porque com certeza pegou mais.

Eu deveria estar exausto agora, mas aparentemente meu pau não

recebeu o memorando. Porque ele está de pé e pronto para desonrar a garota de 25 anos esparramada na minha cama. Novamente.

— Abaixese, garoto — murmuro, estendendo a mão para me ajustar em minha cueca. Willa se mexe quando me movo, mas meu braço oposto chega até as covinhas em suas costas, pressionando-a contra mim.

Eu não me importo se é fisicamente desconfortável. Ter Willa por perto é reconfortante. É como ter Luke sob o mesmo teto. Eu sei que todos estão seguros.

Eu gostaria de poder dizer que senti o mesmo pela mãe de Luke. Mas não senti. As únicas vezes que Talia passa pela minha cabeça são quando estou me sentindo ferido ou inseguro. Quando aquele gosto amargo sobe pela minha garganta e penso nos anos que perdi tentando fazer as coisas funcionarem com ela quando no fundo eu não queria.

A pior parte é que não consigo me arrepender porque tenho Luke. E ele é a melhor coisa que já me aconteceu.

Willa move a cabeça para o meu peito, deslizando os dedos pelo cabelo ralo. — Shh. Volte a dormir. Estou tendo o melhor sonho.

O pensamento de que Willa é outra das melhores coisas da minha vida surge, mas me assusta. Parece muito cedo. Ela parece muito jovem. Também parece muito... impossível.

— Com o que você está sonhando, Red? — Eu levanto minha cabeça e dou um beijo em seu cabelo sedoso.

Sinto seu peito tremer um pouco, seus seios pressionando contra mim. Até o metal de seus piercings é gostoso, porque é claro que ela dorme nua. — Que meu chefe gostoso me deu uma surra ontem à noite.

Eu balanço minha cabeça.

— Não, de verdade. Você deveria ver esse cara de merda. Todo escuro e taciturno com um pau enorme.

— Willa.

— Mãos grandes e calejadas para combinar com sua bunda grande e redonda...

— Mulher. — Eu a viro de costas, o som de sua risada é uma música para meus ouvidos. Deito-me em cima dela, apoiado nos cotovelos. Ela tem um sorriso brincalhão no rosto e vincos na bochecha por causa da fronha. Ela parece uma deusa sonolenta, cremosa e de olhos verdes.

Balanço minha cabeça para ela novamente. Eu faço muito isso. Antes era por aborrecimento, agora é mais como... descrença.

— *Mulher é como você diz obrigado por todos os elogios, Willa?*

— Continue me provocando e vou encher sua garganta com meu pau para calar você de novo — eu resmungo, mas é brincalhão. E ela sabe disso. Ela descobriu como me interpretar, ao invés de ficar ofendida comigo. Ela sabe quando estou brincando ou quando estou mal-humorado. E quando estou, ela apenas revira os olhos para mim ou vai embora.

Acho que é por isso que ela abre a boca como se estivesse pronta para me levar lá de novo, mas então seus olhos se arregalam e ela bate a mão sobre ela. — Oh, meu Deus. Hálito matinal. Sinto muito.

Eu rio. Depois do que fizemos ontem à noite, um pouco de hálito matinal não vai me assustar. — Willa, eu estava com você enquanto você vomitava. Sua respiração nunca será pior do que aquilo.

Ela engasga por trás da palma da mão como se estivesse ofendida. — Idiota! — E isso só me faz rir ainda mais.

Eu pressiono um beijo em sua testa antes de me inclinar para sussurrar em seu ouvido: — Sorte sua, não poderei sentir seu hálito com meu pau em sua boca.

Ela ri silenciosamente disso, cobrindo o rosto com as duas mãos enquanto seu corpo treme. Eu me jogo ao lado dela e deixo sua felicidade contagiante me dominar.

Nós nos deitamos aqui – rindo, mãos vagando, corpos emaranhados –, mas em pouco tempo, ela me puxa de volta para cima dela, desliza pelo meu corpo e me diz para foder sua boca.

* * *

— Ok, então tipo... — Willa torce as mãos no colo enquanto ligo a caminhonete. É como se ao sair da minha casa a realidade desabasse ao nosso redor, e ela estivesse enlouquecendo. — Como estamos lidando com isso?

Eu deveria estar surtando, mas me sinto incrivelmente calmo. Algo sobre isso é muito certo para me preocupar. Vivo na minha cabeça o suficiente para saber quando estou perdendo a cabeça, e definitivamente não estou.

— Lidando com o quê? — eu respondo, enquanto engato a marcha e olho para trás por hábito. Ainda procuro pelo meu velho cachorro, que estava sempre correndo pela fazenda, gastando sua energia infinita. O cachorro que Talia levou com ela. Ela literalmente disse que queria *o cachorro ou a criança*. Ainda não consigo acreditar que essas palavras saíram da sua boca. Não havia nenhuma dúvida sobre isso para mim. Qualquer um que colocasse esses dois no mesmo nível de prioridade com certeza não criaria meu filho.

— Isso. O que aconteceu entre nós. Todo o sexo. Estamos fazendo mais disso? Ou é um cenário único?

Uma das minhas bochechas se ergue. — Eu acho que você quer dizer seis e pronto, baby.

— Não *brinque* comigo agora, Eaton. Estou falando sério.

— Eu também, Red. Devo encostar? Podemos fazer sete e contando.

— Odeio você. — Ela cruza os braços como se estivesse fazendo beicinho. Eu sei muito bem. Willa não é de beicinho.

— Certo. Mas você ama meu pau.

Ela suga uma respiração profunda e, em seguida, solta um adorável grunhido frustrado. — Semanas e semanas sendo um idiota sem humor, e tudo o que precisou foram alguns orgasmos para você se tornar o Sr. Idiota. Eu deveria ter levado um para o time antes.

Eu torço meus dedos no volante, tentando conter o riso. — Acho que você deve continuar levando isso para o time.

Sua cabeça vira para olhar para mim. — Sim?

Eu dou de ombros, mantendo meus olhos na estrada de cascalho à minha frente. — Sim. Definitivamente.

— Por quê?

Eu olho para ela agora. Seus olhos estão apertados, e posso ver a insegurança estampada em seu rosto. Porra, mas essa garota dá um bom show.

— Porque eu gosto de você, Willa.

Ela aponta para mim e tenta corrigir minha afirmação. — Você gosta de fazer sexo comigo.

Paro a caminhonete no meio da estrada. Não há tráfego, então não importa. E, honestamente, mesmo se houvesse, eles poderiam apenas esperar enquanto eu coloco essa mulher na linha.

Eu me viro para encará-la, uma mão sobre o volante. Minha postura pode parecer casual, mas minha expressão não. Ela deve ter notado, porque observo seus ombros tremerem enquanto ela se senta mais ereta e examina meu rosto.

— Não, Willa. Eu gosto de *you*. Eu me importo com *you*. Não fiquei sem sexo por anos apenas para recomeçar aleatoriamente. Tive oportunidades e recusei, porque não estava interessado. Não precisamos fazer grande coisa disso, e com Luke por perto, provavelmente não deveríamos. Mas estou interessado em *you*. Não sei onde isso nos deixa ou o que tudo isso significa. Tudo o que sei é que vai me destruir quando você for embora no final deste verão, mas

estou longe demais para me importar.

Seus lábios se abrem como se ela estivesse prestes a dizer algo, mas ela os fecha novamente. Eu posso vê-la processando. Ela é tão expressiva, nada se fecha com um rosto assim. Eu posso lê-la com muita facilidade.

Ela não diz isso, mas parece feliz com a minha resposta.

O que ela diz é: — Obrigada.

Eu dou a ela um aceno firme, coloco a caminhonete em movimento e alcanço o console, com a palma da mão aberta. Em segundos, ela desliza seus dedos finos entre os meus, e envolvo sua mão, dando-lhe um aperto rápido enquanto dirigimos para a casa principal da fazenda em um silêncio atordoado, mas sociável.

— Pai! — Luke voa pelo canto da casa do meu pai como um morcego fora do inferno enquanto eu dou a volta na frente da minha caminhonete para abrir a porta de Willa. Juro que esse garoto nunca para de correr... pular... escalar. Ele tirou anos da minha vida, com certeza. — Willa! — ele chora, quando a vê sair do veículo.

— Você não é meu motorista, você sabe — ela murmura enquanto pega minha mão para descer.

— Vou acrescentar não abrir a porta do carro à lista de ofensas – que inclui não comer sua boceta – de homens anteriores.

Ela cora e deixa cair a minha mão, afastando-se.

Manter nossas mãos longe um do outro vai ser uma tortura. Eu posso dizer pela forma como seus dedos se arrastaram sobre a palma da minha mão, como se ela quisesse manter contato pelo maior tempo possível.

Felizmente para o meu ego, Luke se lança em mim primeiro. Eu o puxo contra mim, notando o quanto ele ficou mais pesado. Quão mais alto. Ele está ficando maior mais rápido do que eu gostaria. Crescendo rápido demais.

— Ei, amigo. Você teve uma boa festa do pijama?

— A melhor! — Ele dá um beijo alto na minha bochecha, e eu me pergunto com que idade ele vai parar de fazer isso.

Ele desce e faz o mesmo com Willa, exceto que envolve os braços em volta da cintura dela. Ela se dobra, o cabelo se espalhando ao redor dele enquanto ela o abraça de volta e sussurra algo particular para ele. Luke ri, e Willa esfrega a mão na nuca dele antes de dar um beijo rápido em sua cabeça.

Eu os encaro como um tolo apaixonado, imaginando algo que nunca me permiti imaginar. Luke teve muitos cuidadores ao longo dos anos – professores, amigos –, mas ele nunca se encantou tanto com uma única pessoa quanto com Willa. Ele precisava tanto de alguém como ela em sua vida.

E acho que somos dois, porque não consigo tirar os olhos deles.

— Você está tendo um derrame, filho? — meu pai idiota chama da varanda da frente, realmente me fazendo pular.

Eu apoio minhas mãos em meus quadris, dando a ele o meu melhor olhar de não diga nada.

Ele não é um homem estúpido. Ele está sorrindo para mim como se soubesse de alguma coisa. E tenho certeza que sim. Só não preciso que ele torne as coisas estranhas, fazendo alguma piada sobre um boquete no gramado ou qualquer merda que ele invente para se divertir.

Mal posso esperar para ficar velho e aposentado e dizer coisas só para ver como as pessoas vão reagir para me divertir. Esse é o sonho bem aí.

— Apenas cansado — é o que eu escolho responder.

Harvey se apoia contra o poste na varanda da frente com um sorriso malicioso. — Isso é o que acontece quando você fica acordado até tarde festejando na sua idade.

Willa se levanta agora, braço em torno de Luke, que ainda está agarrado a ela. — Fui eu quem saiu para festejar. Cade ficou em casa para, uh, limpar. Ele é muito organizado. Você se saiu bem nesse

departamento.

Meu pai zomba. — Esse menino só limpa quando está ansioso.

Idiota.

— Bem, então a ansiedade dele deve estar fora do normal — Willa brinca, tentando manter as coisas leves. Sua brincadeira de bartender está no ponto, mas meu pai não cai nessa.

— Ele parece muito relaxado esta manhã — ele responde, sorrindo de orelha a orelha.

— Jesus Cristo — murmuro, chutando uma pedra na terra batida sob minha bota de trabalho.

Willa ri e desvia o olhar. Nós dois sabemos que fomos pegos. Os malditos olhos de águia do velho Harvey nunca perdem nada. E é isso que ganho por encarar Willa como se ela tivesse pendurado a lua.

Já se passaram dez minutos desde que saímos de casa, e já estou falhando em manter as coisas entre nós em segredo. Há uma parte de mim que não quer, mas também não quero todos os olhares de pena quando ela for embora. O pigarro e os tapinhas nas costas. E se as pessoas não souberem sobre nós, não saberão por que estou infeliz. E isso parece muito mais suportável para mim.

— Qual é o plano hoje? — Eu encaro Luke, optando por ignorar meu pai completamente.

— Planejar meu aniversário! Willa, você virá, certo? Mesmo que seja no fim de semana?

Ela sorri para ele, apertando seus pequenos ombros. — Não perderia.

— Você vai tocar parabéns para mim no seu violão?

Ela ri e meu pau fica duro. Assistir Willa tocar violão está lá em cima para mim. Toda desconectada e despojada, apenas sua voz suave e rouca e o suave dedilhar de seus dedos delicados, com longos cabelos espalhados contra a madeira manchada.

É quase tão sexy quanto vê-la sentada em um cavalo curvada e

cavalgando.

— Tenho uma ideia ainda melhor — diz Willa. — Vou ensinar você a tocar também.

Os olhos de Luke se arregalam. — Na frente de todos?

— Só se você quiser. — Ela bagunça o cabelo dele, e meu cérebro se depara com *todos*. Porque o aniversário de Luke é o único dia do ano em que Talia gosta de rastejar para fora da toca.

Eu olho para o meu pai. Passamos muitos anos trabalhando juntos nesta terra, aprendemos a ler um ao outro muito bem e vejo que ele está pensando a mesma coisa.

Eu nunca quis manter Talia longe de Luke. Eu dei a ela todas as oportunidades de fazer parte da vida dele, mesmo que ela não tenha se arriscado.

Acho que dói mais em mim do que em Luke. Para ele, ela não é um fator. Para mim, ela deveria ter sido. Não consigo entender perder ele enquanto crescia, mas nunca vou envergonhá-la por isso e nunca vou proteger nosso filho enquanto ela não o machucar.

— Precisamos conversar sobre a reunião, Cade — diz meu pai. — Vem almoçar? Você e eu podemos fazer algum planejamento.

— Willa também! — Luke já está arrastando-a até a casa, sua mãozinha segurando a dela.

— É o dia de folga dela, amigo — eu o lembro, vendo a linha entre tudo borrar e tentando desesperadamente mantê-la no lugar.

Ela olha para Luke e para mim. — Tudo bem. Eu não preciso de um dia de folga de você, amigo. Você é uma das minhas pessoas favoritas no mundo.

Meu coração gagueja no meu peito, e respiro fundo. A maneira como Luke sorri, a maneira como ele fica um pouco mais alto, faz a ponta do meu nariz arder.

Eu o aperto e limpo um pouco antes de desviar o olhar. Então caminho para casa de cabeça baixa, para que ninguém veja a emoção

em meus olhos.

Mas não preciso olhar para o meu pai para ele saber. Afinal, quem conhece seu filho melhor do que um pai solteiro? Antes de ele se aposentar, passávamos longos dias no campo juntos, então é quase impossível esconder alguma coisa um do outro.

— Você está mal, garoto — é o que ele diz, batendo no meu ombro enquanto eu passo por ele.

E ele nunca esteve tão certo.

Willa

Cade: Só preciso de mais dez minutos.

Willa: Algum palpite sobre se eu coloquei calcinha ou não esta manhã?

Cade: Estou sentado com meu pai agora. Eu não preciso de uma ereção.

Willa: Sem calcinha. Minha gatinha está muito dolorida de montar em seu bastão enorme.

Cade: Mulher, você está ignorando intencionalmente minhas instruções?

Willa: Você não me diz o que fazer. Achei que já tínhamos estabelecido isso.

* * *

— Willa! Vamos.

Minha cabeça gira ao som da voz autoritária de Cade, latindo para mim como se eu trabalhasse para ele. Como se não fosse meu *dia de folga* e não tivéssemos passado a noite inteira fodendo um ao outro. Balanço a cabeça e arregalo os olhos para Luke.

— Devemos nos esconder dele — Luke diz, instantaneamente deixando cair o giz da calçada. Enfeitamos toda a entrada da frente com corações de todas as cores, formas e tamanhos.

Eu concordo. — Absolutamente deveríamos.

— Eu sei! — Ele desliza sua mão na minha, e tento não pensar em

como ela é pegajosa. Rindo baixinho, corro atrás dele enquanto ele me arrasta para trás de um grande poço que fica ao lado da casa. O cimento espreita entre as camadas de pedras, e as velhas vigas de madeira se erguem acima dele. Há um balde pendurado em uma corda, mas tem a aparência distinta de estar fora de uso.

É charmoso e simbólico e cheira a pederneira molhada ou a quintal após uma tempestade.

— Olááá! — Luke enfia seu rostinho na abertura, gargalhando quando sua saudação ecoa de volta para ele.

Eu afundo no chão, puxando-o para baixo comigo. — Cale a boca, seu diabinho. Ele vai nos ouvir.

— Oh, sim. Certo. — Luke ri mais. Um garoto tão feliz e pateta, mesmo que sua atenção deixe algo a desejar.

— Ei, Willa?

— Ei, Luke — eu respondo secamente, já que a parte de *ficar quieto* obviamente não foi registrada.

— Às vezes, eu queria que você fosse minha mãe.

Eu pisco para o menino, muito atordoada para falar, então ele continua. — Naquela festa de aniversário? Onde eu fiquei preso debaixo d'água? Ele me disse que nem minha mãe gostava de mim.

Eu quero empurrar aquele garoto na água de novo.

— Bem, eu não apenas gosto de você, Luke. — Minha voz sai cheia de emoção, mas não tenho certeza se ele percebeu. — Eu amo você.

— Você ama? — Seu sorriso é tímido, hesitante.

— Sim. E aquele garoto é um grande idiota.

Sua mão tapa a boca e seus olhos se arregalam antes de sussurrar: — Ele é um idiota *total* e eu também amo você.

Eu imediatamente o puxo para perto, sentindo seu corpo minúsculo pressionar contra o meu bem onde estamos ajoelhados no

chão.

— Luke! — A voz de Cade está mais próxima desta vez. — Willa! Por que parece que o Dia dos Namorados vomitou em toda a garagem?

Eu coloco a mão sobre a boca para segurar o riso. Claro, é assim que Cade veria isso. Maldito pessimista.

— Vocês dois se acham engraçados, não é?

Eu movo minha mão livre para cobrir a boca de Luke, porque ele não tem controle e vai explodir.

As botas de Cade saem da parte pavimentada da entrada, e posso ouvi-las esmagando o cascalho ao lado, chegando mais perto.

— A pior parte é... quando eu encontrar vocês, vou punir vocês dois.

Os ombros de Luke tremem mais. Ele sabe que seu pai é um grande molenga sob aquele exterior áspero. Eu não acho que ele puniu Luke um dia em sua vida.

Mas eu? Eu não tenho tanta certeza. O Cade do quarto não é o Daddy Cade. Meu corpo formiga em resposta – eu não rio de jeito nenhum.

— Eu aposto que vocês estão... atrás do galpão! — Podemos ouvi-lo pular e depois gemer quando o local em que ele pensou que estaríamos está vazio.

Eu me viro e dou a Luke um olhar de advertência, porque sinto as pequenas lufadas de ar escapando de seus lábios. Depois de balbuciar *fique quieto*, ele me dá um aceno de cabeça e respira fundo pelo nariz.

Os passos pesados de Cade se aproximam. — Que tal... — Ele está se aproximando do poço, mas do lado oposto. Olho para Luke e aponto para cima, esperando que ele entenda que vamos pular.

Ele concorda.

Meus dedos contam até três.

Dois.

Um.

— No poço!

Nós disparamos e gritamos: — Boo!

E, previsivelmente, Cade pula, seu corpo alto se assusta quando ele dá um passo para trás. Seu rosto bonito momentaneamente parece muito chocado, e Luke e eu caímos na gargalhada.

— Pegamos você — eu ofego. — Sem camiseta molhada desta vez!

— Você deveria ter visto seu rosto! — Luke aponta para ele.

— Ok, é isso. Vocês dois estão mortos. — Cade aponta para nós, virando o boné para trás e piscando para mim.

Idiota. Ele sabe que me mata quando o usa assim. *Mate-me com seu pau, por favor, senhor.*

Luke se vira e dispara para a casa principal. Cade o deixa ir um pouco à frente antes que seus passos largos comam o chão atrás dele e ele pega Luke em seus braços e começa a fazer cócegas nele. Luke se contorce e suas risadas leves se misturam com o barítono mais profundo de Cade.

— Willa! Ajuda!

— Não se preocupe, Luke. Estou chegando! — Eu corro heroicamente ao redor do poço e coloco meus dedos nas costelas de Cade.

Ele grita. Ele *grita*, e é o barulho menos viril que eu já ouvi sair de um homem tão viril. Estamos todos rindo como lunáticos, mas Cade é mais forte, mais alto, mais rápido – mais cruel. E de alguma forma, ele joga Luke sobre um ombro e me levanta sobre o outro.

Luke dá um tapa nas costas em uma histeria ofegante. — Deixe-me descer!

Jogada por cima do ombro oposto, eu me abaixo mais e dou um

tapa em sua bunda, o que só faz Luke rir ainda mais.

— Tonto, papai! — Luke chama, e a respiração de Cade sai ofegante na minha coxa nua.

— Vocês dois são uma dor na minha bunda.

— Como diabos você está nos carregando? Isso não é normal. Coloque-me no chão.

— Mulher. Posso pegar bezerros, vocês dois não são nada. — Seu dedo traça o interior da minha coxa e eu me contorço.

— Parece que você está muito ocupado, filho — Harvey grita, mas não consigo vê-lo. Não preciso vê-lo para ouvir o sorriso em sua voz. — Por que não tiro o pequeno infernal de suas mãos um pouco?

— Sim! Salve-me, vovô! — Luke grita, debatendo-se descontroladamente, sacudindo o corpo de seu pai enquanto o faz.

Cade resmunga e coloca Luke no chão instantaneamente. — Bom plano, pai. Dividir e conquistar.

Eu ouço Luke correndo pela calçada longe de nós enquanto eu sussurro: — Cade, coloque-me no chão. Aposto que todo mundo pode ver minha bunda.

— Eles não podem — ele sussurra de volta.

— Como você sabe?

— Porque verifiquei. Eu pensei que a vista poderia ser melhor do que é. Decepcionante, para ser honesto.

— Idiota. Deixe-me descer. Eu não sou um bezerro.

Cade apenas ri.

— Vocês, crianças, divirtam-se! — Harvey chama, e me ocorre o quão óbvio deve ser que algo está acontecendo conosco. — Passei de carro outro dia e notei seu gramado. Poderia realmente usar um bom...

— Pai, simplesmente não faça isso — Cade resmunga e marcha até sua caminhonete comigo pendurada em seu ombro como um saco

de ração. Ou uma vaca bebê.

— Vamos, Red. Você está comigo hoje. — Ele bate na minha bunda alto para os gritos de alegria de Luke e um latido de surpresa de prazer de seu pai.

O sangue corre para minhas bochechas e cubro meu rosto com as mãos. Digo a mim mesma que é porque estou envergonhada, mas, no fundo, sei que é porque esse lado do Cade está fazendo alguma coisa comigo.

E esse algo vai tornar a partida quando essa coisa terminar quase impossível.

* * *

— Por que estamos cavalgando juntos no meu dia de folga? — pergunto a Cade de onde estou sentada em um bonito cavalo de rancho pardo. Sinto falta de Tux, mas sei que ele está gordo e feliz no campo agora, recuperando-se muito bem. Ele provavelmente nunca mais vai querer pular outro dia em sua vida. Ele provavelmente pensa que está aposentado agora.

— Porque eu queria mostrar a terra a você.

Olho para Cade com ceticismo. A cabeça oscilante de Blueberry está abaixada, totalmente relaxada enquanto passamos entre os esparsos fardos de feno enrolados atrás da casa de Cade.

— Eu vi a terra, Cade. Também estou me sentindo bastante familiarizada com esses fardos de feno.

— Tem sido um bom ano para o feno. — É sua resposta estúpida. Ele está todo sério, ombros esticados, mãos apoiadas no chifre de sua sela. Boné idiota ainda virado para trás. — Além disso, eu me sinto relaxado aqui na terra.

— Você está agindo de forma estranha. — Dou um pequeno aperto em meu cavalo, Rocket, incitando-o a avançar para que eu

fique igual a Cade. — Por que você está agindo de forma estranha?

— Não posso simplesmente levar você para um passeio romântico?

Meus lábios rolam juntos enquanto eu o considero. — Você pode. Mas você não falou uma palavra comigo desde que saímos de sua caminhonete. Parece que você está tentando desintegrar o couro em suas mãos, e sua boca fica aberta como se estivesse prestes a dizer algo, mas então você balança a cabeça e a fecha com tanta força que seus dentes batem. E posso ouvir você rangendo os dentes até sua boca se abrir novamente.

Ele se vira e me dá sua carranca irritada. — O que você é? Uma terapeuta?

Eu atiro nele de volta com o meu melhor sorriso cafona. — Não. Apenas a filha de uma.

Ele solta uma risada suave e balança a cabeça, olhando para a extensão plana de terra que parece disparar direto para as Montanhas Rochosas. É lindo – grama verde-dourada, rocha cinza, até um céu azul.

— É o aniversário de Luke na próxima semana. A festinha que estamos organizando é no próximo fim de semana. É casual. Apenas família.

Não digo nada, porque sei para onde ele está indo. Ele mencionou isso uma vez, e eu nunca mais fiz perguntas, porque não era da minha conta.

— A mãe dele sempre aparece para isso.

— Como ela deveria — respondo, porque é verdade. — Cade, isso não é da minha conta. Se Luke está feliz, eu estou feliz.

Ele meio que balança a cabeça. — Não tenho certeza se ela faz Luke feliz, para ser honesto. Nove em cada dez vezes, é estranho. Ele não sabe como agir perto dela, e ela com certeza não sabe como agir perto dele. Não está melhorando com a idade.

— Ok. — É tudo o que posso pensar em dizer. Eu realmente não sei por que ele está me contando tudo isso.

— Eu tenho uma suspeita de que vai ser mais estranho com você lá.

Rigidez permeia meu pescoço enquanto me mexo para me sentar mais alto. — Você está dizendo que não me quer lá?

— Não. — Sua resposta é rápida e firme. Deixo escapar a respiração que estava segurando, pronta para me controlar se ele dissesse sim. — De jeito nenhum. Se você quiser falar sobre algo que aborreceria Luke, seria isso.

Concordo com a cabeça, baixando os olhos para os meus dedos em volta das rédeas em minhas mãos.

— Eu quero você lá também — acrescenta Cade, e posso sentir o peso de seu olhar na minha pele. — Ela pode não gostar, então só quero prepará-la para isso.

Meu rosto se contorce quando me viro para olhar o homem ao meu lado. — Por que ela não gostaria de mim lá? Estarei lá como babá dele.

Sua mandíbula apertada, e observo seu pomo de adão balançar quando ele engole. — Ela é... não sei. — Ele ri agora, esfregando a mão sobre a barba. — Você sabe, eu tento tanto não dizer coisas ruins sobre ela, porque ela é metade de Luke, e amo tudo sobre aquele garoto. Mas Willa, a mãe dele é a porra de um pesadelo. Não sei como meu maior erro trouxe meu presente mais querido. Mas aqui estou.

— Você é tão maduro — eu brinco. Porque realmente, ele é.

Ele geme e olha para o céu agora. — Talia é estranhamente competitiva. Eu era um troféu para ela. Mas assim que ela me ganhou, ela percebeu que talvez não fosse o troféu que ela queria. Posso manter você e eu em segredo, porque isso ajudará a impedir que as garras dela apareçam. Mas não posso manter em segredo o jeito que Luke ama você. E isso vai incomodá-la.

Eu suspiro. Sentindo-me fora de mim com esse tipo de dinâmica

familiar.

— Harvey também está muito consciente disso. Ele não é o maior fã de Talia. Mas ele é um grande fã seu.

— Sim, você fez um ótimo trabalho em nos manter em segredo mais cedo — eu brinco, pensando na maneira como ele me carregou como um homem das cavernas que acabou de ganhar a caçada.

— Não estava tentando, Red. Não quero, se estou sendo honesto.

Eu bufo. — Isso é estranho.

Eu vejo seus lábios se curvarem quando ele olha para mim. — Totalmente estranho.

— Mas eu não estou brava com isso.

Cade marca: — Posso até ficar feliz com isso.

Eu aperto meus olhos para ele – porra, mas ele é gostoso. É realmente apenas estúpido. — Essa é a sua carranca feliz?

Ele balança a cabeça e ri. — Posso dizer a Harvey que a preparei adequadamente para a festa?

— Yeah, yeah. Você não lida com um bando de idiotas bêbados e brigas por anos sem aprender uma ou duas coisas sobre como lidar com merdas como essa. Eu vou ficar bem. Vamos apenas manter isso sobre Luke. Ok?

Ele acena com a cabeça, olhando para mim como se estivesse verificando se há algum sinal de que estou estressada. E, sinceramente, não estou. Eu não sou uma caçadora de drama. Na verdade, evito isso como uma praga. Se eu tiver que sorrir e acenar com a cabeça e desaparecer no fundo, então é isso que farei.

— Ok — ele concorda com um aceno firme.

— Ok. Bom. — Nós olhamos um para o outro por um instante até que um sorriso surge em minhas bochechas quando uma ideia para matar a tensão surge em minha cabeça. — O último a chegar às montanhas é um ovo podre! — explode de meus lábios antes que eu possa pará-lo, e então estou incitando Rocket a galopar, olhando por

cima do meu ombro para Cade, que está sorrindo para mim como se eu fosse uma psicopata.

— Vamos! — ele chama Blueberry, e seus cascos batem atrás de mim.

Eu me inclino para frente na sela, saindo das costas de Rocket para dar a ele algum espaço para galopar, empurrando minhas mãos para cima de seu pescoço e dando-lhe folga nas rédeas. Ele se estica, e quando olho para trás novamente, Cade não está se aproximando de mim como eu pensei que ele faria.

— Você está com medo, Eaton? — eu grito.

— Não, baby. Apenas apreciando a vista. Sua bunda parece muito bem daqui de trás.

Nós dois rimos e a alegria borbulha em meu peito. Eu não desisto, embora. Ele pode olhar para a minha bunda, mas ainda vou chutar a dele.

— Obrigada! — eu grito de volta como uma piada. Mas, no fundo, não parece uma piada.

Parece que ele está abrindo caminho para o meu coração.

Willa

Summer: Eu sinto que vivemos no mesmo pedaço de terra e ainda assim não vejo você.

Willa: Estive ocupada.

Summer: Com o quê?

Willa: Salvando cavalos.

Summer: Ah, é?

Willa: Sum, salvei tantos que posso abrir um resgate.

Summer: Meu Deus.

Willa: Seria lícito eu pedir ao Cade que me passasse um recibo de doação beneficente para compensar meus impostos?

Summer: Acho que ele fodeu você, amiga.

* * *

A cabeça de Cade sai pela porta dos fundos, e borboletas explodem em meu peito. Pela maneira como ele examina o quintal, posso dizer que está procurando por mim.

— Oi — é tudo que eu digo do outro lado da banheira de hidromassagem, vapor fluando ao meu redor. Estamos bem nos dias mais quentes do verão agora. É agosto e as noites esfriaram. O ar é fresco contra meu peito e ombros, mas a água quente e borbulhante acaricia meu corpo, afugentando o frio.

Eu não estou com frio. Especialmente assistindo Cade entrar no pátio, descalço com calça fina pendurada baixa, camiseta preta de

assinatura abraçando seus bíceps e cabelo todo despenteado depois de um banho e se deitar com Luke.

— Luke dormiu?

— Sim. — Seus olhos passam por mim com aidez. — Eu pretendia vir encontrar você mais cedo, mas acho que adormeci lá dentro.

— Tudo bem. Eu tenho me mantido ocupada — falo, sem perder o jeito que sua cabeça se move e seus olhos se estreitam.

— Sim? Ocupada com o quê?

— Pensando na noite passada — respondo com ousadia, esticando meus braços acima da minha cabeça e mostrando a ele como meus mamilos endureceram sob meu fino maiô roxo.

O mesmo que ele não conseguia tirar os olhos da última vez que nos encontramos aqui juntos.

Em vez de se aproximar de mim, ele apoia o ombro contra uma grossa viga de madeira, ainda de pé sob a parte coberta do pátio. Ele cruza os braços sobre o peito e me olha como se não fosse afetado. No entanto, quando meus olhos caem abaixo de sua cintura, sei que não é verdade.

— Que parte? — Sua voz é um estrondo, um trovão que rola sobre minha pele e dispara direto para o meu núcleo.

— Bem, comecei pensando em como fiquei de joelhos por você.

— Você fica linda de joelhos — ele responde suavemente. Minha frequência cardíaca aumenta sob seu olhar. Recontar a noite passada fez todas as terminações nervosas dispararem. — Mais bonita quando você luta para levar tudo. Adoro ver você trabalhar tanto.

Um sorriso torce minha boca.

— Abaixar o maiô, Red. Deixe-me ver esses seios perfeitos.

Meus polegares se prendem sob as alças enquanto eu lambo meus lábios e engulo contra a secura na minha garganta. Levando o nylon molhado para trás, eu seguro seu olhar. Queima como carvão em

brasa, seguindo cada movimento meu.

— Bom. Agora brinque com seus mamilos enquanto me conta mais sobre a noite passada.

Ele não se move um centímetro, e tento reunir coragem para continuar porque, embora eu tenha feito sexo bom na minha vida, nunca tive nada como isso.

Ou alguém como Cade.

Meus dedos indicadores e polegares torcem meus mamilos, e minha voz fica ofegante quando digo: — Gostei quando você veio atrás de mim. Desculpe por ter saído antes que você pudesse terminar de falar.

Ele pisca para mim, como se estivesse um pouco surpreso com o que acabei de dizer a ele. — Você não precisa se desculpar, Red. Não enviei exatamente sinais claros com você.

Aperta. Rola. Desliza. A verdade desaba.

— Nem eu.

Sua mandíbula muda. — Ninguém esperaria que você fosse a pessoa madura neste relacionamento quando sou eu quem está no fim de seus trinta anos.

Levanto o nariz, recusando-me a deixar que esse comentário me faça sentir infantil ou jovem. Cade não está olhando para mim desse jeito, então afasto o pensamento, focando em outra palavra que ele usou.

Minhas mãos acariciam a plenitude dos meus seios, e ele observa, os olhos grudados em mim, seu comprimento esticando fortemente em sua calça. — É isso que isso é? Um relacionamento?

Percebo que quero que ele diga sim, assuma o controle de como estou me sentindo fora de controle perto dele, e me diga como isso vai funcionar. Porque eu quero que algo funcione.

Mas ele diz: — É o que você quiser, Red. Podemos deixar que seja gradual. Podemos pular um rótulo. Podemos descobrir quando chegar

a hora. Mas seja o que for, é importante para mim. *Você* é importante para mim.

Minhas mãos param de se mover, porque sinto que esta pode ser uma chance de dizer a ele que quero que ele se torne um homem das cavernas completo e me diga que vou ficar aqui com ele e Luke.

Eu tenho andado por aí fazendo o que quero por anos sem nenhum vínculo real com nada, exceto minha melhor amiga e meu irmão. Eu gostei de ver sua carreira decolar, mas nada disso era para mim.

Eu me sinto estável aqui. Nesta casa. Com Cade e Luke. Aconteceu lentamente, mas sinto que pertenço a este lugar, o que parece absolutamente insano deixar escapar para este homem que reiterou claramente nossa diferença de idade ou apontou minha maturidade como uma razão para meu comportamento.

E ele não está errado. Sempre fui um pouco avessa a crescer e me estabelecer, mas estou descobrindo que não quero mais nada. Depois de tanto tempo girando sem saber o que quero, acho que finalmente descobri.

— Você é importante para mim também, Cade. — É o que eu decido, porque sei que ele precisa ouvir isso. Ele se concentrou nas minhas inseguranças e eu me concentrei nas dele.

Ajudamos um ao outro. Arrumamos as pontas soltas um do outro. Nós nos encaixamos tão perfeitamente.

— Bom. Mas, Red, acho que não disse para você parar de brincar com esses peitos. — Sua voz muda, assumindo um tom brincalhão enquanto ele dá passos longos e casuais em direção à banheira de hidromassagem, tirando a camisa e jogando-a no pátio de tijolos.

— Sim, mas agora você está aí fora parecendo um lanche total, e quero que você venha brincar com eles. — Eu faço beicinho dramaticamente enquanto minhas mãos se movem novamente.

Ele ri e apoia os antebraços esculpidos na borda da banheira. — Desesperada — ele murmura, balançando a cabeça.

— Ei, seu...

— Sente-se na beirada da banheira, baby. Você me disse que eu podia ver você se tocar enquanto pensava em chupar meu pau na varanda. E sei que você é uma mulher que mantém sua palavra.

Eu praticamente ronrono com esse elogio. Porque eu *sou* o tipo de mulher que mantém sua palavra. Sou extremamente leal, e isso é algo de que sempre me orgulho. Sou confiável e uma boa amiga. Posso não ser uma grande realizadora, mas você pode contar comigo para estar lá se precisar enterrar um corpo no meio da noite.

Eu faço o que Cade diz, levantando-me para a borda, vapor saindo da minha pele enquanto saio da água.

— Porra. — Ele ergue o punho sobre a boca e me encara como se eu fosse sua última refeição. — Essa porra de maíô.

— Este? — pergunto, puxando-o com força para que aperte minha boceta da maneira que o deixa louco.

— Você quase me fez perder o controle naquela noite, sabia?

— Eu gostaria que você tivesse.

— Eu não — ele responde suavemente, e arqueio uma sobrancelha para ele. — Não me olhe assim, Red. Não teria sido o mesmo e você sabe disso. Eu não teria conhecido você do jeito que conheço agora. Você ainda teria pensado que eu era um idiota.

— Quem disse que não acho mais?

Ele me dá sua carranca de desaprovação. — Entre antes e agora eu... — ele para, desviando o olhar por um momento, pensando cuidadosamente nas próximas palavras — conheci você e passei a me importar com você de uma maneira que eu não esperava.

— Idem — respondo, como uma idiota que não quer se jogar na banheira de hidromassagem e dizer: *Na verdade, acho que estou me apaixonando por você! Hehehe.*

Ele olha para mim, mas tipo, *dentro* de mim. Ele me encara como se realmente me conhecesse, como se pudesse revelar todos os meus

segredos e inseguranças mais profundos e obscuros. Eu quase rio, porque de muitas maneiras ele já fez.

Eu me pergunto se ele pode dizer que estou perdendo o controle no que diz respeito a ele.

Eu decido que não me importo, então abro minhas pernas e puxo meu maiô para o lado, despindo-me para ele, sorrindo quando seus olhos brilham em perfeita sintonia com suas narinas.

— Você estava com tanto ciúme naquela noite — digo. — Tão zangado. Não para mim, eu poderia dizer isso. Mas para si mesmo por me querer. E eu mal podia esperar para ver você se desfazer.

Eu passo um dedo pelos meus lábios, sentindo a umidade escorregadia entre eles só por ter os olhos de Cade em mim.

— Fui muito rude — diz ele, lambendo os lábios, mas não parece arrependido.

— E eu gostei. Não. *Adorei*. — Eu pressiono levemente meu clitóris, provocando-me por ele, deixando-o assistir. — Suas mãos no meu cabelo. — Ele geme quando apoio um pé na borda, sentindo-me cada vez mais ousada. Cada vez mais excitada pelo jeito que ele está olhando para mim. — Seu pau na minha boca. Tábuas duras mordendo meus joelhos.

Eu provoco minha fenda novamente, mergulhando um dedo, mas apenas até a primeira junta. — Como os músculos de suas pernas se flexionaram sob minhas mãos. Eu me senti como uma deusa. E o fato de que alguém poderia ter se aproximado e nos visto juntos? Eu amei.

Sua mandíbula estala sob a tensão de se conter. Eu posso ver os músculos em seus antebraços ondulando enquanto ele esfrega as mãos. É como se ele só precisasse de algo para fazer com elas que não fosse destruir esta banheira de hidromassagem para chegar até mim.

— Você queria que todos soubessem que essa boca é minha, Red?

Eu concordo. Sua garganta balança. — Você parecia uma deusa também. Você sempre parece. Você deveria se ver agora. Todo esse lindo cabelo cor de cobre grudado nos ombros. — Seus olhos trilham

sobre mim. — Seios para fora e arfando. Implorando para ser fodida. — Seu olhar se move para baixo sobre o meu torso. — Traje de banho frágil todo amontoado, provando o quão inútil ele é para esconder seu corpo.

Seus olhos brilham quando pousam entre minhas pernas, onde meus dedos ainda estão passando levemente sobre minha boceta. — Essa provocação de uma boceta apertada toda em exibição para mim. Implorando. Assim como cada centímetro do seu corpo.

Um gemido sai dos meus lábios e o calor corre por todos os membros. Eu sinto que poderia derreter para ele e suas palavras sujas. Palavras grosseiras que são reverentes ao mesmo tempo. Tão cheias de admiração. Posse.

— Pare de brincar e me mostre como você fica bonita com os dedos enfiados dentro, baby. — Sua voz soa estrangulada quando ele move seus olhos para os meus. Há algo em seu rosto que não consigo identificar. Uma vulnerabilidade que aparece apenas de vez em quando.

Um olhar que diz que ele precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Em um movimento suave, deslizo um dedo, depois dois. Mas ele não olha entre as minhas pernas, seus olhos ficam no meu rosto. Um rubor corre sobre minhas bochechas.

Isso deve parecer sujo, um pouco de jogo, mas parece adoração e ele nem está me tocando.

— Alguém já disse o quão incrível você é, Willa? — Eu engulo. — Quão divertida? Quão inteligente? Quão espirituosa?

Porra. Suas palavras são como um taco de beisebol no peito. Totalmente inesperadas.

Meus lábios se abrem e apenas um pequeno guincho sai. Tento disfarçar dizendo: — Que tal bonita? Eu recebo muito isso. — Porque não tenho certeza se o *incrível* já aconteceu.

Ele balança a cabeça antes de entrar na banheira de hidromassagem, ainda vestindo aquela calça que roça seu corpo tão

deliciosamente.

Ele cai na água, braços tonificados deslizando-o até mim em um movimento suave. — Você ainda está usando...

— Não. Garotas bonitas não me fazem sentir assim. — Sua mão envolve minha panturrilha enquanto a outra vem para segurar minha mão entre minhas pernas. Ele assume o controle dessa mão, fazendo-me bombear para dentro e para fora algumas vezes.

— Assim como? — eu respiro, cabeça inclinada para baixo, olhos fixos no homem submerso entre minhas pernas.

— Totalmente fora de controle.

E então ele abaixa sua boca até mim. Minha cabeça se inclina para trás, e ele me faz sentir totalmente fora de controle também.

Ele chupa meu clitóris. Lambe meus lábios. Cantarola como se ele amasse o sabor. Tudo enquanto ainda trabalha minha mão com a dele.

— Continue, baby — é tudo o que ele diz quando puxa a mão para agarrar minha coxa.

Minhas pernas acabam enroladas em seu pescoço, uma mão apoiada no deck enquanto Cade Eaton me deita e faz uma refeição de mim.

São os músculos tensos de suas costas, a visão do tecido molhado sob a água – prova de que ele não conseguiu se conter nem mais um segundo – que me faz disparar rapidamente em direção ao penhasco.

O mesmo que ele tem me empurrado nas últimas vinte e quatro horas.

Aquele em que ele está sempre no fundo para me segurar quando eu caio.

E eu caio.

Com meus dedos entrando e saindo facilmente, e sua língua experiente trabalhando em mim, eu mordo: — Cade! Porra! — Toda aquela pressão dentro de mim explode. Pela parte interna das minhas coxas. Pela minha espinha.

Direto ao meu coração.

Suas mãos estão em cima de mim, puxando-me para a água, deslizando sobre mim possessivamente. Minha bunda, minhas costelas, os dedos subindo pela minha coluna, até que ele me abraça e sussurra em meu ouvido: — Incrível.

Eu me viro e beijo sua bochecha com barba por fazer, vendo o canto de sua boca levantar. Mas não consigo ver o pequeno sorriso por muito tempo, porque ele está nos virando, colocando-me na água enquanto ele empurra para ficar acima de mim.

Ele empurra o tecido molhado para baixo, deixando seu pênis grosso e orgulhoso sobressair entre nós.

Eu lambo meus lábios e ele sorri. — Não, baby. Primeiro, estou fodendo esses lindos peitos, então você pode provar.

— Ok, combinado — respondo enquanto me aproximo rapidamente.

Uma risada ressoa em seu peito. — Tão ansiosa. Vou adicionar isso à sua lista de características admiráveis. Agora coloque meu pau entre seus seios e empurre-os juntos. Agora é a minha vez.

— Você gosta de assistir, hein, Eaton? — eu provoco enquanto faço o que ele me disse.

— Gosto de observar você, Red.

Balanço a cabeça, como se isso pudesse afastar o friozinho na barriga. Eu nunca fiz isso antes, e é emocionante – seu pau no meu peito, os seios apertados ao redor de sua cintura, uma gota branca brilhando em sua cabeça grossa. Olho para ele e sorrio. Sua língua se lança sobre o lábio inferior e, em seguida, ambos os lábios se achatam em concentração. Braços jogados para trás, ele empurra. A água nos lubrifica e seus movimentos são lentos e medidos.

Sua boca está ligeiramente aberta, bochechas esculpidas enquanto ele se vê deslizando entre meus seios. Nós não conversamos. Acho que nós dois estamos meio que em transe, ou talvez já tenhamos dito o suficiente esta noite.

Talvez ele esteja se sentindo tão exposto quanto eu.

Talvez se eu me sinta uma deusa quando estamos juntos, ele se sente um deus.

Talvez nós dois apenas nos deleitemos com esse sentimento.

Minha excitação não diminuiu e vê-lo deslizar seu pau pelos meus seios está me deixando excitada de novo. Toda vez que ele murmura *porra* naquela voz profunda e ofegante, minha boceta aperta.

— Willa, vou gozar.

— Sim — eu assobio, mordendo meu lábio, apoiando meu peito no ângulo mais convidativo, amando vê-lo se despedaçar para mim.

E então eu sinto isso. Cade fica imóvel e seu pau lateja e se contrai. Seu esperma dispara sobre o meu peito. Um tiro atinge meu queixo, e ele geme, que se transforma em um suspiro silencioso enquanto sua mão acaricia a parte de trás da minha cabeça.

Eu me levanto e fico diante dele, pingando com sua semente. — Foi divertido.

Cade solta uma risada profunda e apreciativa. — Deus, realmente. — E então seus olhos estão queimando sobre mim, avaliando seu trabalho.

— Como estou? — Ergo uma sobrancelha e arqueio minhas costas.

— Como se você fosse minha — ele rosna.

Essas palavras. Meu corpo anseia por mais. Eu quero que ele seja meu também. — Sim? Você gosta desse olhar em mim?

— Seria melhor assim. — Ele passa o polegar sobre meu queixo e em um movimento suave, pinta meus lábios com a dose perdida de esperma. Ele se inclina para trás e olha para mim com um sorriso malicioso no rosto. — Definitivamente minha.

— Você é um selvagem, Eaton. — Eu rio levemente, antes de lançar minha língua para provar o que ele colocou lá. — E amo isso.

— Que bom, Red. — Ele desliza para dentro da água, arrastando-me com ele para nos lavar. — Porque vou arrastar seu belo traseiro para minha caverna agora. Mantê-la de costas, gozando a noite toda.

Então ele me pega e me carrega para dentro de casa.

Como um selvagem total.

Um que me faz gozar a noite toda.

Cade

Cade: A festa de aniversário do Luke é no sábado às 14h.

Talia: Podemos mudar para o meio-dia? Tenho planos para o jantar nessa noite e preciso de tempo para me preparar.

Cade: Não, não podemos mudar a festa de seis anos de seu filho para acomodar seus planos de jantar.

Talia: São apenas duas horas.

Cade: Exatamente.

Talia: Eu esqueci que chato você é.

Cade: Bem, aqui estou eu. Refrescando sua memória. Se você não puder vir, por favor me avise para que eu possa preparar Luke.

Talia: Não seja tão dramático. Eu estarei aí. Eu só posso estar vestida demais para poder voltar para a cidade a tempo.

Cade: Tudo bem. Luke não vai se importar.

Tália: E você? Você sempre gostou de mim de salto alto.

Cade: Assim como todos os outros caras da cidade.

Tália: Foda-se.

* * *

— Você está agindo de forma estranha. — Eu olho para Summer, que está olhando para o campo de trás, avaliando-o como se fosse o Met Gala ou algo assim. Ela e Willa estão acordadas desde o início da manhã preparando a festa de Luke no campo de feno, a pedido dele.

Há um castelo inflável e uma tenda com um cara esquisito vestindo cáqui da cabeça aos pés sentado embaixo dela, que aparentemente trouxe cobras e lagartos para mostrar às crianças. Há outra tenda com uma mesa estilo bufê coberta com coisas que Willa está assando há dias. Eu sei, porque provei a cobertura passando-a em seu pescoço e lambendo-a.

Estava delicioso *pra* caralho.

Ela tem limonada com morangos flutuando nela. É adorável. Ela tem pratinhos com emojis de cocô que Luke escolheu com ela. As toalhas de mesa combinam. Só Willa poderia pegar pratos de merda e de alguma forma colocá-los em uma linda festa de aniversário ao ar livre para uma criança de seis anos.

Eu nem teria deixado ele pegá-los, mas ela apenas riu e os jogou na cesta. — Excelente escolha! — ela disse, e Luke *brilhou*.

— Sim. Eu sei — finalmente respondo a Summer. Porque estou agindo de forma estranha. Willa e eu estamos nos esgueirando por algumas semanas, e não quero mais me esgueirar. Estou me esforçando para não assustá-la por ter tanta certeza de tudo. Mas o fato é que *tenho* certeza.

Eu cometi meus erros. Vivi com as consequências. Passei anos pensando na minha vida e no que seria necessário para eu dar uma chance a alguém novamente.

E observar essa mulher planejar o que eu pretendia ser um simples churrasco de quintal para uma criança e, em vez disso, tratá-la como se fosse a celebração do século é apenas a cereja no topo.

Parece rápido, mas ao mesmo tempo não. Eu não teria cedido a isso se não parecesse certo.

— Cade Eaton. — Os olhos escuros de Summer estão brilhando para mim agora, e seu queixo cai enquanto ela examina meu rosto. Sempre atenta, essa aqui. Eu disse a Rhett uma vez que a amava, porque ela era boa para ele, mas odiava por ser mais esperta do que eu.

E este momento não faz nada além de provar essa afirmação.

— Você está apaixonado pela minha melhor amiga, não é?

Cruzo os braços sobre o peito e desvio o olhar. *Amor*. Eu nunca tive certeza se poderia amar alguém da maneira que todo mundo fala sobre isso. Meu coração levou muitos chutes de merda ao longo dos anos. Minha mãe. Talia. O que Talia significou para o curso que minha vida tomou. Todas as coisas que perdi, que odeio mencionar, porque tenho Luke. Mas eu estaria mentindo se dissesse que nunca pensei sobre o que poderia ter feito diferente se a vida tivesse me dado uma mão diferente.

Talvez eu estivesse em rodeios. Ou viajando por toda a América do Norte, lucrando com o dinheiro que vem da venda de cavalos de primeira linha.

Talvez eu treinasse o dia todo e cavalgasse buckle bunnies a noite toda.

Todos esses talvez. Mas enquanto observo Willa colocar pequenos cliques de peso na toalha de mesa para que nada seja levado pelo vento, sei que nenhum desses talvez estaria certo.

A mão dada a mim é o que a trouxe ao meu degrau da frente.

— É — resmungo, ainda me recusando a olhar para Summer.

Ela faz um pequeno zumbido satisfeito, e quando eu espio com o canto do olho para ela, ela pisca e me dá um abraço de lado. Ela é tão pequena que é estranho. Ela não tem a altura de Willa ou membros longos.

— Você deveria dizer a ela.

— Dizer a ela?

Ela dá de ombros. — Sim. Acho que Willa gostaria de saber disso.

Eu bufo. — Para que eu possa assustá-la?

Seus lábios se curvam lentamente. — Eu não acho que você será capaz de assustar Willa — é tudo o que ela diz antes de me dar outro aperto e caminhar na direção oposta.

Ela solta uma bomba da verdade casualmente e depois me deixa para analisar demais.

* * *

A festa já está em pleno andamento quando Talia se digna a nos abençoar com sua presença. Eu nem preciso me virar para vê-la, porque ouço: — Meu bebêêê! — em sua voz alta e açucarada.

Seu bebê. Eu não consigo nem parar meus olhos de rolar para o céu quando ouço isso. É uma coisa ridícula de se dizer para uma criança que você vê uma vez por ano e abandonou sem se despedir.

Vejo Willa conversando com meu pai e alguns dos outros pais. Ela está usando um vestido laranja com bolinhas brancas e uma saia esvoaçante. Quero virá-lo para cima e ver o que há por baixo.

Mas agora, observando a forma como ela enrijece e seus dedos se enrugam no copo emoji de cocô que ela está segurando, quero jogar meu braço em volta do ombro dela e tranquilizá-la. Eu quero deixar suas bochechas rosadas novamente, porque elas estão ficando pálidas bem diante dos meus olhos.

Ela não iria querer que eu fizesse isso. Ela é muito feroz, muito orgulhosa. Então eu desvio o olhar, porque se ficar olhando para ela, vou fazer isso de qualquer maneira.

Luke dá um abraço tenso em Talia, meio que dando tapinhas em suas costas esguias enquanto ela o ataca. Eu gostaria que ela não entrasse na festa dele tarde, quando ela queria que fosse mais cedo, e ainda fizesse tudo sobre ela.

Se nada mais, é a marca dela.

— Deixe-me ver você. — Ela está com um vestido justo e saltos altos que estão afundando na grama enquanto ela o avalia. — Como você cresceu tão rápido?

Eu ouço Rhett bufar.

Alto.

Alto o suficiente para que ela lance um olhar venenoso para ele.

Ele apenas sorri de volta. — Olá, Talia. Quanto tempo.

Maldito perturbador de merda. Eu sempre mordo minha língua sobre ela perto de Luke, porque quero que ele tome suas próprias decisões sobre sua mãe. Se ele quiser um relacionamento com ela um dia, não quero que ele pense que eu o envenenei contra ela. Isso me mata, mas sei que é certo.

É por isso que eu seguro minha risada com seu sorriso frágil e a forma como seus olhos apertam. Ela é uma bela miragem por fora, toda azeda por dentro. E se olhar pudesse matar, Rhett desmaiaria na hora.

Felizmente, esse não é o caso, e ele levanta seu copo emoji de cocô em direção a ela em um aplauso silencioso.

Atrás de mim, ouço uma risadinha que soa distintamente como a do meu pai. Não me viro, porém, porque Luke parece tão desconfortável com todo mundo olhando que tudo em que consigo pensar é em alcançá-lo.

— Oi, Talia. — Eu interrompo o momento constrangedor avançando com minha mão estendida para apertar a dela enquanto dou um aperto firme no ombro de Luke.

— Ah, por favor, Cade. Estamos tão distantes que precisamos apertar as mãos? — Sua risada vibra e me irrita. Não soa como sinos de vento do jeito que Willa fez naquele dia na Le Pamplemousse ou do jeito que soa quando entro em casa depois de um longo e duro dia de trabalho. E o de Luke não combina com isso.

Luke fica parado sem jeito, provavelmente atingindo a idade em que está juntando essas coisas, observando a linguagem corporal e tirando suas próprias conclusões.

Eu fico inflexível enquanto Talia envolve seus braços em volta de mim. Uma mão acaricia a minha nuca, e eu instantaneamente estendo a mão e agarro seu cotovelo, puxando seu braço para longe, mesmo

enquanto ela dá um beijo furtivo em minha bochecha.

— Oh, Deus — ela ri — deixe-me cuidar disso para você. — E então ela está perto de mim, lambendo o polegar e esfregando minha bochecha, tentando tirar a espessa camada de batom da minha pele.

Marcando seu território.

Já se passaram anos e Talia não mudou nem um pouco. Ela está sempre jogando algum jogo. A diferença é que agora eu vejo. Não vi todos esses anos atrás. Eu via um pacote bonito e um corpo disposto.

Eu estava com tesão e estúpido, e ela foi calculada.

— Está bem. Cuido disso. — Eu me afasto quando a conversa ao redor retoma, o que de alguma forma me faz sentir melhor. Como se nossa pequena família complicada não fosse o centro das atenções. Eu quero desesperadamente me virar e checar Willa, mas também sei que Talia vai perceber isso imediatamente.

E não estou sujeitando Willa a sua merda. Não até que as coisas entre mim e ela estejam sólidas. Oficiais.

Eu já deveria ter oficializado as coisas. Estou me chutando agora. As pontas dos meus dedos coçam para tocá-la, para correr sobre seu pescoço de forma tranquilizadora. Possessivamente.

— Puxa, Cade. Você é como um bom uísque. Você continua melhorando com a idade. — Talia estende a mão para correr seus dedos com ponta francesa sobre meu ombro, como se ela tivesse algum tipo de direito de me tocar. Como se ela tivesse esquecido nossa troca de mensagens no início desta semana. Ela sempre foi atrevida, e talvez sempre tenha sido assim quando aparece uma vez por ano.

Talvez isso apenas não me incomodasse antes.

Mesmo assim, dou mais um passo para trás, puxando Luke para a minha frente e colocando as duas mãos em seus ombros. — Como você tem estado?

— Bem. — Ela olha ao redor do espaço no campo. — Você sabe, morando na cidade. Mantendo-me ocupada.

Percebo que não sei o que ela faz, mas também não me importo. Ela apareceu com outro homem um ano, apalpando-o como se fosse me deixar com ciúme.

Isso não aconteceu.

— Em Calgary? — Luke pergunta brilhantemente.

— Sim, querido. — Ela olha para ele com um grande sorriso. — Bonito como o seu pai, mas com os olhos azuis da mamãe.

— Minha babá é de Calgary! — é a resposta de Luke.

— Uma babá! Que adorável. — Ela se abaixa para ficar cara a cara com Luke. — Ela está aqui hoje? Eu adoraria conhecê-la.

Antes que eu possa intervir, Luke se afasta. Não posso culpá-lo por querer estar perto de Willa. Ela é um conforto para ele, enquanto essa outra mulher que mora a pouco mais de uma hora de distância não pode se dar ao trabalho de visitá-lo mais de uma vez por ano.

Eu me viro bem a tempo de ver os olhos de Willa caindo do meu corpo para Luke.

Eu também vejo Talia olhar por cima do ombro e piscar para mim.

Willa

Rhett: Você conhece a Medusa?

Willa: Não pessoalmente, não.

Rhett: Lembra da parte de não olhar nos olhos dela?

Willa: Eu sempre gostei da Medusa. Se eu fosse ela, também gostaria de transformar homens em pedra.

Rhett: Finja que Talia é a Medusa. Mas uma versão que não gostamos.

* * *

Essa cadela é como uma farpa que não consigo tirar. A visão de suas unhas deslizando sobre o pescoço de Cade queimou em minha mente. Ela fala sem parar sobre si mesma, e eu suporto isso com um nível de educação que estou estendendo a ela apenas porque ela deu à luz uma das minhas pessoas favoritas no mundo.

E isso deve contar para alguma coisa.

— Você deve estar tão cansada de viver aqui.

Eu sorrio sem graça, olhando para as crianças gritando no enorme castelo inflável. — Na verdade, não — respondo, evitando os olhos de Summer. Porque a última vez que olhei para ela, ela levantou as mãos ao lado da cabeça e fez pequenos chifres de diabo com um rosto malvado amassado.

— Mas você não está entediada? Quer dizer, cresci aqui. Eu sei como é. Depois de experimentar a cidade, é difícil voltar.

— Quero dizer, Calgary não é exatamente Paris — eu brinco, porque ela está agindo como se fosse um lugar cheio de glamour.

— Mas o que você faz o dia todo? Eu ficaria louca. É por isso que tive que sair, sabe?

— Não, eu não sei — é a minha resposta, porque minha paciência está se esgotando, e minha personalidade só me permite manter minha boca fechada por tanto tempo. A pressão está aumentando e ceder à minha onda de ruiva é muito atraente agora.

— Com licença? — Seus grandes olhos azuis se arregalam, seus lábios rosados se fecham.

Claro, ela tem que ser muito gostosa. Cade não poderia ter se casado com alguém feio para me fazer sentir melhor comigo mesma. Eu até me contentaria com uma aparência mediana, mas não, ela é nota dez. Um onze.

— Não sei o que você quer dizer — eu esclareço. — Amo morar aqui. Seu filho é inteligente e divertido. A terra é linda. Cade trabalha duro para sustentá-lo. Não estou nem um pouco entediada.

Um sorriso de lobo se espalha em seus lábios. — Oh. Eu vejo.

Eu me recuso a reagir. — Você vai precisar esclarecer.

— Tudo bem. Nós, mulheres, podemos ter nossos segredos. Não somos tão diferentes, você e eu. — Minha testa arqueia para ela, e o que quero dizer é que não poderíamos ser mais diferentes se tentássemos. — Eu recomendo apreciá-lo enquanto você está aqui. Mas não prenda a respiração. Aquele homem é tão frio quanto todos veem. Achei que ficar grávida poderia prendê-lo. E aconteceu.

Minha mente gira. — Perdoe-me?

Ela acena com a mão e continua. — Controle de natalidade, sem controle de natalidade, quem pode realmente dizer? Você sabe? Mas ele ainda era chato. Ele se casou comigo como se estivesse marcando uma linha de uma lista de tarefas. Quero dizer, claro, o pau dele é grande, mas isso só compensa um pouco. Você vai ver. Roubar do berço acabará corroendo sua honra. — O sorriso que ela vira para

mim é cruel. — Aproveite o passeio enquanto você o tem. Eu ainda sempre serei a mãe de seu filho.

Prometi a mim mesma que seria legal perto dessa mulher. Fiquei no espelho e me dei uma palestra estimulante, e só faço isso quando estou bêbada e me convencendo a ficar sóbria. Mas tenho dito a mim mesma para dar a ela o benefício da dúvida, não julgá-la, não ter ciúmes dela, e aqui estou fazendo *todas* essas coisas.

— Tudo bem. Bem, isso basta — anuncio, batendo palmas.

Ela pisca inocentemente, mas há uma curva satisfeita em sua boca. Cada palavra que ela escolheu foi cuidadosamente elaborada para me irritar. E eu deixei. O que posso dizer? Eu sou o tipo de garota que tem o coração na manga.

— O que basta?

Dou a ela o sorriso mais falso que consigo e me viro para ir embora. — Ainda não estou no inferno, senhora. Não preciso gastar meu tempo saindo com o diabo.

Um pequeno som de escárnio irrompe atrás de mim, mas não paro. Ando a passos largos pelo campo, ignorando os olhares que recebo enquanto tento manter uma expressão serena no rosto. Tenho a sensação de que estou transmitindo vibrações de assassino em série neste momento atual.

A maneira como minhas mãos se fecharam em punhos também pode ser uma denúncia inoperante.

Quando entro em casa, a porta de tela se fecha atrás de mim com um estrondo e minha confiança é abalada na hora certa. A ponta do meu nariz queima, e balanço minha cabeça para limpar as lágrimas que estão brotando em meus olhos.

É o meio da tarde na festa de aniversário de uma criança, e preciso de uma bebida para que eu possa processar o que aquela diaba acabou de me dizer. Ou esquecer completamente.

Pego uma garrafa de vinho branco no congelador. Ele escorrega na palma da minha mão úmida quando a porta de tela bate

novamente. Mantenho minha cabeça baixa, colocando a garrafa no balcão e puxando o invólucro de papel-alumínio de cima.

— O que você está fazendo? — A voz de Cade está preocupada. Ele é tão grande que bloqueia um pedaço da luz que entra na cozinha.

— Tomando uma bebida — murmuro.

Não preciso olhar diretamente para ele para saber que ele apenas cruzou os braços sobre o peito e ampliou sua postura.

— Por quê?

— Porque eu preciso de uma.

— Willa. Olhe para mim. — Seu tom não deixa espaço para discussão, então planto minhas mãos na bancada e o encaro. — Bom. Agora me diga o que está acontecendo.

— É por isso que preciso de uma bebida.

A língua de Cade passa por seus dentes enquanto ele me olha. — Diga-me o que aconteceu, e eu mesmo lhe servirei uma bebida.

— Sua esposa acabou de me dizer que engravidou de propósito — eu deixo escapar. — Acho que as palavras dela foram *controle de natalidade, sem controle de natalidade, quem pode dizer?* — Minha voz é estridente e em pânico.

E então esse homem realmente me manda para um loop, porque ele ri, porra. — *Ex-esposa.*

— Por que diabos você está rindo? Acabei de lhe dizer que a cadela víbora gostosa no seu quintal o enganou para engravidá-la.

Seus ombros tremem e uma mão cheia de veias se apoia em sua testa para cobrir seus olhos. — Claro, ela fez. — Ele parece divertido, pasmo.

— Isso é engraçado? Você não está bravo? Ela acabou de admitir ser uma pessoa atroz e de repente você é o Sr. Risadinhas? Ela disse que você estava me roubando do berço!

Ele ri mais forte, ofegante. — Sr. Risadinhas?

— Ugh! — eu rosno de frustração, muito nervosa para me sentar aqui e rir sobre o escândalo de armadilha para o papai de seu bebê.

— E você tinha que se casar com alguém que se parece com uma modelo da Victoria's Secret — eu deliro enquanto vasculho as gavetas para encontrar um abridor de vinho. — E ela tem aquela voz estúpida e sussurrante que eu só ouvi em filmes pornôs.

Outra gaveta. Sem saca-rolhas. Eu giro em Cade, que está me dando toda a sua atenção agora. — Juro por Deus que se ela colocar suas garras bem cuidadas em você mais uma vez, vou cortar as mãos dela.

— Você é tão perversa, Red — diz ele com um brilho estúpido em seus olhos, como se tudo isso fosse hilário para ele. — Você está com ciúme, baby?

Eu me afasto novamente, não querendo ver como ele é gostoso e vê-la com ele. Estou tendo um colapso total e odeio tudo nessa situação. Eu nunca me senti assim antes, e é confuso *pra caralho*.

— Sim, estou com ciúme. Ela teve *tudo* com você e eu sou apenas a porra da babá. — Deus, odeio o jeito que essas palavras soam saindo da minha boca. Calor queima meu peito. O constrangimento se funde com uma forte dose de inveja.

Abro uma gaveta e vasculho para ocupar minhas mãos trêmulas.

Meus dedos tocam algo sedoso na gaveta cheia de tesouras, elásticos, cliques e post-its. Eu agarro e puxo e olho para baixo na palma da minha mão.

A calcinha preta que deixei cair naquele café semanas atrás.

Virando-me, balanço-a em meus dedos. Cade não parece nem um pouco surpreso; ele apenas me olha com sua carranca irritada.

— Você guardou isso? — eu exijo, soando petulante até para mim mesma. — Você me disse que a jogou fora.

— Eu menti — ele resmunga.

— Por quê?

— Porque você nunca foi *apenas a babá*, Willa. — Meu peito dá uma guinada quando olho para ele, me sentindo suspensa no tempo. — Você sempre foi mais. A mulher que eu queria, mas não me permitia ter.

— Eu poderia realmente ter essa bebida agora — digo, ainda olhando para ele.

— Não. Você vai ficar aqui e me ouvir. — Ele ronda em minha direção de uma forma que faz meu coração disparar. Meu sangue esquenta em minhas veias.

Quando ele está bem na minha frente, ele levanta meu queixo e me força a olhar em seus olhos. — Eu não estou bravo com o que Talia disse a você, porque não dou a mínima para ela e suas travessuras. Eu tenho Luke. Não o trocaria por nada no mundo. Como isso aconteceu nem importa mais, porque realmente não me importo.

Minha respiração pesada atua como pano de fundo para a profunda rouquidão de sua voz.

— Você sabe com o que eu me importo? — Seus dedos mordem minha pele. — Você, Willa. Eu me importo com você. Você não tem nada, e quero dizer nada, para ter ciúmes.

— Mas ela teve tudo. Tudo que eu nem sabia que queria, e ela simplesmente deu tudo como certo e foi embora. E agora ela está aqui agindo com todo o direito, e estou com tanto ciúme que meus dentes doem com isso. Nunca, *nunca* me senti assim e quero que isso pare. — A última parte sai suplicante, como se pudesse tirar a bola de ansiedade alojada em meu peito.

— Você não quer o que ela teve. Você quer mais. Você merece *mais*. E eu vou dar a você. Acene com a cabeça se você me entende.

Com um suspiro profundo, eu aceno com a cabeça, os olhos fixos nos dele. Coração acelerado no mesmo ritmo do dele. — Mas ela...

Ele me interrompe. — Eu pensei que tinha dito para você parar e me ouvir?

— Você disse, mas...

— Se você não consegue parar de falar com essa besteira de autossabotagem, vou calar sua boca para você. — Sua mão segura minha bochecha com ternura. — Eu amo Luke. Você ama Luke. E nós três parecemos *bem* juntos. Esta noite ela irá embora e você ainda estará aqui. No final deste verão, você irá embora, mas estará de volta. Porque de jeito nenhum isso acaba aqui. Eu não vou permitir isso. Nós vamos descobrir isso. Você me entendeu?

Engulo em seco, procurando seus olhos escuros e sérios, sua testa franzida, o olhar de intensidade em seu rosto. A vozinha na minha cabeça diz que ele está brincando, mas eu conheço Cade bem o suficiente para saber que ele não brincaria com isso.

— Mas...

Em um piscar de olhos, ele ajustou seu aperto para abrir minha mandíbula e enfiar minha calcinha dentro. Minhas íris se arregalam enquanto ele trabalha o tecido e eu fico imóvel, chocada demais para detê-lo. Muito excitada para querer.

— Não há *mas* sobre isso, Red. Agora coloque as palmas das mãos no balcão e incline-se.

Eu ainda o encaro com os olhos arregalados, um pouco chocada com a rapidez com que essa conversa mudou. Com uma mão gentil no meu ombro, ele me afasta, e deixo minhas mãos deslizarem pela bancada vazia.

— Essa é a minha garota — ele murmura, empurrando para baixo entre minhas omoplatas para que meu torso pressione contra o balcão, a borda do mármore frio mordendo meus quadris. — Provocando-me com esse vestido a tarde toda. A única coisa em que consigo pensar é em curvar você e verificar o que está vestindo por baixo.

Eu gemo contra o tecido em minha boca, quadris tremendo enquanto arqueio minhas costas em um convite silencioso para ele verificar.

— Devo verificar? — Seus dedos calejados correm pela parte de trás das minhas coxas, levando a bainha do meu vestido favorito com

eles. Arrepios irrompem em minhas costas, e ouço sua respiração engatar quando o tecido macio limpa minha bunda nua e amontoa na base das minhas costas. — Menina imunda. Andando por aí sem calcinha. Você esperava que eu verificasse, não é?

Pressiono minha bochecha contra o mármore frio e olho para ele, seus olhos fixos na minha bunda. Eu concordo. Porque sim, eu queria que ele checasse. Queria que ele me arrastasse para o banheiro e me fodesse contra a parede. Fodesse os nervos fora de mim.

Mas estou aqui, nua para ele em sua cozinha aberta com uma festa acontecendo a apenas algumas centenas de metros de distância.

Suas mãos massageiam minha bunda, e levanto minha cabeça para ver pela janela e ver se alguém pode estar vindo.

— O que você está olhando, baby? Você acha que eu pararia só porque alguém entrou? — Seus dedos deslizam entre minhas pernas, e ele passa dois dedos gentis pelas minhas dobras molhadas. — Talvez Talia nos pegue, e eu posso deixar as coisas bem claras para vocês duas. Porque posso prometer, nunca fodi ninguém do jeito que eu fodo você. — Aperto e gemo.

— Você gostaria disso, não é? — Sua voz é toda cascalho. — Eu não me importaria. Você é *minha*, Willa. E não dou a mínima para quem sabe disso.

Seus dedos deslizam, suaves e lentos. Uma mão pressiona minhas costas enquanto ele se inclina para sussurrar: — É disso que você precisa? Você precisa que eu dobre você aqui e agora, então mande você de volta para lá pingando meu esperma em suas lindas coxas para provar isso para você?

Minha mente dispara. Porra. É isso que quero? Eu mal preciso pensar sobre isso. Eu quero isso tanto que dói. As pontas dos meus dedos deslizam no balcão enquanto olho por cima do ombro e aceno com a cabeça.

— Bom — ele morde, lutando com o cinto. — Porque eu também quero isso.

Em segundos, ele abaixa a calça e me empala em seu pau. E não há nada de lento nisso. Meu corpo aperta em torno de seu comprimento de aço assim que ele se empurra para dentro de mim.

Uma de suas grandes mãos envolve meu quadril enquanto a outra pressiona minhas costas, segurando-me no lugar.

— Você fica tão bem no meu pau, Willa — ele rosna enquanto suas coxas batem contra as minhas, e eu me arqueio, empurrando para trás a cada estocada, sentindo-me tão selvagem e desequilibrada quanto ele neste momento.

Como se pudesse ler minha mente, ele se inclina sobre minhas costas e diz: — Você quer tudo, Willa? A casa? Os bebês? O rancho?

Eu aceno de novo, porque é tudo que posso fazer. Eu quero tudo isso. Com ele.

— Você me quer, Willa?

— Sim — eu gemo contra o tecido macio, balançando a cabeça freneticamente enquanto ele bate em mim. Eu o quero tanto que dói.

— Bom. Porque estou cansado de me segurar com você. Você não vai a lugar nenhum. Você pertence aqui, comigo.

Ele me levanta, o braço em volta do meu estômago enquanto ele me aperta contra o peito. Sua barba raspa contra a concha da minha orelha. — Esfregue seu clitóris enquanto estou fodendo você. Deixe-me dizer como vai ser.

Minha cabeça cai para trás em seu ombro enquanto uma mão segura o tecido da minha saia. A outra imediatamente mergulha entre minhas pernas e faz círculos enquanto Cade me segura forte.

— Você vai passar o tempo que quiser em *nossa* casa — diz ele, enquanto empurra para dentro de mim lentamente. — Você vai trabalhar no emprego que quiser. Onde você quiser. Mas você sempre terá um lugar aqui. Uma casa aqui. Vou fazer café para você todas as manhãs. Vou deixar todos os post-its que você quiser. Vou preparar seu jantar todos os dias. Eu vou comer sua boceta na banheira quente antes de dormir todas as malditas noites.

Sim.

Eu choramingo, quase cedendo de alívio com sua confissão. Eu nem percebi o quanto precisava ouvir que ele me quer. Por mais do que apenas algumas semanas.

Sua voz é firme e então ele para, pressionando um beijo de barba por fazer no meu pescoço exposto enquanto suas mãos percorrem meus seios e eu me concentro em respirar pelo nariz.

— Mas essa boceta é *minha*, Willa. — Ele arrasta os lábios sobre a minha pele até que eu não consigo nem pensar direito. Pressiono meu clitóris com mais força, sentindo-me ir em direção à linha de chegada. — Minha para foder.

Sim.

Eu esfrego de volta nele enquanto ele me segura perto. Cada sensação ampliada, mais intensa de alguma forma. O arranhão de sua barba. A pressão dos meus dedos. A tontura se infiltrando.

Meus dentes arreganhados no tecido em minha boca.

Eu tremo em seu aperto.

— Minha para preencher.

Sim.

Com isso ele me empurra para o balcão e solta, bem quando minha visão fica turva e eu convulsiono, gritando seu nome abafado. Meu corpo inteiro surge com fogo quando desmorono sob ele.

Somos apenas energia, calor e respiração. Eu nunca fui tão completamente consumida na minha vida. Nunca fiz sexo com tanta força.

— *Minha*. — Seu rosnado é absolutamente selvagem quando ele explode dentro de mim, as mãos traçando minhas costas com reverência. Um homem de tais dicotomias. Palavras duras misturadas com amor. Mãos ásperas cheias de ternura.

Imediatamente, ele estende a mão e remove o tecido da minha boca. Eu ofego e respiro fundo, o que tem mais a ver com o poder do

meu orgasmo do que com a mordança que ele criou para mim. Sua respiração é pesada e irregular, nossa pele está úmida.

E mesmo que não ache que posso ficar mais quente do que já estou, quando ele se afasta e coloca uma mão em cada globo da minha bunda para me ver pingar sua semente, eu fico.

Quando ele acrescenta: — Simplesmente assim. — Pressiono minha testa contra o mármore frio e deixo uma risada silenciosa e ofegante escapar de mim.

— Jesus.

Com um tapa firme, ele solta uma risada, e é como se ainda pudesse sentir seus olhos nas partes mais íntimas de mim. Eu claramente não tenho vergonha, porque não faço nenhum movimento para me levantar. — Eu já disse que você fica perfeita assim?

Eu rolo minha testa contra o balcão de mármore, ainda tentando me orientar. — Não. Acho que é a primeira vez para mim.

Um ruído satisfeito ressoa atrás de mim, e sinto o deslizamento suave do tecido cobrindo minhas pernas, seguido pela pressão suave de um beijo nas minhas costas. — Sentindo-se melhor agora? — Cade pergunta, puxando-me para cima com cuidado, as mãos nunca deixando meu corpo enquanto ele me vira para encará-lo.

— Estou me sentindo ótima. — Eu sorrio um pouco timidamente para ele. Quero dizer, como não posso? As coisas que saem da boca desse homem são chocantes às vezes.

Ele me olha com ceticismo, traçando meu rosto com seu olhar.

— Eu estou me sentindo melhor. Apenas... bagunçada? — Olho para mim mesma. — Eu só vou limpar. — Estendo a mão para pegar minha calcinha descartada no balcão, mas ele a pega primeiro.

Ele me dá um sorriso malicioso. Um sorriso brincalhão? Talvez seja uma carranca brincalhona? Mas é seguido por: — Sem chance. Você está colocando isso e vai voltar para lá assim.

Eu balanço minha cabeça para ele, divertida, enquanto ele cai no

chão e levanta meus pés suavemente nos buracos das pernas da roupa íntima simples. Ele pressiona um beijo suave na minha barriga e então ele se levanta, movendo-se pela cozinha, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. Quando paro de corar o suficiente para encará-lo novamente, ele me serviu uma taça de vinho branco e está esperando na porta dos fundos.

— Pronta? — ele pergunta com a mão estendida e um sorriso torto no rosto. Uma covinha que eu nem notei apareceu. Ele parece um menino bonito. E como se ele pudesse ser meu, afinal.

— Vou entrar na festa de aniversário de uma criança com uma grande taça de vinho e bochechas vermelhas? — eu pergunto, só para esclarecer. Porque parece insano.

— Não se esqueça da sua boceta recém-fodida. Mas ninguém mais verá isso. Eu cobri isso para você.

— Eles saberão, no entanto. — Aponto para ele e caminho em sua direção.

O outro lado de sua boca aparece, e ele me entrega o vinho antes de se inclinar para perto e sussurrar: — Bom — contra a minha bochecha.

Willa

Cade: Baby, por que você está corando?

Willa: Porque juro que as pessoas estão olhando para mim como se eu tivesse acabado de ter meu cérebro fodido.

Cade: Você teve.

Willa: Acho que essa calcinha está arruinada.

Cade: Vou lavá-la para você. E então enfiá-la na sua boca novamente na próxima vez que disser algo rude.

Willa: Foda-se.

Cade: Cuidado. Ainda nem foi lavada.

* * *

— Bem ali na festa de aniversário? — Summer sussurra-grita na mesinha da Le Pamplemousse.

Tomo um gole da minha mimosa e pisco para ela. — Salvei outro cavalo, Sum. Eu sou praticamente uma ativista dos direitos dos animais neste momento.

Ela balança a cabeça. — Maldição. Esses garotos Eaton são loucos.

— Certo? Estou definitivamente na minha era country-boy. Acho que ainda não me acomodei porque os caras da cidade querem falar comigo sobre futuros do petróleo e o tamanho de suas contas bancárias compensa o tamanho de seus pa...

— Willa. — Os olhos de Summer se arregalam. — Estamos em

público.

— Você nem sabe o que eu ia dizer.

O olhar que ela me dá é absolutamente não impressionado.

— Eu ia dizer dignidade.

— O tamanho de sua dignidade?

Eu dou de ombros e cubro minha boca com outro gole da taça de champanhe. — A mesma coisa se você pensar sobre isso.

— Bom Deus. — Ela ri e toma um grande gole enquanto olha pela janela. — Então, apenas uma era. Ou mais? Cade não me parece do tipo casual.

Eu suspiro, deixando a palavra *minha* se assentar em meus ossos. Passei a noite toda aconchegada ao lado de Cade e passei a festa inteira pegando seus olhos em mim, vasculhando-me de uma forma indelicada. Quando eu toquei “Happy Birthday” no meu violão, acompanhada por Luke no violão menor que dei a ele, tudo parecia tão certo.

E quando levantei os olhos da música, Talia havia sumido. Eu queria ficar aliviada, mas fiquei triste por ela ter saído da festa de aniversário do próprio filho sem ao menos se despedir dele.

— Não é apenas uma era — respondo. — Eu não sei o que vou fazer ainda – porque eu alguma vez sei? Mas sei que você vai me ver mais. Não é muito longe, e não sei, talvez eu possa encontrar algo para fazer em Chestnut Springs. Rhett me pediu para lhe dar aulas de violão ontem. Você sabia disso? E terei que avisar Ford no bar. Eu gosto de vê-lo ficar todo irritado quando as coisas não saem do jeito dele.

Summer ri, porque conhece meu irmão e como ele é notoriamente exigente. — Isso é grande para você, Wils. Não posso dizer que previ isso quando empurrei você para essa situação. Meio que pensei que você e Cade iriam se odiar, para ser honesta.

Eu me inclino para trás na minha cadeira. — Uau. Obrigada por

me inscrever para passar o verão morando com um homem que você pensou que me odiaria.

Ela acena com a mão para mim com desdém. — Eu sabia que você poderia lidar com isso. Além disso, Luke é divertido.

Eu suspiro feliz. — Sim. Luke é o melhor. Eu não sabia que iria aproveitar a vida com uma criança como estou. Realmente nem parece trabalho.

— Uh, oh. Você está com vontade de bebê, Willa?

Eu gemo e me inclino para trás na minha cadeira. — Você vai pegar meu cartão feminista de volta se disser que realmente só quero morar naquela casinha no rancho, dar aulas de violão, transar com os peitos na banheira de hidromassagem e ter um monte de bebês adoráveis?

Os olhos de Summer esbugalham-se. — Lembra da parte sobre estar em público? As pessoas aqui ouvem *tudo*. E também, não. Ninguém vai pegar de volta seu cartão feminista, se é isso que você quer, Willa. Eu não posso nem dizer se você está falando sério ou brincando agora. Mas criar bons humanos é um trabalho importante. Se você pode criar pessoas legais e colocá-las no mundo menos bagunçadas do que eu ou minha irmã, eu diria que você está ganhando.

— Sim. — Eu mordo minha unha do polegar considerando o que ela acabou de dizer, considerando se estou brincando ou não. Querendo saber se há algo de errado em querer isso. — Luke é tão incrível, sabe? Cade fez um trabalho incrível com ele. Ele é tão dedicado.

— Bom Deus. — Summer toma outro gole.

— O quê?

— Vocês dois. Tão piegas e apaixonados. Isto é tão estranho.

Eu dou a ela um olhar plano. — Obrigada.

— Estranho e maravilhoso. Assim como você.

Eu considero suas palavras antes de concordar. — Vou torcer por isso.

Saí esta manhã porque Cade pediu a Luke que o ajudasse a cavar uma passagem para a casa que ele planeja pavimentar. Quando Harvey tropeçou na beira de uma calçada irregular depois de beber demais na pós-festa, Cade anunciou instantaneamente que estava colocando *uma calçada adequada*.

E, com certeza, ele estava de pé ao raiar do dia, demarcando e traçando as bordas. O tempo todo usando aquela porra de boné virado para trás que me fez querer empurrá-lo para baixo na terra e montá-lo.

Novamente.

Em vez disso, liguei para Summer e disse a ela que precisava de um brunch. O brunch é o nosso negócio. Já faz anos. E com tudo girando na minha cabeça, eu precisava de algo familiar. Alguém familiar, alguém lógico e totalmente responsável.

Em vez disso, Summer se sentou aqui e permitiu toda a merda louca flutuando na minha cabeça.

* * *

Quando volto para o rancho, um sorriso surge em meu rosto.

— Willa! — Luke larga a pá e os barris na minha direção logo que saio do meu jipe, o trabalho tão facilmente esquecido.

Ele se lança para mim como se eu tivesse ido embora há anos, e sorrio em seu cabelo enquanto o levanto. — Ei, pequena barra de nozes.

— Podemos ir praticar no meu violão? — Ele está praticamente vibrando quando eu o coloco de volta no chão.

Cade solta uma risada enquanto enfia a pá no chão com uma bota. — Acho que você ganhou a festa de aniversário com esse

presente, Red.

— Eu também amo o drone, pai. — Criança sensível que ele é, Luke gira rapidamente, claramente tentando tranquilizar seu pai, todo preocupado em ferir os sentimentos de um homem adulto.

— Eu sei, amigo. Mas o violão é incrível, certo?

O sorriso de Luke é tão largo que parece que dói. — Totalmente incrível! — ele jorra.

— Por que você não vai praticar e vou ajudar seu pai com isso por um tempo? Mostre-me o que você descobriu quando eu chegar lá, certo?

Olhando para ele, vejo seus dedinhos se movendo como se estivessem ansiosos para tocar. A criança tem o bug, não há dúvida sobre isso. Vou ter que contar a meu pai sobre ele em breve – ele vai se divertir muito com isso, com certeza.

— Com certeza. — Ele sorri como um maluco total, e então vai embora. Ele literalmente pula para dentro de casa e vê-lo sair com tanta alegria faz meu coração apertar. Mas ele para e se vira quando atinge a varanda da frente. — Ei, Willa, você não vai embora logo, vai?

Sinto o olhar de Cade deslizando sobre meu corpo. Seu movimento parou completamente. Parece que o mundo inteiro está assistindo. Esses dois garotos meigos olhando para mim, colocando-me no centro de sua atenção.

Minha boca abre e fecha, e eu olho para Cade em busca de algum tipo de sinal de que não estou fora da linha ao dizer algo aqui. Suas mãos enluvadas estão penduradas no topo de sua pá, seu rosto bronzeado e barba por fazer brilhando com uma leve camada de suor.

Ele é totalmente lambível.

Bom demais para deixar para trás, com certeza.

— Não, amigo. Acho que não. Não permanentemente, de qualquer maneira. Acho que sentiria muito a sua falta. Está tudo bem

para você?

Seu rosto redondo suaviza, o cabelo caindo em sua testa enquanto ele acena com a cabeça. — Sim. Eu também sentiria sua falta. E acho que meu pai ficaria muito sozinho sem você. — Com um sorrisinho doce, ele se vira e sai correndo pela porta da frente, como se não tivesse acabado de nos deixar aqui com os olhos lacrimejantes.

— Você falou com ele?

Cade esfrega o olho com a mão enluvada. — Não. Achei melhor falar com você primeiro. — Ele funga.

— Você está bem? Exagerei?

— De jeito nenhum. — Ele limpa a garganta. — Só tem poeira no meu olho. — Ele esfrega novamente.

— Legal, legal. Eu também — digo, dando-lhe uma piscadela aquosa exagerada.

— Como foi o brunch? — Ele cava novamente, flexionando os braços enquanto o faz.

Eu nunca soube que um homem cavando um lugar para uma calçada poderia ser um afrodisíaco, mas aqui estou, admirando a maneira como seus ombros se projetam contra sua camiseta e os tendões de seus antebraços ondulam à luz do sol.

— Bom.

— Você realmente vai ficar? — ele pergunta, sem olhar para mim. Em vez disso, ele joga uma pá cheia de terra para trás e continua trabalhando.

— Você realmente vai continuar trabalhando enquanto temos essa conversa?

— Sim — é sua resposta rude.

— Ontem você era todo *Eu Cade. Você mulher. Fique aqui. Comer boceta todo dia* — falo no que é uma triste tentativa de algum tipo de personificação de Tarzan.

Ele não ri embora. — Bem, hoje estou mais preocupado que você esteja pensando direito e perceba que seu lugar é na cidade fazendo qualquer merda que faça.

— Administrar um bar enquanto bebo cerveja? Meu estilo de vida glamoroso realmente não conhece limites.

— Ouça — ele enfia a pá no chão como se quisesse machucá-la antes de finalmente olhar para mim — se tudo isso aqui não for suficiente para você, prefiro que você vá agora. Eu não estava brincando sobre o que eu disse ontem. E parece muito. Eu... — Ele desvia o olhar, enxugando a testa com as costas do braço. — Eu não quero mais viver minha vida com medo. Mas também não quero ser ridicularizado de novo.

Aquela sensação dolorosa de torção está de volta no meu peito. A pedra pesada em meu estômago. Esse homem merece muito mais do que recebeu.

— Cade, olhe para mim.

Sua mandíbula aperta, mas ele não olha na minha direção, optando por olhar para o chão que cavou.

Então é para lá que eu vou. Sento-me na terra bem na frente dele.

— Que porra você está fazendo, mulher? — ele resmunga quando eu inclino meu queixo em sua direção.

— Tentando chamar sua atenção. — Estico as pernas à minha frente e me apoio nas palmas das mãos, sentindo a terra fria e úmida sob elas. Cheira a terra, pederneira e agulhas de pinheiro.

Cheira a casa.

— Você tem minha atenção desde...

Reviro os olhos e aceno com a mão para ele. — Sim, sim. Desde que deixei cair minha calcinha aos seus pés.

— Não. Desde que ouvi você rir pela primeira vez.

Isso me cala.

— Na cafeteria. Eu estava atrás de você e não conseguia parar de pensar em como sua risada era incrível. Toda leve e sexy *pra* caralho. Isso me deu vontade de rir também.

Minha língua se lança sobre meus lábios enquanto o observo.

— Estou... porra... estou com medo, Willa. Estou com medo de que você seja muito jovem. Que você não viveu o suficiente. Que você está muito fora do meu alcance. Estou com medo de não ser o suficiente para você e você ir embora. E eu estarei preso aqui na confusão novamente. E Luke também vai desta vez. — Sua mão livre agarra o boné, movendo-o na cabeça enquanto ele desvia o olhar novamente.

— Eu também estou com medo — deixo escapar. — Mas não com muito medo de tentar.

Ele me encara. Duro. É realmente enervante. E então ele responde: — Sim, eu também não.

Sorrio para ele e vejo um fantasma de um sorriso em seus lábios antes que ele comece a cavar novamente.

— Vou ligar para o meu irmão e me demitir. Isso vai ser divertido.

— Se você precisar voltar para a cidade por um tempo, tudo bem. Você pode querer levar o seu tempo.

— E o quê? Fingir que já não moramos juntos há quase dois meses? Devo ir morar na casa principal com Harvey?

Ele nem se mexe. — Isso pode nos dar uma chance de namorar adequadamente. Talvez um pouco de distância seja bom para você ter certeza de tudo. Ou podemos nos deslocar.

Reviro os olhos e cruzo os pés. — Cala a boca, Cade. Pare de ser tão maduro.

— Alguém tem que ser — ele resmunga, jogando outra pá de terra por cima do ombro e parecendo muito sexy enquanto faz isso.

— Ei, você sabe o que este quintal precisa? — Eu pressiono meu

dedo indicador em meus lábios enquanto faço uma demonstração de examinar a propriedade.

— O quê?

— Um bom sopro.

Cade dá uma risada rouca e balança a cabeça. — Deus me ajude, o que eu fiz?

Passamos o resto do dia assim. Ele cavando. Eu tirando sarro dele. E, eventualmente, Luke aparece e toca para nós uma música que ele inventou.

Pela primeira vez, sinto-me resolvida. Como se tudo na minha vida estivesse onde deveria estar.

Cade

Willa: Por que você me deixou um post-it dizendo: *Sem calcinha hoje?*

Willa: Isso só estraga a surpresa.

Cade: Porque eu quero acesso fácil.

Willa: Cade Eaton. Este é um evento familiar.

Cade: Não parou você antes.

Willa: Aquilo foi coisa de uma vez.

Cade: Não, não foi. Foi um precedente.

Willa: Luke poderá ler isso em breve.

Cade: Você mudou de assunto porque sabe que estou certo?

* * *

Um sorriso surge em meu rosto quando Jasper monta em um cavalo. — Obrigado por ter vindo.

Ele pisca para mim. — Você sabe que eu não perderia isso. Adoro ficar afastado para não violar meu contrato.

Eu balanço minha cabeça. — E adoramos ter o único Jasper Gervais aqui para nos agradecer com sua presença enquanto trabalhamos no gado.

A expressão que ele me dá é seca, sarcástica de alguma forma. Ninguém se sente mais desconfortável com sua fama do que Jasper.

— Relaxe. Você sabe que este é um dos meus eventos favoritos do

ano. Realmente é bom ter você aqui.

— Você *acabou* de *me* dizer para relaxar? — Choque sangra em seu tom.

É quando um coro de vaías irrompe ao longo da cerca atrás de mim. Todo mundo está aqui. Willa, Summer, Rhett e outros amigos da cidade.

Eu me viro e pego dois flashes iguais de cabelos loiros dançando até o cercado e meu pai com uma expressão que parece que ele acabou de ver Elvis Presley voltar dos mortos.

— Violet! Você vai me dar um ataque cardíaco, garota! — Meu pai envolve seus braços em volta de nossa irmãzinha, e ela é tão pequena que quase desaparece em seus braços.

— Surpresa, pai!

Ele a segura e a examina. — Você não é um colírio para os olhos? — Ele se vira para nossa prima. — Você também, Sloane. Quem diria que as pirralhas do celeiro cresceriam e se tornariam mulheres jovens tão bonitas?

Deus, Harvey está jorrando *pra* caralho. Sloane aparece de vez em quando desde que se tornou uma espécie de primeira bailarina, mas Violet se tornou uma espécie de sensação – uma joqueta de cavalos de corrida mundialmente famosa na costa, com uma família inteira – então ela não volta com tanta frequência.

Eu não posso deixar de sorrir novamente. Pareço fazer muito isso ultimamente.

Eu vou até elas com Jasper seguindo.

— Irmãzinha — eu digo.

— Irmão mais velho. — Ela sorri para mim. — Quase não reconheci você com esse sorriso no rosto.

Eu pulo e franzo a testa para ela dramaticamente antes de dobrá-la em um abraço. — Onde está Cole?

— Oh, seu crush? — ela brinca, porque sim, eu gosto do cara. Ela

se casou com um bom. — Ele está encarregado dos pequenos humanos para que eu possa me encarregar de algumas vacas.

— Sim? — Eu me afasto e olho para ela com ceticismo.

— Isso aí. — Ela bate palmas e as esfrega como se estivesse pronta para o desafio. — Aposto que ainda consigo jogar uma corda melhor do que você.

Apenas balanço a cabeça antes de me virar para Sloane. Ela está ao lado de Violet, mas tem toda a atenção em Jasper, como sempre, desde criança.

E ele é sem noção, como sempre foi, desde criança.

Ele diz que eles são *bons amigos*. E talvez sejam, talvez eu esteja interpretando algo que não existe.

Tudo o que sei é que naqueles primeiros dias, todos olhavam para Jasper como se ele pudesse desmoronar a qualquer momento. Mas Sloane olhou para ele como se ele pendurasse a lua.

— Bom ver você, Sloane. Faz algum tempo. Mantendo-se ocupada com a dança? — Isso provavelmente parece idiota, mas não sei como colocar. Não sou um grande cara de balé.

Ela sorri para mim e antes que ela possa falar, Violet agarra sua mão esquerda e a levanta. — Ela está ocupada com o planejamento do casamento!

— Casamento? Bem, merda, Sloane. Você vem escondendo de nós. — Estendo a mão para lhe dar um abraço. — Parabéns. Quando é o grande dia?

— Novembro, eu acho — é sua resposta suave, os olhos correndo de volta para onde Jasper ainda está sentado em sua montaria.

— Esse novembro? — ele pergunta ao meu lado.

— Sim. — Ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha, agora mantendo os olhos focados em mim.

— Quem é o cara? Eu nunca conheci essa pessoa. — Cruzo os braços sobre o peito, sentindo Blueberry me cutucar por trás.

— Jesus, vocês. — Violet acena com a mão na nossa frente. — Muito arrogante? E todos vocês se perguntam por que me mudei para poder namorar? Ela está na casa dos vinte. Ela não precisa de vocês para bancar os guarda-costas.

Jasper e eu zombamos em uníssono.

O nariz de Violet se ergue e ela nos ignora. — Estou jantando com eles quando Sloane me levar de volta ao aeroporto na segunda-feira, então *serei eu* a julgá-lo.

É Sloane quem ri agora, sorrindo e balançando um pouco a cabeça. — Você quer dizer aquele que vai *conhecê-lo*? Porque você é a única que não é arrogante? Certo?

Rhett se intromete agora. — Ooh. Atenção. Afinal, parece que você não é tão diferente de nós, calças caras.

— Sim, sim. — Violet acena para todos nós com um sorriso. — Apenas mostre a todos essa pedra enorme e pare de implicar comigo. Está fazendo Cade sorrir e isso é estranho.

Os lábios de Sloane se erguem, mas suas bochechas tremem. Não é assim que eu estaria sorrindo se me casasse com Willa em poucos meses. Ela estende a mão recatada e, com certeza, a pedra é enorme. Sua família não aceitaria de outra maneira.

Um coro de parabéns ressoa ao nosso redor. Todo mundo faz *oohs* e *ahhs* sobre a arena, e Jasper pula de seu cavalo, dando às meninas um sorriso suave. Ele bagunça o cabelo de Violet antes de parabenizar Sloane.

Ela estende a mão para ele, e ele a envolve em um abraço de urso, descansando a palma da mão na nuca dela enquanto ela pressiona a testa no peito dele.

Isso me lembra de correr meus dedos pelo cabelo de Willa, e instantaneamente procuro por ela no grupo de pessoas. Eu a encontro facilmente, parada ali sorrindo, vestindo jeans justo e segurando a mão do nosso garoto.

E, porra, parece bom.

— Vi, venha conhecer Willa. — Não especifico o papel dela. Não a chamo de babá, porque isso não é verdade. E não a chamo de minha amiga, porque isso com certeza também não é verdade.

— Ooh! Sim! Willa. — Violet se vira e um sorriso genuíno surge em seu rosto quando seus olhos pousam em Willa e Luke. — Ouvi falar tanto de você — é o que ela diz enquanto caminha na direção deles.

— Igualmente. — Willa sorri de volta para ela, e sei que essas duas vão se dar muito bem.

Não perco a piscadela que Violet me dá por cima do ombro de Willa enquanto elas se abraçam.

Harvey e sua boca grande. Contando a todos e ao cachorro deles sobre mim e Willa desde aquele dia em que a carreguei no ombro. Como se caso ele contasse a muitas pessoas, ele faria isso acontecer ou algo assim.

— Ok, estamos prontos? — eu grito, querendo colocar esse show na estrada para que possa relaxar com uma bebida gelada. Provavelmente colocar minha garota para fora e fazer um lanche da meia-noite também, descobrir se ela seguiu minhas instruções.

Ela provavelmente não seguiu. E eu amo isso nela.

Merda, *eu a amo*, ponto final.

Você deveria contar a ela. As palavras de Summer surgem na minha cabeça com frequência. Eu deveria dizer a ela, mas estou apavorado *pra* caralho, então deixo isso de lado e coloco minha bunda em marcha. É um problema para outro dia.

Dentro de uma hora, todos estão sobrecarregados e começamos a trabalhar. Vacinando. Marcando. Falando merda.

E você não saberia, minha irmãzinha ainda joga uma corda melhor do que eu.

Eu sinto o estalo quando bato no painel de metal. — Porra!

— Cade? — Jasper pula de sua montaria ao mesmo tempo que Rhett, e eles correm em minha direção.

— Porra, porra! — Aperto minha mão em meu peito e uma dor lancinante passa por ela.

Os dois caras estão escalando a cerca para chegar até mim.

— Jasper, não se atreva a entrar nessa porra, seu maluco filho da puta. Se você se machucar, todo o país vai me odiar. É um ano olímpico. Não posso ferir o goleiro número um do nosso país.

— Tarde demais, idiota — ele murmura antes de descer enquanto Rhett ajusta os portões para manter as vacas longe de mim.

Eu seguro minha mão protetoramente, esperando que se apenas respirar pelo nariz por um minuto a dor passe.

Já estou nisto há tempo suficiente para saber melhor.

— Estão quebrados? — Rhett grita enquanto Jasper me dá um olhar nada impressionado que diz que eu preciso mostrar a ele minha mão.

— Você é um maldito jogador de hóquei. Não é um médico.

— Sou inteligente o suficiente para fazer um palpite fundamentado. — Jasper me dá seu melhor olhar mal-intencionado. E, honestamente, é muito bom.

Estendo a mão direita com um suspiro irritado, o mindinho e o anelar já parecendo totalmente inchados.

— Oh, sim. Estão quebrados — anuncia Rhett.

— E você é um montador de touros aposentado. Que porra você sabe?

Ele dá de ombros. — Bem, eu sei como são os ossos quebrados. E você os tem.

— Eu concordo — Jasper joga, dobrando a aba de seu boné sobre

a testa.

— Isso é como uma piada estúpida. Um jogador de hóquei e um cavaleiro entram em um consultório médico...

— Cade. Você precisa tirar raios-X.

Eu caio contra a cerca de metal atrás de mim e gemo. — Foi o último lote. Eu só queria uma cerveja e uma banheira de hidromassagem.

— Sem problemas, mano. — Rhett me dá um tapa no ombro com tanta força que meus dedos doem. — Vou pegar uma para você para a estrada. Além disso, Summer me disse para nunca mais entrar naquela banheira de hidromassagem. Que porra você tem feito lá?

— Foda-se, Rhett. Eu uso pastilhas de cloro lá e testo a água regularmente.

— A água já está grávida? — ele joga por cima do ombro enquanto corre para longe.

— Idiota — murmuro, segurando minha mão com cuidado e sentindo meus braços tremerem.

— O que eu posso fazer? — Jasper pergunta gentilmente.

— Chame Willa — é o que eu digo. Porque ela é a única pessoa que quero agora.

Ele olha para mim com seus olhos comoventes e acena com a cabeça. Ele está voltando com ela em poucos minutos.

Ela parece pálida, seus olhos apertados, mas ela não se desespera em cima de mim. Essa não é a personalidade dela, e acho que a amo ainda mais por isso.

— Prazer em encontrá-lo aqui, Eaton. Você tenta ser um herói e quebra alguns dedos? — Ela está fazendo o que neutraliza sua ansiedade, humor, mas eu deixo. Seu sarcasmo é uma boa distração agora.

Rhett está de volta e me entrega uma cerveja já aberta. — Não. Ele estava tentando ser um herói e tirar a perna do bezerro sozinho.

Eu seguro a cerveja na direção de Willa. — Saúde, baby. Você pode brincar de enfermeira hoje.

— Oh, sim? — Ela se aproxima, passando a mão pelo meu ombro e descendo pelo meu braço para segurar minha mão. Enquanto ela avalia os dígitos que escurecem rapidamente, ela acrescenta: — Acho que me vesti assim para o Halloween um ano.

Jesus. O que essa mulher *não* vestiu para o Halloween?

Eu gemo e deixo meus olhos se fecharem ao som de meus irmãos dando uma boa risada ao meu redor. A última coisa que preciso é de um pau duro como pedra para acompanhar meus dedos quebrados.

— Ok, campeão. Vamos para o hospital. — Willa desliza a mão pelas minhas costas. — Fico com ele, rapazes. As meninas estão com Luke. Acho que ele está no céu com duas loiras prestando atenção nele.

— Falando sobre os problemas com a mamãe — Rhett brinca com um coro de gemidos. Deixe que ele diga algo inapropriado agora.

— Palhaço do caralho — murmuro enquanto pressiono distraidamente um beijo na cabeça de Willa.

Fica estranhamente silencioso por um momento, porque eu percebo que acabei de beijar minha babá na frente desses dois palhaços e nem pensei duas vezes sobre isso.

Willa pigarreia para quebrar o silêncio.

— Vamos acabar com as vacas e depois vamos para o hospital — Jasper diz.

Rhett zomba. — São dedos quebrados. Acho que ele vai conseguir.

Eu rio, porque isso é péssimo e Rhett é certificável. — Obrigado, rapazes.

Então partimos, caminhando silenciosamente de volta para o celeiro onde estacionei. Quando encontro os olhos de Willa, eles estão arregalados e preocupados, então sussurro: — Não se preocupe,

querida. Eu vou ficar bem.

Ela funga e joga os ombros para trás. — Eu sei — ela responde, sempre colocando aquela fachada dura.

— Você estava preocupada? — pergunto enquanto me acomodo no banco do passageiro da minha caminhonete estacionada.

— Claro — ela responde, a voz uniforme enquanto pula para o banco do motorista. — Eu não sei o quão bem você será capaz de usar seus dedos em mim com a mão esquerda.

Eu rio e sorrio o resto do caminho para o hospital, porque só há uma pessoa no mundo que poderia me fazer rir em um momento como este.

Enquanto dirigimos em um silêncio sociável, atinge-me que Willa é essa pessoa.

Minha pessoa.

* * *

O hospital em Chestnut Springs é pequeno. Pessoal é um problema constante. Os tempos de espera são brutais.

Acho que ter que esperar várias horas não deveria me surpreender. Primeiro, na área de espera geral. Depois, raios-X. Por último, de volta a uma sala privada onde esperamos mais um pouco.

Willa segura minha mão boa o tempo todo, o polegar acariciando o topo, e de alguma forma isso entorpece a dor dos meus dedos.

Os olhos de Willa se arregalam quando uma médica entra em nossa sala de espera com o rosto voltado para a prancheta em suas mãos. — Winter?

A cabeça da médica se ergue, os olhos gelados se arregalando apenas momentaneamente.

— Como a irmã de Summer, Winter? — eu deixo escapar, porque

ouvi histórias sobre essa mulher. A irmã *distante* de Summer. Como grandes níveis de drama familiar distante. Rhett me contou sobre a explosão um dia durante algumas cervejas, e parece que saiu de uma novela diurna para mim.

Fodida gente rica da cidade, cara.

— Sim. — Seus lábios se afinam e seus saltos estalam contra o chão quando ela fecha a porta. — A primeira e única. Tenho certeza de que você só ouviu coisas boas — ela diz secamente antes de acrescentar: — Mas eu prometo que seus dedos estão em excelentes mãos, Sr. Eaton.

Hoo garoto. Outra mulher que poderia usar alguém para lhe contar algumas coisas boas sobre si mesma. Observo seus movimentos tensos, a maneira como seus lábios se franzem quando ela olha para Willa. Ela se parece com Summer, mas também nem um pouco.

Winter e Summer... quem fez isso com elas merece um chute no saco.

— Winter, como vai? O que você está fazendo aqui? — Willa pergunta, sua voz suave e cautelosa enquanto a pequena mulher coloca um par de luvas de látex.

Winter ignora suas perguntas. É como se elas nem fossem registradas em seu rosto.

— Vamos ver seus dedos, Sr. Eaton. — Ela estende a mão para mim e coloco na dela, fazendo uma careta. Seus dedos delicados cutucam tão suavemente que eu mal os sinto. — Ambos os dedos estão quebrados. As fraturas estão razoavelmente limpas, mas pelo que pude ver nos raios-X, há algumas lascas de osso flutuando aí dentro. Poderíamos fazer um reparo cirúrgico...

— Eu não...

Ela me corta de volta com um olhar aguçado. — Ainda estou falando. — Meu Deus, essa mulher é meio assustadora. Eu fecho minha boca e arregalo meus olhos para dizer a ela que ela pode continuar.

— Como eu estava dizendo, poderíamos operar e arrumar as coisas imediatamente, mas minha inclinação é evitar a cirurgia quando possível. Portanto, a outra opção é imobilizá-los e deixá-los cicatrizar. Esperar que esses pedaços se dissolvam por conta própria e ver como você se sente. Se ainda estiverem causando problemas, podemos operar no futuro. É uma troca. Cure-se mais rápido agora, na esperança de não precisar de cirurgia mais tarde, ou ainda ter problemas e fazer duas vezes. Você decide.

Ela é muito direta, muito prática. Algumas pessoas podem pensar que seus modos deixam a desejar, mas meio que gosto dela. Ela fala comigo como se eu fosse capaz de tomar uma decisão e não está empurrando o tratamento goela abaixo.

Sua voz é mais gentil do que eu esperava com base nas histórias que ouvi, e seus olhos são menos perversos. Eles são mais... tristes. Bordados com olheiras.

— Existem opções de fisioterapia e opções alternativas de saúde que podem ajudar na reabilitação de uma lesão como essa — ela continua, rabiscando no gráfico à sua frente.

— Opções alternativas de saúde? — eu pergunto, franzindo o rosto.

Ela tira as luvas com um estalo para anotar algo em sua ficha. — Eu recomendaria acupuntura para começar — ela responde sem sequer olhar para mim.

— Ok. — Eu olho para Willa, que ainda está olhando para a irmã de sua melhor amiga, quase como se ela tivesse visto um fantasma. — Vamos seguir o caminho mais conservador.

— Excelente. — Ela sorri, mas é doloroso. — Vou chamar alguém aqui para consertar você e então pode ir embora. Tenho certeza de que está cansado de esperar. — Ela se levanta e sai pela porta, a imagem do profissionalismo não afetado.

Mas Willa sai atrás dela.

Willa

Summer: Cade está bem?

Willa: Sim. Dois dedos quebrados. Vai precisar de 6-8 semanas para cicatrizar. Então ele será uma cadela mal-humorada extra no futuro previsível.

Summer: Poderia ter sido pior. Luke está dormindo. Tudo bem aqui.

Willa: Ei, Sum, Winter respondeu a alguma de suas mensagens?

Summer: Não. Eu continuo enviando de qualquer maneira. Eu sei que ela as está lendo. Por quê?

Willa: Porque ela é nossa médica esta noite.

Summer: Como ela parece?

Willa: Triste.

* * *

— Winter — eu sussurro-grito enquanto a sigo pelo corredor bege com uma faixa verde aleatória no meio da parede. Por que diabos os hospitais fazem isso? Isso não os torna mais atraentes. — Winter, pare.

Summer tenta entrar em contato com ela há um ano, mas é interrompida a cada passo. Não vou sair deste hospital antes de falar com ela.

Ela vira o corredor, mas para em uma pequena alcova que abriga algumas máquinas de venda automática.

— O quê? — ela estala afetadamente, nariz empinado enquanto

ela olha para as unhas.

Conheço Winter desde que éramos adolescentes. Quando Summer estava no hospital, passávamos algum tempo juntas. Winter não é tão ruim quanto todos a fazem parecer. Ela recebeu uma mão de merda.

Uma que o dinheiro e a educação não podem desfazer. O que falta para Winter é amor.

Eu a encaro, respirando mais pesadamente do que a distância que acabei de cobrir garante. — Eu só quero dar um abraço em você — falo.

Seus longos cílios piscam lentamente, e ela é forçada a erguer o olhar para mim, porque essas irmãs pararam de crescer aos doze ou algo assim. — Um abraço?

Eu percebo agora o quão áspera ela parece. Muito magra. Muito cansada.

— Sim, garota. — Eu abro meus braços. — Traga sua bunda magricela aqui.

Ela desvia o olhar por um momento, como se o saco de palitos na máquina de venda automática fosse superinteressante. E então seus ombros caem e sem encontrar meus olhos, ela pisa em meus braços.

Ela suspira quando faz isso, e eu também. É incrível como os adultos ao seu redor podem estragar tudo. Foi o que aconteceu com Summer e Winter – e eu estava lá para ver tudo acontecer.

Eu também estava lá no hospital, sentada ao lado da cama de Summer, quando Winter saía de casa para ficar com ela também. Mas só se Summer estivesse dormindo. É um segredo não dito que Winter e eu mantivemos por anos.

Todo mundo acha que Winter não se importava, mas eu sei melhor. Ela ama sua irmã mais nova, embora sua mãe a tenha feito sentir que não deveria. Mesmo que ela não saiba como demonstrar isso.

O pai delas, Kip Hamilton, não é perfeito, mas também não é o

mal encarnado como a mãe de Winter.

Eu penso em Luke, e como sua vida poderia ter sido diferente se Cade e Talia tivessem ficado juntos e fossem miseráveis.

Ele poderia ser como essas garotas.

— Como vai a vida? — eu sussurro, e ela não me deixa ir. Na verdade, seus dedos se enroscam em minha jaqueta jeans e me agarram como se eu fosse sua única tábua de salvação em um navio que está afundando.

— Tudo está bem. — Sua voz falha, e sinto seu peito apertar quando ela suspira. — Porra. Isso não é verdade. Tudo está uma bagunça. E eu perdi o bebê.

Meu estômago se contrai e quase sinto náuseas. Um ano atrás, quando tudo explodiu entre ela e Summer, ela estava grávida.

Ela ainda está agarrada a mim enquanto fala. — E por um lado, estou arrasada, porque tentei por tanto tempo. E por outro, estou aliviada, porque não preciso ficar amarrada a *ele* pelo resto da minha vida. Quão horrível eu sou?

Sua risada é aquosa e meus olhos se arregalam. Winter nunca foi emocional. Ela é sempre fria e reservada – especialmente na idade adulta. Quase não reconheço a mulher agarrada a mim.

— Você não é horrível. — E eu quero dizer isso. Ninguém merece viver em um mundo onde a única família que tem é um marido infiel e uma mãe manipuladora. — Você merece muito mais, Winter.

Ela cantarola, como se não tivesse tanta certeza.

— Vocês ainda estão juntos? — pergunto, referindo-me ao lixo vivo com quem ela se casou.

— Mais ou menos — é sua resposta tensa.

— Ele não merece você.

Ela me aperta com mais força. Deus, essa mulher precisa tanto de um abraço. — Eu sei — é sua resposta suave. — Estou feliz que Summer tenha você. Deus sabe que o resto de nós não fez nenhum

bem a ela.

Chocada com o que ela acabou de dizer, eu me afasto e olho para a mulher diante de mim. Ela é sempre fria e distante, impossível de ler. — O que você está fazendo aqui em Chestnut Springs?

Ela funga e esfrega o nariz antes de sair do meu aperto. — Fiz um plantão aqui. Parecia uma boa maneira de passar um tempo longe dele alguns dias de cada vez.

Ela. Seu marido babaca. Aquele que ela precisa deixar e deveria ter deixado há um ano.

Não posso deixar de me perguntar se a proximidade com sua irmã distante desempenhou algum papel na escolha deste hospital.

— Summer adoraria falar com você. Inferno, ver você. Essa porta está sempre aberta, você sabe disso, certo?

Seus olhos reviram, e é como se eu pudesse ver seus escudos dispararem diante dos meus olhos. — Sim. As mensagens de texto constantes que ela envia mostram isso.

— Então? Aceite-a. Ela ama você, quer você acredite ou não. — Winter zomba, voltando a olhar para as unhas. — Você tem algo preso aí embaixo? — pergunto, porque ela está sendo rude. — Meus olhos estão aqui em cima, Winter.

— Como devo fazer isso? Apenas voltar para a vida da minha irmã depois de tudo que aconteceu entre nós? Depois da maneira como a tratei? Ela deve me odiar.

— Sim, Winter. Isso é exatamente o que você faz. Porque ela não odeia você.

— Eu estou... não sei como consertar isso. Estou envergonhada — ela confessa calmamente.

— Não fique. Todos nós precisamos de um novo começo de vez em quando. Venha sair algum dia. Talvez você até se divirta.

Ela bufa com a minha sugestão. — Com vocês duas? Por que eu tentaria? Você e Summer são tão próximas que aposto que menstruam

ao mesmo tempo. Totalmente sincronizadas. Lembro de vocês duas comendo fast food todos os meses e reclamando das cólicas.

Eu rio, mas paro enquanto processo as palavras. Antes da menstruação, sou sempre muito mal-humorada. Estou há alguns dias em minhas pílulas para o mês, mas nada começou.

Outro dia, Summer reclamou de suas cólicas e eu apenas ri como uma idiota bêbada de sexo.

O sangue escorre do meu rosto. Parece que se acumula em meus pés e fica pesado lá enquanto as perguntas circulam em minha mente, perguntas nas quais nem me permiti pensar.

— Você está bem? — Preocupação marca o tom de Winter.

— Eu... — Minhas palmas sobem para descansar em minhas bochechas. Como eu perdi isso? — Porra. Qual é a data de hoje?

Os olhos de Winter me examinam, inteligência brilhando em cada olhar. — Oh, merda — diz ela, recuando um pouco. — Deixou aquele cowboy engravidar você, Willa Grant?

* * *

Já está escuro quando pegamos a estrada de novo, o que me cai bem, porque Cade também não pode ver meu rosto sob a cobertura da noite.

Ele está cansado. Eu estou cansada.

Estou chocada.

Winter me fez um teste de gravidez enquanto Cade engessava os dedos. Deu positivo para um minúsculo Eaton, e eu apenas me sentei na sala de espera olhando para o nada.

Winter ficou por um tempo. Ela não era muito reconfortante, mas foi bom ter alguém comigo do mesmo jeito. Ela ficou quieta e retraída assim que o teste deu positivo.

Foi estranho.

— Você está bem? — Cade pergunta, tirando-me dos meus pensamentos.

— Eu? Sim? Ótima. Por quê? — Eu me viro ligeiramente para espiar sua testa franzida e seu rosto lindamente trabalhado. Não estou nem brava, nem triste. Estou estranhamente em paz com a coisa toda.

Mas estou preocupada com *ele*.

— Porque você está segurando o volante como se estivesse tentando estrangulá-lo.

— Ah — eu digo com um aceno de cabeça.

— Winter disse algo para você? Nós gostamos dela? Nós a odiamos? Eu deveria estar com raiva de alguma coisa com você? Porque estarei se você estiver. Apenas me diga como ser solidário.

Porra, ele é doce. Sua voz é toda áspera e resmungos profundos, mas eu sei que ele fala sério.

Só me preocupo que, depois de ficar preso por uma gravidez, ele sinta o mesmo novamente. Ele vai se sentir confinado. Ele ficará preso cuidando de uma mulher e de um bebê que nunca teve certeza de que queria.

Novamente.

— Não — respondo suavemente — Winter foi ótima. Espero que ela e Summer consertem essa coisa entre elas. Acho que as duas precisam disso.

— Eu vou ficar bem, você sabe. — Ele alcança minha mão no console central, entrelaçando seus dedos com os meus, forçando um suspiro suave de meus lábios. Eu sempre me sinto melhor com as mãos dele no meu corpo.

Mais firme. Mais eu mesma. Mais confiante.

Eu sou mais eu com Cade Eaton do que nunca, e agora vou ter que me perguntar se ele sente o mesmo, ou se ele está agindo por um senso de dever. Novamente. Nosso relacionamento está em sua

infância, e tanto quanto eu percebo que quero uma família – com Cade ainda – não posso dizer que vi isso acontecer dessa maneira.

— Eu sei — digo, mas não sei se acredito. E não sei se as coisas serão as mesmas entre nós depois que eu disser isso em voz alta para ele. Como ele poderia estar bem com isso acontecendo com ele novamente?

Eu sei que preciso contar a ele. Posso sentir as palavras crescendo em minha garganta quanto mais nos aproximamos do rancho. Quanto mais ele acaricia minha mão, mais nervosa eu fico, e mais culpada me sinto por ficar sentada aqui sem palavras pelos últimos quinze minutos.

Nós dirigimos em silêncio, mas sinto que ele sabe que algo está acontecendo porque eu não sou o meu eu normal e tagarela. Eu posso vê-lo lançando olhares nervosos na minha direção, como se ele estivesse totalmente fora de elemento.

Mas eu também.

Quando paramos em casa, estaciono a caminhonete, mas fico olhando pelo para-brisa dianteiro.

— Olha, Red, estou tentando não ser um idiota dominador, mas quero saber o que se passa nessa sua linda cabeça. Eu posso ver as engrenagens girando. Posso dizer pelo jeito que você está sentada. Pela tensão em sua mão. Normalmente, não consigo fazer você calar a boca, a menos que enfie sua calcinha nela. Então, isso? — Ele gesticula entre nós. — Isso é estranho.

Uma risada crua sai de mim e lágrimas brotam em meus olhos. Eu puxo minha mão da dele para esfregar meu rosto, para trazer um pouco de circulação de volta para minha cabeça, porque sinto que estou vivendo em algum mundo de sonho alternativo. Como se isso *realmente não pudesse* estar acontecendo comigo.

Parece que a melhor maneira de fazer isso é arrancar o band-aid. Rápido, indolor – acabar com isso, porque não consigo lidar com esses níveis de ansiedade em meu corpo.

— Estou grávida.

Essas duas palavras saem seguras e firmes. Muito mais seguro e estável do que me sinto agora.

Cade me encara sem expressão. Sua boca se abre e fecha novamente, e então ele balança a cabeça, como se isso pudesse trazer a realidade de volta.

— Surpresa? — eu acrescento desajeitadamente. — Sinto muito — acrescento ainda mais sem jeito.

Minha cabeça está girando, e estou sentindo que poderia usar um momento sozinha para me orientar – para processar isso – porque dizer isso em voz alta para ele parece muito mais real. — Acabei de saber no hospital e tenho tentado encontrar coragem para contar. Sinto muito.

— Por que você sente?

— Eu não fiz isso de propósito. — Ele pisca para mim. — Juro que estou tomando anticoncepcional, mas aparentemente vomitar por dois dias seguidos não é o ideal.

Sua mão desliza sobre seu queixo áspero enquanto ele suga uma respiração. Oh, Deus, ele não está dizendo nada, e minha ansiedade está crescendo exponencialmente, dobrando.

Como células.

Porra. O que há de errado com minha cabeça?

— Você é tão jovem. — Não são as palavras que eu queria ouvir agora.

— Bom Deus. Você age como se eu fosse uma adolescente sem noção! Tenho vinte e cinco! Pare de me tratar como se eu fosse uma criança. Essa desculpa é um insulto. — Eu bufo uma respiração agitada. — Acho que preciso de uma noite sozinha para processar isso.

Ele franze a testa para mim e ainda não diz nada, então continuo falando. — Sim. Sim. Isso é o que eu preciso. E você também.

Estou começando a girar. Eu olho para baixo e vasculho minha

bolsa enorme para encontrar seus analgésicos, sentindo um surto total como nunca tive antes. Minha mão envolve algo longo e fino e puxo para fora... uma cenoura?

Meus olhos lacrimejam e o pânico aumenta, e simplesmente jogo tudo no banco de trás.

— Isso é uma cenoura? — é a primeira coisa que Cade me diz desde que contei que estava grávida dele.

Um excelente sinal, com certeza.

Eu finalmente encontro o frasco de analgésicos que Winter deixou no quarto antes de sair com um adeus gentil. — Aqui.

— Por que tem uma cenoura na sua bolsa?

Jesus. Eu realmente quebrei o cérebro dele. Quem pode culpá-lo?

— Vou dormir na casa principal esta noite.

Ele pisca. — Uma porra que você vai.

Eu pulo para fora de sua caminhonete, dando alguns passos até o meu jipe antes de subir no banco do motorista. Estou lidando bem com isso? Provavelmente não. Mas estou tendo um momento e tudo o que ele está fazendo é me olhar carrancudo e me perguntar sobre a cenoura.

Cade agarra a porta do meu jipe antes que eu possa fechá-la e me encara.

— Desculpe — eu digo. — Estou muito ciente de que não estou lidando bem com isso.

— Precisamos conversar — é tudo o que ele diz, e soa tão sério que o medo se instala em meu estômago.

— Eu preciso de uma noite sozinha. Para organizar meus pensamentos. Você também.

Espero que ele discuta, e há uma pequena parte de mim que quer que ele me jogue por cima do ombro do jeito que fez naquele dia em que Luke e eu nos escondemos dele. Ele deu um tapa na minha bunda

e riu, mas desta vez ele me dá um aceno conciso e meu estômago revira.

Ele bate a porta e dá um tapinha no capô enquanto eu torço as chaves na ignição. Respiro fundo antes de mudar para a direção. Eu me afasto, sentindo-me trêmula e chorosa e totalmente idiota por deixá-lo lá depois de jogar aquela bomba.

Eu vejo seu contorno parado na entrada da garagem mesmo quando viro a esquina.

E meu último pensamento antes de perdê-lo de vista é que ele merece mais do que estar de volta aqui. Porque ele é tão honrado que vai se prender comigo e com esse bebê.

Mesmo que não seja realmente o que ele quer.

Cade

Cade: Willa está indo para sua casa. Você pode me avisar quando ela estiver segura, por favor? Ela vai precisar do quarto de hóspedes.

Harvey: O que você fez com ela?

Cade: Por que esse é o primeiro pensamento em sua cabeça?

Harvey: Porque você tem jeito para ferrar com as coisas.

Cade: Ferrar?

Harvey: Ferrar. Você sabe exatamente o que quero dizer.

Cade: Meus dedos estão quebrados. Obrigado pela preocupação.

Harvey: Minha única preocupação é com possíveis danos cerebrais desde que você deixou sua garota sair. Ela está aqui segura.

Cade: Meu cérebro está bem.

Harvey: Poderia ter me enganado.

* * *

Não preciso de uma noite sozinho para organizar meus pensamentos. Mas eu poderia dizer pela expressão em seu rosto que ela precisa. Já vi esse olhar antes – um cervo pelo faróis.

Willa se orgulha de seguir o fluxo, mas agora ela atingiu as corredeiras e está enlouquecendo. Muita coisa mudou para ela em um tempo muito curto. Lembro-me bem dessa sensação, mas desta vez é diferente.

Prefiro que ela surte comigo, mas também sei que não devo sufocar alguém tão independente quanto ela, e é por isso que a deixei

ir embora.

Mas eu pulo na minha caminhonete e a sigo até a casa principal, não prestes a ficar em casa sozinho quando ela e Luke estão sob o mesmo teto.

Aonde eles vão, eu vou. Parece certo.

Estaciono e desligo o motor, olhos fixos na janela do quarto de hóspedes. Quando a luz se apaga, saio e entro pela porta da frente. Eu provavelmente deveria estar pensando em um novo bebê – e eu vou –, mas agora, tudo o que posso pensar é em Willa. Acalmando-a. Segurando-a.

Mantendo-a.

Quando entro na sala de estar mal iluminada, avisto meu pai em sua poltrona reclinável de couro, um copo de uísque na mão.

E ele está sorrindo para mim como um maldito maluco.

— Por que você está sorrindo?

— Você tomou a decisão certa pela primeira vez.

Eu olho para ele. — Primeira vez? O que diabos isso quer dizer?

— Sirva-se de uma bebida, sente-se e deixe de lado o ato imbecil comigo, garoto. Não me assusta nem um pouco.

Com um suspiro pesado, vou para a cozinha e me sirvo três dedos bem pesados de uísque antes de voltar para a sala e me jogar no sofá.

— Você tomou a decisão certa vindo atrás dela. Vocês começam a brigar um com o outro tão cedo e terão problemas.

— Ela não saiu furiosa. Ela só precisava de espaço.

— Posso ver a necessidade de espaço de você. — Eu faço uma careta para ele. — O que você fez? — ele pergunta, acrescentando insulto à injúria.

— Nada. — Faço uma pausa, inclinando a cabeça. — Bem, nada-nada. Algo surgiu e eu poderia ter reagido melhor. Eu congelei.

Os olhos de falcão do meu pai se estreitam quando ele me olha.
— Isso tem a ver com Talia?

Eu aceno com a mão e zombo. — Não. — Talia entrou, agitou a merda e partiu novamente. Sem noção como sempre.

— Bem, conte-me. Talvez seu velho possa ajudar.

Minha cabeça cai para trás contra o sofá, uma risada irônica borbulhando para fora de mim. — Ela está grávida.

Posso sentir o olhar de meu pai, vê-lo tomar um gole pensativo com o canto do olho. — Eu deixei você assistir demais aos touros se chocando com as novilhas quando criança, garoto?

Eu gemo.

— Você tem algo contra preservativos?

— Pai.

— Algum tipo de fetiche em procriação que eu não conheço?

Eu jogo um braço sobre meus olhos. — Nunca mais fale comigo. Que você conheça esse termo é muita informação.

— Por que você está sentado aqui comigo?

— Porque eu olhei para ela sem expressão e não disse nada quando ela me contou. Continuei repassando todas as coisas que queria dizer a ela e depois me calei. Não quero que ela se sinta presa por mim ou por isso. — Eu giro um dedo ao redor, apontando para o rancho.

— Você perguntou se ela se sente assim?

— Não. Eu apenas perguntei várias vezes por que ela tinha uma cenoura na bolsa como um idiota total.

— Escute, eu não quero ouvir sobre qualquer merda estranha que vocês, crianças, estão fazendo.

— Puta merda. Por favor, apenas me mate antes de dizer qualquer outra coisa que me faça querer limpar meus ouvidos com ácido.

Meu pai continua, implacável, mas posso ouvir o humor em sua voz. Ele está se divertindo me vendo me contorcer. — Vocês dois precisam conversar. Eu sei que Talia fodeu com você, mas não deixe que ela foda com isso para você também. Se você quer aquela garota e aquele bebê, você precisa dizer a ela. Se não quer, então você precisa trabalhar um pouc...

A raiva percorre meu corpo, quente e afiada com a menção de eu não a querer. — Eu quero — eu mordo duramente. — Eu quero aquilo. Eu quero tudo isso.

— Então pare de bisbilhotar aqui comigo, seu imbecil mal-humorado. Eu estou indo para a cama. Vocês, crianças, cansam-me.

Seu copo bate contra a mesa e ele se retira para a cama sem dizer mais nada. E eu? Pego minha bebida e caminho silenciosamente pela casa. Para a porta de Willa.

Eu me jogo no chão e me inclino contra a parede. Pretendo esperar até que ela tenha a noite toda para que possa jogá-la por cima do ombro e carregá-la de volta para nossa casa.

Ela pode precisar de tempo para pensar sobre as coisas.

Mas eu com certeza não.

* * *

Eu acordo quando caio e bato no chão aos pés de Willa.

— Que diabos você está fazendo?

Empurrando minhas mãos para trás para me sentar, eu balanço minha cabeça para limpar as teias de aranha e a leve dor que muito bourbon deixou para trás. Esfregando as palmas das mãos sobre os olhos, olho para o rosto da mulher com quem sei que vou passar o resto da minha vida.

Eu me jogo contra o batente da porta e a encaro por um minuto. Observo-a de verdade.

Ela é perfeita *pra* caralho.

— Você está bêbado? — Seus olhos pousam no copo vazio ao meu lado. — Por que você está me encarando? — Seus braços se cruzam sobre o corpo e ela levanta o quadril.

— Eu não estou bêbado. — *Não mais.*

— Você dormiu aqui fora?

— Sim.

— Por quê?

— Porque não gostei da ideia de você ficar sozinha.

— Ugh. — Seus olhos se fecham e sua cabeça se inclina para trás.
— Isso é muito romântico.

— Não precisava de tempo para organizar meus pensamentos.

Sua cabeça se abaixa agora. — Sim? É por isso que você ficou sentado lá com os olhos arregalados, perguntando sobre a minha cenoura?

Eu rio, porque não consigo evitar. — Quero saber sobre a cenoura. Mas eu estava com os olhos arregalados porque estava tentando avaliar você e ver como deveria reagir. Desculpe por ter ficado em silêncio. Há muitas coisas que eu deveria ter dito.

Ela suspira pesadamente e, em seguida, desliza para o lado oposto do batente da porta para me encarar. — Você acidentalmente engravidou uma mulher uma vez que mudou toda a sua vida fingindo que estava tomando anticoncepcional, então posso ver como a babá que lhe disse que estava grávida pode assustar você.

Minhas sobrancelhas franzem. — Willa...

— Eu juro que não menti. Juro que estou tomando meus comprimidos. Winter disse que quando eu estava doente, eles provavelmente não ficaram e isso pode ter estragado tudo, e nem pensei nisso, e embora eu tenha pensado em ter um milhão de bebês com você um dia, simplesmente não fiz isso de propósito, embora na verdade não esteja tão triste com isso, o que parece horrível, porque

tipo, eu não quero prender você comigo, então tipo...

— Willa!

Seus olhos se arregalam dramaticamente quando ela se inclina um pouco para trás. Eu me aproximo e coloco seus pés descalços em meu colo com minha mão boa. — Você vai quebrar um pulmão falando rápido assim, baby. E não há ninguém com quem eu preferiria estar preso. — Ela pisca para mim, e esfrego meus polegares ao longo dos arcos de seus pés e até seus tornozelos.

— Eu não raspei minhas pernas.

Eu rio. — Não me importo. Você não entendeu? Estou apaixonado por você, Willa. Pernas espinhosas, cenouras aleatórias na bolsa, grávida, não grávida. Eu quero *você*.

Lágrimas brotam em seus olhos e sua voz é rouca quando ela diz: — Mas isso já aconteceu com você antes e não quero ser confundida com essa merda. Não quero que você fique comigo por algum tipo de obrigação. Nós nem mesmo contamos às pessoas sobre nós. Não resolvemos uma única coisa. Você nunca me disse que me ama. Mas agora estou grávida e isso tudo vai acontecer? Apenas parece... forçado.

— Willa. — Eu posso ouvir uma ponta de pânico no tom que estou usando. — Nada é forçado. Já estávamos nesse caminho. Não somos duas pessoas que estavam infelizes e agora estão tentando fazer algo funcionar que não estava funcionando antes. Nós somos felizes.

— Sim. Somos. Mas essa é a sua personalidade. Isso é você sendo responsável antes mesmo de processar o que isso significa, porque seu primeiro instinto é cuidar de todos antes de cuidar de si mesmo.

Eu só posso piscar para ela. Essa conversa não está indo do jeito que esperava.

— Willa, pare...

— Não. — Ela levanta a mão. — Por todas as vezes que você me disse para calar a boca e ouvir, agora é a sua vez, Cade.

Ela afasta os pés e se levanta para ficar de pé. — Não quero ser mais uma obrigação na sua vida. Outro fardo. Outra razão pela qual você está perdendo todas as coisas que sempre quis fazer. E talvez eu não seja. Talvez este seja um feliz acidente. Mas se machucar, seguido por descobrir notícias chocantes e transformadoras, e depois ficar bêbado no chão — ela aponta para o copo vazio ao meu lado — não é a receita certa para se apressar em algo assim.

Seu suspiro é pesado e uma lágrima perdida rola por sua bochecha. Eu levanto minha mão, precisando limpá-la para ela. — Vou voltar para minha casa na cidade...

Minha boca se abre para argumentar, mas seus olhos se estreitam e ela faz esse movimento de fechar com a mão que termina em beliscar os dedos antes de continuar: — Por alguns dias. Quero ver meu médico e confirmar as coisas. E quero que você passe algum tempo pensando. Eu quero saber que este não é um relacionamento construído sobre controle de natalidade fracassado e uma estúpida infecção estomacal. Então não me siga. Você tem opções e é livre para tomá-las. Quero que você considere suas opções, porque ninguém nunca lhe deu nenhuma opção, Cade. E você as merece.

Eu posso sentir meu corpo inteiro caindo mais fundo com cada palavra que ela diz. Eu sei em meu coração o que é certo. Mas as coisas que ela está dizendo sobre mim e minha vida? Elas são verdadeiras. E passei tantos anos trabalhando para consertar tudo ao meu redor que nunca apenas sentei aqui e me deixei sentir triste pelo fato de nunca ter realmente considerado minhas opções.

Ela se agacha diante de mim agora, emoldurando meu rosto com as palmas das mãos. — Mais do que tudo no mundo, quero que você seja feliz. Você merece ser feliz.

Seus lábios pressionam suavemente na minha testa, e então ela passa por cima de mim, esticando uma mão para pegar o copo descartado antes de ir embora.

Cada parte de mim quer ir atrás dela, mas às vezes amar alguém significa dar a eles o espaço que eles querem. O espaço que eles

precisam. Por um tempo, pelo menos.

Então, em vez disso, eu apenas me sento aqui. Pensando nas minhas opções. Sobre como Willa é a única opção que quero.

E sobre como vou respeitar os desejos dela até não aguentar mais.

Então eu estarei jogando-a por cima do ombro e levando-a para casa.

Willa

Summer: Cara. Onde você está e por que Cade está enfurecido fazendo o jardim da frente com os dedos quebrados?

Willa: Estou na minha casa na cidade. Ele está bem?

Summer: Não sei. Há muito suor e grunhidos. Parece que sua pá fez algo para ofendê-lo.

Willa: Você pode ficar de olho nele? Estou preocupada com ele.

Summer: Foda-se, não. Mas Rhett pode. Estou indo para sua casa com uma garrafa de champanhe.

Willa: Não vai ser uma visita tipo champanhe.

Summer: Não seja deprimente.

Willa: Desculpa. Mas vou ser deprimente por aproximadamente os próximos nove meses.

Summer: Oh, merda. A caminho. Vou pegar ingredientes para assar cookies.

* * *

— Quando é a consulta? — Summer murmura com a boca cheia de cookie quente.

— Amanhã. — Não consigo nem comer os cookies que fiz. Eu me sinto mal e não tem nada a ver com estar grávida.

— Você está preocupada? — A preocupação envolve cada característica dela.

— Sobre o quê? Tenho certeza de que um exame de sangue só

confirmará o que já sei.

Ela acena com a cabeça. — Eu vi que o lixo do seu banheiro está cheio de um monte do que você já sabe. Quantos testes você comprou?

— Vinte.

— Parece razoável. — Ela assente, dando outra mordida.

— Eu queria ter certeza.

— Como você conseguiu fazer tanto xixi?

Eu rio disso. Deixe para a minha melhor amiga escolher algum detalhe fútil e se fixar nele. — Muita água. Acho que estou hidratada por pelo menos uma semana agora. Lembra quando bebi Jägermeister demais e fiquei muito enjoada?

Ela ri agora. — Sim. Você vomitou no táxi e o taxista perguntou se você tinha bebido Jägermeister, porque o carro inteiro cheirava a isso.

Eu estremeço. — Ainda não tomei outro gole por causa disso. De qualquer forma, estou me sentindo assim com relação à água agora.

— Você está enjoada?

— Um pouco — eu admito. — Mas não acho que seja hormonal.

— É Cade?

— Sim. E Luke. Estou preocupada com eles. *Sinto falta* deles e só faz um dia desde que parti. Eu não deveria ser tão dependente dele. Eu deveria ser capaz de lidar com um dia longe sem sentir tanto a falta dele que me deixa doente. Não consigo nem dormir. — Eu rosno em frustração.

Summer sorri suavemente para mim, estendendo a mão para colocar um pouco de cabelo atrás da minha orelha. — Wils, bem-vinda a estar apaixonada.

Eu aperto meus olhos fechados e jogo minha cabeça para trás contra o sofá. — Esta é a pior sensação do caralho. Por que as pessoas

gostam de se apaixonar mesmo? Obcecado, emocional e pegajoso. Superestimado, se você me perguntar.

— Eu sei que você está brincando, porque é isso que você faz quando está chateada.

— Jesus. Você e Cade estiveram conspirando contra mim ou algo assim? Por que vocês dois estão sempre apontando isso sobre mim? Apenas deixe-me ter minhas peculiaridades, ok?

— Tudo bem se sentir triste, Willa. Tudo bem se sentir sobrecarregada. Definitivamente, não há problema em precisar de alguns dias sozinha para digerir. Mas você pode pensar demais nisso também. Você pode virar do avesso até que pareça algo diferente do que é.

Eu mantenho minhas mãos sobre meu rosto, sentindo as lágrimas escorrerem contra elas. — O que é? Eu nem sei.

Summer esfrega minhas costas, porque ela é uma espécie de anjo enviado ao planeta Terra. Uma pessoa melhor que a grande maioria de nós. — Não sei o que é. Mas de onde estou sentada, são dois adultos inteligentes e amorosos que estão encarando uma bola curva da melhor maneira que sabem.

Um soluço percorre meu corpo.

— São duas pessoas que estavam meio perdidas até que acabaram no mesmo caminho e caminharam juntas por um tempo.

Eu abaixo minha cabeça, chorando abertamente agora. Acho que Summer está *tentando* me fazer chorar.

— São duas pessoas que são mais felizes na companhia uma da outra do que sozinhas. — Agora posso ouvir as lágrimas em sua voz também. — Melhor juntos do que separados.

Eu me viro para abraçá-la agora, perguntando-me se posso culpar meus hormônios pelo jeito incontrolável que estou chorando.

— Só não o faça esperar muito, Wils — ela sussurra em meu ouvido. — Ele está com o *coração partido* sem você.

A maneira como ela enfatiza o coração partido é minha ruína. Eu encharco o ombro de sua camisa, porque a verdade é que pensei que precisava de espaço...

Mas estou com o coração partido sem ele também.

Cade

Summer: Olá! Apenas uma mensagem para saber se você gostaria de vir jantar?

Harvey: Oi, filho. Pensando que poderia tirar Luke de suas mãos durante o dia.

Rhett: Minha esposa mandou uma mensagem sobre o jantar. Você não respondeu. Não seja rude com ela ou eu vou até aí e chuto você.

Jasper: Quer ingressos grátis para o jogo hoje à noite? Adoraria ver você e Luke.

Violet: Disseram-me para enviar uma mensagem e ver se você responderia. Você está velho demais para ficar de mau humor, Cade. Pare com isso.

* * *

Tudo o que eu queria da casa principal eram os sacos de cimento do galpão. Tudo que eu preciso é me perder em algum trabalho físico. Sozinho. Longe dos olhares compassivos e da família intrometida.

Mas aqui estou eu, vendo Luke gritar *alô* no poço. Isso deveria me fazer sorrir, mas sorrir parece difícil hoje.

Sorrir sem Willa por perto parece impossível.

— Pai. Você acha que pode haver alguém lá embaixo?

Ok. Arrepiante. — Não, amigo. Apenas um monte de moedas.

Sua cabeça se inclina para o lado curiosamente. — Moedas?

Eu suspiro pesadamente, deixando cair os sacos de cada lado de mim enquanto me arrasto em direção ao poço. — Sim. Minha mãe e eu costumávamos jogar moedas lá embaixo e fazer pedidos. — Espio o buraco negro, sentindo-me de alguma forma ligado a ele. Vazio. Eco.

— Vovó? — Luke sabe tudo sobre sua avó Isabelle, embora nunca a tenha conhecido.

— Sim. Ela nomeou este rancho depois do poço. Quando eles compraram o terreno, o vovô disse que ela poderia dar o nome que quisesse.

— O que você desejava? — Ele espia de novo, e eu coloco a mão em seu ombro. Observá-lo inclinar-se sobre a borda me dá uma ansiedade total.

Esfrego minha barba com a mão oposta, quebrando meu cérebro. Eu não consigo me lembrar. Essa parte da minha vida parece uma vida atrás. Como outra vida completamente. — Provavelmente doces.

A cabeça de Luke balança em aprovação. — Inteligente. Seus desejos se tornaram realidade?

Meus lábios se curvam com isso. Ele nunca deixa de levantar meu ânimo. Conhecendo minha mãe, tenho certeza que muitos de nossos desejos se tornaram realidade. — Geralmente.

— Você tem moedas? Eu quero fazer um desejo.

O peso cai no meu estômago e meus pulmões se contraem. Um pedido tão simples, mas parece intensamente significativo. Estou fazendo com meu filho o que minha mãe fez comigo.

Eu puxo minha carteira sem dizer nada, abrindo o zíper da pequena bolsa de moedas.

— Importa que tipo de moeda?

— Não, amigo. — Eu pressiono uma moeda de prata em sua mão, mas paro quando estou prestes a guardar a carteira de couro. Com um pequeno aceno de cabeça, pego mais uma moeda.

Uma para mim.

— Ok — eu começo, engolindo a espessura incomum na minha garganta. — Em três. Feche seus olhos.

Os olhos de Luke se fecham e uma pitada de aço brilha em seu rosto. Ele está se concentrando muito. Levando isso muito a sério.

Eu bagunço seu cabelo uma vez, lembrando-me de fios sedosos e acobreados, e então fecho meus olhos. — Um... dois... três...

O som de nossas moedas caindo na água abaixo se mistura com o som dos sinos de vento na varanda dos fundos.

Olhos fechados, desejo por Willa.

Uma vida com ela.

Uma família com ela.

Cabelos grisalhos e mais risadas com ela.

Quando abro os olhos, Luke está olhando para mim com uma expressão pensativa no rosto.

— O que você desejou? — eu pergunto a ele, precisando de algo alegre. Pensando que será algo ridículo. Algo frívolo.

Em vez disso, ele solta um soco no estômago.

Uma bochecha macia se ergue e ele olha de volta para o poço escuro. — Eu desejei que Willa voltasse.

Meus olhos ardem quando o puxo para mim, sinto seus bracinhos segurando minha cintura.

E minha voz falha quando digo: — Eu também, amigo. Eu também.

Willa

Willa: Como está Cade?

Summer: Modo eremita completo. Voltou a odiar todo mundo. Por favor, venha consertá-lo.

Willa: Estou indo.

* * *

Com um exame de sangue positivo em mãos, entro no meu jipe e começo a viagem de volta ao Wishing Well Ranch.

À medida que as ruas da cidade se transformam em rodovias que se transformam em estradas secundárias, deixo minha mente vagar para como as coisas mudaram desde a última vez que vim até aqui. Como voei até aqui por capricho, vento no cabelo e nenhuma responsabilidade no meu radar.

Sim. As coisas mudaram. Drasticamente.

Mas estou estranhamente em paz.

Derramei lágrimas nos últimos dias e não sou de chorar. Fiz planos para mim mesma e não sou uma planejadora. Eu tenho uma nova perspectiva. Tomei o espaço que eu precisava para processar.

Percebi que sou melhor com Cade do que sem ele. E acho que ele é melhor comigo também. Pretendo dizer isso a ele e depois vê-lo revirar os olhos para mim.

Vai ser tão romântico.

Conforme a viagem avança, eu me perco em meus pensamentos e

minha ansiedade aumenta. Muitos e se surgem na minha cabeça. Eu ouço a música dos anos 80 mais animada que posso encontrar e mastigo nervosamente minhas unhas, esperando que ele queira isso tanto quanto eu. Esperando que eu não o tenha feito se sentir preso.

Quando chego à longa entrada de carros, coloco meu jipe em ponto morto, respiro fundo algumas vezes, mexo-me no banco do motorista e começo a fazer aquela conversa animada de garota bêbada de novo. Exceto que estou totalmente sóbria e minhas preocupações são muito maiores do que se eu parecer suada ou tropeçar na frente de um cara gostoso no bar.

Sou uma adulta inteligente e capaz. Tenho família e amigos que me amam. Esta é apenas mais uma oportunidade para eu começar um novo capítulo na minha vida. Eu sou uma bagunça do caralho.

Balançando a cabeça para mim mesma, coloco o jipe de volta em marcha e sigo direto para a casinha vermelha de Cade.

A casinha vermelha com uma calçada recém-construída na frente.

A casinha vermelha com um menino doce de cabelos escuros dedilhando seu violão no degrau da frente.

A casinha vermelha com um homem que faz meu coração disparar e minhas bochechas esquentarem só de olhar carrancudo para mim do jeito que ele está agora.

E eu tenho que me perguntar se é uma carranca afinal. Porque a expressão é tão cheia de amor, tão cheia de saudade, que os músculos do meu peito se contraem e corro para estacionar para poder sair deste veículo e respirar o mesmo ar que eles.

Meus meninos.

— Willa! — O violão rapidamente esquecido de Luke descansa no degrau enquanto ele atravessa o gramado em minha direção. — Estou tão feliz que você está de volta!

— Eu também, amigo. Eu também — falo enquanto envolvo meus braços em torno dele. Mas meus olhos se fixam em seu pai, que está parado ali, vestindo um jeans como uma segunda pele, as mãos

casualmente penduradas nos quadris. A porra do boné virado para trás.

Um garoto do interior que parece tão bom quanto Cade Eaton deveria ser ilegal.

Mas em vez disso, ele é *meu*.

— Oi — eu respiro, incapaz de desviar meus olhos.

— Oi, Red — ele responde, mas ele não se move. Seu filho fica grudado em mim como uma pequena craca.

— Como você está?

Sua mandíbula estala quando ele olha para mim, e eu fico nervosa. Talvez ao fazer o que achei melhor para Cade, dei um tiro no pé.

Mas quando ele diz: — Melhor agora que você está aqui — sei que não é verdade.

Dando um tapinha nas costas de Luke, eu digo: — Luke, você pode entrar por alguns minutos? Preciso ter uma conversa particular com seu pai. E saberei se você estiver espionando.

O sorriso tímido que ele me dá me faz sorrir de volta para ele. Seus olhos azuis brilhantes, bochechas bronzeadas de um verão passado ao sol... nunca me apaixonei mais ou mais rápido por uma única pessoa no mundo do que por Luke Eaton.

— Ok. Mas primeiro quero mostrar a você a calçada que fizemos. — Ele enlaça seus pequenos dedos nos meus e me puxa para fora do caminho de cascalho para a calçada recém-feita. Tipo, acho que ainda pode estar úmida.

Quando nos aproximamos, o concreto úmido confirma minhas suspeitas. Eu posso sentir o cheiro de giz que permeia o ar ao redor, mas é o que está decorando a passarela que me faz parar no meio do caminho.

Há pedras brilhantes pressionadas no concreto, dispostas em forma de coração, percorrendo toda a extensão da passarela.

— Simples era chato. Então nós decoramos! Estão como naquele dia em que usamos giz na entrada da casa principal! — Luke exclama.

Eu espio Cade. — Como se o Dia dos Namorados vomitasse em todos os lugares?

Seus lábios se contraem e ele apenas acena com a cabeça.

— E então aqui em cima — Luke me arrasta em direção à casa — nós escrevemos nossas iniciais dentro dos corações.

— Eu amo isso! — exclamo, dando-lhe um forte abraço de lado.

Ele balança a cabeça alegremente, mordendo o lábio e parecendo tão orgulhoso. — E este é seu. — Ele aponta para um coração que está ao lado de um com as iniciais C.E., exceto que este diz W.E.

— Minhas iniciais são W.G., amigo.

Dou-lhe outro aperto e ele ri. Sem noção. — Eu sei. Mas papai fez aquele. Eu disse a ele a mesma coisa. — Minha cabeça se volta para Cade, que ainda não se moveu, mas está olhando para mim como se eu pudesse desaparecer se ele piscasse. — Mas ele disse que não duraria muito.

Um soluço que poderia passar como uma risada explode em meus lábios enquanto pisco furiosamente, desesperada para não desmoronar bem aqui na frente deles. — Eu amo isso, Luke. A calçada inteira é simplesmente linda. — Eu o abraço novamente, sugando o ar pelo nariz e tentando me recompor.

— Bom. Estou tão feliz que você está de volta! Se você não voltasse hoje, papai disse que iria até a cidade para buscá-la. — Eu quase rio. Isso é bem coisa de Cade de se dizer.

Depois de um último abraço, Luke sobe as escadas até a porta da frente. Mas, assim como fez uma vez antes, ele para e olha para Cade e para mim com um sorriso satisfeito no rosto e diz: — Viu, pai? Eu disse para você não ficar triste. Eu disse que ela voltaria. Nossos desejos se tornaram realidade! Ela nos ama demais para ir embora.

A porta de tela bate e ele se foi.

E eu estou chorando, as mãos cobrindo meu rosto. Estou impressionada. Aliviada. E, ok, possivelmente hormonal.

— Ei, ei. — Em segundos, Cade está me alcançando, envolvendo-me em seus braços fortes e me segurando com força contra seu peito. — Baby, não chore. Você não precisa chorar. Acho que se você chorar, eu posso chorar. E não sou um chorão.

— Também não sou chorona! — Eu soluço, aninhando-me contra sua camisa e tomando grandes goles de seu perfume de pinho que senti tanta falta nos últimos dias. — Mas juro que não parei de chorar desde que saí deste lugar.

Ele nos embala suavemente, como uma dança suave e silenciosa. A única música é o cantar dos pássaros e a brisa suave no campo de feno nos fundos. Ele não fala. Ele apenas me segura até que minha respiração se equilibra e o estresse se desfaz de meus membros.

Eventualmente, ele levanta meu queixo para que eu seja forçada a olhar para ele. Suas feições masculinas esculpidas são uma visão bem-vinda. — Você está prestando atenção agora, Red? Porque passei *dias* pensando muito sobre minha vida e tenho algumas coisas para contar a você.

Concordo com a cabeça e pressiono meus lábios, uma promessa silenciosa de ouvi-lo e não apenas falar *para* ele.

Com um suspiro profundo, ele começa: — Obrigado. Obrigado por ser a primeira pessoa na minha vida a me colocar em primeiro lugar, a me dar opções. Não tenho certeza se mereço esse presente, mas sei que nunca vou esquecê-lo enquanto eu viver.

Seus polegares acariciam os topos das minhas maçãs do rosto e ele segura minha cabeça entre as palmas das mãos. Reverentemente. Delicadamente. Com tanto amor. — Você está certa sobre eu ter feito isso uma vez por obrigação. Mas sou um homem de trinta e oito anos que levou anos para confiar em alguém novamente. Tive muito tempo para pensar onde errei. Você não é uma decisão que tomei de ânimo leve. E me amarrar a alguém que não amo por algum senso de dever equivocado não é um erro que pretendo cometer duas vezes.

Uma lágrima escorre do meu olho, e ele a afasta instantaneamente, acariciando meu cabelo como sempre faz. — Estou feliz que você não esteja triste com o bebê, porque eu também não estou. Mas quero deixar claro que *you* tem opções. Todas as opções do mundo. E estarei aqui com você, aconteça o que acontecer. Eu quero voltar para casa com o som de você e Luke rindo. Quero ouvir você tocar violão enquanto preparo o jantar. Quero deixar notas em post-it por muito tempo. Eu não quero que *you* se sinta presa a *me*.

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto, e ele pega cada uma delas. Sempre robusto e confiável.

— Eu realmente amo seus post-its — eu sussurro.

— Então continuarei a escrevê-los.

— Mas ainda acho que sou uma cozinheira melhor. — Eu bufo e sei que estou tentando cortar a tensão com humor, mas funciona para mim e provavelmente nunca vou parar.

Cade geme, mas é brincalhão. — Teremos que aprender a concordar em discordar em algumas coisas, porque não vou deixar você ir.

— Luke concorda comigo — eu argumento, deslizando minhas mãos em seu peito.

— Eu acho fofo quando vocês dois se juntam contra mim. Vou ter que ter certeza que o novo bebê está no meu time. Treiná-lo jovem.

Com um suspiro profundo e aliviado, eu me enrolo de volta em seu peito e me deleito com a sensação de seus braços ao meu redor. E digo a minha parte. — Não me sinto nem um pouco presa a você. Há semanas venho temendo deixar isso. Você. Luke. Esse lugar. Nunca me senti tão resolvida... tão em casa. Eu também nunca vi minha vida se desenrolar dessa maneira.

Ele esfrega a mão para cima e para baixo na coluna da minha coluna. — Nem eu, Red. Isso é apenas a vida. Mas você sabe, não tenho certeza se faria de outra maneira.

— Você não está triste?

— Nem um pouco — ele responde com firmeza. E posso dizer que ele quis dizer isso. — Tenho observado você com Luke por meses e me maravilhei com a mãe incrível que você seria um dia. Uma mãe que eu gostaria que Luke pudesse ter para si mesmo... — Ele para antes de acrescentar: — Você está triste?

— Nem um pouco — eu sussurro suas palavras de volta, e ele deixa cair os lábios no topo da minha cabeça antes de pressionar minha bochecha de volta em seu esterno. Bem onde posso sentir as batidas firmes e fortes de seu coração.

— Meu pai sabe que você está grávida.

— Ok.

— Ele me perguntou se eu tenho um fetiche por reprodução.

Minhas mãos cobrem meu rosto e o riso sacode meu corpo. — Não, ele não perguntou.

— Ele perguntou.

— Jesus — eu murmuro, mas ainda é um pouco fino. Um pouco agudo.

— Esqueça Jesus. Conte-me sobre a cenoura. Estou pensando nisso há dias.

— A mulher que conhece há dois meses diz que ela acidentalmente engravidou e o que mantém você acordado é se perguntar sobre a cenoura na bolsa dela?

Ele ri e dá um pequeno puxão no meu cabelo, inclinando meu rosto para o dele. — Sim. — Ele dá de ombros. — Você parece bem na minha vida. Na vida de Luke. Nós apenas... faz sentido para mim de alguma forma. E outra pessoinha também. Nada sobre isso parece errado para mim. A única coisa que não faz sentido é aquela maldita cenoura.

Eu rio de novo, porque tudo o que ele acabou de dizer é tão essencialmente *ele*. Ele não é florido ou vistoso. Ele é prático e colocou seu coração em risco por mim. Parece que o mínimo que posso fazer é

explicar a cenoura. — É só para alimentar os cavalos com Luke... eu acho.

— Você *acha*?

Concordo. — Sim, não me lembro totalmente de colocá-la lá, para ser honesta. Pode ser de quando eu ainda morava na cidade.

— Mas isso foi há meses. — Ele parece adequadamente horrorizado. Eu me pergunto se ele está tendo dúvidas sobre estar com uma garota que mantém cenouras velhas em sua bolsa.

— Sim — eu respondo sem jeito, mordiscando meu lábio.

— Calcinhas e cenouras. — Ele balança a cabeça e deixa suas mãos percorrerem minhas costas enquanto minha respiração continua a se estabilizar. — Mal posso esperar para ver o que vai acontecer a seguir.

Ficamos em silêncio por vários minutos, apenas abraçados no meio do jardim da frente, ao lado do coração que ele fez para mim, com minhas futuras iniciais escritas no centro. Como se ele tivesse tanta certeza de mim – de nós.

Como se fôssemos melhores juntos e ele soubesse disso.

— Eu amo você, Cade — murmuro contra seu peito.

— Eu também amo você, Red.

Então ele apenas me segura com mais força, e espero que nunca me solte.

Cade

Cade: O que você está fazendo? Trançando o cabelo?

Rhett: Não, polindo minhas unhas.

Cade: Nós vamos nos atrasar.

Rhett: Cara. Seu evento é só amanhã. Respire.

Rhett: Você está realmente fora da minha casa buzinando agora?

Cade: Sim. Fazer as pessoas esperarem é rude.

Rhett: Você não pode apressar a perfeição.

Cade: Nada em você é perfeito.

Rhett: Não. Mas esse sinal que eu fiz para você é.

* * *

— Gostaria que você se apressasse e tivesse logo esse bebê. Estou tão animada. — Summer pula em seu assento na parte de trás da minha caminhonete. Eu praticamente posso ver a empolgação dela através do meu espelho retrovisor.

— Sum. Tenha calma. Estou grávida de três meses — Willa responde atrás de mim.

— Ela não para de falar sobre isso. — Rhett ri enquanto seus dedos tamborilam na porta do banco do passageiro, logo acima de onde ele apoiou o cartaz que criou para o meu evento amanhã. É brilhante e diz: *Nada mal. Para um velho.*

Porra de idiota.

— Ugh. Mas vai ter o bebê mais fofo. Estou tão pronta para ser a tia legal.

O burburinho em torno do novo bebê não diminuiu desde que revelamos tudo. Todo mundo está nas nuvens.

Mas ninguém mais do que Luke.

Quando nos sentamos e contamos a ele, ele chorou lágrimas de felicidade. E eu também. A ponta do meu nariz formiga só de pensar em como minha vida mudou de novo tão rapidamente. Tão inesperadamente.

É a porra de um tema normal para mim neste momento.

— Cara. — Willa dá um soco no ombro do meu irmão. — Leia nas entrelinhas aqui. Pare de brincar e faça com que nossos filhos possam crescer como melhores amigos.

O rosto de Rhett fica sério, e ele balança a cabeça solenemente, mas vejo aquela contração perturbadora de seus lábios. A mesma de quando era criança e recebia uma notícia triste.

— Eu não sei o que dizer, Willa. Continuamos praticando e praticando, e praticando, e nada acontece. É cansativo, sabe? Eu tenho que me perguntar se é todo o controle de natalidade que estamos usando?

— Coma um pau, garoto. — Eu tomo minha vez, batendo a mão contra o peito do meu irmãozinho.

— Não, babe — Summer fala. — É só que você não tem jeito para *procriação*. — Ela não consegue nem pronunciar as palavras sem bufar e ofegar.

— Eu nunca vou superar isso. — Eu cerro os dentes para não sorrir.

O que ouço de volta é um coro de *nunca* de cada pessoa em minha caminhonete. Mas também sinto a mão de Willa deslizar sobre meu ombro para me dar um pequeno aperto. Estendo a mão e coloco a mão sobre a dela, sabendo que, brincadeiras à parte, nós dois estamos

empolgados com isso.

Estamos surpresos e um pouco despreparados, mas felizes. Tão felizes. Ir com o fluxo nunca foi tão bom. Por mais cafona que pareça, nunca me senti tão em paz.

Passei anos me sentindo rejeitado. Sentindo raiva. Sentindo que todos ao meu redor tinham tudo a seu favor e eu estava preso em uma rotina de responsabilidade.

E então o furacão Willa atingiu a cidade e virou tudo de cabeça para baixo da melhor maneira.

Aperto a mão dela e a levo aos lábios, dando um beijo nos nós dos dedos da mulher que escolhi – a vida que escolhi.

— Jesus. Quem é você, mesmo? — Rhett pergunta, parecendo um pouco chocado.

Agora é a vez de Summer dar um tapa no topo de sua cabeça. — Pare de implicar com eles. É doce.

— Por que diabos todo mundo está me batendo?

Eu rio quando Summer responde com: — Porque você merece.

Com esse sentimento, entramos no campo de rodeio e o caos do Canadian Championship Rodeo engole a todos nós.

* * *

Competir aqui é um sonho há muito esquecido. Há muito tempo trancado como uma oportunidade perdida, algo para o qual eu estava muito velho – muito ocupado.

Até que Willa se sentou naquela banheira quente e me desafiou a tomar uma dose. Acontece que nossas corridas foram boas o suficiente para nos qualificar para as finais.

O que significa que não vou deixar que o fato de meus dedos não estarem completamente curados me impeça.

Blueberry está levando tudo com calma comigo sentado em suas costas. Sua personalidade espinhosa não permite que ela se assuste. Cada vez que outro cavalo passa, ela abaixa as orelhas para eles, o que me faz sorrir. Ela não é o tipo de égua fofa, mas é boa no que faz.

Somos parecidos dessa maneira.

Meu pai está com Luke na arquibancada, e o resto do nosso grupo está ao meu lado na área de preparação.

— Você está nervoso? — Willa segura minha perna e olha para mim. A maneira como ela brilha faz minha garganta apertar. O cabelo dela está todo cacheado. Suas botas novas são sexy *pra* caralho e vão ficar tão bem enroladas na minha cintura mais tarde. Ela não está mostrando muito ainda, mas seu jeans está muito apertado em torno de sua bunda, e eu continuo sendo flagrado olhando para ela.

— Nah — respondo, alisando minha mão sobre seu cabelo.

— Adoro quando você me acaricia. — Ela suspira e fecha os olhos com uma risada baixa.

— Vocês são estranhos *pra* caralho — Rhett brinca ao nosso lado, o braço pendurado nos ombros de Summer, com um sorriso arrogante no rosto. — Eu diria a você para não se preocupar com as buckle bunnies, Willa, mas aparentemente Cade está tão interessado em demonstrações públicas de afeto agora que praticamente transmite como está apaixonado.

Willa olha para o meu irmão sem expressão. — Do que você está falando, Rhett? Eu *sou* uma buckle bunny. — Ela coloca os dedos em forma de coração e enquadra a visão através deles ao redor do meu rosto.

— Cade? Lance? Josh? — O comissário de arena chama os nomes de nossa equipe e, com uma piscadela rápida para minha garota, nós partimos.

Os passos fáceis de Blueberry se transformam em um empinado embaixo de mim, uma pequena corrida vistosa quando entramos na arena.

E esta arena não é apenas mais um recinto de feiras de cidade pequena. Esta é uma arena adequada, com arquibancadas cheias e uma multidão barulhenta aqui para um show.

Esta arena é um sonho que nunca pensei que se tornaria realidade.

Eu olho por cima do ombro, procurando aquele flash de cabelo acobreado. E ela está lá, sorrindo, segurando o painel de metal da cerca com uma mão, a outra pendurada sobre o estômago, olhando para mim como se eu pendurasse a lua – e por ela, eu faria.

Faria por tudo que ela me deu em tão pouco tempo...

Um amor que Luke nunca conheceu.

Um motivo para eu sorrir novamente.

Uma pessoa com quem conversar depois de tantos anos de silêncio.

Um amor que *eu* nunca conheci. Um que não tenho tanta certeza de merecer, mas que vou passar o resto da minha vida tentando preservar. Mas chegarei a essa parte mais tarde.

Por enquanto, volto meus olhos para o curral de gado e ouço com atenção enquanto nos dão o número. E então começo a trabalhar, porque vou realizar esse sonho de uma vida inteira.

A multidão barulhenta desaparece quando a campainha toca, e a única coisa que existe é o que está entre as orelhas de Blueberry.

Ela corta. Ela corre. Ela se vira. Ela deixa cair um ombro.

O couro das rédeas está quente em meus dedos, e sinto que estou acompanhando o passeio. Ela nunca teve um desempenho tão bom em sua vida. É como se ela soubesse que é isso. O grande show. Nossa única chance.

No que parece ter levado apenas alguns segundos, nós acabamos com as vacas e eu estou olhando ao meu redor como se devesse haver mais. Como se tivéssemos perdido alguma coisa. Tudo parece estar se movendo em câmera lenta, mas a julgar pela maneira como Lance está

de pé em seus estribos gritando como um louco, eu diria que fizemos isso e fizemos bem.

Quando os juízes publicam nossas pontuações, eles confirmam meu palpite e fico balançando a cabeça, sorrindo como um maluco, e procurando por Willa.

Ela subiu no topo do painel da cerca e está olhando para mim com as mãos em concha sobre a boca, gritando como uma louca. Minha louca.

Aqui para *mim*.

Summer está assobiando mais alto do que qualquer um na arena, e Rhett está sorrindo e balançando seu maldito cartaz no ar.

Mas é de Willa que não consigo tirar os olhos. Vou direto para ela, no meio de uma arena lotada, passo um braço em volta de seu pescoço e a beijo.

Eu a beijo com força. Eu a beijo para dizer as coisas para as quais não consigo encontrar as palavras.

— Eu amo você, Cade Eaton, e estou tão orgulhosa de você — é o que ela sussurra em meu ouvido enquanto seus dedos percorrem minha nuca.

— Eu também amo você, baby — é o que digo, pouco antes de ela tirar o chapéu de cowboy preto da minha cabeça e colocá-lo na dela.

Inclinando-se para longe de mim, ela me dá um sorrisinho brincalhão.

Eu arqueio uma sobrancelha em sua direção. — Você conhece a regra, Red?

— Você usa o chapéu, você monta o cowboy. — Ela pisca para mim, parecendo adorável *pra* caralho usando meu chapéu. Eu deveria ter colocado isso nela há muito tempo. Eu deveria ter colocado isso nela no primeiro dia em que a vi naquele café.

Com um torcer de lábios e um aceno de cabeça, eu me viro para

ir embora e comemorar com meu time por um momento, porque aquele placar é quase imbatível.

Mas não vou muito longe antes de ouvir um assobio e um: — Muito bem, Daddy! — seguido pelo mais belo riso semelhante a um carrilhão, leve, arejado e comovente.

Aquela risada que ouvi meses atrás e pela qual fiquei instantaneamente obcecado. Assim como a mulher que me encara por baixo da aba do meu chapéu quando lanço um olhar por cima do ombro.

E percebo nesse momento que talvez eu não tenha coração, afinal, porque a linda garota com o cabelo cor de cobre sorrindo para mim agora é quem o roubou.

EPÍLOGO

Willa

Cade: Eu vou estar no campo do extremo oeste hoje.

Willa: Ok. Sem problemas.

Cade: Você acha que ainda deveria estar ensinando tão perto do dia final da gestação?

Willa: Que eu saiba, mostrar às pessoas como tocar violão não estimula o trabalho de parto.

Cade: Não seja uma espertinha.

Willa: Estou grávida. Não inválida.

Cade: Não é engraçado.

Willa: Nem é o seu fetiche por procriação. Mas aqui estamos.

Cade: Ligue-me se algo acontecer.

Willa: Você está ignorando minha piada?

Cade: Não quero perder o nascimento do meu filho.

Willa: Acho que depois das aulas vou dar um sopro no quintal.

Cade: Você é louca. Mas eu amo você.

Willa: Também amo você.

* * *

— Quais são melhores? — pergunto a Luke do outro lado da ilha da cozinha com uma careta. Estou tendo contrações falsas de Braxton-Hicks há dias e tenho feito cookies para me ocupar. O bebê me chuta sem parar, e eu me sinto como uma baleia encalhada. Quem disse que

a gravidez é linda pode ter uma morte ardente, no que me diz respeito.

Nos últimos dias, passei de empolgada a desejando poder emitir um aviso de despejo.

Luke é o que está me mantendo sã agora. Luke é quem me faz sorrir. Assim que ele pulou do ônibus escolar, nós andamos até a casa e eu peguei dois pratos de cookies.

Ele atualmente tem macadâmia de chocolate branco em uma mão e smarties de manteiga de amendoim na outra, e está dando mordidas alternadas como se fosse um verdadeiro conhecedor de cookies.

E suponho que depois desses últimos dias, ele seja. Temos feito muita escovação dos dentes para compensar a ingestão de açúcar.

Seus olhos se fecham e ele levanta um dedo dramaticamente. Eu não posso deixar de rir dele. — Smarties — ele anuncia.

— Sim. Acho que você está certo. — Eu gemo enquanto me arrasto para o banquinho ao lado dele e dou uma mordida em um.

— Ei, Willa — diz ele, virando-se em minha direção.

— Ei, Luke. — Eu pisco para ele.

— Posso perguntar uma coisa?

— Sempre.

Seus grandes olhos azuis assumem uma expressão incerta e seus lábios se apertam. — Como o bebê vai chamar você?

— Bem, bebês não falam, Luke, então imagino que ele vai apenas balbuciar um monte de merda aleatória.

Ele faz uma careta e revira os olhos, parecendo uma cópia exata de seu pai quando o faz. — Eu quis dizer uma vez que ele puder falar. Ele vai chamar você de mamãe?

Meus olhos percorrem seu rosto enquanto mastigo. Eu nem o conheço há um ano e ainda me surpreendo com o quanto ele mudou. — Imagino que sim.

Um suspiro sobe e então abaixa seus pequenos ombros enquanto ele olha para seu biscoito. — Você acha que... — Ele olha de volta para mim agora. — Você acha que estaria tudo bem se eu chamasse você de mamãe também?

Estou muito hormonal para esta conversa agora e pisco furiosamente para o garotinho que está olhando para mim com os olhos mais arregalados e doces. — Meu amigo, você pode me chamar do que quiser. Sei que não sou sua mãe, mas amo você como uma. Sabia que eu me apaixonei por você antes de me apaixonar por seu pai?

Seus olhos brilham com isso. — Você fez?

Concordo com a cabeça, puxando-o para perto com um braço em volta de seus ombros. — Sim.

Seus braços envolvem minha cintura, ou o que sobrou dela. Eu sinto que sou apenas peitos e barriga neste momento. — Eu também amo você, Willa. Mesmo que ache que você fez xixi na calça.

Minha cabeça atira para baixo para seguir onde ele está olhando. — Tudo bem. É hora de ligar para o seu pai.

* * *

Summer: Você está perto? Liguei para os pais de Willa. Eles estão reservando voos de volta agora.

Cade: Cinco minutos. Tudo certo?

Harvey: Ah, que bom. Estamos todos aqui esperando. Tudo está bem.

Cade: Todos? Não. Vocês todos precisam sair.

Jasper: Estou a caminho.

Cade: Por que o nascimento do meu filho faz parte de um texto de grupo?

Summer: Porque estamos animados!

Violet: Tão animada! Envie fotos!

Rhett: Mas depois. Não durante. Não preciso conhecer Willa tão bem.

Summer: Rhett Eaton. Eu sei que você não está mandando mensagens de texto e dirigindo com o futuro papai em seu carro.

Cade: Ele está.

Rhett: Sinal vermelho, princesa. E por que você só está preocupada com Cade e não comigo?

Summer: HOJE NÃO É SOBRE VOCÊ.

Harvey: Vocês, crianças, dão uma dor de cabeça ferrada.

Cade: Rhett me dá dor de cabeça. Especificamente.

Summer: Só quero saber que nome você está dando ao bebê. E se é menino ou menina. E com quem se parece mais. MDS ESTOU TÃO ANIMADA POR SER A TIA LEGAL.

Cade: Acabei de chegar. Agora todos quietos.

* * *

Cade irrompe pela porta do quarto do hospital parecendo que está pronto para uma luta. Eu quase rio com a expressão feroz em seu rosto quando ele corre para o meu lado. Com o trauma da morte de sua mãe, sei que isso o deixou ansioso.

Já conversamos muito sobre ela. Isabelle Emma Eaton. A mulher de lindos olhos azuis que fazia desejos no poço com ele quando criança.

— Red — ele respira, puxando-me para perto e cheirando a pinheiros e suor. A combinação mais masculina.

Ele veio direto do campo. Harvey me trouxe ao hospital e Rhett

pegou um quadriciclo para ir procurar Cade. Eu tenho mantido a calma, mas tê-lo aqui acalma meus nervos.

— Como você está? Eu vim o mais rápido que pude. — Sua palma larga acaricia a parte de trás da minha cabeça e meus olhos se fecham. Eu amo quando ele faz isso.

— Melhor agora — eu digo enquanto ele beija minha testa.

— Todos estão na sala de espera. Eu disse a eles para irem embora.

Eu rio, mas uma contração me atinge com força. Agarro a mão de Cade e faço o meu melhor para respirar através dela, mas faço algum tipo de barulho insano de zurro.

Ele continua acariciando meu cabelo e me deixando apertar sua mão com força suficiente para quebrá-la. Nós andamos. Eu quico em uma bola. Sento-me em um banho. E quando olho para Cade e digo: — Sinto muito se a magia acabou depois disso. — Ele responde: — Tudo bem, vivi muitas temporadas de parto.

Minha risada histérica sangra em uma contração, mais longa e mais forte do que qualquer uma das outras, e quando finalmente termina e ele está me ajudando a ir para a cama, digo a ele: — Eu sei que você não apenas me comparou a uma vaca.

— Eu nunca faria isso — diz ele com uma risada. E tanto quanto quero dar um soco na cara dele por causa dessa piada, também quero abraçá-lo.

Esse homem, que há poucos meses parecia tão frio e infeliz, virou meu mundo de cabeça para baixo e me fez valorizar minha vida de maneira diferente. De uma forma mais simples, de uma forma mais tranquila. Uma maneira que se encaixa em mim e não em todos os outros ao meu redor.

Mas, mais do que isso, ele me deu uma sensação de satisfação em mim mesma que nunca experimentei. Um sentimento de orgulho e pertencimento que nunca vi até que ele abriu meus olhos e me mostrou.

Tudo sobre Cade Eaton tem sido uma bola curva desde o primeiro dia. Nada aconteceu na ordem *certa*, mas nunca foi o caso dele ou meu.

Então, talvez essa ordem seja perfeita para *nós*.

Eu perco minha consciência em um mar de sussurros suaves, apertos fortes e dor alucinante. Há vários momentos em que me arrependo seriamente de ter recusado uma epidural.

Mas com Cade aqui, estou focada. Ele me dá firmeza. E quando é hora de empurrar, ele sussurra em meu ouvido sobre o quanto ele me ama.

E não só sei, eu *sinto*.

Nossa garotinha, Emma Eaton, vem ao mundo saudável. Chutando e gritando e cercada por tanto amor que as lágrimas escorrem livremente por nossas bochechas. Ela também vem ao mundo com um grande pai doce enrolado em seu dedo minúsculo.

Tantas coisas que eu nunca soube que queria estão aqui nesta sala. As enfermeiras colocam seu corpinho no meu peito, e eu a encaro maravilhada.

Olhos claros. Cabelo escuro. *Somos nós* nela.

— Ela é perfeita — eu sussurro.

— Ambas as minhas garotas são — é o que Cade diz enquanto ele rasteja para a cama ao meu lado e nos segura.

Nós a encaramos por não sei quanto tempo. Em transe. Felizes. E quando Luke vem se juntar a nós – completos.

Fim.

Notas

[←1]

Em inglês, *blow job* (usar o vento para soprar as folhas) soou como *blowjob* (boquete).

[←2]

Esporte que consiste em separar um animal do rebanho, feito em equipe.